

Qual Seu Número?



Ela está atrás do ex de sua vida
KARYN BOSNAK





Sinopse

Delilah Darling tem quase 30 anos e já se relacionou com 19 rapazes. Sua vida sentimental não tem sido exatamente brilhante, pois todo cara que conhece parece fugir do relacionamento. Quando lê uma matéria no jornal em que a média de homens para uma mulher de 30 anos é de 10,5, fica desesperada e assustada por estar muito acima dela. Além de tudo, o artigo no jornal terminava falando que, se a mulher tivesse o número acima dessa média, seria impossível a pessoa certa. Na tentativa de não aumentar seu número

e perder de vez a chance de se casar, Delilah sai à procura de seus antigos namorados e tenta reconquistá-los. Será que um deles estará disposto a esquecer o passado e começar uma linda história de amor? Qual Seu Número? revela os segredos de cada mulher e prova que, quando se trata de assuntos do coração, números são apenas uma fração de tempo. *Qual Seu Número?* Revela os segredos de cada mulher e prova que, quando se trata de assuntos do coração, números são apenas uma fração de tempo.

Dedicatória

*Para todas as pessoas que já tiveram
que pensar ou criticar uma decisão
tomada anteriormente.*

*Nosso passado nos transforma em
quem somos hoje.*

Não se arrependa.

Agradecimentos

À minha família - meu pai, minha mãe, Mick, Todd e, é claro, minha irmã mais velha, Lisa, obrigada por estarem sempre ao meu lado. Para os meus três melhores amigos - Tracy, Naomi e Mark, obrigada por sempre me apoiarem (literalmente, como Mark e David sabem). Outros agradecimentos vão para Cristin Moran, Corey D. Wells, Dan Wells, Rod Pineda, Amy Shapiro, Sam Jacobs, Scott Woldman, Juli Wulf, e é claro, Chrissy Blumenthal, por ser uma mentora fabulosa.

Gostaria de agradecer também às gloriosas Alison Callahan, Jeanette Perez, e a todos na HaperCollins, assim com às magníficas Linda Evans, Kate Marshall, e a todo mundo na Transworld. Para todas as pessoas da RLR, especialmente minha agente Jennifer Unter, obrigada por suas ideias, *insights* e amizade. Agradeço também a Jordan Bayer e a todos na Original Artists, por sempre confiarem em mim.

Uma nota interessante para terminar: enquanto eu escrevia este livro, a minha irmã, minha editora e minha agente ganharam lindos bebês. Sexo, sexo, sexo - pode ser algo que faça o

sangue ferver e o cabelo arrepiar-se, ou algo insosso e sem vida. Mas, quando é feito com a pessoa certa, no momento certo, pode resultar no melhor presente do mundo!

PRÓLOGO

Parem com essa insanidade

Neste momento, estou me sentindo como se estivesse em uma reunião de doze etapas, como se eu tivesse me levantado assim que você abriu este livro. Você está olhando para mim, esperando que me apresente, esperando que lhe diga por que estou aqui. E estou suando frio, suando porque estou nervosa, suando porque este não é o meu lugar, suando porque nunca, em um milhão de anos,

imaginei que acabaria deste jeito.

Mas como tudo já aconteceu e você está aqui, acho que posso tentar me explicar. Aqui vai, então.

Meu nome é Delilah Darling. Tenho 29 anos. Sou solteira, e, bem... sou uma mulher fácil.

Pronto, falei. Sou fácil. Sou mesmo. Agora você sabe.

Sempre suspeitei de que eu fosse fácil, mas nunca tive certeza, pelo menos até uns seis meses atrás, quando terminei meu namoro com um cara chamado Greg, que eu gosto de

chamar de Greg, o imbecil do East Village. Embora a decisão de terminar com o relacionamento tenha sido minha, senti raiva com a separação. Raiva por dois motivos.

Primeiro, perdi quatro meses da minha vida com ele, um cara que nem mesmo tinha um emprego de verdade. Eu o conheci enquanto estava fazendo compras no Soho (*N.T. East Village e Soho são bairros na ilha de Manhattan, um dos cinco distritos, que compõem a cidade de Nova York*) certo dia. Ele veio até mim, lindo e charmoso, e disse:

- Com licença, posso perguntar uma

coisa a respeito do seu cabelo?

Sim, ele era um daqueles caras. Um homem jovem, bonito e atraente contratado por um dos salões de beleza da área para me adular, de modo que eu ficasse mais propensa a comprar alguns cupons. Desnecessário dizer que caí feito uma boba na conversa dele, e que também me apaixonei por ele.

Mas deixe isso pra lá. Esqueça que ele tinha o rosto de um Baldwin (Alec ou Billy quando eram mais novos).

Qual era o destino dele na vida? Nenhum, com toda a certeza. Talvez

eu tivesse deixado passar aquele pequeno defeito se ele tivesse uma personalidade, mas não tinha.

Conversar com ele sobre qualquer coisa que não fosse cabelo era como conversar com uma caixa cheia de cabelos. Ele era um chato, embrulhado em um belo pacote. Uma contradição em si mesmo.

O segundo motivo que me causou raiva na separação foi que, mesmo sabendo que o nosso relacionamento não estava indo a lugar algum, eu dormia com ele.

Normalmente isso não seria um

problema, mas, ironicamente, acabou se transformando em um grande problema. Para ser honesta, eu estava começando a ficar preocupada com o meu “número”. Estava aumentando cada vez mais, e dormir com Greg não fazia nada além de aumentar ainda mais o número. E, quando falo do meu “número”, é claro que estou falando do número de homens com quem dormi.

Você pergunta: Qual número, exatamente, é considerado alto para uma mulher da minha idade? Bem, é difícil dizer, porque as pessoas raramente são sinceras a respeito dos seus números. E isso não é nenhum

segredo. Os homens geralmente o aumentam, acreditando que, se as pessoas pensarem que eles dormiram com 40 mulheres, mesmo que só tenham dormido com quatro, vai parecer que eles são garanhões mais bem-sucedidos do que realmente são. As mulheres, por outro lado, geralmente diminuem o número, deixando de fora os homens de que elas gostariam de esquecer. Você sabe: os que elas conheceram em um fim de semana de folga, os dois que eram irmãos e os três que hoje em dia são *gays*.

Eu admito: sou tão culpada quanto qualquer pessoa quando o assunto é

manipular o número. Inclusive, meu número muda, dependendo da pessoa com quem estou conversando. Por exemplo, todos os meus namorados pensam que meu número está em torno de uns quatro (e eles também acham que são os únicos daqueles quatro que me fizeram chegar ao orgasmo, mas isso não vem ao caso). Meu ginecologista acha que o meu número está por volta dos sete, e que eu sempre fiz sexo seguro, é claro (ah, quem estou tentando enganar? Todo mundo já deu uma escorregada alguma vez, e você sabe do que eu estou falando). Minha mãe, mesmo que eu prefira não falar sobre sexo

com ela, acha que meu número é algo em torno de dois (eu precisava de alguém que pagasse pelos meus anticoncepcionais quando estava na faculdade). Até mesmo minha melhor amiga acha que meu número é um pouco mais baixo do que é na realidade, porque ninguém - repito, ninguém - conta todos os detalhes da sua vida para a melhor amiga.

Todos esses números são a razão principal pela qual eu fiquei tão preocupada com o meu próprio número. Parece alto, é claro, mas com todas as mentiras que existem por aí, quem poderia saber com certeza?

O *New York Post*, é claro.

No dia em que Greg e eu terminamos o namoro, meu jornal favorito publicou os resultados da maior pesquisa sobre sexo do mundo. Eu havia acabado de ler um artigo muito interessante (duas colunas de fofoca na página seis) e estava me preparando para descobrir como conseguir aproveitar o meu cartão do metrô ao máximo (como encontrar o amor na Linha F), quando dei de cara com aquela informação incriminadora. Estava bem ali, entre a média de idade das pessoas quando têm sua primeira relação sexual (17,7) e o tempo médio gasto nas preliminares (19 minutos).

“Uma pessoa tem, em média, 10,5 parceiros sexuais durante a vida.”

Sim, 10,5. Eu quase tive um ataque cardíaco quando li aquilo, pois a verdade é que... bem... Greg, o imbecil do East Village, foi o 19º homem com quem eu dormi.

Sim, 19, e houve outros 18 antes dele. Meu número era quase o dobro da média nacional.

Percebendo rapidamente que precisava assumir o controle do meu número antes que ele se afastasse ainda mais de 10,5, aceitei o conselho da minha estrela favorita dos

infomerciais, Susan Powter, e decidi parar com essa insanidade. Você pergunta: Como?

Bem, é simples. Decidi parar de fazer sexo. Não para sempre, não me entenda mal.

Simplesmente decidi estabelecer um limite no meu número; um teto, se você preferir outro termo. Percebi que, se eu continuasse fazendo as coisas do jeito habitual, se continuasse fazendo sexo no mesmo ritmo que vinha fazendo, então meu número chegaria a 78 quando eu estivesse com 60 anos. Pois é... que horror!

Considerando que a situação atual era muito grave, decidi estabelecer meu limite em vinte. Sim, vinte. Eu estava me dando mais uma chance de consertar as coisas. Se eu desperdiçasse essa última chance, dormindo com algum Tom, Dick ou Harry qualquer, então eu me forçaria a viver uma vida de castidade e celibato.

Talvez seja loucura estabelecer um limite, mas chega um momento na vida em que uma gota d'água vai fazer o copo transbordar. Eu havia chegado àquele ponto. Era o bastante. Vinte, o limite; é assim que as coisas seriam...

Vinte.

Não mais.

Nunca mais.

UM



Bip*

"Del, é a sua mãe. Escute, eu espero que você não tenha ficado irritada por

Daisy ter ficado noiva antes de você. Verde não é

uma cor que lhe cai bem... faz você parecer ainda mais apagada e desbotada

do que já é. Mal posso esperar para vê-la hoje à

noite na festa. Até lá!"



Bip*

"Oi, é a sua mãe de novo. Eu queria lhe dizer que Patsy esteve em Manhattan recentemente e ela acha que a viu comprando uma dúzia de bolinhos na confeitaria Magnólia.

Ela disse que acenou para você,
mas que você não acenou de volta.

Provavelmente não a viu. Mesmo
assim, ela disse que é normal que
as pessoas

comam demais quando estão
deprimidas, e achou que você
estava um pouco cabisbaixa.

Como eu disse, espero que o
noivado de Daisy não lhe tenha
irritado.

Tchau, até à noite."



Uma lista por Delilah Darling

Sexta-Feira, 1º de abril.

Uma lista. Tony Robbins está me dizendo que preciso fazer uma. Uma lista das coisas que estão erradas em mim. Dificuldades, problemas que precisam ser resolvidos.

Sabe, eu não vou a um terapeuta, então eu procuro confiar bastante em livros de autoajuda (geralmente em versão audiolivro, que eu ouço no meu

iPod) para lidar com meus problemas. Eu não faria uma lista se qualquer outro guru me pedisse, mas Tony é o meu favorito - não somente porque ele usa expressões sensuais como “o caminho para o poder” e a “rota da excelência”, mas também porque ele é um homem imenso, e tem dentes muito brancos. De acordo com ele, se um homem com mãos artificiais é capaz de tocar piano (e, aparentemente, ele é capaz de fazer isso), então uma mulher perfeitamente saudável como eu pode superar alguns problemas. Mas, antes de mais nada, eu preciso fazer uma lista.

Como estou no escritório,

provavelmente eu não deveria estar fazendo algo assim, mas estamos já no fim de uma tarde de sexta-feira e eu tenho uma reunião que vai começar daqui a vinte minutos, então não adianta começar um novo projeto. O que adianta, entretanto, é começar um novo projeto pessoal. Assim, eu pego um pedaço de papel e começo a escrever. Não tenho muito tempo, mas acho que consigo terminar minha lista antes que a reunião comece. Só preciso me concentrar.

*Coisas que estão erradas com a
minha vida*

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.

~~2 . Meu chefe Roger -é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente. Acho que julgo demais as pessoas.~~

3. Tenho inveja da minha irmã mais nova, Daisy (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho, então, seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade).

Estou começando a ficar cada vez

mais parecida com Sally Struthers (Atriz norte-americana. Um de seus papéis mais conhecidos é o de Babette, no seriado *Gilmore Girls*).

Pronto, terminei. Para ser honesta, geralmente é nesse ponto que eu paro.

Embora eu diga que “confio bastante” em livros de autoajuda, eu simplesmente leio ou escuto qualquer coisa que o guru tenha a dizer e acabo concordando. Algo como: “Sim, eu

sou exatamente assim. Eu não tenho solução!” Eu não chego a tomar as atitudes necessárias para consertar qualquer problema que esteja enfrentando; é nesse ponto que eu geralmente perco o interesse. E parte do primeiro item na minha lista: não consigo me concentrar naquilo que me proponho a fazer. Mas hoje é o dia em que vou fazer isso mudar. Hoje é o dia em que vou explorar todos esses problemas um pouco mais a fundo.

Certo, primeiro item da lista: dificuldade de concentração. Acho que a razão pela qual eu não consigo me concentrar em algo é porque eu tenho um leve problema de

TDAH (*N.T. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*), e isso nunca foi diagnosticado por algum médico. Não sei se o TDAH não existia quando eu era pequena ou se o meu médico era um panaca. Mesmo assim, seja qual for a razão, tenho quase certeza de que sofro disso. Por exemplo, eu consigo, ao mesmo tempo, fazer um jogo no computador, ler a *Glamour*, (*N.T. Revista feminina de grande circulação nos Estados Unidos. A primeira edição foi publicada em 1939, com uma circulação mensal de cerca de 2,3 milhões de exemplares*) conversar pelo MSN com várias pessoas, pintar

minhas unhas, falar ao telefone, e trabalhar melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheço. É o que eu costumo chamar de “modo multitarefa”. Também tenho dificuldades de terminar as coisas que começo, como projetos, por exemplo.

Considerando que o cargo que eu tenho na empresa é o de “gerente de projetos”, isso pode acabar se tornando um problema.

Eu trabalho em uma empresa chamada Elisabeth Sterling Design (ou ESD), que cria e fabrica uma famosa linha de produtos domésticos. Elisabeth Sterling, uma mulher de

origem humilde, montou sua empresa (que hoje está com o capital aberto e tudo mais) há pouco mais de quinze anos, em uma pequena quitinete no Hariem (*N.T. O Harlem fica em Manhattan, um dos cinco grandes distritos da cidade de Nova York*).

Ela é uma artista que pintava formas geométricas modernas em pratos que depois eram vendidos nas butiques do bairro.

Os pratos acabaram ficando muito famosos na cidade de Nova York, a tal ponto que ela não conseguiu mais dar conta da demanda. Sagaz como uma empresária deve ser, em vez de

simplesmente contratar uma assistente para ajudar a atender aos pedidos, ela contratou um publicitário para ajudar a aumentar o interesse pelas peças; posteriormente, entrou em contato com uma fábrica e com um distribuidor para produzir os pratos em quantidade industrial. Pouco tempo depois, nascia a Elisabeth Sterling Design.

Para encurtar uma historia longa, a linha que começou como uma coleção de pratos inclui atualmente praticamente todos os utensílios domésticos que você pode imaginar - objetos para limpeza, decoração e jardinagem - vendidos exclusivamente

nos supermercados Target por todo o país. Quatro anos antes, num episódio que foi um dos maiores IPOs (*N.T. Do ingles initial Public Offering. É o evento que marca o inicio das vendas das ações de uma determinada empresa na bolsa de valores* da história, Elisabeth abriu o capital da empresa e se tornou bilionária. Elisabeth Sterling, hoje em dia, é uma celebridade. Elisabeth Sterling é um ícone.

Mas vamos voltar ao assunto: minha dificuldade em conseguir me concentrar.

Além da minha multitarefa e de não

conseguir concluir meus projetos, eu tenho a tendência de sair pela tangente e de tagarelar a respeito de coisas que não conheço a fundo. (Às vezes uso parênteses, para falar também.) E, de vez em quando, notas de rodapé (*N.A. Eu gostaria de saber se as pessoas com TDAH têm direito a algum tipo de compensação trabalhista. Se for o caso, então eu preciso conseguir um médico que me diagnostique definitivamente para que eu possa desfrutar dos benefícios*).

Bem, agora que já explorei o primeiro tópico, é hora de dar uma olhada no segundo. Sim, eu tenho a sensação de

que não estou conseguindo evoluir profissionalmente, mas, depois de reler o que escrevi sobre meu chefe ser um porco gordo e mentiroso, eu acho que o melhor a fazer é encarar o fato de que eu tenho a tendência de julgar demais as pessoas. Eu sei que é errado julgar os outros, mas em relação a pessoas como Roger, eu sinto como se essa atitude fosse justificada, pois ele é um palhaço nojento que tentou roubar uma das minhas ideias. Cerca de seis meses atrás eu precisava criar um nome inédito para a cor de um par de luvas de forno verde-claras que a minha equipe havia acabado de desenvolver

(já que, para Elisabeth, nada pode ser tão simples como laranja. Tem que ser algo como abóbora, cáqui ou lua-de-outono). Eu estava olhando pela janela em direção à Estátua da Liberdade, e, de repente, a ideia surgiu na minha cabeça. “Cobre oxidado”, eu disse em voz alta. Embora o termo “cobre oxidado” possa inicialmente dar a impressão de que algo tem cor de ferrugem, o cobre fica verde sob o efeito da oxidação, como a Estátua da Liberdade demonstra de forma magnífica. “Cobre oxidado.” É um nome inteligente e elegante para uma cor, e eu sabia que Elisabeth iria adorar a escolha, porque ela também

é inteligente e elegante.

Como Roger é meu superior imediato, eu apresento meus trabalhos a ele, e, por sua vez, ele os apresenta para Elisabeth. Quando ele contou a ela sobre o nome da cor para as luvas de forno, ela gostou tanto que, de algum modo, Roger acabou levando o crédito pela ideia. Quando eu descobri e o confrontei, ele começou a se justificar de forma patética, dizendo: “Ela não me deu uma oportunidade de explicar, e agora é tarde demais...” e “blábláblá”. Para a minha sorte, Michelle, a minha melhor amiga (que trabalha no mesmo departamento que eu), é um osso duro de roer, nasceu

no distrito do Queens, e não deixou Roger sair impune daquilo. Para me ajudar a receber o crédito que eu merecia, ela e seu cabelo vermelho cacheado marcharam até o escritório de Roger e exigiram que ele confessasse o ocorrido para Elisabeth. Michelle disse que tinha provas de que fui eu que havia criado o nome para a cor, e não ele.

- Que tipo de prova? - perguntou ele, nervoso.

- Se você quer mesmo saber, eu estava testando o gravador de *voice notes* em uma nova agenda interativa que eu e minha equipe estamos

projetando, e estava gravando no escritório de Delilah quando ela teve a ideia pela primeira vez.

Sim, era uma mentira descarada, mas Roger é um bobalhão crédulo. Assim, ele confessou tudo para Elisabeth no dia seguinte. Embora tenha ficado irritada com aquilo, ela não o demitiu, dizendo que acreditava que as pessoas sempre mereciam uma segunda chance.

De qualquer maneira, é por isso que eu acho que não há problema em dizer que Roger é um porco gordo e mentiroso. E por isso que eu acho que não seria uma atitude ruim fazer piada

com a peruca que ele usa ou com o gosto horrível para moda que ele tem⁷ (N.A. Roger gosta de se vestir a caráter para alguns feriados, e ele tem um gosto péssimo para a escolha de acessórios. Alguns dos piores que eu já o vi usando foram uma gravata com o Papai Noel e uma tiara com chifres de renas (para o Natal), um broche com luzinhas piscantes em forma de trevo de quatro folhas (para o dia de St.

Patrick), uma tiara com orelhinhas de coelho da Páscoa, uma dentadura de vampiro para o Halloween, suspensórios com a bandeira dos Estados Unidos para a comemoração

do Dia da Independência e, sim, até mesmo um chapéu do tempo dos colonizadores da América para a celebração do Dia de Ação de Graças). E por isso que eu acho que não há nada de mal em mandar algumas mensagens subliminares cruéis para ele (N.A. Eu frequentemente olho fixamente por cima das marcas que os óculos dele lhe fizeram sobre as orelhas, enquanto, silenciosamente, formo a palavra “inútil” com meus lábios.)

Roger está tentando impedir a minha evolução profissional. Eu quero ser um a *designer*, e não apenas uma gerente de projetos; foi pra isso que

estudei e me qualifiquei.

Um gerente de projetos é apenas um intermediário. Tudo o que eu faço, o dia todo, é mexer com papéis. Não é o bastante para conseguir utilizar todo o potencial da minha energia criativa.

Sabe, quanto mais eu penso nesse caso, mais eu acho que julgar as pessoas não é um problema tão grande assim. E claro que, além de Roger, eu julgo outras pessoas também, mas não faço isso com tanta frequência. E, quando faço, isso acontece apenas na minha cabeça. A quem isso pode ofender? Ninguém. Na verdade, eu imagino que possa até

mesmo estar ajudando as pessoas, porque, toda vez que eu digo ou penso em algo que seja realmente cruel, faço uma doação em dinheiro para uma instituição de caridade para contrabalançar qualquer carma ruim que aquilo possa trazer. Se eu parasse de julgar as pessoas, o fornecimento de comida para os países do Terceiro Mundo poderia sofrer um impacto negativo. Olhando dessa forma, eu acho que entendo qual é o verdadeiro problema:

Coisas que estão erradas com a minha vida

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.

~~2 . Meu chefe Roger -é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente. Acho que julgo demais as pessoas. A culpa que eu sinto, inculcada pela minha educação católica, está fora de controle.~~

3. Tenho inveja da minha irmã mais nova, Daisy (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho, então, seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade).

Estou começando a ficar cada vez mais parecida com Sally Struthers.

Ora, vejamos - esse é o verdadeiro problema. Toda vez que penso ou faço alguma coisa que não é considerada “boa”, eu acho que Deus vai me castigar. Doze anos estudando em um colégio católico não me ensinaram muita coisa, mas certamente incutiram o medo do sofrimento eterno em mim. Faz alguns anos que não vou à igreja, também. Esqueci os Dez Mandamentos,

esqueci os Sete Pecados Capitais e eu, obviamente, esqueci o mal que é o sexo antes do casamento. Por que é que não consigo esquecer a parte sobre queimar no fogo do inferno? Não há motivo para que eu fique me penitenciando por causa disso.

De qualquer forma, vamos para o item 3. Não tenho inveja da minha irmã, Daisy, e sei disso. Sim, ela é mais nova do que eu, e sim, ela vai se casar antes de mim...

O que me aborrece é que, conforme minha mãe faz questão de demonstrar nas mensagens que deixou na minha secretária eletrônica, todo mundo

pensa que eu tenho inveja de Daisy, ou que essas coisas me irritam; e, sendo assim, todo mundo sente pena de mim. Hoje à noite minha mãe vai dar uma festa de noivado para Daisy e seu namorado, em Connecticut, e é exatamente por essa razão que eu estou morrendo de medo de comparecer. Vai ser uma grande celebração para Daisy e um grande festival de lamentações para mim. Tapinhas nas costas e palavras de estímulo vão estar à espreita, por todos os lados.

Para ser honesta, desde que eu era pequena, Daisy sempre conseguiu as coisas com mais facilidade do que eu.

E eu acabei me acostumando com isso. Por exemplo, ela não tem o melhor emprego do mundo (ela vende carteiras na Saks, na Quinta Avenida), mas nunca tem problemas com dinheiro; ela mora em um imenso apartamento tipo *loft* na região de West Village, mas paga um aluguel relativamente barato; nunca faz dieta ou exercícios físicos, mas tem o corpo de uma supermodelo (ela poderia passar pela irmã gêmea de Cindy Crawford). Daisy é abençoada, é claro, mas ela é tão amigável e simples de coração que é impossível detestá-la por ter tanta sorte. E, pensando assim, não tenho com o que me preocupar.

Não sinto inveja dela. Novamente, observando esse problema mais de perto, eu acho que fica claro que o problema verdadeiro é:

Coisas que estão erradas com a minha vida

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.

~~2. Meu chefe Roger é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente. Acho~~

~~que julgo demais as pessoas. A culpa que eu sinto, ineutida pela minha educação católica, está fora de controle.~~

3 . Tenho invejo da minha irmã mais nova, Daisy (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho, então-seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade). Minha mãe é louca.

Estou começando a ficar cada vez mais parecida com Sal y Struthers.

Acredite em mim, ela é louca.

Finalmente, vamos para o item quatro. Estou engordando. Não do tipo “gorda obesa”, mas do tipo “gorda cheinha”. Eu pareço um pouco com Sally Struthers, especialmente naqueles comerciais em que ela aconselhava as pessoas a alimentar as crianças em países pobres: é mais para um pouco inchada. Ainda é possível ver uma pessoa magra flutuando dentro de mim, e, portanto, dou graças a Deus por não ser um caso perdido. Mesmo assim, se eu não fizer alguma coisa em relação ao meu peso - e logo - é isso que eu vou virar: um caso perdido. (Para esclarecer um pouco as

coisas, essa é a única semelhança que eu tenho com Sally Struthers. Não pareço com ela em nenhum outro aspecto. Tenho cerca de 1,65 m, meu cabelo é longo e castanho, e tenho grandes olhos castanhos também.)

De qualquer forma, eu sei que estou ficando “cheinha”. Desde que decidi parar com a insanidade, eu comecei a consumir grandes quantidades de chocolate, porque ouvi dizer que isso libera endorfina que causa a sensação de bem-estar no cérebro, da mesma forma que acontece quando se faz sexo. Eu penso assim: se comer chocolate faz com que uma boa quantidade dessa endorfina abasteça o

meu cérebro enquanto eu espero que o Príncipe Encantado apareça, então é provável que eu não caia na tentação de procurar outras maneiras de ativar essa mesma endorfina. Ou seja, fazendo sexo com algum homem que não seja o homem certo.

As mulheres usam vários métodos para evitar fazer sexo. Algumas usam calcinhas parecidas com as que suas avós usam quando saem para algum encontro romântico; outras evitam depilar a virilha e as pernas (*N.A. Certa vez eu conversei com uma garota que escrevia a palavra “vadia” na barriga, com uma caneta para retroprojeto, antes de sair com*

algum rapaz pela primeira vez. Ela fazia isso para se impedir de aceitar passar a noite com o moço. Duro? Sim. Eficaz? Com certeza!)). Eu como chocolate. É a minha solução para esse problema.

Então é isso. Esses são os meus problemas, coisas que eu gostaria de mudar a meu respeito. Embora eu não tenha encontrado maneiras de consertar esses problemas, ainda assim eu tenho a sensação de que consegui completar alguma coisa, porque fui capaz de me concentrar por tempo o bastante para conseguir explorar tudo o que me incomodava antes que a reunião começasse. E

acho que já estou fazendo progressos.

Aposto que Tony Robbins ficaria orgulhoso de mim. E, você sabe, de alguma maneira estranha, eu acho que o homem com mãos artificiais que é capaz de tocar piano também ficaria.

Malfeitores

A reunião vai ser realizada na enorme sala de conferências. Assim, eu e Michelle vamos juntas até lá. Nós duas começamos a trabalhar na empresa na mesma época, há uns três anos. Desde então, somos

inseparáveis. Nós almoçamos juntas, fazemos pausas no trabalho ao mesmo tempo, e, como moramos no mesmo prédio no Kast Village (ela já morava ali, e me avisou quando um apartamento ficou vago, em razão da morte da senhora que morava no andar de cima), nós, frequentemente, vamos e voltamos do trabalho juntas. Michelle é uma ótima pessoa, e é por isso que ela é minha amiga. Ela é uma pessoa muito prática, com uma forte voz racional, que sempre expressa sua opinião sobre aquilo que eu faço e sem se importar se eu gosto da opinião dela ou não. Isso pode ser um pouco irritante, mas, por outro lado, é

bom ter uma amiga que se importa com a gente.

Apesar de não sabermos realmente qual seria o assunto da reunião de hoje, temos uma boa ideia a respeito. Há mais ou menos um ano, o diretor financeiro, Barry Feinstein, foi indiciado após várias acusações de fraude, por ter enviado comunicados para os acionistas com valores superestimados artificialmente em relação aos lucros que a empresa obteve naquele período. De acordo com os jornais, a Comissão Federal de Comércio tem provas que, provavelmente, colocarão Barry na cadeia, mas fez-lhe uma oferta para

suavizar as acusações, caso ele se dispusesse a cooperar com as investigações. Ele concordou e fez várias acusações sobre Elisabeth, dizendo que ela o pressionou a adulterar o livro-caixa e os registros. Por causa disso, Elisabeth também havia sido incluída no processo e, desde então, deixou o cargo de diretora da empresa.

Embora nem todo mundo acredite, há rumores de que Elisabeth seja inocente, e que Barry a denunciou apenas para tentar salvar seu próprio traseiro. Eu acredito nos rumores e sinto pena da Elisabeth. Não bastasse o fato de ela estar a ponto de perder

o controle sobre a empresa que construiu, ela também está em vias de perder toda a sua reputação. O julgamento do caso foi agendado para ocorrer dentro de dois meses.

Depois de dar nossos nomes para uma das funcionárias do departamento de recursos humanos, que está anotando os nomes dos presentes na entrada da sala de conferência, Michelle e eu sentamos em duas cadeiras vazias perto de uma das janelas.

Eu olhei ao redor da sala, e não evitei pensar que há algumas coisas estranhas acontecendo nesta reunião. A primeira é que nem todos os

funcionários foram convidados. A segunda é que as pessoas que estão na sala formam um grupo que foi escolhido de acordo com certa lógica: alguns de um departamento, alguns de outro. E a terceira é que eu não consigo me lembrar da última vez que havia alguém na porta da sala de conferência anotando os nomes dos presentes. Inclusive, acho que isso nunca aconteceu antes. Embora isso seja algo que, normalmente, me deixaria preocupada, eu decido não me incomodar. As coisas têm estado tão esquisitas por aqui que não há motivos para tentar encontrar algum sentido nessa situação toda.

Às 16h15, a reunião finalmente começa. Conforme Roger cambaleia em direção à parte frontal da sala, a funcionária do departamento de recursos humanos entrega envelopes a todos os presentes, pedindo que eles não sejam abertos até que todas as pessoas recebam os seus. Como nunca tive paciência para esse tipo de coisa, ignoro o pedido dela. Eu imagino (e espero) que haja um bônus ou um vale-compras dentro do envelope, alguma coisa que venha recompensar a nós, funcionários dedicados, por apoiarmos a empresa durante todo esse período difícil. Elisabeth sempre faz coisas boas

como essas para os seus funcionários. Após rasgar o envelope, eu puxo o pedaço de papel que estava guardado dentro dele e começo a ler, e...

Opa, espere um pouco.

Não é um bônus; também não é um vale-compras. Impresso em letras grandes, no topo da página, estão as palavras “Rescisão de contrato de emprego”. “Oh, não. Oh não, oh não, oh não”. De repente, é como se eu tivesse a síndrome de T o u r e t t e (N . T . *Distúrbio neuropsiquiátrico que se apresenta por meio de múltiplos tiques nervosos físicos e, no mínimo, um*

tique *vocal,* *repetidos*
constantemente.).

- Mas que diabos é isso? - eu grito.

"Oops!"

Eu rapidamente cubro a minha boca com a mão, mas é tarde demais. Todas as pessoas na sala já se viraram para olhar para mim, incluindo a funcionária do departamento de recursos humanos, incluindo Roger. Voltando a olhar para baixo, eu rapidamente leio o resto do documento (o TDAH faz com que seja difícil ler alguma coisa do começo ao fim em sua totalidade). Pelo que eu

consigo perceber, em razão de uma queda nos lucros, a empresa está passando por uma reestruturação, e vai cortar 25% dos seus funcionários.

“Oh. Meu. Deus.”

Eu volto a levantar os olhos. - Estamos sendo demitidos? Vocês estão de brincadeira? - eu pergunto.

Roger me lança um olhar cheio de pena e pesar. - Preferimos dizer que estão sendo dispensados.

- É mesmo? Bem, eu prefiro dizer que isso é um monte de bobagens!

Roger balança a cabeça. - Delilah, eu entendo a sua frustração. Mas, por favor, modere a sua linguagem - diz ele. Ele então se vira para encarar o grupo.

- Olhem, eu sei que essa notícia pode ser um choque para a maioria de vocês, mas não há nada que pudesse ter sido feito para impedir que isso acontecesse. Estas dispensas foram inevitáveis. Não é culpa de vocês.

Não, não é minha culpa; e também não tem nada a ver com a minha multitarefa, como eu suspeitei por alguns momentos quando li "Rescisão de contrato de emprego".

Por uma fração de segundo eu imaginei que alguém poderia estar monitorando meu computador, lendo as mensagens que eu enviava no MSN. Eu imaginei que talvez houvesse uma câmera escondida no meu escritório, atrás da minha mesa, vigiando-me enquanto eu lia a *Glamour*, vigiando-me enquanto eu pintava as minhas unhas. Mas não. Nada daquilo estava acontecendo, porque aquilo não era minha culpa.

Eu olho ao redor da sala. Como ninguém mais está se manifestando, eu aponto a mim mesma como porta-voz do grupo. - E o que vocês esperam que nós façamos agora?

- Alguns colegas de trabalho concordam com um meneio de cabeça quando eu falo.

Sinto-me orgulhosa por ser a líder deles.

- Bem, eu tenho certeza de que todos vocês querem sair correndo daqui, ligar para suas famílias e amigos, e contar a eles o que está acontecendo - diz Roger. - Mas eu não preciso lembrá-los de que todos aqui nesta sala assinaram um acordo de confidencialidade quando toda essa confusão começou. Por favor, evitem comentar sobre o assunto com qualquer pessoa, especialmente com a

mídia. A última coisa que eu quero é que os detalhes desta reunião apareçam em algum jornal e...

- Com licença - eu interrompo. - Eu não estava perguntando sobre como devemos falar sobre isso para nossas famílias e para os jornais. O que eu quero saber é: o que vamos fazer agora? Por exemplo, quando será o nosso último dia de trabalho?

- Hoje é o último dia para vocês - diz Roger, em voz baixa.

Hoje? Estou tão chocada que nem consigo reagir.

- Olhem, eu sei que é algo difícil de entender para todo mundo aqui. Mas, por favor, saibam que essa não foi uma decisão fácil. É algo que estamos considerando há algumas semanas. A empresa está com pouco dinheiro; essas dispensas foram inevitáveis.

Inevitáveis? Minha cabeça começa a girar, e a raiva me causa tonturas. Há algumas semanas, quando começaram a circular os rumores de que haveria algumas demissões, Roger as negou veementemente, dizendo que nada daquilo era verdade. E agora, repentinamente, nos dizem que elas eram inevitáveis?

- Então você não deveria ter mentido para nós há algumas semanas - eu digo, com raiva. - Somos funcionários leais que confiaram e apoiaram esta empresa durante uma época difícil, quando poderíamos estar procurando por empregos mais seguros.

Como vocês puderam deixar que isso acontecesse? Como Elisabeth deixou que isso acontecesse?

- Elisabeth lutou com unhas e dentes para evitar que isso acontecesse, mas ela não controla mais esta empresa. A diretoria rejeitou as soluções que ela propôs.

- Bem, então a diretoria precisa fazer alguma coisa para nos ajudar de alguma forma.

Quando alguns colegas de trabalho gritam no fundo da sala, eu imediatamente começo a me sentir como Sally Field naquele filme em que ela trabalha em uma fábrica e funda um sindicato. Qual é o nome do filme? *Norma Rae*. Isso mesmo.

Eu sou Norma Rae.

A funcionária do departamento de recursos humanos deve pressentir que o "sindicato" está prestes a dominar a reunião, porque ela interrompe Roger

e explica a todos que os funcionários que trabalham na empresa há mais de três anos receberão uma compensação equivalente a duas semanas de salário para cada ano trabalhado. Eu faço as contas rapidamente na minha cabeça, mas não consigo me lembrar de quando comecei. Foi há dois anos, mas será que poderia ser três? Era difícil dizer.

- E as pessoas que trabalham aqui há menos de três anos? - eu perguntei, em meu nome, e em nome dos membros do meu sindicato.

- As pessoas que não receberem a compensação podem requisitar o

salário-desemprego - diz ela. E, com um sorriso no rosto, ela acrescenta: - Estão pagando 400 dólares por semana agora!

Quatrocentos dólares por semana? Que ótimo! Quatrocentos dólares por semana em Nova York são apenas centavos. Isso não é bom, de jeito nenhum. Além de não ter uma caderneta de poupança, eu também não tenho nenhum investimento. A única coisa em que eu investi na minha vida foi em um bom par de calças pretas.

Eu olho para Roger, enfurecida. Ele é um falso, um mentiroso. Uma pessoa

maligna, é isso que ele é! Quem ele pensa que é, ali, na frente da sala, usando calças cáqui de cós alto, laceadas nos joelhos por terem sido usadas muitas vezes? Ele parece um carro alegórico, pelo amor de Deus... um palhaço de circo! Eu não me surpreenderia se, a qualquer momento, ele comesse a fazer animais com balões. E aquele cinto que ele usa... aquele cinto feio, de couro trançado. Quem é que ainda usa cintos trançados?

Quem consegue usá-los desde que saíram de moda, em 1995? Ninguém! O jeito que ele aperta o cinto ao redor daquela barriga imensa é horrível, e

faz com que ele pareça o número oito.

Quando as outras pessoas começam a fazer perguntas, eu paro de me comportar como a reencarnação de Norma Rae e olho pela janela, fixando os olhos em uma grande nuvem branca que flutua ao longe. Se eu pudesse saltar nela e voar para longe desse desastre, eu voaria por cima de todos os prédios comerciais de Manhattan, observaria outras pessoas sendo despedidas, outras pessoas além de mim, e ofereceria a elas palavras de conforto e encorajamento.

- Vamos todos ficar bem - eu diria. E eles abririam sorrisos. E então todos

iríamos até o meu apartamento, elaboraríamos nossos currículos, e escreveríamos cartas de recomendação uns para os outros. Todos se ajudariam a preencher propostas de emprego e, no espaço em branco do formulário ao lado do campo “Pretensão salarial”, todos escreveríamos 1 milhão de dólares, e cairíamos na risada.

Não consigo saber exatamente quanto tempo passa, mas, após algum tempo, a reunião é encerrada. Nesse momento, duas funcionárias da área de recursos humanos começam a chamar a todos os que estão na sala de conferências até uma mesa, pela

ordem alfabética dos sobrenomes, para responder a perguntas e dizerem se temos direito à compensação ou não. Enquanto Michelle e eu esperamos pela nossa vez, começamos a debater quando iniciamos o trabalho para a empresa. Eu comecei alguns dias antes que ela, mas nenhuma de nós tem certeza se foi há mais de três anos.

Michelle e eu somos chamadas até a mesa ao mesmo tempo. O sobrenome dela é Davis, então ela vem logo depois de mim em qualquer classificação alfabética. Depois de esperar ansiosamente até que a moça dos recursos humanos analise aquilo

que eu presumo ser a minha ficha, descobro que consegui a compensação por uma questão de quatro dias.

Superlegal.

Não somente eu vou receber um cheque equivalente a seis semanas de salário pelo correio na próxima semana, mas meu plano de saúde ainda vai durar mais seis semanas. Depois de agradecer à moça, eu me viro para Michelle, que está ao meu lado.

- Consegui, por quatro dias - eu suspiro, aliviada. Ela olha nos meus

olhos.

- Eu não, por dois.

A expressão no rosto dela me diz que está decepcionada e que se sente horrível por causa disso. Fazemos a mesma coisa aqui. Somos gerentes de projeto, as duas. Não me parece justo que eu receba o cheque por conta da rescisão de contrato e ela não.

- Vou repartir meu acerto com você - eu digo rapidamente. - E você pode repartir o seu seguro-desemprego comigo. Vamos juntar todo o nosso dinheiro e dividi-lo pela metade. Assim, nós ganharemos o mesmo

dinheiro durante as próximas seis semanas.

Michelle balança a cabeça. - Não vou pegar o seu dinheiro, Delilah. Isso não é certo.

- Claro que é! - eu digo, agarrando-a pelos ombros. Eu tento fazê-la raciocinar. - Você me ajudou tantas vezes que eu provavelmente não teria esse emprego se não fosse por você.

É verdade. Ela sempre me manteve na linha, sempre me lembrava das minhas responsabilidades. - Eu devo isso a você. Por favor, deixe que eu faça isso.

Michelle me olha fixamente. Eu sei que ela quer o dinheiro, mas ela se sente mal pela situação. Ela precisa de um empurrãozinho.

- Michelle, você já leu *Canja de galinha para as almas no trabalho?* (N.T. Os livros da série *Canja de galinha para a alma* (*Chicken soup for the soul*, de Jack Canfield e Mark Victor Hansen) são coletâneas de contos e histórias focados em autoajuda).

- Não - diz ela, revirando os olhos. Ela detesta quando eu uso frases dos meus livros de autoajuda.

- Bom, eu li, e naquele livro havia uma frase dita por uma mulher muito inteligente chamada Sally Koch. Quer saber o que ela disse?

Michelle faz que sim com a cabeça, permitindo que eu satisfaça minha necessidade de compartilhar aquela sabedoria.

- Ela disse: “Grandes oportunidades para ajudar os outros raramente aparecem, mas oportunidades pequenas nos cercam todos os dias”.

Um sorriso surge no rosto de Michelle. - Você é louca, sabia?

- Sim - eu respondo. - Sou mesmo.

- Tudo bem - diz ela, finalmente se rendendo. - Você pode me dar o seu dinheiro se é isso que realmente quer fazer.

Ela se inclina e me abraça. - Muito obrigada, de verdade - diz ela, sussurrando. -

Vai ser muito importante para mim. Vou dar um jeito de retribuir.

- Não se preocupe com isso.

Depois de enxugar algumas lágrimas, Michelle e eu limpamos nossas mesas

em vinte minutos. Não há motivo para ficarmos na empresa além do necessário. Mesmo que uma parte de mim queira fazer algo de ruim antes de ir embora, como deixar um pedaço de carne em uma gaveta ou um pedaço de presunto no forro do teto, decido deixar aquilo passar. Sou uma boa garota de Connecticut que apenas pensa em coisas ruins, não chego a realizá-las.

Há um comentário correndo pela empresa de que todos os funcionários, demitidos ou não, vão se encontrar em um bar no centro da cidade, conhecido pelo ambiente tranquilo e margaritas fortes. Embora eu não

tenha muito tempo antes de embarcar no trem que vai me levar para Connecticut e para a festa de noivado de Daisy, eu acho que consigo passar por ali rapidamente para tomar pelo menos um drinque. Eu quero um drinque. Eu preciso de um drinque. Eu mereço um drinque...

Festa de lamentações

... ou quatro.

Quando eu chego na casa da minha mãe, por volta das 21 horas, descubro que não consigo me concentrar em nada, e percebo que isso não tem nada a ver com o meu TDAH, e tudo

a ver com a minha PPM (paixão por margaritas). Sim, estou bêbada. E isso não é tudo - como não fui para casa me trocar, estou com a roupa amarrotada e coberta de tequila. Eu sei que é errado aparecer na festa de noivado da minha irmã nessas condições, mas e se eu não aparecesse? Daisy ficaria decepcionada, e as pessoas começariam a especular.

“Ela não conseguiu aguentar.”

“Ouvi dizer que ela está se empanturrando de comida.”

“E, além de tudo, ainda perdeu o

emprego... que vida horrível, coitada.”

Os detalhes da demissão maciça chegaram aos jornais da noite. Assim, eu não sou mais apenas a irmã mais velha e solteira. Eu sou a irmã mais velha, solteira e desempregada.

Minha mãe e meu padrasto, Victor, moram na mesma casa colonial enorme onde eu cresci, a setenta quilômetros ao norte de Nova York, na pequena e pacata cidade de New Canaan, em Connecticut. A festa parece estar animada, então eu entro no meio do povo sem qualquer hesitação.

Quando eu abro a porta da frente, um cheiro forte de alho e perfume enche o meu nariz. Eu quase espirro, mas não consigo, e isso me irrita. Quase espirrar é como quase chegar ao orgasmo. Chegar lá causa um comichão, mas se você não alcança a sensação de desprendimento e liberação de energia, que graça tem?

Eu vejo Daisy em um canto e vou até ela, que está maravilhosa. Uma camada fina de tule aparece por baixo da saia rodada cor de creme que ela está usando. Os botões de trás, no cardigan cor-de-rosa, cintilam. Entretida em uma conversa com alguém que eu não conheço, ela não

percebe que estou me aproximando sorrateiramente. Eu sussurro baixinho no ouvido dela.

- Tem mais botox aqui do que no consultório de um cirurgião plástico da Park Avenue.

Ela dá um salto quando ouve minha voz, e se vira para mim.

- Delilah! - diz ela, com uma voz aguda. Os dentes dela estão tão brancos que parecem feitos de porcelana, e o cabelo castanho está tão ressaltado quanto os seus seios. Ela coloca os braços ao redor de mim.

- Estou tão feliz por você estar aqui!

- Eu também - respondo, dando um forte abraço na minha irmã. E eu digo aquilo com sinceridade. Apesar de ficar apreensiva em relação a aparecer por ali, eu não perderia esta festa por nada no mundo.

Daisy faz com que eu me vire para olhar para todas as pessoas que estão ali. -

Deixe-me perguntar uma coisa - ela diz -, se esta festa é para mim, então por que nenhum dos meus amigos está aqui?

A medida que olho para um mar de pessoas de meia-idade, todos

parecendo ter saído diretamente das páginas da revista Town & Country, eu sorrio. É bem a cara da minha mãe fazer uma festa para Daisy ou para mim e chamar apenas os amigos dela, muitos dos quais nós nem mesmo conhecemos (não que minha mãe não tenha seus velhos amigos, mas ela está sempre fazendo novas amizades).

- Quem são essas pessoas? - eu pergunto, em um tom meio jocoso.

Daisy balança a cabeça. - Não faço ideia.

- Oh, Daisy. Mamãe está apenas orgulhosa e quer mostrar você para

todo mundo - digo, com sinceridade. Minha mãe e suas amigas estão sempre usando seus filhos para tentar mostrar umas às outras quem é a melhor.

Daisy revira os olhos. - Sim, sim, sim, que seja.

- E o vovô está por aqui? - eu pergunto, olhando ao redor.

- Não. Parece que houve algum problema com a escala de trabalho dele -

responde Daisy, parecendo um pouco decepcionada.

Nosso pai morreu em um acidente de carro quando éramos crianças. Pra falar a verdade, isso aconteceu logo depois que Daisy nasceu. Vovô, pai do nosso pai, acabou se tornando a figura paterna. Ele assinava os boletins da escola, ia às reuniões de pais e professores, e fazia tudo o que se esperava que um pai fizesse. Ele ficava por perto mais tempo do que os pais de alguns dos nossos amigos, para ter certeza de que não ficaríamos tristes por não ter um pai. Daisy e eu estávamos no ensino fundamental quando nossa mãe começou um namoro com Victor. Quando eles decidiram se casar, meu avô não

aceitou aquilo muito bem. Pensando que Victor tentaria tomar-lhe o lugar na família, ele arrancou Daisy e eu da sala de aula, um dia, e tentou nos convencer de que seria uma boa ideia nos mudarmos para a Califórnia com ele. Ele não estava tentando nos sequestrar, nem nada parecido, nada tão assustador, de forma alguma. Foi uma coisa bem engraçada e meiga, na verdade. Engraçado porque, até hoje, meu avô raramente deixa a costa leste dos Estados Unidos. Meigo porque, quando Daisy e eu lhe dissemos que ninguém iria tomar o lugar dele, ele sorriu. E depois chorou.

- Ele disse que ia tentar sair mais cedo

do trabalho, mas não tinha certeza de que ia conseguir.

Vovô trabalha como empacotador no supermercado A&P em Danbury. Foi o emprego que ele arrumou após se aposentar, é o que ele faz para não enlouquecer com o tédio da vida de aposentado. Fico triste por ele não estar aqui, mas tenho a sensação de que, em vez de problemas com a escala no trabalho, o motivo real é o fato de que ele não gosta muito da corja de ricos e famosos de New Canaan com quem minha mãe e Victor têm amizade. Meu avô é uma pessoa muito prática e trabalhadora.

Repentinamente, meu estômago ronca de forma bem ruidosa.

- Nossa, está com fome? - pergunta Daisy, arregalando os olhos.

- Estou faminta - eu respondo, agarrando um espetinho de carne que está em uma bandeja na mesa atrás de nós. Minha mãe é dona de uma empresa que fornece refeições para eventos, Kitty Cannon's Catering, e, por isso, já conheço aqueles espetinhos. Eles são deliciosos. Eu enfio um pedaço enorme de carne na boca, e Daisy estende a mão em frente ao meu rosto. No dedo dela está, provavelmente, o maior e mais

brilhante diamante que eu já vi na vida. Eu quase engasgo.

- Quatro quilates - diz Daisy casualmente, enquanto o diamante reluz nos olhos dela.

- Quatromf? Ohmf... uaumf - eu digo, com a boca cheia de carne.

- Eu sei. Eu quase desmaiei quando Edward me deu o anel. E acho que ele é grande demais, sabe?

Ignorando o comentário de Daisy, eu procuro prestar atenção no relatório sobre a pedra (quatro quilates, lapidado no estilo Asscher [*Uma das*

mais famosas lojas de departamentos de Nova York], anel de platina), e olho ao redor ansiosamente, procurando por Edward. Ainda não o conheço; ninguém na família o conhece. Edward e Daisy tiveram um romance meteórico. Eles se conheceram há pouco mais de seis semanas. Eu me sinto uma idiota por não saber muito a respeito dele, mas sempre que eu e Daisy conversamos, ela não para de elogiá-lo e, quando ela recupera a compostura, o outro telefone toca, ou alguma outra coisa acontece e nós precisamos interromper a conversa. A única coisa que as pessoas da família sabem é que

o nome do noivo é Edward Barnett. Ele trabalha em algum lugar da Wall Street *(N.T. Uma das ruas mais famosas de Nova York, é onde está sediada a principal Bolsa de Valores dos Estados Unidos. Nessa rua há várias corretoras de ações e empresas do ramo financeiro)*, e é dez anos mais velho do que Daisy.

- E então, onde ele está? Ele está por aqui? - eu pergunto.

- Claro que ele está aqui - diz Daisy, olhando em volta. Sorrindo ao encontrá-lo no meio daquelas pessoas, ela faz um meneio de cabeça, apontando-o. -Ele está logo ali,

conversando com Victor.

Eu me viro e vejo Victor em outro canto, conversando com um homem que veste uma camisa azul-clara. Embora ele esteja de costas para mim, eu consigo perceber que, aparentemente, é um homem moreno, alto e bonito, e - oh, meu Deus! Ele está se virando. Eu consigo vê-lo melhor. Com certeza, ele é alto, moreno e...

Opa, espere um pouco.

Edward não é apenas moreno, ele é negro. Meus olhos se iluminam. Bem, aleluia, Daisy!

Virando-me novamente para olhar para a minha irmã, eu vejo um sorriso maroto surgir no rosto dela.

- Tudo bem, não há nenhum problema. Mas eu não acredito que você não me contou!

Daisy cai na risada. - Eu sei, eu sei - diz ela, rapidamente. - Eu sabia que você não ia se importar. Mas eu não queria que a mamãe soubesse até que ela o conhecesse.

- E o que ela disse? Conte tudo!

Minha mãe não é uma pessoa racista, de modo algum. Mas não há muitas

peessoas negros cm New Canaan.

- Bem quando eu finalmente os apresentei, ela ficou olhando para ele, petrificada, com o queixo caído por alguns segundo. Mas eu dei um chute nela, e ela voltou a agir normalmente.

- Daisy, fala sério!

- Tudo bem, tudo bem. Eu não dei um chute nela. Mas ela ficou olhando petrificada para ele por algum tempo.

- E?

- E, honestamente... acho que ela não viu nada de errado. Você sabe, eu sou

adulta, ele é adulto. Ela não tem por que se preocupar. Mas Patsy, por outro lado...

Quando Daisy diz aquilo, ou dou uma olhada em direção a Patsy - nossa vizinha rabugenta, mal-humorada, e sem dúvida assexuada - e vejo que ela está encarando Edward com uma cara feia. Patsy nunca gostou de Daisy nem de mim. Assim, o desgosto em relação a Edward provavelmente tem a ver com o fato de que ele fez uma de nós feliz, em vez de qualquer outro motivo.

Após voltar minha atenção para Daisy, eu a escuto falar por um bom

tempo sobre o quanto ela está apaixonada, quando, repentinamente, me dou conta de que ela provavelmente pode elucidar a questão sobre haver um fundo de verdade e um dos mitos da cultura popular.

- E então, é verdade o que dizem? - eu pergunto timidamente quando ela para de falar.

Daisy me olha com uma expressão confusa. - O que é que dizem?

Não achei que precisasse explicar a que eu estava me referindo, mas, aparentemente, isso era necessário. -

Você sabe. Aquilo que ele tem. É grande?

O rosto de Daisy fica vermelho. - Delilah! Não acredito que você está me perguntando uma coisa dessas! - Ela rapidamente olha em volta para ter certeza de que ninguém ouviu a minha pergunta.

- Desculpe - eu digo, defendendo minha curiosidade. - Mas como vocês se conhecem há pouco mais de um mês e ele já sabe que quer passar o resto da vida com você, eu acho que você deve ter feito alguma coisa da maneira certa.

- Para sua informação, estamos esperando até nos casarmos para finalmente dormir juntos - diz Daisy, tomando ar. Com os ombros contraídos, ela parece ter assumido uma postura nobre.

- Esperando? Por que diabos você quer fazer algo assim?

É óbvio que esse é um conceito estranho para mim.

- Porque temos a vida toda para fazer sexo, essa é a razão. Por que apressar as coisas?

Preciso admitir que o comportamento

de Daisy vai contra a imagem que eu tinha dela. Ela namora bem mais do que eu - muito mais - e eu não estou dizendo que acho que ela seja fácil. Mesmo assim, apenas uma puritana faria seu noivo esperar assim. Eu vou descobrir o que está acontecendo. Mas não vou atacar diretamente, é claro. Vou ver se consigo atacar pelos flancos.

- Ei, você leu os resultados daquela pesquisa sobre sexualidade no Post, há algumas semanas?

Daisy balança a cabeça. - Não. Que pesquisa é essa?

- Era um artigo bem interessante. Dizia que, em média, a primeira relação sexual de uma pessoa acontece aos 17 anos.

Daisy pensa nisso por um segundo e depois faz que sim com a cabeça. - É, acho que está certo.

- Também dizia que, em média, uma pessoa tem 10,5 parceiros sexuais durante sua vida.

- Dez e meio? - Daisy torce o nariz.

- Pois é... não parece estar certo, não é?

- Não, de jeito nenhum!

Eu rapidamente me sinto aliviada, talvez os resultados da pesquisa estejam muito longe da realidade. Talvez ter um número como 19 não seja tão ruim, e talvez eu esteja me preocupando a toa. Por outro lado, se Daisy está dizendo isso por achar que 10,5 é um número alto demais, então estou em uma situação pior do que eu pensava.

- Espere um pouco... o que você quer dizer com isso? - eu pergunto.

- Quero dizer que só uma vagabunda dormiria com tantos homens.

- Uma vagabunda?

Oh, não. Oh não, oh não, oh não!

Eu começo a me sentir enjoada.

- Claro. Cá entre nós, até hoje eu só dormi com quatro homens - diz ela, sussurrando.

Quatro homens?

Quatro?

Santa Mãe de Deus!!!

Antes que eu consiga perguntar a Daisy se ela está brincando (meu Deus, quem eu estou querendo

enganar? Tenho certeza de que ela está falando sério), uma voz exasperada nos interrompe.

- Delilah... você não retorna as minhas ligações... você me mata de preocupação!

É a minha mãe. Relutantemente eu me viro em direção a ela, e vejo que ela está olhando fixamente para mim, com um olhar patético. O cabelo dela está com um penteado e uma tintura perfeitos, e ela me olha com a cabeça um pouco baixa.

- Mãe! - eu exclamo, fazendo minha voz subir uma oitava inteira, tentando

fazer parecer que estou feliz cm vê-la.

- Como você está?

- Ah, não se importe comigo - diz ela, alisando o tecido amarrotado da minha camisa. - Você. Como é que você está?

- Estou...

Ela não me deixa terminar. - Venha aqui. Venha com a mamãe.

Minha mãe me abraça com muita força, espremendo-me tão intensamente que mal consigo respirar. Embora eu tente me desvencilhar, não consigo. Assim,

durante o minuto seguinte, vejo que estou lutando para conseguir respirar, à medida que ela silenciosamente me embala para frente e para trás. Apesar de não ouvi-la dizer nada, eu a conheço suficientemente bem para saber que, por dentro, há um intenso diálogo.

Perceba: no mundo dela, se uma mulher chega aos 30 anos e ainda está solteira, isso ocorre porque ela é lésbica, ou então porque é uma fracassada na vida. Como meu trigésimo aniversário vai acontecer daqui a três meses, ela está tentando descobrir em qual dessas duas categorias eu me encaixo, e, mais

importante do que isso, o que ela deveria dizer aos amigos dela.

“O que há de errado com Delilah? Por que ela não consegue se envolver com um homem? Será que ela é lésbica? Não, não, ela não é lésbica. Não pode ser. Pensando bem, ela gostava muito de ouvir os discos de Joan Jett quando era mais nova, mais do que eu considerava saudável. E eu juro que a apanhei ouvindo as músicas de Melissa Etheridge quando ela ainda morava comigo. Eu espero que ela não tenha sido despedida hoje, porque, se isso aconteceu, então a minha desculpa sobre o motivo de ela ainda ser solteira, ela trabalha demais,

não terá mais fundamento. E isso significa que todos os meus amigos vão presumir que ela é solteira porque é lésbica. Não que eu não goste de lésbicas. Eu até gosto. Elas são engraçadas. Veja Ellen DeGeneres, por exemplo. Elas podem ter sucesso profissional,

- Querida, por acaso você perdeu seu emprego hoje? - fala comigo como se eu fosse um cachorro.

- Perdeu o emprego? Por que ela perderia o emprego? - Daisy entra na conversa, confusa.

- Daisy, querida, assista ao noticiário

de vez em quando, por favor - diz minha mãe, quando ela finalmente (graças a Deus) afrouxa os braços ao redor de mim. - Houve várias demissões na ESD hoje.

- Demissões? - Daisy solta um suspiro alto. Olhando furiosamente para mim, ela dá uma pancada no meu braço. Com força.

- Ai! - eu grito.

- Que “ai”, que nada. Por que você não me contou? - pergunta Daisy.

- Eu não sei - eu respondo, em voz baixa. - Eu não queria...

Rapidamente, pressentindo que não estávamos sozinhas, eu parei de falar e me virei. Como eu suspeitava, todos os amigos da minha mãe estão ao nosso redor, esperando para ouvir o que eu tenho que dizer. Como disse, Elisabeth Starling é um ícone, assim ouvir o resumo dos eventos do dia, direto da boca de uma das funcionárias da empresa, é um raro prazer. Todos aqueles olhos imensos, dignos de estar no rosto de alguma coruja, cuidadosamente criados por cirurgias plásticas, estão me encarando.

Todas aquelas pupilas negras enormes, resultantes do consumo

excessivo de Vicodin (N.T. *Analgésico forte, receitado para o alívio de dores pós-operatórias. Tornou-se conhecido por aparecer no seriado House*), me deixam nervosa. Eu me sinto como se estivesse em um episódio de Além da imaginação (N.T. *Seriado de suspense, terror e drama, muito popular nos Estados Unidos, em que os personagens geralmente precisam enfrentar situações inusitadas ou bizarras. Exibido pela primeira vez em 1959, ganhou reedições em 1985 e 2002, em um total de 275 episódios*), ou então no filme O bebê de Rosemary (N.T. *Filme de terror*

lançado em 1968, com Mia Farrow.

No filme, a protagonista descobre que o bebê que está esperando pode estar envolvido em algum tipo de ritual satânico organizado por seus idosos e macabros vizinhos). Eu não sei o que fazer, não sei o que dizer, então... eu minto.

- Não contei nada porque não perdi meu emprego.

Minha mãe respira aliviada, com um longo suspiro. - Louvado seja o Senhor!

Quando o noticiário disse que quase

25% da equipe foi dispensada, eu tive certeza de que você estava entre eles! - exclama ela.

- Obrigada pela confiança, mãe - eu resmungo. Ignorando-me, ela se vira para encarar seus amigos.

- Ouviram isso? Ela disse que não perdeu o emprego! - diz ela, cheia de alegria.

Enquanto os amigos da minha mãe se viram para cumprimentá-la, eu volto a conversar com Daisy, revirando os olhos.

- Vamos lá - diz ela, colocando o

braço ao redor de mim. - Hora de apresentar você a Edward.

Depois de conversar com Edward durante quase uma hora (e eu preciso dizer que ele é um homem perfeito), eu vejo que alguns garçons estão começando a circular entre os convidados com os famosos bombons de chocolate da minha mãe, e peço licença para ir à cozinha. Desde que eu comecei a usar chocolate para suprir minha carência, eu desenvolvi uma certa tolerância, e sei que apenas um não será o suficiente.

Depois de pegar um punhado, subo até o meu antigo quarto no andar

superior da casa para comê-los sozinha, e passo por Patsy no caminho. Dando uma rápida olhada na pilha de bombons que tenho nas mãos, ela envergonhada, eu a ignoro e continuo a seguir meu caminho.

Quando chego ao quarto, eu fecho a porta por trás de mim e respiro fundo. Meu Deus, que dia, que noite. Apoiada contra a porta, eu dou uma olhada ao redor e fico um pouco melancólica. Meu quarto não mudou desde o dia em que eu saí de casa para ir para a faculdade. O papel de parede Laura Ashley ainda combina com o cobre-leito Laura Ashley, que ainda combina com as cortinas Laura

Ashley. Pôsteres do R.E.M. e Pearl Jam ainda estão pendurados na parede. É um lugar que ficou parado no tempo, em uma época da minha vida em que o mundo era uma grande oportunidade esperando para ser aproveitada.

Refletindo sobre a minha vida, não evito pensar que sou um fracasso. Por exemplo, eu sempre imaginei que as coisas seriam perfeitas nessa época. Eu não teria simplesmente um emprego, teria minha própria empresa. Não alugaria simplesmente um apartamento no 4o andar de um prédio sem elevador no East Village, teria meu próprio loft em

Tribeca (N.T. Bairro nobre em Manhattan, composto por vários antigos prédios industriais que foram convertidos em prédios de apartamentos e lofts). E também não seria solteira. Estaria casada, feliz e teria uma família enorme.

Olhando para a minha cômoda, vejo uma pilha de papéis de carta em cima dela.

Vou até o móvel para pegar um deles, coberto com estrelas e vejo que as palavras “Uma mensagem da Pequena Darling” estão impressas no topo. Pequena Darling, era assim que meu avô se referia a mim e Daisy quando

éramos crianças. Levantando os olhos, eu encaro o espelho e começo a imaginar. Se a garota que costumava dormir neste quarto, a Pequena Darling, pudesse escrever, hoje, uma carta naquele papel coberto de estrelas, o que ela diria para mim? Depois de pensar naquilo por um minuto, sento-me na beirada da cama e pego um dos bombons. Em vez de comê-lo imediatamente, olho para ele por alguns momentos e sinto pena de mim mesma. Então, algum tempo depois, algo toma conta de mim. Um pensamento. “Eu sou patética! Sou completamente, totalmente e irremediavelmente patética!”

Que tipo de pessoa se esconde no quarto em que dormia durante a infância para comer bombons em uma sexta-feira à noite? Ficar me lamentando sobre o que não tenho e sobre o que não fiz não vai ajudar a melhorar a minha vida. Comer uma dúzia de bombons também não vai facilitar as coisas. Eu acabei de perder meu emprego, pelo amor de Deus. Eu deveria estar em um bar com meus amigos e colegas do trabalho, espairecendo e agindo como uma idiota, e não sentada sozinha em um quarto contemplando minha autoestima. Eu posso encarar o mundo real amanhã e no dia depois de

amanhã, e depois disso também.

Embora eu tivesse planos de passar a noite ali, decido não fazer isso, e ligo para Michelle para saber se ela ainda está na rua. Com certeza ela está, assim como todos os meus colegas do escritório. Decidindo que deveria estar com eles, me levanto e jogo todos os bombons pela janela. Eu não preciso de comida, preciso beber!

Digo à minha mãe e à Daisy que recebi uma ligação urgente do trabalho e tenho que sair imediatamente a fim de me preparar para uma reunião no começo da manhã seguinte, com o objetivo de

lidar com a crise. Elas entendem. Depois disso, chamo um táxi para me levar de volta à estação de trem e entro no expresso das 23h40 para retornar a Manhattan. Chego na Grand Central Station pouco antes da 1 hora, e vou direto a um bar em Hell's Kitchen para me encontrar com Michelle.

Durante o restante da noite (ou da manhã?), Michelle, meus antigos colegas de trabalho e eu nos lembramos do passado e brindamos ao futuro, rimos, choramos, até que... vamos cantar músicas no karaokê do bar. Depois disso, vamos para um bar no distrito de Meatpacking, e depois

para outro em Chelsea (*N.T. Meatpacking e Chelsea, em Manhattan*) e depois... depois eu não tenho mais certeza do que está acontecendo.

DOIS



★ UMA MENSAGEM DA
PEQUENA DARLING



Querida Delilah,



Você é um



Desastre.



Sinceramente,



Pequena Darling



Oops! . . . I did it again

Sábado, 2 de Abril

Toc, toc, toc.

Ouço as pancadas fortes na porta do meu apartamento e começo a imaginar quem veio me visitar a esta hora da manhã. Eu detesto acordar cedo, e todos os meus amigos sabem disso.

Toc, toc, toc.

De novo. Quando abro os olhos para o relógio ao meu lado, rapidamente percebo três coisas: a primeira é que

não tem ninguém batendo na minha porta, pois as pancadas que estou ouvindo são o latejar de uma dor de cabeça horrorosa; a segunda coisa é que a manhã já terminou, são 13 horas; a terceira é que o relógio que estou olhando não é meu, nem a mesinha de cabeceira onde ele está. Eu não faço ideia de onde estou.

O sol está entrando pela janela por trás de mim e queimando a minha nuca. O cheiro de álcool. Que eu imagino estar vindo de mim mesmo, enche o quarto. Olhando ao redor, eu percebo algumas coisas familiares... minha bolsa marrom, meus sapatos, minha saia amarrotada, e o meu...

Espera um minuto.

Aquilo ali não é meu.

Será que é...? Não, é impossível. Não pode ser... um cinto de couro trançado?

Oh meu Deus... não, por favor. Diga que não é verdade.

Eu não faria isso. Nunca! Eu não poderia.

Por favor, diga que eu não... passei a noite... com Roger!

- Oi coisa linda - diz uma voz familiar

e meio arrastada por trás de mim.

Ah, droga. Eu passei a noite com ele.

Não! Não! Não! Não! Não!
Nããããããããoooooooooooooooo!!!!

Eu tento manter a calma, mas é impossível. Minha mente está completamente nua, deitada a menos de meio metro do homem que eu mais detesto no mundo. Como isso foi acontecer? Nem todo o álcool do mundo faria com que Roger se tornasse alguém desejável. Ele não é bonito, nem meigo, nem divertido. Ele é Roger, pelo amor de Deus! Ele deve ter colocado alguma coisa na minha

bebida na noite passada, porque eu jamais aceitaria vir ao apartamento dele de livre e espontânea vontade.

Sentindo a ânsia de vômito tomar conta de mim, eu pulo da cama, pego as minhas coisas e corro para o banheiro. Quando chego lá, eu tranco a porta atrás de mim e me viro, dando de cara com...

Oh, meu Deus...

...vaso sanitário com a maior quantidade de pelos que já vi na vida. Eu mal tenho tempo de me ajoelhar antes de colocar tudo para fora. Enquanto vomito, com lágrimas

escorrendo pelo meu rosto, eu rezo...

“Meu Deus, por que eu? Por que você decidiu me castigar desta forma? Por que eu desprezo bandas que tocam musica gospel? Eu sei que elas pregam a Sua palavra, mas sejamos honestos – a maioria delas é um lixo. É porque eu como carne vermelha na sexta-feira santa? É por isso? Se for isso, eu juro que nunca mais farei isso, eu juro. Por favor, Deus, o que quer que eu tenha feito, qualquer coisa que seja, me perdoe! Por favor, Deus, faça com que a noite passada simplesmente desapareça, e eu prometo...

nunca mais vou beber de novo!”

Depois de recitar três Ave-Marias e cinco Pais-Nossos, eu fecho meus olhos e bato com meus calcanhares um no outro, esperando.

Que, assim como Dorothy em O mágico de Oz, eu seja magicamente transportada para a minha casa. Mas não tenho tanta sorte. Quando abro meus olhos, continuo em frente ao vaso sanitário com a maior quantidade de pelos que já vi na vida.

Mas, para piorar as coisas, agora estou ligada a ele por um longo fio de saliva.

Eu me tornei uma só com o vaso

peludo.

Eu vomito de novo.

Depois daquilo, tento me lembrar da noite passada, tento me lembrar de como isso foi acontecer. A única coisa que eu lembro é de cantar uma musica do Destiny's Child no karoakê. I'm gonna survivor!! I'm not gonna give up! I'm not gonna stop! I'm gonna work harder!. *(N.T. Letra da canção "Survivor", que rendeu um Grammy para Destiny's Child em 2002 na categoria de Melhor Performance de Rhythm n' Blues por uma dupla ou grupo com vocais)*. Eu cantei bem. As pessoas estavam

gritando para me animar, com as mãos para cima, como se eu estivesse no programa Ídolos. Até mesmo subi em uma das mesas enquanto berrava os últimos versos da música para ter certeza de que o karaokê me classificaria como rock star na pontuação final. E, logo depois, acho que olhei para Roger...

Simmeee. Oh! Que diabos... eu olhei!

Consigo me lembrar com um pouco mais de clareza agora. Depois de cantar, estava me sentindo otimista e positiva em relação ao meu futuro, quando Roger apareceu com outro colega da empresa. As pessoas não

estavam sendo muito legais com ele, e eu achei aquilo engraçado, embora ele merecesse cada um dos comentários cruéis que estava recebendo. Mesmo assim, à medida que as pessoas ficaram cada vez mais rudes, comecei a me sentir mal. Alguém jogou um cubo de gelo na cabeça dele, e, logo depois enquanto um grupo de pessoas estava cantando “Copacabana” alguém resolveu mudar a letra da música, cantando: “Seu nome é Roger, ele é um babaca. Ele puxava as calças até em cima para cobrir sua barriga.” Ele tentou rir daquilo, é claro, mas eu percebi que estava envergonhado, como qualquer pessoas

ficaria. Eu fui até onde ele estava e disse: “Oi”.

Conforme nossa conversa foi acontecendo, tive a sensação de Roger ficou um pouco mais chocado pelas demissões do que ele deixou transparecer na reunião, e comecei a olhar para ele de um jeito diferente. Percebi que ele tinha um lado vulnerável, e aquilo fez com que eu gostasse um pouco mais dele. Afinal de contas, ele é apenas uma pessoa que faz aquilo que é necessário para conseguir cumprir com que tem de fazer.

Depois de conversar um pouco mais,

Roger pediu que dançasse com ele, e eu disse sim. Para ser honesta, esperava que ele fosse um péssimo dançarino, do tipo que tem dois pés esquerdos, mas ele me surpreendeu. Apesar de andar cambaleando pelos corredores no trabalho, ele era leve como uma pena na pista de dança. Era habilidoso, e me fez girar pelo bar como uma bailarina. Ele fazia um movimento que me fazia girar até eu estar no meio das pessoas, e depois rapidamente me trazia de volta para ele no ultimo segundo. Ele era como Tony Manero (*N.T. Personagem interpretado por John Travolta*) em Os embalos de sábado à noite, e eu

era como... como... como a garota naquele filme... seja lá qual for o nome. Nossa, foi muito divertido!

Depois de dançar um pouco, me lembro de voltar de um daqueles rodopios direto para os braços de Roger. De costas para ele, nas dançamos bem juntinhos. Nem me lembro qual era a música que estava tocando. Lembro apenas a batida da música: Ba-dada-ba-da-da. Ba-ba! Ba-dada-ba-da-da. Ba-ba! Então eu me virei e olhei bem fundo nos olhos de Roger. Ele parecia ser muito carinhoso... e muito sozinho.

Logo depois, estávamos do lado de

fora do bar, entrando em um táxi. Tínhamos a intenção de ir para outro bar, mas, quando o motorista fez uma curva fechada e fui jogada para cima do colo de Roger com o movimento, os planos mudaram. O que aconteceu a seguir ainda parece ser um borrão nas minhas lembranças. Eu me lembro de que Roger me carregou nas costas por alguns lances de escadas, eu acho... e depois... e depois... bem, depois, tudo aconteceu, Sim tudo. Uma festinha no colchão. Duas vezes, se bem me lembro.

Oh, Deus.

Não consigo acreditar que fiz isso.

Não consigo acreditar! Eu sou uma imbecil!

Uma imbecil, totalmente imbecil! E não apenas pelo fato de eu ter dormido com Roger na noite passada, um cara que usa cinto de couro trançado, que tem uma gravata com uma rena do Papai Noel que toca música, que tem um chapéu dos colonizadores dos Estados Unidos para usar no Dia de Ação de Graças. É pior do que isso. Dormir com Roger a noite passada foi uma das piores coisas que eu podia ter feito a mim mesma Rogério foi o número 20

Ele foi o vigésimo.

O vigésimo. Vigésimo. Vigésimo.

Como consegui jogar fora minha última chance, aquela que eu estava guardando para o futuro marido, com ele? Com Roger?

Que diabos eu tinha na cabeça?

Enquanto tento afastar aquelas imagens da minha memória, me levanto para lavar o rosto. Sinto-me tão envergonhada pela minha falta de controle que não consigo nem mesmo me olhar no espelho. Eu me sinto como se não valesse nada.

Mas, logo depois, enquanto estou me

vestindo, um pensamento me passa pela cabeça. E se eu estiver destinada a me casar com Roger?

E se a noite passada foi um sinal enviado por Deus, dizendo que Roger não era o porco gordo que eu sempre pensei que fosse, mas em vez disso, uma cara legal que precisava apenas começar uma dieta ou controlar os carboidratos? Talvez a noite passada tenha acontecido por algum motivo. Afinal, estávamos escutando a música do Destiny's Child. Talvez a noite passada tenha sido um prelúdio do destino.

Depois de abrir cuidadosamente a

porta do banheiro, eu vejo Roger deitado na cama, com a respiração pesada. Vejo que o corpo inteiro dele infla quando ele inala, e depois parece se esvaziar quando exala. E fico pensando se eu seria capaz de aprender a amá-lo. Pensando nisso, eu o observo por alguns momentos. Observo-o enquanto está deitado. Observo-o se virar na cama e coçar as costas. Eu o observo enquanto ele coça o traseiro (*N.T. Este “mau hábito” típico dos homens pode ser desaprendido, ou, pelo menos, controlado. Por isso, eu deixo passar*). E logo depois, eu o observo enquanto ele coça a qual ele acabou

de se coçar ate o nariz e...cheirar seus dedos?

Eca!

Nada a declarar a não ser... Eca!!

Quando Roger cheirou o que quer que ele... cheirou, os cantos da sua boca se curvaram em um pequeno sorriso. Acho que ele gostou da sensação! Que nojo! Eu rapidamente bato a porta para fechá-la.

Quem estou tentando enganar? Roger não é o homem que eu quero para mim! A noite passada não foi nenhum tipo de sinal! Eu não acredito que

desperdicei o último lugar da minha lista com ele! Pelo amor de todos os chocolates do mundo, o que foi que eu fiz?

De repente, eu percebo - essa é a razão. Tudo isso aconteceu por causa do chocolate. Ou melhor, pela falta de chocolate. Isso aconteceu porque eu joguei todos aqueles bombons pela janela e não tinha endorfina em quantidade suficiente no meu cérebro.

Quando Roger apareceu. Aquela endorfina seria a minha salvação, e eu a joguei pela janela!

Por que eu? Por que isso aconteceu

comigo?

Quando desabo no chão e abraço meus joelhos, em posição fetal, penso no que fiz. Transei com vinte homens - vinte - e nunca mais vou fazer sexo. Tento me imaginar como uma daquelas senhoras evangélicas que aparecem em programas de entrevistas e que viajam pelo país conversando com adolescentes sobre os males do sexo casual.

Talvez eu possa fazer isso. Talvez.

Oh, quem eu estou tentando enganar? Não posso. Não posso fazer isso.

Não consigo aguentar esta situação. Não sozinha, e não na condição em que estou. Minha cabeça está latejando. Meus ouvidos estão zumbindo. Preciso conversar com alguém. Preciso conversar com alguém agora.

Papai, não me passe um sermão (*N.T. Referencia à música “Papai don’t preach”, gravada por Madonna em 1986*).

Não acredito que estou aqui. Eu não queria vir, mas isso simplesmente acabou acontecendo. Depois de sair do apartamento de Roger para voltar para o meu, o motorista de taxi em

que eu estava começou a comer alguma coisa com uma forte dose de curry, e o cheiro me deu náuseas (*N.A. Um lembrete para os taxistas: quando um passageiro, com a roupa manchada de vômito, senta no banco traseiro e pede para que abra as janelas, não é uma boa ideia começar a comer algo gorduroso*). Estávamos em algum ponto de Little Italy naquele, que não fica muito longe de onde moro. Assim, eu paguei o que devia ao taxista e desembarquei. Minha intenção era ir direta para casa, mas, quando me virei, percebi que estava bem em frente a uma igreja católica. Ora, quais são as chances de

isso acontecer por acaso? Tinha que ser um sinal enviado por Deus, sem dúvida. E eu entrei.

Não sei o que estou procurando. Talvez uma solução para o meu problema, ou algum tipo de intervenção divina para que o meu número 20 se transforme em 19, como era antes. Não sei. Tudo que sei é que as coisas não podem ficar piores do que já estão, e eu preciso conversar com alguém. Confessar-me com um padre não é exatamente o que tenho em mente, mas é a única maneira de conseguir falar com o cara lá de cima.

- Perdoe-me, padre, pois eu pequei. Faz... - vinte e nove menos dezoito é igual a... - nove anos desde que me confessei pela última vez. Espere, não está certo. - Digo, onze, Faz onze anos.

Nunca fui muito boa em matemática.

- Quais são seus pecados? - pergunta o padre. Embora a voz dele seja suave e ele pareça ser gentil, ainda assim me sinto nervosa. Dou graças aos céus por haver um anteparo entre nós, pois eu não tenho certeza de que conseguiria contar tudo a ele se este fosse um daqueles confessionários onde as pessoas ficam cara a cara

com os padres.

- Bom, padre...- não existe uma maneira fácil para contar a ele que não seja falar com todas as letras, e tudo de uma vez. Sendo assim, fecho os olhos, respiro fundo e mando ver. - Eu dormi com 20 homens.

Pronto, falei. Já estou começando a me sentir aliviada. Eu espero pela resposta.

Espero.

E espero.

E, mesmo assim, o padre não

responde. Quando mais tempo ficamos em silêncio, mais me preocupo. Mas então eu percebo uma coisa. Talvez ele tenha entendido mal a minha confissão.

- Não todos de uma vez. Foram 20 homens diferentes, em 20 ocasiões - esclareço.

Pronto, assim está melhor. Acho que isso vai fazer com que ele converse comigo.

Mas não é o que acontece.

Enquanto o tempo continua a passar, enquanto o padre continua em silêncio

começa a pesar, me dou conta de outra coisa... talvez ele saiba que eu não estou contando toda a verdade.

- E com uma garota também. Mas não a estou contando nessa lista. Eu estava na faculdade, e tudo que aconteceu foi acima da linha de cintura e... bem, o senhor sabe como são essas coisas.

“O senhor sabe como são essas coisas”? Poe que eu disse isso? É claro que ele não sabe como são essas coisas, ele é um padre! Jesus, eu sou uma imbecil! Oops!

Perdoe-me por invocar seu nome em vão!

Como o padre continua sem me responder, um círculo vicioso começa. Fico nervosa, e isso me faz suar. Por sua vez, isso me faz cheira à bebida, o que me deixa ainda mais nervosa, o que me faz suar ainda mais, o que me faz cheirar ainda mais à bebida. Eu me sinto como se estivesse em um daqueles longos comerciais que passam na Tv a cabo de madrugada, em que as pessoas ficam repetindo sempre as mesmas coisas. De repente, músicas da Madonna começam a tocar na minha mente, e eu deixo que elas toquem porque isso ajuda a afastar o silêncio. “Papai, não me passe um sermão, não consigo dormir

à noite. Como uma virgem (ei!), tocada pela primeira vez. Como uma vi-i-i-i-rgem...” (N.T. Referencia às músicas “Papa don’t preach” e “Like a virgin”, gravadas por Madonna, em 1996 e 1984, respectivamente) Oh, quem eu estou querendo enganar?

Eu me pergunto se ele ainda está lá. - Tem alguém aí? - eu pergunto, em voz baixa.

O padre pigarreia. - Estou aqui. Estava apenas pensando. Deixe-me perguntar uma coisa. Você se arrepende por ter dormido com esses homens?

Eu penso naquela pergunta por um minuto. - Bem, alguns deles foram trágicos, com certeza. Mas... não, não me arrependo de ter dormido com eles.

- Então por que você está se confessando?

- Porque eu me arrependo por ter dormido com tantos. Eu lamento ter dormido com 20 homens, o senhor sabe, como um todo, mas não me arrependo de ter feito com cada um deles, individualmente.

- Bem, então por que você veio até aqui hoje?

Eu penso naquela pergunta durante outro minuto. - Porque não tenho um terapeuta?

Obviamente decepcionado com a minha resposta, o padre solta um longo suspiro. Quando eu percebo aquilo, me dou conta também de que foi uma má ideia. Eu não preciso ser julgada, não agora, não hoje. Vou para casa. Levanto-me...

- Espere, espere, não vá embora - diz o padre ao ouvir meus movimentos. - Eu só estou um pouco confuso porque... bem, não tenho certeza do motivo pelo qual você está aqui.

- O senhor já me disse isso - eu digo em voz alta. À medida que a sensação de estar em um daqueles comerciais repetitivos que passam de madrugada na Tv a cabo retorna, eu sinto que o meu rosto está ficando quente. Honestamente, eu tive um dia muito difícil. Por que as coisas não podiam ter sido mais fáceis?

- Você está certa, eu realmente já disse. Sinto muito... Por que você não me conta o motivo que a deixou irritada, então?

- O motivo?

Eu hesito antes de continuar. - Bem...

há vários motivos.

- Não estou com pressa - diz o padre. Ele parece estar sendo sincero. Ele parece ser gentil, e sua voz é reconfortante, - Vamos lá. Estou aqui para ajudar. Conte-me tudo.

- Tudo?

- Tudo.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Tudo bem - e com isso, eu me sento no piso do confessionário e começo a

contar tudo a ele. Tudo. Não penso no que estou dizendo ou a quem estou dizendo; as palavras simplesmente transbordam da minha boca. Transbordam. Falo a ele sobre o número 10,5, sobre multitarefa, chocolate e endorfina. Falo sobre Tony Robbins, Elisabeth Sterling, bombons e Roger. Sobre Norma Era, Destiny é Child, minha mãe e suas amigas. E falo sobre Edward, Daisy, e o místico número quatro de Daisy. Conto tudo. Tudo. Em uma única e imensa frase. Ao terminar, novamente espero que ele diga alguma coisa, qualquer coisa, mas ele permanece em silêncio. Pelo menos é consistente.

Eu acho que sei por que ele está quieto dessa vez. Aposto que vou para o inferno e ele não tem coragem de me dizer. Sim, tenho certeza de que é isso. Depois de respirar fundo, aceito minha sina: uma vida de celibato seguida por uma eternidade no inferno.

Mais uma vez me levanto e começo a pegar minhas coisas. Logo que me levanto para sair do confessionário, o padre finalmente quebra o silêncio. Mas ele não diz o que estou esperando que diga. Ele diz... o meu nome.

- Delilah?

Eu fico paralisada de medo, nunca estive nesta igreja e nem sabia que havia uma igreja aqui até o dia de hoje.

- Ah ... você sabe quem eu sou? - pergunto devagar, e com os nervos à flor da pele.

- Ah, eu... eu... desculpe, eu apenas...
- ele não consegue responder.

De repente, percebo algo. A voz do padre não é reconfortante por ser gentil; ela é reconfortante porque é familiar.

- Nós nos conhecemos? - pergunto.

- Acho que sim - responde o padre.
Estou chocada.

- Como?

- Bem... estudamos na mesma escola.

- Escola? Que escola? - estou confusa.

- No ensino médio.

Eu não consigo acreditar nele. - No
ensino médio? Em Connecticut?
Estudamos juntos no ensino médio em
Connecticut?

- Sim. Eu sou Daniel. Daniel
Wikerson.

Daniel? Daniel Wikerson? Aquele Daniel Wikerson? E ele é padre?

Oh, não. Oh não, oh não, oh não.

- Você... é... padre? - eu pergunto.

- Sou... - diz ele, em voz baixa.

Eu sinto meu estômago se revirando.

- Faz muito tempo, Delilah - ele prossegue. - Da última vez que nos vimos, estávamos...

- Transando! - eu berro, interrompendo-o. Estávamos. Estávamos transando no banco de trás

do carro da mãe dele. Ai, meu Deus!
Oops! Digo... ai, que droga!

Lembra quando eu falei que Greg, o imbecil do East Village era o número 19 e Roger era o número 20? Bem, Daniel foi o número 2.

Eu começo a me sentir tonta. Como isso pode estar acontecendo? Como é possível? De todas as pessoas no mundo Mj ouvir a confissão de que eu dormi com 20 homens, tinha que ser um dos vinte? Estou mortificada! Ah, sim, agora é que eu vou direto para o inferno! Depois de me levantar e pegar minha bolsa, eu saio do confessionário e vou em direção aos

portões da igreja, E logo ouço passos vindo atrás de mim.

Delilah, espere - diz Daniel. - Desculpe. Eu não devia ter dito nada, mas eu queria impedir que você acabasse falando demais.

Antes que eu falasse demais? - não evito rir. - Então você deveria ter me interrompido logo depois de “Perdoe-me, padre, pois eu pequei”!

Sim, você tem razão, eu deveria ter feito isso. Mas não percebi que era você, até que você começou a falar sobre a sua mãe e Daisy.

Eu paro antes de atravessar as portas da igreja, e dou meia-volta. Não acredito que Daniel virou padre. Bem na minha frente, com seu cabelo loiro acinzentado e seus olhos verdes, ele não mudou nada do que era quando o conheci. Exceto pela batina, é claro.

Eu lamento muito, Delilah. De verdade - diz ele, com candura. E percebo o remorso no olhar dele.

Eu também lamento - digo, virando-me novamente para a porta. Quando estendo a mão para tocar na maçaneta, sinto a mão dele no meu ombro. Aquele toque faz com que as lembranças da única noite que

passamos juntos encham a minha mente como flashbacks em um filme. As imagens aparecem, uma depois da outra, como em uma apresentação de Powerpoint.

O ano é 1993, e o outono chegou. Tenho uma semana de férias na faculdade e voltei para a casa da minha mãe. Minhas amigas e eu estamos rindo. Estamos em um show do Santana em Jones Beach. Estamos rindo porque não fazemos a menor ideia sobre quem é Santana (foi bem antes de ele retomar a carreira e voltar a fazer sucesso *7). Fomos ao show apenas para tentar encontrar alguns garotos. Especialmente eu. Eu só fui

ao show para tentar encontrar alguns garotos. Um garoto. Um garoto em particular. Não era Daniel. Eu durmo com Daniel unicamente para causar ciúme naquele garoto.

É muito constrangedor.

Daniel e eu saímos cedo do show e estamos no maior amasso no banco de trás do carro, aquele que tem apliques de madeira. Ele não consegue olhar para mim - ele está com os olhos fechados, com o rosto todo contorcido. Por alguma razão ele não consegue olhar para mim. Mas eu não pergunto por quê. Eu prefiro não saber, e finjo não perceber.

Lembrar daquilo agora e saber o que ele fez da vida me faz pensar: será que Daniel não gostou de transar comigo porque ele sabia que queria ser padre? Ou Daniel virou padre porque ele não gostou de transar comigo? Voltando a me virar para ele, eu estendo a mão e toco no colarinho preto e branco da blusa dele.

- Isto foi por minha causa? - eu pergunto - Eu preciso saber.

Daniel balança a cabeça. - Não, não, não foi por sua causa Delilah. Eu juro.

- Tem certeza?

- Absoluta.

Tomando as minhas mãos nas suas, Daniel pede que eu não vá embora. - Por favor, por favor, volte e converse comigo – ele implora. – Quero ajudá-la a superar isso. De verdade.

Olhando para Daniel, eu sinto pena dele. Sinto pena de mim mesma. Sinto pena de nós dois, pois essa situação é incrivelmente constrangedora.

- Eu já sei de tudo - ele prossegue. - O que lhe impede?

Suspiro... Ele tem razão.

- Tudo bem - digo, depois de alguns momentos. Daniel sorri ao ouvir aquilo.

Quando ele me leva para um lugar tranquilo nos fundos da igreja para conversar, não consigo deixar de dizer: - Sabe, minha aparência geralmente é melhor que isso.

Daniel dá um sorriso torto. - Tenho certeza de que é.

Durante mais de uma hora nós conversamos mais a fundo sobre o meu problema. Embora não tivesse vindo em busca de perdão quando entrei na igreja, percebo que estou

começando a sentir raiva porque ele não vai me perdoar. Apesar de dizer várias vezes que estou arrependida, Daniel continua a insistir que não estou.

- Delilah, se você não tivesse transado com Roger ontem à noite, então você não estaria aqui se confessando hoje. Estou certo?

- Acho que sim.

- É exatamente o que eu quero dizer. Você não se arrependia de ter dormido com nem um deles até ter dormido com o último. E a única razão pela qual você está tão irritada

com tudo isso é pelo fato de ter atingido algum tipo de limite que você mesma estabeleceu.

- E daí? Eu ainda estou arrependida do que fiz. Não é assim que as coisas funcionam?

- Não. Se você dissesse que o seu limite era 25, você não estaria aqui e não estaria arrependida. Estaria em casa curtindo uma ressaca, tentando esquecer aquele homem nojento que estava ao seu lado quando você acordou. Você não está verdadeiramente arrependida.

Eu olho para o chão. Daniel está

certo.

- Olhe, há um problema mais profundo aqui, algo que você precisa explorar. Até que você faça isso, até que descubra o que é o que faz você passar por tantos homens, não vou lhe conceder o perdão por nem um desses 20.

- E como você espera que eu faça isso? – pergunto, sentindo que o meu humor está começando a piorar. Não parece ser justo.

- Bem, você pode começar indo para casa e fazendo uma lista com os nomes desses 20 homens.

- Uma lista?

- Sim, uma lista. Descubra por que você dormiu com cada um deles, e depois analise as razões pelas quais as coisas não progrediram.

- Analisar?

- É.

Eu balanço a cabeça negativamente. - Isso não vai funcionar. Eu sofro de TDAH, um caso que os médicos não diagnosticaram. Acho que consigo fazer a lista, mas não consigo passar daí. Toda essa parte de analisar não vai acontecer.

- Tudo bem, então - diz Daniel, dando de ombros. - Saiba então que, algum dia, você vai se tornar aquela mulher de 60 anos que fez sexo com 78 homens.

Isso não teve graça.

- Delilah, não há uma maneira rápida para resolver isso. Não existe uma solução fácil. Você vai ter que trabalhar esse problema, ou você continuará cometendo os mesmos erros, sem parar. Faça a lista, certo? E depois volte aqui para conversarmos.

- Tudo bem, tudo bem - digo, rendendo-me. Dou um longo suspiro.

– Olha, fazer confissões era muito mais fácil quando eu era adolescente, sabia? Quando a pior coisa que fazia era dizer um palavrão de vez em quando.

- Você está se esquecendo de que nós crescemos juntos - diz Daniel, rindo.

- Ei, você ainda conversa com Nate? - pergunto, mudando de assunto. Daniel faz que não com a cabeça. - Não, perdi contato com ele há anos. E você?

- Também não.

Nate era o melhor amigo de Daniel no

tempo da escola. Era ele o garoto que eu estava caçando no show do Santana. Era nele que eu estava tentando causar ciúmes quando dormi com Daniel. Nate foi meu primeiro, meu número 1.

Acompanhando-me até a porta da igreja, Daniel pergunta se virei para a missa de amanhã.

- Acho que sim... - digo, mentindo descaradamente.

- Você deveria aparecer. Você precisa de Jesus na sua vida, Delilah.

- Preciso de muito mais do que Jesus.

Chicletes e cahorrinho

Meu apartamento fica no quarto andar de um prédio em Noho, uma área na região do East Village. Enquanto eu subo (ou rastejo?) os três lances de escadas, tento fazer o mínimo de barulho possível. Não quero que Michelle saiba que já cheguei em casa. Eu ainda não decidi se vou contar a ela a respeito do que aconteceu com Roger.

Quando eu chego ao andar onde fica o meu apartamento, estou com a impressão de ter escalado o monte

Everest, e desabo ao chão. Fico ali deitada por um momento, recuperando o fôlego, quando, repentinamente, a porta do apartamento vizinho se abre com violência, assustando-me bastante. Antes que eu consiga me levantar, já passaram dos 50 anos, três deles vestindo uniformes da polícia de Nova York, saem do apartamento. Quando eles me veem, eles sorriem.

- Acho que Colin não foi o único a se meter em encrencas na noite passada
- diz um deles.

Enquanto me esforço para me levantar, meu vizinho Colin aparece

na soleira da porta, vestindo apenas uma cueca boxer preta e uma camiseta branca de tecido fino.

Passando os dedos pelos cabelos escuros, curtos e desgrenhados, ele abre um sorriso malandro quando percebe que estou ali.

- Ah, não ligue para ele - diz Colin, com seu forte e melodioso sotaque irlandês.

- Ele está brincando.

Eu sorrio e os cumprimento. Não conheço Colin muito bem. Tudo o que sei é que ele se mudou para cá há

alguns meses, vindo de Dublin, e que ele é lindo. Ele tem olhos grandes e castanhos, como os de um cachorrinho recém-nascido, com um brilho maroto no olhar que faz as mulheres se derreterem e os maridos se preocuparem. Ele tem uma aparência um pouco desleixada, meio parecido com Johnny Depp quando era mais novo. Eu imagino que temos mais ou menos a mesma idade.

- Delilah, este é o meu pai - diz ele, apontando para o homem que está ao seu lado. Aquele que não está usando uniforme de policial. É incrível como eu não canso de admirar sotaques estrangeiros. Coisas pequenas como

essas sempre me alegram quando estou de ressaca.

Em vez de me cumprimentar, o pai de Colin se vira em direção a ele e lhe dá um tapa no ombro. - Jesus Cristo, não seja deselegante, garoto! Vá vestir suas calças antes de conversar com esta moça, sim ?

Ele também fala com um sotaque irlandês típico.

- Ah, não precisa ficar bravo - diz Colin, olhando para seus trajes. - Não estou nu, pelo amor de Deus.

Ele olha para mim. – Delilah, isto que

estou vestindo lhe incomoda?

Incomodar? A cueca boxer que ele está usando é a melhor coisa que vi nos últimos dois dias. – Não, está tudo bem – eu digo, tentando não olhar fixamente.

Colin olha para seu pai e sorri. – Viu como não tem nada de errado?

O pai de Colin balança a cabeça, e depois vem até onde eu estou e pega na minha mão. - Jimmy Brody – diz ele, apresentando-se. – E você é Delilah?

- Sou – eu digo assentindo.

Jimmy sorri e apresenta seus amigos – Delilah, estes são os meus amigos, e todos eles se chamam Jimmy também – começando com o que está à esquerda, ele vai apresentando um por um. – Este é Jimmy Callahan, este é Jimmy Murphy, e este é Jimmy O’Shaughnessy. Jimmys, digam “oi” para Delilah.

Todos os Jimmys me cumprimentam. Eles são obviamente descendentes de irlandeses, mas, diferente de Colinn e seu pai, eles falam com sotaque de Nova York.

Assim, eu começo a imaginar que eles não vieram de Dublin. Após apertar as

mãos de todos eles, eu olho para Colin.

- Acho que já sei a quem devo chamar da próxima vez que estiver com problemas.

Todos caem na gargalhada.

- Ah, por favor. Como se já não tivéssemos problemas demais com este aqui – diz Jimmy Murphy, dando um tapa no ombro de Colin.

- Ei, eu nunca fiz nada de errado - diz Colin em defesa própria.

O sorriso torto que denuncia a culpa

em seu rosto, entretanto, não deixa dúvidas a respeito daquilo.

Ele olha para mim. - Delilah, isto que estou vestindo te incomoda?

Incomodar? A cueca boxer que ele está usando é a melhor que vi nos últimos dois dias. - Não, está tudo bem - eu digo tentando não ficar olhando fixamente.

Colin olha para seu pai e sorri. - Viu como não tem nada de errado?

O pai de Colin balança a cabeça, e depois vem até aonde eu estou e pega na minha mão. - Jimmy Brody - diz

ele, apresentando-se. - E você é Delilah?

- Sou - eu digo, assentindo.

Jimmy sorri e apresenta seus amigos. - Delilah, estes são os meus amigos, e todos eles se chamam Jimmy também - começando com o que está à esquerda, ele vai apresentando um por um. - Este é Jimmy Callahan, este é Jimmy Murphy, e este é Jimmy O'Shaughnessy. Jimmys, digam "oi" para Delilah.

Todos os Jimmys me cumprimentam. Eles são obviamente descendentes de irlandeses, mas, diferente de Colin e

seu pai, eles falam com o sotaque de Nova York.

Assim, eu começo a imaginar que eles não vieram de Dublin. Após apertar as mãos de todos eles, eu olho para Colin.

- Acho que já sei a quem devo chamar na próxima vez que estiver com problemas.

Todos caem na gargalhada.

- Ah, por favor. Como se já não tivéssemos problemas demais com este aqui -

diz Jimmy Murphy, dando um tapa no ombro de Colin.

- Ei, eu nunca fiz nada de errado - diz Colin em defesa própria.

O sorriso torto que denuncia a culpa em seu rosto, entretanto, não deixa dúvidas a respeito daquilo.

- É claro, é claro. Preciso lembrá-lo sobre se embriagar em público e sobre perturbar o sossego alheio? - diz Jimmy O'Shaughnessy em voz alta. Ele se vira para mim. — Ele já foi denunciado duas vezes desde que se mudou para cá, Delilah.

- É isso aí, o seu vizinho é um criminoso — acrescenta Jimmy Callahan, piscando o olho.

- Ah, não assustem a moça. Não sou nenhum criminoso. Na primeira vez em que perturbei o sossego alheio, era meu aniversário, diz Colin.

- E qual foi a segunda vez, filho? - pergunta o pai de Colin, embora ele obviamente já saiba a resposta.

Cobrindo a boca de Colin com a mão, Jimmy Callahan responde em seu lugar. -

Eu me lembro. Foi na primeira

nevasca do inverno, e, depois de se deitar na neve e fazer um anjinho no meio da Park Avenue, seu filho começou a gritar sobre o quanto é importante amar a Mãe Natureza, e acordou o quarteirão inteiro com o seu discurso.

Conforme todos os Jimmys gargalham sem parar, o rosto de Colin fica um pouco vermelho.

Tá legal, tá legal, podem rir o quanto quiserem - diz ele, com um sorriso. - Eu fico feliz por estar aqui e não abuso do planeta. O que mais posso dizer?

Jimmys, precisamos ir - diz Jimmy Brody, olhando para o seu relógio. - Foi um prazer conhecê-la, Delilah. Até a próxima vez.

Até mais - eu respondo.

Enquanto os Jimmys descem pelas escadas, eu me despeço de Colin e destranco a porta do meu apartamento. Assim que entro, Colin chama meu nome, e, então, me viro. Ele ainda está na soleira da porta do seu apartamento. E não está usando nada além de uma cueca e uma camiseta.

- Olha, não me entenda mal - diz ele

olhando fixamente para mim, mas parece que você está meio verde.

- Verde? - eu começo a rir. - Bem, como você é irlandês, eu vou aceitar isso como um elogio (*N.T. Irlandeses e seus descendentes costumam se vestir com roupas verdes para festividades e datas comemorativas, como o dia de St. Patrick -17 de março*).

- Desculpe - diz ele, com uma risada.
- O que é que você bebeu na noite passada?

Eu vacilo por um segundo, receosa em dizer. - Tequila - eu finalmente

admito, sussurrando. Colin estremece quando ouve aquilo. - Fui demitida ontem.

- Ah... olhe, eu sinto muito por isso - diz ele, me olhando com uma expressão de pesar. - Mas é um bom motivo para encher a cara. Bem, boa sorte com a sua ressaca.

- Obrigada.

Depois de fechar a porta, eu me encosto na parede para recobrar o fôlego. Meu Deus, ele é lindo. Mesmo sendo os únicos que moram neste andar, raramente vejo Colin quando chego ou saio de casa, e havia me

esquecido de que ele é realmente um gato. Eu o ouço, ele está sempre andando pelo apartamento tarde da noite, e sempre há outras pessoas na casa dele às 3 horas da manhã, mas eu nunca o vejo. Acho que ele deve trabalhar em algum bar ou coisa assim. A parede que divide nossos apartamentos é bem fina, então consigo ouvir praticamente qualquer movimento que ele faz. Há alguns dias eu o vi subindo as escadas com um bambolê, e, durante a madrugada, por volta das 3 horas, eu ouvi pessoas rindo no apartamento ao lado, junto com o bóing ocasional do brinquedo batendo na parede. Acho que ele

estava fazendo algum tipo de festa do bambolê na madrugada.

Após juntar forças para ir até a cozinha, eu encho um copo com água e depois me esparramo no sofá. Pegando uma caneta e um pedaço de papel de uma mesinha de canto, decido fazer o que Daniel sugeriu, e elaboro uma lista com os nomes dos 20 homens. Do lado esquerdo da lista escrevo os números de 1 a 20, e depois começo a preencher alguns dos nomes. O primeiro cara com quem eu dormi foi Nate, meu namorado da época do colégio. O segundo foi o melhor amigo dele, Daniel. Daniel, o padre.

Meu Deus, eu não consigo acreditar que fiz sexo com um padre.

Roger foi o mais recente, o número 20. Greg, o imbecil do East Village, foi o número 19, e...

De repente, alguém bate à minha porta. Pensando ser Michelle em busca de fofocas sobre a noite passada, vou até a porta e vejo quem está ali pelo olho mágico.

Hmmm. É Colin. E ele ainda está usando apenas aquela camiseta e a cueca boxer. Eu fico me perguntando o que será que ele quer. E abro a porta.

Isto vai ajudar você a se sentir melhor - diz ele, estendendo-me um copo com um líquido cor de âmbar. Uísque, talvez?

Obrigada, mas não posso beber isto - eu digo, balançando a cabeça. Embora eu fique comovida por ele se preocupar comigo (se é que trazer álcool para alguém que está de ressaca pode ser considerado preocupação), minha boca se enche de água só de olhar para o copo. Eu acho que vou vomitar. - Para dizer a verdade, eu acho que nunca mais vou beber novamente.

Em primeiro lugar, você pode beber

isso aqui. E, em segundo, a sobriedade é uma doença muito séria. Então, pare de ficar se martirizando.

Eu solto uma risadinha. - Honestamente, eu não acho que vou conseguir engolir isso aí. Além disso, beber quando se está de ressaca é coisa para homens, não para garotas.

Colin gesticula com a outra mão. - Ah... coisa para homens, coisa para garotas...

tudo besteira. Vamos lá. Feche os olhos, tampe o nariz, e vai ficar tudo bem.

Como eu não respondo nem me mexo, Colin estende o braço e coloca o copo na minha mão. - Isso vai fazer você se sentir, eu garanto. E se você acha que isso é coisa de homem, eu vou fechar meus olhos para não ver você bebendo.

Eu paro para pensar nisso por um segundo. Talvez a bebida faça com que eu me sinta melhor. Há pessoas que eu conheço que sempre fazem isso: tomam uma cerveja ou uma dose de uísque na manhã seguinte uma noite de farra, e eles juram que funciona.

- Tudo bem, tudo bem - eu digo,

rendendo-me. - Mas não fique me olhando.

Colin sorri e fecha os olhos. - Prometo que não vou olhar.

Já que Colin não está olhando para mim, decido que essa é uma oportunidade perfeita para dar uma olhada nas pernas dele. Não queria deixar transparecer que estava olhando quando conversei com ele no corredor há alguns minutos, mas eu dei uma olhadinha. E elas pareciam ser lindas. Olhando para baixo, fico impressionada com o que vejo. As pernas de Colin são bronzeadas, mas não em excesso; musculosas, mas não

como aqueles fisiculturistas que passam horas na academia; e peludas, mas não muito. Elas são mais do que lindas; são perfeitas. E os dedos daqueles pés são bonitos, também. Não são encaroçados como os de alguns rapazes...

- O que você está fazendo? - pergunta Colin de repente, assustando-me. Quando levanto os olhos rapidamente, fico aliviada ao perceber que os dele ainda estão fechados. Graças a Deus.

- Ah, eu... só estou pensando, só isso.

Certo, chega de pernas. Hora de tomar coragem e fazer o que tenho

que fazer.

Eu levanto o copo de uísque. Embora me sinta tentada a jogar a bebida por cima do ombro, eu decido que isso não seria uma boa ideia. Fecho os olhos e penso em coisas felizes.

Chicletes e cachorrinhos, chicletes e
cachorrinhos, chicletes e
cachorrinhos, chicletes e
cachorrinhos, chicletes e...

E lá se vai a bebida, goela abaixo!

Assim como suspeitava, a minha boca começa a salivar. Sendo assim, balanço a cabeça algumas vezes para

fazer aquela sensação ruim parar. Quando aquilo finalmente passa, eu abro os olhos e vejo que Colin está a alguns passos de distância de onde ele estava originalmente.

- Você disse que não ia olhar! - eu exclamo.

- Desculpe, mas, quando eu ouvi você balançar a cabeça, fiquei com medo - explica ele. - Você vai vomitar?

Eu faço que não com a cabeça. - Acho que não, estou bem agora.

- Isso aí, garota - diz ele, com um belo

sorriso. Ele parece estar orgulhoso. Como deveria estar.

Nos momentos seguintes, um silêncio desconfortável surge entre nós, sem que saibamos o que dizer.

- Quer dizer então que o seu pai é da polícia? - eu pergunto, depois de espremer meu cérebro.

- Meu pai? Ah, não, não - diz ele, novamente passando a mão por aqueles cabelos revoltos. - Mas ele sempre trabalha com a polícia. Ele é um investigador particular, tem uma empresa grande aqui em Nova York, há vários anos. Eles encontram

maridos e esposas que traem, pegam as pessoas que tentam ludibriar companhias de seguros, coisas assim.

- Então ele não é natural de Dublin? O sotaque dele é tão forte quanto o seu.

Bem, ele veio de Dublin, mas ele mora aqui em Nova York há vinte anos, mais ou menos. Meus pais são divorciados, sabe como é. Ele deveria ter perdido o sotaque há alguns anos, mas não. Eu falo isso para ele o tempo todo, dizendo que ele exagera no sotaque para impressionar a mulherada e coisa e tal, sabe?

Eu sorrio. - Acho que entendo. Você

se mudou para cá por causa dele?

Colin faz que não com a cabeça. -
Não. Eu sou ator.

- Ator? Sérió? E onde você costuma atuar? - estou intrigada.

- Bem, eu fiz uma ponta no seriado Law & Order no mês passado, mas, fora isso, geralmente eu interpreto um bartender em um novo bar especializado em vodca que abriu em Rivington.

Eu rio.

- Law & Order . Parece ser bem legal.

- É sim - diz ele, modestamente. Naquele momento o meu telefone começa a focar, assustando a nós dois.

- Preciso atender - eu digo. Dou uma olhada para o copo de uísque na minha mão e o devolvo para Colin. - Obrigada, aqui está o seu copo.

- Disponha. Seu rosto já está voltando a ficar corado.

Colin se vira para ir embora, mas rapidamente para e dá meia-volta. - Oh, Delilah?

- Sim?

- O que você achou?

Fico confusa com a pergunta dele. - O que eu achei sobre o quê?

- O que você achou das minhas pernas?

As pernas dele? Oh, meu Deus... quando eu veio um sorriso malandro aparecer no rosto dele, percebo que ele não estava realmente com os olhos fechados, eu sinto meu rosto ficar vermelho. - Não sei do que você está falando - digo, tentando disfarçar.

- Ah, desculpe. Acho que me enganei
- diz Colin, ainda com o sorriso na

cara.

Ele não se enganou com meu disfarce.

- Bem, tenha um bom dia.

- Você também - eu digo, tentando manter a calma.

Depois de fechar a porta, eu balanço a cabeça. Que audácia!

Espiar é uma coisa. Acusar-me abertamente de fazer isso é outra. É... bom, arrogante, para ser honesta. Mas deixa pra lá.

Correndo para atender ao telefone, eu olho para o identificador de chamadas

e vejo que é o meu avô. Depois de tomar fôlego, aumento o tom da minha voz em uma oitava inteira, na esperança de soar como se estivesse alegre, lutando para não denunciar a minha ressaca. - Oi, vovô!

- Oi, querida! - exclama ele. - Desculpe-me por não conseguir falar com você na festa de Daisy ontem, mas, quando cheguei lá, me disseram que você já tinha saído.

- Oh! - eu grito, decepcionada. - Eu achei que você não fosse à festa.

- Bem, eu consegui sair do trabalho um pouco mais cedo.

- Fico triste por não ter conseguido falar com você - eu digo, e me deito no sofá.

- Ei, o que você achou de Edward?

- Ah, eu gostei dele. É um bom moço. E você sabe o que dizem por aí, não é?

Devemos escolher nossos amigos pelo caráter e nossas meias pela cor.

Eu sorrio. Adoro o fato de que o meu avô, aos 75 anos, tenha a mente tão aberta.

Mas, de repente, eu percebo que há

uma certa alegria na voz dele. Ele geralmente é uma pessoa risonha, mas aquele tom é diferente. Alguma coisa está acontecendo.

- Vovô, o que há? Por que você está tão feliz?

- Bem... vou me mudar para Las Vegas! - exclama ele, com um sorriso na voz.

Eu me endireito no sofá quando OUÇO aquilo um pouco atordoada. Como eu disse, meu avô raramente sai da costa leste. - Las Vegas? Como assim? Por quê?

Eu conheci uma pessoa. Ou, melhor dizendo, reencontrei uma pessoa. Você se lembra de Glória, do tempo em que você e Daisy eram pequenas? Levamos vocês ao Zoológico do Bronx uma vez? Aquela vez em que você chorou porque um lhama fez xixi em você naquela área do zoológico em que deixam as pessoas chegarem perto o tocarem em alguns dos animais.

Eu me lembro de Glória, me lembro do zoológico, mas eu tentei enterrar a lembrança daquela lhama maldita há alguns anos. Aquele bicho praticamente me atacou.

- Sim, eu me lembro.

- Ela está morando em Las Vegas agora, em uma comunidade para aposentados.

Mas ela está em New Canaan há algumas semanas para visitar sua família. Eu dei de cara com ela no Holiday Inn Lounge, já que vou lá às vezes para dançar, e nós começamos a conversar. Não sei como foi, mas depois nós saímos para jantar, uma coisa levou à outra, e agora eu vou me mudar para Las Vegas para morar com ela!

Mudar para Las Vegas para morar

com ela? Acho que a coisa é mais parecida com fugir para Las Vegas. Isso não é bom, não é bom mesmo! Pelo que eu me lembro, essa tal de Glória é o tipo de pessoa que coloca penduricalhos hippies por toda a casa, sempre tem algumas varetas de incenso acesas, e forra as paredes da casa com carpete.

Quando eu falo aquilo para o meu avô, dizendo que ela pode ser do tipo “hipponga” ou “bicho-grilo”, tudo o que ele me diz é:

Oh, Delilah, deixe disso. Os médicos receitam maconha para as pessoas que sofrem de glaucoma. Não é algo

que faça tanto mal.

Estou realmente embasbacada com tudo isso. Por um momento, eu me sinto como Carol Brady naquele episódio de *The Brady Bunch* (*N.T. Seriado televisivo norte-americano que mostra o dia-a-dia da família Brady, exibido originalmente entre 1969 à 1974, e reprisado à exaustão até os dias de hoje*) em que Greg decide virar hippie e se muda para a sala de estar de Mike. Exceto pelo fato de que, neste caso, as coisas estão acontecendo com o meu avô, não com o meu filho; e ele não está se mudando para a sala de estar de alguém, ele está indo morar em Las

Vegas. De repente eu ouço uma música tocando do outro lado do telefone. “We built this city! We built this city on Rock and Roll, built this city. We built this city on Roccckkk aaaannnd Rollllll!” (N.T. Letra de “We Built this city”, gravada pela banda Jefferson Starship, em 1985).

Vovô, você está ouvindo Jefferson Starship?

Estou sim - diz ele, alegre. - Essa música toca no Holiday Inn Lounge às vezes.

É ótima, não acha?

Não! - eu grito. Mas que droga, será que ele está de brincadeira? - Essa música é horrível, assim como esta ideia de se mudar para Las Vegas com uma “hipponga”

maconheira que você reencontrou enquanto dançava ao som de Jefferson Starship!

Meu avô fica em silêncio. A minha reação negativa obviamente não é o que ele esperava ouvir. Após alguns segundos, ele respira fundo e volta a falar.

Delilah..., faz muito frio em Connecticut no inverno, e as minhas

articulações doem por causa disso. O lugar onde ela mora é quente o ano inteiro. As pessoas passeiam pelas ruas naqueles carrinhos elétricos de golfe. Eu quero estar com pessoas da minha idade. Eu preciso de uma mudança na minha vida.

Eu o interrompo.

Sim, mas...

Mas, nada - diz meu avô, recusando-se a ouvir os meus argumentos. - Vou fazer isso, mesmo que você não goste. E não estou lhe telefonando para pedir sua permissão, mas sim para que me deseje boa sorte.

Eu fico em silêncio por alguns minutos. Meu avô está indo morar em outro estado? Mas que fim horrível para um dia que já começou mal.

Tem certeza de que quer fazer isso? - eu pergunto.

Absoluta.

Desde que Daisy e eu éramos pequenas, o meu avô sempre nos disse que conseguiríamos saber que estávamos apaixonadas por alguém quando o coração começasse a pular dentro do peito. Ele explicou que esses “pulos” do coração não são apenas a sensação de leveza que

sentimos ao conversar com alguém pela primeira vez; é algo mais profundo. É como uma vibração mais grave e intensa que ressoa por todo o corpo no momento em que percebemos que precisamos de alguém e o amamos. E o som dessa vibração é mais parecido com um buuuuuuuuuuum do que com um buuum. Eu ainda não senti esse tipo de vibração; Daisy diz que sentiu com Edward.

- Quer dizer que você sentiu...

- Não, ainda não - ele me interrompe.

- Mas espero sentir em breve. Houve uma boa química entre nós.

Meu avô parece estar feliz ao dizer isso, com um tom mais animado na voz do que nas conversas que temos habitualmente. Eu não quero que se mude, mas é bobagem esperar que ele fique em Connecticut por minha causa, apenas. Se eu reencontrasse algum antigo namorado e me apaixonasse por ele, provavelmente me mudaria para qualquer lugar onde ele estivesse morando, apenas para ficar com ele. Eu quero que o vovô fique feliz, de verdade.

- Tudo bem, tudo bem. Desejo sinceramente que você seja feliz, mas não deixe que essa Glória tome conta da sua vida ou que fique mandando

em você, só pelo fato de que você vai morar na casa dela.

- Não deixarei. As pessoas mudam, Delilah.

Depois de saber sobre os detalhes de quando ele vai se mudar e de fazer planos para um jantar de despedida, desligo o telefone e fixo meus olhos no teto por alguns momentos. Voltando a pensar naquele dia que passamos no zoológico, nunca pensei que Glória pudesse ser a pessoa que convenceria meu avô a sair da costa leste.

Claro, ele já morou em outros lugares,

mas somente quando a tinha avó estava viva, e aquilo foi bem antes de eu nascer. Nunca imaginei que ele acabaria se apaixonando por Glória, mas, como ele mesmo disse, as pessoas mudam, eu acho.

As pessoas mudam? Será? De repente, uma ideia me vem à mente, e me levanto do sofá.

Eu começo a imaginar o que aconteceria se eu voltasse a entrar em contato com os 20 homens com quem dormi, se eu encontrasse com algum deles quando saísse para curtir a noite, ou enquanto estivesse dançando ao som de Jefferson Starship. Eu me

pergunto se haveria química entre nós. Pensando neles, não acredito que nem um pudesse ser o meu príncipe encantado, mas as pessoas mudam, eu acho.

Eu pego a lista que Daniel queria que eu fizesse, alista que comecei, mas que ainda não terminei, e dou uma olhada nela. Se eu acabasse me envolvendo com um dos 20 homens com quem dormi, então o meu número não iria mais subir e eu não teria de viver uma vida inteira de castidade e celibato. Pode me chamar de louca, mas eu acho que estou começando a perceber alguma coisa no meio disso tudo.

Tudo que eu preciso fazer é descobrir onde eles estão morando, se eles estão solteiros, e dar um jeito de esbarrar neles em algum lugar. Eu acho que consigo fazer isso. Tenho certeza de que consigo. Tenho tempo de sobra agora. Basicamente, estou no começo de um período de seis semanas de férias remuneradas. Eu poderia entrar em um carro, reencontrar cada um dos 20 e escolher o melhor entre eles para ser o homem definitivo da minha vida. Não é uma ideia tão louca. Sim, eu acho que isso pode funcionar, acho que pode!

Pego a minha caneta e rapidamente começo a preencher os espaços em

branco da minha lista. Para ser honesta, não é tão fácil quanto parece. Claro, os primeiros e os últimos são fáceis de lembrar, mas a parte central da lista é um pouco mais difícil de lembrar. Especificamente, os anos da faculdade, uma época em que, por causa da falta de sono e de alimentos ricos em vitaminas, aliado a excesso de substâncias que afetam a mente como álcool e drogas de uso recreativo, eu não estava nos meus melhores momentos. É fácil esquecer detalhes como o nome de alguém, por exemplo, quando você está tentando quebrar o recorde de “maior quantidade de tequilas ingeridas em

uma mesma noite”. Mesmo assim, eu não deixo que aquilo me abale. Eu escrevo, escrevo, escrevo... faço isso durante a meia hora seguinte.

Quando eu termino, depois de escrever todos os nomes, apelidos, e o que quer que me viesse à mente, eu olho para a lista dos 20 homens que compõem o meu número, milhares de emoções passam pelo meu corpo. Apesar das coisas estranhas de que eu me lembro a respeito de cada um deles, há, na minha lista, um homem para todas as estações do ano. Um que parecia ser bonito no papel, outro que, simplesmente, parecia ser bonito... o que não conseguia se

excitar, e o que não parava quieto. O que virou o meu melhor amigo e o que virou o meu pior inimigo... o que me fazia tremer de ansiedade antes de nos encontrarmos e o que me deu as costas e me deixou tremendo de frio. Há o cara com quem rolou uma transa casual, em uma única noite, o que ficou comigo durante uma semana, o homem com quem transei por sentir pena dele, e o bom de cama que acabou escapulindo. Um por quem eu me apaixonei perdidamente, um que eu desejava ardentemente, e aquele que eu pensei que amava mais do que qualquer pessoa no mundo. Todos estão ali.

Tony Robbins diz que o que separa o bom do ótimo é a capacidade de agir. É isso que eu decido fazer - agir! Vou entrar em um carro e encontrar esses homens, um por um. Vou fazer isso e vai funcionar! Uma vida de celibato não é uma opção. Não é!

Daniel disse que não havia uma solução para o meu problema, mas, por Deus, é claro que há. E ele me diz que eu preciso de Jesus - quem ele pensa que é? Eu não preciso de Jesus.

Eu preciso do Google.

TRÊS

Fusões e Aquisições¹

Uma lista(muito longa) elaborada por
Delilah Darling

4 . **Nate Syracuse** – namorado do tempo do colégio.

5 . **Daniel Wilkerson** – conhecido atualmente como padre Dan.

6 . **Cowboy Shaner** – garoto de uma das fraternidades que gostava de chapéus de cowboy e cerveja light.

7. Zubin Khan – o indiano reservado que era responsável pelo bloco de dormitórios da faculdade onde eu morava durante meu primeiro ano.

8. Tim Townie – um dos gêmeos Thompson (e não um membro da banda (“Thompson Twins”, dos anos 1980, havia rumores de que o dele era grande. Mentira.

9. Ian Kesselman – estranhamente obcecado pela própria mãe.

10. Scott – Eu estava na faculdade, era curiosa, ela não conta.

7. Henry Parker – transamos apenas

uma vez e nunca mais nos vimos. Usei-o para provar a Kate que eu não era mais lésbica. Também conhecido como “Henry, o bom moço”.

1 1 . **Oliver Leet** — britânico e elegante. Me atraiu com outra garota porque “gastou da meia-calça purpurinada que ela usava”.

1 2 . **Tom Townie** — o outro dos gêmeos Thompson. Havia rumores de que o dele era grande. Verdade.

1 3 . **Nukes** — não sei o sobrenome dele. Nem o nome verdadeiro. Foi um caso que tive durante as férias e, pelo que me lembro, havia uma cama

elástica envolvida. Natural de um Estado que começa com a letra A... Arizona?

1 4 . **Loirão gostosão** – nome verdadeiro: Matt King, também conhecido como o “maconheiro que não conseguia erguer o mastro da bandeira”.

15. **Delaware Pepper** – sim, esse era o nome verdadeiro dele. Tinha cheiro de macarrão instantâneo.

1 6 . **Alex Wolfe** – triplmente ótimo: divertido, inteligente e bonito. Também conhecido como “o homem perfeito que acabou escapulindo”.

1 7 . **Wade Wojoqualquercoisa** – aspirante a dublê.

18. **O R.o.d²** – nome verdadeiro: Rod Verdicchio. Relacionamento totalmente baseado em sexo, sem envolvimento emocional. Obcecado por seu cão.

19. **El Abogado** – nome verdadeiro: Diego Soto. Romance que tive enquanto estava em Barcelona. Tivemos sérios problemas por causa da linguagem.

2 0 . **Grody Gordy Peterson** – mentiroso, falso e traiçoeiro, com 1 esposa, 2 filhos, 3 namoradas e um

pênis que media 4 polegadas³.

21. **Kyle Luxe** – também conhecido como luxeylove – resultado de e-mails *inocentes* do ambiente de trabalho que acabaram saindo do controle.

22. **Greg, o imbecil do East Village** – não tinha muita coisa na cabeça.

23. **Roger Lipschitz** – desperdiçou a chance... Ou, melhor dizendo, cochou-a e cheirou-a.

1. (N.A) O título da lista está disfarçado, caso alguém a descubra.

(N.A) ² Em inglês, um dos significados de rod é bastão. (N.E) ³ Cerca de 10 centímetros (N.T)

Pronto, aí está. Os vinte homens que perfazem o meu número, todos listados em uma única página. Ou melhor, em duas. Droga

Lista de coisas a fazer para pegar a estrada

Uma lista elaborada por Delilah Darling

24 . ~~Comprar um mapa rodoviário.~~
Arranjar um carro

25. Comprar um mapa rodoviário

26. Comprar óculos escuros grandes,
um boné e binóculos para poder
observar os homens da lista a uma
distância segura, sem levantar
suspeitas.

a) Para passar o tempo quando os
homens não estiverem à vista:

b) Comprar revistas de fofoca.

c) Comprar roupas confortáveis, especialmente conjuntos de *lingerie* de algodão e chinelos. Ninguém gosta de ficar com os pés (ou outras partes do corpo) cheirando mal.

d) Comprar uma boa quantidade de petiscos e bebidas.

27. Levar a câmera e o laptop para documentar a viagem (Se as coisas derem certo com um dos vinte, as fotos que eu tirar vão ser ótimas para mostrar aos nossos futuros filhos como a mamãe e o papai se reencontraram.)

28. Fazer *download* de muitas músicas para o meu iPod. Além de baixar músicas que me tragam memórias de cada um dos rapazes, não esquecer:

a. Comprar revistas de fofoca.

b. Comprar roupas confortáveis, especialmente conjuntos de *lingerie* de algodão e chinelos. Ninguém gosta de ficar com os pés (ou outras partes do corpo) cheirando mal.

c. Comprar uma boa quantidade de petiscos e bebidas.

29. Depois do programa que vi na

televisão sobre a sujeira nos quartos de hotel:

a. Comprar travesseiros, lençóis e cobertores para dormir (roupas de cama de hotel estão cheias de coisas e substâncias asquerosas).

b. Comprar luvas de borracha para tocar em coisas como maçanetas, despertadores, telefones e controles remotos, que, assim como as roupas de cama dos hotéis, também estão cobertos de coisas e substâncias asquerosas. Nota: luvas podem ser especialmente úteis se eu precisar revirar latas de lixo.

Comprar um bracelete chinês do amor, de quartzo rosa, de um senhor que tem uma loja na rua do Canal. Ele garante que isso traz sucesso.

Disfunção/ diversão

Terça-feira, 5 de Abril.

- Mas essa é a coisa mais insana que já ouvi!

Mesmo com Michelle gritando no meu ouvido, eu o ignoro porque eu li “Os princípios do sucesso: como sair de onde você está e chegar até onde você quer estar”, por Jack Canfield. De acordo com Jack, muitas pessoas vão tentar me convencer a não seguir minha visão, dizendo que estou louca, mas eu não devo dar ouvidos a elas. Até pensei em dizer isso a Michelle, mas se eu o fizesse, ela, provavelmente, ia gritar comigo e me mandar parar de repetir as frases que leio em livros de autoajuda. Assim, vou guardar minhas opiniões para mim mesma e, em vez de retrucar, vou continuar mexendo nos controles dos

limpadores de para-brisa do Ford Focus azul que estou pensando em alugar.

- Atravessar o país de carro para encontrar todos os caras com quem você transou, unicamente para não aumentar um limite auto imposto que você enfiou na cabeça... isso é loucura.

Obviamente, eu acabo contando a ela sobre o que aconteceu com Roger. E sobre Daniel. E sobre 10,5. E 20. E os quatro de Daisy. E sobre ser uma vagabunda. Eu precisava fazer isso. Eu nunca poderia cair na estrada sozinha sem contar a alguém o que

estaria fazendo. Seria uma irresponsabilidade enorme da minha parte.

Não acredito que você realmente está pensando em fazer tudo isso - ela grita comigo.

- Não estou pensando. Eu vou fazer. Vou agir.

- Então aja como qualquer pessoa normal faria. Pegue o telefone e ligue para esses caras.

- Não vou ligar para eles! - eu grito. - Vai parecer que estou desesperada.

Michelle fica aflita, confusa. Ah, e bater a porta das casas deles não vai fazer com que você pareça estar desesperada?

Eu reviro os olhos. - Michelle, Michelle, Michelle... eu não vou simplesmente bater à porta deles e perguntar como eles estão.

Eu vou observá-los a uma distância segura, descobrir onde eles trabalham, o que fazem da vida, e depois vou voltar a entrar na vida deles.

- Quer dizer que você vai persegui-los, ficar de tocaia, como se estivesse obcecada por eles.

- Se você prefere chamar assim...

- Delilah! Perseguir e vigiar pessoas desse jeito é crime! Você pode ir parar na cadeia!

- Eu não vou para a cadeia. Não tem nada de ilegal no que pretendo fazer. A curiosidade faz parte da natureza humana. E eu tenho uma mente inquisitiva.

- Então compre revistas de fofoca,oras.

- Já comprei. Tenho uma pilha de tabloides no meu apartamento que vou levar para ler na viagem enquanto

estiver de tocaia. Esse era o item 4-a na minha lista de coisas a fazer.

- Que lista é essa? - pergunta Michelle, vacilando. Abrindo a minha bolsa, eu tiro a lista e a entrego. Meu Deus, para uma pessoa que raramente faz listas, eu não acredito que fiz tantas nos últimos dias.

Michelle lê a lista. Quando ela termina, ela lança um olhar duro para o bracelete cor-de-rosa no meu pulso.

- É esse aí? Esse é o seu bracelete chinês do amor?

- Ei você acha que esse carro tem

freios ABS? - eu perguntava tentando mudar o assunto. Não quero mais ouvir nada sobre aquilo.

- Delilah, preste atenção! Você não está pensando de maneira lógica. Você está entrando de cabeça!

Eu reviro os olhos, Eu já pensei bastante nisso, e sempre a maneira lógica.

Durante os três últimos dias eu não parei de pensar nisso - Já parou para pensar o quanto isso vai lhe custar? Vai ser uma fortuna. Espero que você saiba disso.

- Não vai não - eu insisto. - Estou dando a mim mesma seis semanas para fazer essa ideia funcionar. Tecnicamente, é a duração das nossas férias remuneradas.

- Delilah, não estamos em férias remuneradas. Nós fomos demitidas. Você deveria estar procurando emprego, e não um... - Michelle para de falar, buscando por uma palavra adequada.

- Um homem com quem pretendo viver pelo resto da minha vida - eu digo. É a vez de Michelle revirar os olhos.

- Sempre haverá algum emprego, Michelle; mas a oportunidade para fazer isso pode nunca mais surgir. Além disso, mesmo que eu demore seis semanas para terminar isso tudo, o máximo que vou acabar gastando é pouco mais de 5 mil dólares, um dinheiro que eu tenho e que você também tem, graças à compensação pela demissão da ESD. Além do dinheiro que eu tiver que pagar para o investigador particular.

Michelle revira os olhos. - Ah, sim, o investigador particular. Eu não acredito que você meteu aquele seu vizinho irlandês maluco nessa história.

Embora o Google tenha me ajudado a descobrir onde vários daqueles rapazes estiveram, participando de corridas, eventos de caridade, ganhando carros em um concurso promovido por uma rádio (aconteceu com um deles, eu juro), eu não tive muita sorte em descobrir por onde eles andam hoje em dia. Mesmo que o site fosse capaz de descobrir onde eles estão fisicamente (endereço de casa e do local de trabalho), eu precisaria saber onde eles estão romanticamente, antes de atravessar o país para reencontrá-los. Eu precisaria saber quais deles estão casados, e quais deles são gays (eu desconfio que um

deles tinha uma certa tendência). A única maneira de descobrir esse tipo de coisa seria contratar um investigador profissional.

Ontem, depois de passar horas ligando para várias agências diferentes, solicitando orçamentos e descobrindo que esse serviço é caro demais, eu decidi bater na porta de Colin para ver se o pai dele podia me dar um desconto ou coisa do tipo. Ele não atendeu, então eu preendi um bilhete na porta do apartamento dele, dizendo o seguinte:

“Colin,

Preciso encontrar cerca de quinze velhos amigos para uma festa que pretendo fazer. Se eu lhe der antigos endereços, apelidos e coisas do tipo, você acha que seu pai poderia localizá-los para mim? Fui informada de que esse tipo de trabalho custa cerca de 150 dólares por pessoa a localizar, mas eu esperava gastar menos. Preciso saber apenas o básico. Endereço atual, histórico matrimonial, orientação sexual, essas coisas. Aguardo sua resposta.

Obrigada, Delilah

(sua vizinha) ”

Eu mencionei quinze velhos amigos porque Roger e Daniel estão fora da minha jornada, por motivos óbvios; eu já sei que o número 18, Kyle Luxe, é solteiro e mora em Los Angeles; e outros dois que moram aqui - os números 17 e 19, Grody Gordy, Peterson e Greg, o imbecil do East Village - não precisam ser encontrados. Na verdade, assim como Roger e Daniel, eu já os eliminei da minha jornada.

Coincidentemente, eu esbarrei em

Greg, o imbecil do East Village ontem pela manhã, no supermercado. Após conversarmos por cerca de um minuto, eu percebi que ele não havia mudado muito. Eu tinha acabado de ler um artigo em uma revista sobre eutanásia, testamentos feitos ainda em vida, a respeito de tratamentos de saúde, e coisas do tipo, e pedi a ele que me dissesse o que achava disso. Depois de olhar fixamente para mim com uma expressão confusa, ele balbuciou qualquer coisa sobre não entender o que as crianças que vivem na Ásia têm a ver com a testa e a mente durante a vida, já que isso não faz mal à saúde.

- Não, não. Testamentos feitos ainda em vida, a respeito de tratamentos de saúde e eutanásia. Os noticiários estão falando bastante sobre isso ultimamente - eu esclareci.

Greg deu de ombros. - Acho que não consegui entender.

À tarde, eu saí para correr e coincidentemente passei em frente ao prédio onde Grody Gordy Peterson trabalha, bem no momento em que ele costuma sair para almoçar. Grody Gordy e eu namoramos durante três meses, há alguns anos. Na época ele me disse que era solteiro, o que era uma mentira descarada. Se não

bastasse o fato de ele ter uma esposa e dois filhos, ele também namorava duas outras garotas além de mim. Eu descobri isso outro dia, quando uma das outras namoradas me ligou para me xingar por eu estar saindo com o namorado casado dela. Pois é, foi tudo meio estranho.

Mesmo assim, por causa disso, mesmo que Gordy estivesse solteiro por algum capricho do destino, duvido que consideraria voltar a namorá-lo. Mas eu precisava explorar todas as minhas opções.

Para resumir uma longa historia Gordy definitivamente não ficou solteiro.

Durante o horário de almoço dele, eu o vi abraçando uma mulher desconhecida no banco de trás de um taxi e dar uns amassos em outra em uma cafeteria, Starbucks.

Então, depois disso, cumprimentou sua esposa com um beijo na boca quando ela veio até a porta do prédio onde eles moram, Gramercy Park para lhe trazer um sanduíche.

Pobre mulher. Espero que ela gaste todo o dinheiro que ele tem e depois o abandone.

De qualquer maneira, é por essa razão que eu preciso que o pai de Colin

encontre apenas 15 homens, jì eliminei quatro, já encontrei um deles sozinha. Assim, é hora de voltar para o meu bilhete. Como disse, eu o pendurei na porta do apartamento de Colin por volta das 19 horas, e saí para me encontrar com meu avô e Glória para um jantar de despedida no Chili's (*N.T. Rede de restaurantes especializada em comida americana e mexicana*) - meu avô é louco pelo baby beef que eles servem li. Após um encontro agradável com Glória e uma despedida do meu avô cm meio a muitas lágrimas, eu volto para casa, por volta das 23 horas, e encontro um bilhete pendurado na minha porta:

“Para minha querida vizinha Delilah,
Conversei com meu pai. Sim, ele pode
lhe fazer um desconto. Vou trabalhar
hoje à noite, então, por favor, coloque
todas as informações que você tem
debaixo da minha porta. Ele vai me
dar o orçamento do serviço amanhã;
assim, apareça por volta das 18 horas.

Abraços, Colin

P.S.: Orientação sexual? Que tipo de
festa é essa?”

De qualquer forma, estou a fim de bater à porta dele depois que alugar este carro. Com isso, eu dou um tabefe no painel do carro. Embora um Ford Focus azul não tenha a mesma classe e estilo do Ford Thunderbird azul usado por Thelma e Louise, ele é certamente mais econômico e confiável. Depois de apertar a buzina loucamente para celebrar, eu coloco a cabeça para fora da janela e grito para o rapaz da locadora de carros. - Vou ficar com este!

O Senhor Charmoso Sortudo

Por volta das 18h30, quando ouço o vruuumm da velha Vespa de Colin, eu olho pela janela. Aquela motoneta que ele tem, na realidade, é uma pilha de sucata; eu sempre o ouço quando ele vem para casa ou quando sai para o trabalho. Depois de esperar alguns minutos até ele subir e se acomodar, eu dou uma retocada na minha aparência - um pouco de gloss nos lábios, uma escovada nos cabelos - e vou até o apartamento dele. Não estou tentando impressioná-lo nem nada do tipo. Mas, da última vez em que ele me viu, eu havia passado a manhã inteira chorando e vomitando, e eu

não quero que ninguém pense que aquela é a minha aparência verdadeira.

Colin não demora nem um segundo para abrir a porta quando eu bato. Ele sorri quando me vê. Diferente do sábado, ele está usando uma camiseta vintage cinza e um velho par de jeans da Levi's. Ele está descalço novamente, e os dedos dos pés dele ainda estão limpos. - Bem-vinda, Delilah - diz ele, convidando-me para entrar.

O lugar onde Colin mora é um típico apartamento de homem solteiro. O lugar é inteiro decorado em tons de

marrom e azul; migalhas e garrafas de cerveja vazia decoram os pisos e balcões, e não há nada decorando as paredes. Ah, é claro, tem um bambolê encostado no canto. Não é nada bonito, mas não é tão ruim quanto alguns apartamentos em que já estive. O que me chama a atenção é que não há nenhum móvel ou bibelô da I K E A (N.E. *Empresa sueca especializada em moveis populares*), e há dois conjuntos completos de panelas e frigideiras da All-Clad (N.E. *Empresa com sede nos Estados Unidos especializada em acessórios e utensílios de cozinha de alto padrão*) em uma prateleira na

cozinha. - Você gosta de cozinhar? - eu pergunto, apontando para elas.

- Ah... gosto sim - diz Colin, olhando para as panelas. - Eu sou um excelente cozinheiro. Eu gosto de misturar as sobras da janta e do almoço. Eu faço ótimos goulashes com batata frita.

- Goulashes? - eu pergunto. Eu nem sei o que é um goulash.

- Sim, com batatas fritas - diz Colin, assentindo. Ele aponta para o sofá. - Por favor, sente-se.

- Obrigada - eu respondo, e faço o

que ele manda.

- E então, como está? Tudo bem? -
ele pergunta, sentando-se também.

- Tudo ótimo, obrigada. E com você?

- Não podia estar melhor.

Ele pega uma pilha de papéis. Enquanto eu espero até que ele encontre o papel que está procurando, dou uma olhada mais cuidadosa no apartamento. Na mesinha de centro, em frente ao sofá onde estou, há uma espécie de roteiro. Quero olhar e saber do que se trata, mas não quero parecer intrometida. Eu me concentro

em Colin. Ele definitivamente tem a aparência de um ator que pode ser o protagonista de um filme ou seriado, mas não sei se ele tem o talento necessário. Pode ser por causa do sotaque irlandês, talvez pelo nome dele, ou talvez porque ele também seja ator, ou talvez porque ele é tão terrivelmente sexy. Qualquer que seja a razão, Colin se parece um pouco menos com Johnny Depp agora, e um pouco mais com...

- Quer dizer que você está pensando em fazer uma festa> ele pergunta, interrompendo meus pensamentos.

- Hein? Ah, sim, uma festa. Uma festa

para rever velhos amigos, algo assim.

Uma reunião de velhos amigos.

- Uma reunião de velhos amigos? Só com homens?

- Como é?

Colin levanta os olhos para me encarar. - A lista que você me deu só tinha nomes de homens.

- Ah, sim... é uma festa para solteiros, também. Já convidei um monte de garotas, inclusive.

- Claro, claro... - diz ele, tamborilando

os dedos sobre o joelho. - Bom, acho que não é da minha conta, de qualquer jeito. Bem, aqui está a proposta. Baseado nas informações que você me deu, vai custar 50 dólares por pessoa.

- Cinquenta por pessoa? - É bem menos do que eu imaginava. - Sério?

Colin assente. - Sim. É uma pesquisa bem básica, para falar a verdade. Um pouco de trabalho no computador e alguns telefonemas. Acho que consigo fazer tudo isso aqui de casa mesmo.

“Aqui de casa”?

- Espere, é você quem vai fazer a pesquisa? - pergunto, sentindo um certo desconforto. - Achei que você fosse ator.

- Eu sou, mas, quando o mercado está meio parado, como agora» eu faço alguns serviços para o meu pai.

Eu não quero ofendê-lo, mas... - Colin, não me entenda mal, mas eu estava esperando contratar um investigador particular de verdade, alguém como o Magnum (*N.T. Personagem interpretado por Tom Selleck, no seriado de mesmo nome. Durou seis temporadas, exibidas de 1980 a 1985, na Tv americana*).

- Se você quiser, ou deixo meu bigode crescer - diz ele, provocando-me.

Eu rio. - Não foi isso que eu quis dizer.

- Eu sei, estou brincando. Mas, falando sério, se você quiser que eu passe este trabalho para alguém no escritório do meu pai, não há problemas, mas eles vão cobrar mais caro. Se eu fizer a investigação, isso vai ajudar a nos dois. Como sou eu que fico com o dinheiro e não preciso prestar contas a ele, eu posso cobrar o que eu quiser. Eu decidi cobrar 50 pratas por pessoa porque você me disse que foi demitida. Qualquer outra

pessoa ia cobrar mais.

O que fazer, o que fazer? Se eu não deixar Colin fazer o serviço, eu vou ter que desembolsar pelo menos mil dólares a mais do que ele está me cobrando, e também ele vai perder 750 dólares. Eu começo a me sentir culpada.

- Você já fez isso antes? - eu pergunto. - Quero dizer... você sabe como encontrar pessoas? E descobrir se elas são casadas? E descobrir se elas são gays?

- Claro que sei - ele me garante.

Eu olho para Colin por um longo tempo, perscrutando-o. Ainda assim, eu não tenho certeza. Estou investindo muita energia nisso, e se ele me der informações erradas sobre algum deles, vai ser uma grande perda de tempo.

- E então, o que você acha? Podemos fazer negócio? - ele pergunta, pressionando-me.

Ora, o que eu tenho a perder? Não deve ser algo tão complicado quanto uma neurocirurgia. - Claro. Negócio fechado, então.

Colin abre um sorriso. - Excelente.

- Em quanto tempo você consegue essas informações?

- Bem, quando você está pensando em dar essa festa?

Eu olho para ele, confusa. - Que festa?

Colin inclina a cabeça para o lado. - A festa para solteiros, ué. O motivo pelo qual você precisa encontrar todos esses caras.

De repente, eu me lembro da desculpa que dei a ele. - Ah, claro... aquela festa.

Vai ser logo. Em breve.

Colin balança a cabeça e volta a olhar para os seus papéis. Tenho, certeza de que ele sabe que não vou dar festa nenhuma. Depois de examinar mais uma vez os papéis que tem em mãos, ele retira alguns deles e me entrega. - Já encontrei estes três. Todos são solteiros e heterossexuais.

Meus olhos se iluminam. - Três? Em um único dia? Mas já?

- Pois é. Eu não tinha muita coisa para fazer hoje, então achei que seria melhor começar.

Quando olho os papéis para ver quem ele já encontrou, não consigo conter a minha animação. Ele já descobriu os números 14, 15 e 16. Wade Wojoqualquercoisa, Rod e El Abogado. Wade mora em Chattanooga, no Tennessee; Rod está na Filadélfia, e El Abogado em Nova Orleans. Eu olho para Colin e sorrio. Estou me sentindo mal por ter duvidado dele. - Uau, você é bom mesmo!

Ele pisca para mim. - É o que as pessoas dizem.

Ele volta a examinar a lista. - Provavelmente terei que lhe fazer mais

algumas perguntas durante a investigação, mas tenho uma agora. Você se importa?

- Não, claro que não. Mande.

- Um dos nomes na lista que você me deu é de um cara chamado Nukes. Esse é o nome verdadeiro dele?

Ah, sim, Nukes, o número 10 na minha lista. Nukes não foi exatamente um dos meus relacionamentos mais longos. Foi um caso que aconteceu durante as férias. Eu estava no último ano da faculdade naquela época, e viajei com meus amigos para passar uns dias em Cabo San Lucas, no

México. Depois de um dia inteiro bebendo Cocos Locos (*N.T. Coquetel feito com rum, vodca, creme de banana, suco de abacaxi, leite de coco e açúcar em calda*)debaixo do sol, eu e Nukes acabamos nos beijando em cima de uma cama elástica na praia. Eu sei que parece divertido, mas a cama elástica balançava tanto, e os Cocos Locos estavam tão fortes que o sexo nem foi tão memorável assim.

Nem o nome dele.

- Não exatamente. Eu acho que Nukes era algum tipo de apelido baseado no sobrenome dele, mas não

tenho certeza, porque não me lembro de ter perguntado qual era o sobrenome dele.

- E o primeiro nome?

Eu balanço a cabeça. - Não me lembro, desculpe. Mas... ei, eu escrevi outras informações sobre ele que podem ajudar a encontrá-lo.

Colin volta a estudar a folha de papel. - Há outras coisas aqui, sim... - ele parece estar embasbacado. Ele lê em voz alta a informação que eu anotei para ele.

- Em 1997 ele tinha entre 18 e 21

anos de idade. Você acha que ele estava no time de futebol americano da Arizona State University, mas pode ser que esteja enganada. Pode ter sido no Arkansas ou no Alabama.

Eu concordo. - Sim. Tudo de que eu me lembro é que o Estado de origem dele começava com a letra A.

- Que tal o Alasca? Alasca começa com “A” - diz Colin.

Alasca? Oh, diabos. Nunca pensei no Alasca. Não, não... se fosse o Alasca eu me lembraria de ter perguntado a respeito de esquimós, ursos polares e outras coisas. Eu balanço a cabeça.

- Não, tenho quase certeza de que era Arizona.

- Ou Alabama. Ou Arkansas.

- Certo.

Colin me dá um sorriso malandro. - Parece que vai ser festa de arromba, hein?

Depois de trocarmos telefones e endereços de e-mail, Colin me acompanha até a porta. Quando ele se despede, coloca os dois braços por cima da cabeça e se espreguiça com força. Aquilo faz com que a camisa dele suba alguns centímetros, expondo

o abdômen mais sexy que eu já vi na vida. Sem pensar no que estou fazendo, eu paro onde estou e começo a olhar fixamente para a barriga dele. Aquilo me deixa em um tipo de transe, mas logo recobro os sentidos. Quando volto a olhar para cima, Colin está parado, com os braços ainda no ar, e aquele sorriso malandro no rosto.

Oops. Acho que fui pega com a boca na botija. De novo.

- Você estava olhando o meu abdômen, não é? - ele pergunta, rindo.

Pois é, fui pega em flagrante. De novo. Negue, negue, negue.

- Seu abdômen? Não, não. Eu não estava fazendo nada disso.

- Estava sim. Você estava olhando fixamente para a minha barriga, e eu peguei você no ato. Da primeira vez foram as minhas pernas, e agora o meu abdômen. Você está começando a fazer com que eu me sinta como se fosse um pedaço de carne, Delilah.

Ah, Jesus... estou tão envergonhada! Mas eu não dou o braço a torcer.

- Desculpe, mas eu realmente não sei do que você está falando.

Ele faz que sim com a cabeça. - Claro... - e estende a mão para mim. -

Bem, até mais, então.

- Até mais.

Depois de trocarmos um aperto de mão, Colin segura a minha mão na dele por um segundo a mais do que o necessário, e a aperta suavemente. Eu fico com o rosto vermelho. Quando ele solta a minha mão, eu me viro e entro no meu apartamento. Ao abrir a porta, eu o ouço chamar meu nome novamente, da mesma forma que ele fez no sábado. Desta vez eu não me viro, porque eu sei o que virá a seguir: ele vai me perguntar o que eu acho do abdômen dele.

- Não vou cair nessa pegadinha de novo - eu digo, confiante.

Colin ri. - Ah, pelo menos eu tentei.

Quando estou segura dentro do meu apartamento, eu fecho a porta por trás de mim e me encosto na parede. Diabos... que paquerador! Mas... diabos, que excelente investigador! Quando eu pego os papéis que ele me entregou e começo a lê-los mais atentamente, sinto a adrenalina correr pelo meu corpo. Não acredito que vou, realmente, conseguir fazer o que planejei. Eu me sento e calculo exatamente quanto tempo e dinheiro ainda tenho.

\$ 7.264 Quantia que recebi da empresa por causa da demissão + \$ 2.000

Estimativa do seguro-desemprego de Michelle

= \$ 9.264

2 Vamos dividir em partes iguais...

= \$ 4.632

+ \$ 538

Saldo atual da minha conta bancária

= \$ 5.160

- \$ 1.032 Valor do aluguel do carro,
por mês

= \$4.128

- \$ 150 Dinheiro que paguei a Colin
(três dos rapazes, a 50 dólares cada)
= \$ 3,988

Tenho 3.988 dólares e 42 dias para
encontrar 16 rapazes. Eu posso fazer
isso. Eu posso! Levanto, corro para o
meu quarto e começo a fazer as
malas. Vou botar o pé na estrada.
Filadélfia, aí vou eu!

QUATRO

Número 15: o R.O.D

Nome verdadeiro: Rod Verdicchio.

Relacionamento totalmente baseado em sexo, sem envolvimento emocional.

Obcecado por seu cão.

*Bip**

"Delilah, aqui é a sua mãe quem fala.
Quer dizer então que a própria

Elisabeth a enviou em uma viagem especial e confidencial? Que maravilha! Divirta-se na sua viagem, querida, e não se esqueça: beba bastante água e use hidratante. Viajar de avião resseca muito a pele e você não pode se dar ao luxo de que isso aconteça. Eu percebi que as linhas de expressão ao redor dos seus olhos estão ficando mais aparentes.

Divirta-se!"

*Bip**

"Oi, aqui é Daisy. Recebi sua

mensagem. Estou morrendo de inveja por causa da sua viagem. A mamãe está me deixando louca. Ligue para mim."

O R.O.D

Quarta-Feira, 6 de Abril

Depois de colocar um cheque de 150 dólares por baixo da porta de Colin, eu saio cedo na manhã seguinte. Filadélfia é uma boa idade para começar minha busca, porque fica

perto de Nova York e eu sou uma péssima motorista. Não tenho problemas para dirigir na cidade (todas aquelas paradas e retomadas são reconfortantes), mas eu realmente não gosto de fazê-lo em estrada. Além de ter medo de dirigir em alta velocidade, eu acabo ficando meio paranoica quando as coisas ficam calmas demais, como quando estou na mesma velocidade de todos os outros motoristas. Eu começo a ouvir barulhos estranhos - zumbidos, rangidos e chiados - que não estão realmente ali, e eu fico imaginando que um dos pneus está prestes a se desprender ou que o motor vai

explodir. Por causa desse medo, eu sou cautelosa quando dirijo, talvez um pouco cautelosa demais. Eu sou o tipo de motorista que todo mundo odeia quando está na estrada, aquela que dirige a 60 km/h quando todo mundo está andando a 90, com as mãos segurando o volante pela parte de cima. Eu sou um desastre.

Como eu não quero que o simples fato de não saber dirigir direito me impeça de botar o pé na estrada, eu acabo me convencendo de que um pouco de prática é tudo de que preciso. Até que me sinta mais confortável e para fazer com que a minha mente pare de se preocupar com qualquer besteira, e

também para encobrir os zumbidos, rangidos e chiados, eu ligo meu iPod na playlist com músicas do ano 2000, pois foi naquele ano que conheci a razão pela qual estou viajando para a Filadélfia. À medida que os sons do N'Sync começam a encher meus ouvidos, eu digo “Baby, bye, bye” a Nova York e começo a me lembrar do número 15 da minha lista, Rod Verdicchio.

Eu não sei se namorar é a palavra certa para descrever o relacionamento que tive com Rod. Não foi nada do tipo “uma noite e nada mais”, mas ele também não foi um namorado, por assim dizer. Na verdade, ele nunca

chegou a me levar para jantar. O eu posso dizer? Às vezes acontece de ficarmos com um cara desses.

Eu tinha 25 anos naquela época, e a minha vida social era bem movimentada.

Todo fim de semana eu saía com minhas amigas para alguma balada no clube de Manhattan mais movimentado naquele momento, e nossos corpos suados dançavam até o raiar do dia. E nós sempre dávamos de cara com Rod e seus amigos, não importava em que lugar da cidade estivéssemos. O motivo de termos reparado neles, inicialmente, foi

porque eles eram caras grandalhões, gente que não parecia se encaixar com o resto do ambiente. Perceba: quando um lugar em Manhattan é considerado quente, não é qualquer pessoa que pode entrar no recinto e tomar uma bebida. Para conseguir entrar, você tem de conhecer alguém que coloque o seu nome em uma lista, ou precisa ter uma ótima aparência, boa o bastante para impressionar o porteiro. E é mais fácil falar do que fazer algo assim, porque os porteiros desses lugares geralmente são uns estúpidos, especialmente no trato com rapazes. Rod e seus amigos não eram moços bonitinhos, e também não se

vestiam tão bem. Assim, eu não consigo imaginar como eles conseguiam entrar em praticamente todos os lugares em que nós os víamos. Fosse qual fosse o motivo, eles estavam em todas as danceterias, todas as inaugurações e todas as festas.

Rod tinha quase 1,90 m de altura e pesava uns 90 quilos. Ele era italiano, mas nascido e criado na região sul da Filadélfia. Ele tinha uma personalidade bem definida, máscula. Não do tipo “eu gosto de malhar e ficar sarado”, mas algo mais parecido com “eu gosto de sair para comer e beber até cair”. Ele gostava de pizza, ferramentas

elétricas, futebol americano e consertar coisas, e essa foi a razão real pela qual eu me senti atraída por ele. Em Nova York, uma cidade cheia de metrossexuais, Rod era um dos poucos “homens de verdade” que restavam.

Rod e eu sempre nos cumprimentávamos, e, dessa forma, acabamos ficando amigos. Ele era um vendedor nato, e era encantador. Certa noite ele me convidou para ir até o seu apartamento, depois que o bar fechou, para tomar um nightcap (*N.T. Coquetel elaborado com licor de café, noz-moscada, leite e açúcar*). Nós nos beijamos e demos

uns amassos fortes, mas não chegamos a transar naquela noite. Antes de ir embora, Rod e eu trocamos telefones, mas nenhum de nós chegou a ligar para o outro. Não sei quais foram as razões de Rod para não me ligar, mas, no meu caso, embora eu gostasse dele, não sentia aquela sensação de borboletas no estômago quando o via. Ele era apenas um cara legal, divertido, e alguém para trocar uns beijos e carícias de vez em quando.

Quando voltamos a nos encontrar, a mesma coisa aconteceu. Fomos para o apartamento dele depois que o bar fechou, demos uns beijos e amassos,

ele não me ligou e eu não liguei para ele. Isso aconteceu mais duas vezes, ambas sem telefonema nos dias posteriores. Os telefonemas só começaram depois da primeira vez que dormimos juntos. Eu adoraria dizer que eram ligações que aconteceram durante o dia, com as palavras: “O que você vai fazer neste fim de semana?” Mas isso é impossível, porque as ligações aconteciam à noite e as palavras eram: “Está a fim de transar?” Pois é, meu relacionamento com Rod se resumia apenas a sexo.

Por mais que eu me divertisse com Rod, eu sabia que nunca viria a nutrir

algum tipo de sentimento por ele. Ele me irritava um pouco, e essa é a razão pela qual ele é o cara perfeito para este tipo de relacionamento. Por algum motivo, ele sempre se referia a si mesmo na terceira pessoa, e soletrava as letras do seu nome quando isso. Por exemplo, se nós estivéssemos em algum bar e ele quisesse ir para casa, ele diria: “R.o.d.

quer ir embora”. Ou então , se ele estivesse me contando sobre um dia particularmente complicado, ele diria: “R.o.d. está um bagaço hoje”. Esse tipo de conversa aborrecia a D.e.l.i.l.a.h. (e isso não funciona com nomes maiores).

Outra coisa que me incomodava em Rod, era o fato de que ele era completamente obcecado por seu cão, um labrador preto chamado M.a.x.

Aparentemente, Max teve algum problema médico e quase morreu quando ainda era filhote. Desde então, Rod havia assumidamente se apaixonado pelo bicho.

- Eu quase o perdi - dizia ele, lembrando-se dos detalhes mais pavorosos da cirurgia que salvou a vida de Max. Rod venerava Max. Ele falava sobre o cachorro o tempo inteiro e levava-o por toda parte. Vale notar: Rod deixava que Max ficasse

sentado na cama enquanto transávamos. Era muito constrangedor. Eu juro por tudo que é mais sagrado que o cachorro ficava sentado perto dos nossos pés e olhando fixamente para nós.

Como Max acabava com o clima de intimidade entre nós, eu pedi a Rod que deixasse Max fora do quarto até que tivéssemos terminado. Rod, é claro, disse que não faria aquilo, e me lembrou: “E você que está na cama dele, sabia?” Pois é, eu estava coberta de pelos de cachorro. E sabia disso.

Depois de algumas semanas implorando, eu finalmente consegui

convencer Rod a tirar Max de cima da cama durante a transa. Entretanto, o tiro saiu pela culatra.

Percebendo que ele estava sendo discriminado, Max se sentava logo ao lado da cama e ficava olhando para mim. Ele deixava o focinho a menos de meio metro do meu rosto, e eu conseguia sentir aquele hálito canino fedido. E, às vezes, ele babava nos lençóis. Era um horror!

- Ah, é só ignorá-lo - dizia Rod. E ele continuava me penetrando como se nada estivesse acontecendo.

Ignorá-lo? Eu não conseguia ignorá-lo.

Era frequente eu sentir aquele focinho gelado esfregando no meu cotovelo e, certa vez, ele até se aproximou ainda mais para me dar um beijo (N.A. *Eu tenho um amigo que estava transando, certa vez, e, no meio do ato, sentiu uma coisa molhada no seu traseiro. Quando ele se virou para ver o que era, percebeu que o seu cachorro havia acabado de lhe dar uma lambida em uma das nadegas. A parte do corpo era diferente, mas a história é similar. Bichos de estimação e sexo não combinam. Nunca*).

Depois de algum tempo eu comecei a detestar Max, e eu sou o tipo de

peessoa que adora cachorros. Para você ter uma ideia do quanto ele me irritava. Meu ódio era tão forte, mas tão forte, que eu até me assustava com a intensidade daquela sensação, porque eu não fazia ideia de onde aquilo vinha. À medida que o tempo passou, e Rod e eu continuávamos a transar, lentamente percebi: eu não odiava Max porque ele estava sempre por perto; eu o odiava porque Rod dava mais atenção a ele do que a mim. Eu estava com ciúmes.

Quando me envolvi com Rod, eu sabia no que estava me metendo. Era apenas sexo, ele não queria nada mais comigo, e eu não queria nada mais

com ele. Mas, quando vi a maneira com que ele tratava o seu cão, quando percebi o quanto ele se importava com Max, não consegui evitar de sentir algo mais. Era uma forma gentil e carinhosa aquela com a qual ele cuidava de Max. Pela manhã ele o levava para passear e lhe dava um filé no café da manhã. Depois, ele coçava a barriga de Max e escovava o seu pelo até que o cachorro estivesse brilhando. Rod nunca fez nada daquilo por mim. Ele nunca coçou a minha barriga, nunca me deu um filé e nunca escovou o meu cabelo. Eu queria a atenção que Rod dava a Max.

É engraçado. Quando o assunto é

sexo, eu tento me convencer de que é possível, de vez em quando, transar sem nenhum envolvimento. Sexo é diversão; pode ser uma coisa puramente física. Sou uma mulher solteira e independente que mora em Nova York, pelo amor de Deus; às vezes preciso extravasar estresse. Entretanto, isso geralmente acaba tendo o efeito contrário assim como a minha intenção de tentar tirar Max da cama durante a transa. Mas eu não sou homem, sou uma mulher, e nossos cérebros funcionam de maneira diferente. É fato: temos um hormônio (ocitocina) que dificulta qualquer tentativa de fazer sexo sem

envolvimento emocional (N.A. Os homens também têm esse hormônio, mas | a testosterona minimiza os seus efeitos).

Não estou dizendo que todas as mulheres são românticas incorrigíveis que se apaixonam por qualquer cara com quem transam. Mas não é tão fácil bloquear as emoções quanto parece. E foi isso que aconteceu quando eu estava com Rod. Entrei pensando que era apenas sexo, mas acabei nutrindo sentimentos por ele; acabei querendo mais.

Eu não queria colocar Rod contra a parede e abrir meu coração para ele,

porque achava que aquilo não seria justo. Afinal de contas, concordei em ter um relacionamento casual, baseado apenas em sexo, por isso errei em desenvolver outras expectativas. Por causa disso, eu dei indiretas em algumas ocasiões, sugerindo que poderíamos fazer alguma coisa quando o dia ainda estava claro, mas ele não chegou a se animar com a ideia. Assim, parei de insistir.

Como eu continuava esperando que Rod se apaixonasse por mim, não coloquei um fim nos telefonemas nem nas transas casuais. Ainda ia ao apartamento dele a qualquer hora da

noite, e continuava a transar com ele enquanto o cachorro ficava olhando fixamente para nós, esperando até terminarmos. E, às vezes, depois da transa, eu continuava deitada na cama dele, sentindo pena de mim mesma.

Foi quando uma coisa engraçada aconteceu. Certa manhã, quando eu estava sentindo pena de mim mesma, Rod se levantou para tomar banho. Quando ele fechou a porta do banheiro, eu olhei para Max, que estava deitado ao pé da cama, e lhe dei um sorriso curto e triste. Quando fiz isso, Max balançou o seu rabo e veio até onde eu estava para me dar uma lambida no braço. Foi como se

ele estivesse me dando um beijo e dizendo que tudo ia ficar bem. Foi algo muito doce e carinhoso. Eu nunca percebi, até aquele momento, o quanto aquele cachorro era meigo.

Por algum motivo, quando Rod desligou o chuveiro, Max parou o que estava fazendo e voltou a se enrodilhar ao pé da cama. Eu ajeitei os lençóis e nós dois fechamos os olhos como se tivéssemos dormido pelo tempo em que Rod estivera fora.

Quando ele voltou para o seu quarto e se vestiu, Max e eu trocamos alguns olhares discretos, como se soubéssemos que havíamos

compartilhado um momento, algo que nenhum de nós queria que Rod soubesse. Não sei quais eram as razões de Max, mas não queria que Rod pensasse que eu estava usando o cachorro para me aproximar dele. Algo como “o seu cachorro gosta de mim, então você devia gostar também”.

Na ocasião seguinte, quando voltei para o apartamento de Rod, aquilo aconteceu de novo. Quando Rod foi para a cozinha pegar alguma coisa para comer, Max se deitou ao meu lado e nós nos abraçamos. Foi ótimo, Max não era somente quente e fofo, mas também tinha um cheiro

delicioso. Era um pouco parecido com caramelo. Mais uma vez, quando ouvimos Rod voltando para o quarto, Max voltou correndo para o pé da cama, como fizera da outra vez.

A partir daquele momento, as coisas começaram a sair do controle. Eu comecei a ligar cada vez mais para Rod para saber se ele estava a fim de transar, apenas para que eu pudesse ver o cachorro. E todas as noites, depois de transar, em vez de sentir pena de mim mesma, eu começava a ansiar pela manhã seguinte, ansiar pelo banho de Rod, ansiar ter mais um momento a sós com Max, o meu pequeno Max. Durante os momentos

que passávamos juntos, falava sobre a minha vida Max, sobre todos os meus problemas. Eu falava, e falava, e falava, e ele piscava os olhos. Max sabia tudo a respeito dos meus amigos, sobre a minha família. Rod não sabia nada sobre aquelas pessoas. Pelo menos por uma vez, era ótimo ter alguém que me desse ouvidos.

À medida que comecei a discutir coisas mais profundas com Max, percebi que os banhos de Rod não eram longos o suficiente (10 minutos dificilmente bastam para contemplar o nosso valor, sabia?). Para conseguir passar mais tempo com ele, eu comecei a fazer algumas coisas para

tirar Rod do apartamento. Eu o mandava sair para comprar café e rosquinhas pela manhã. Cheguei até mesmo a esconder a caixa onde ele guardava as camisinhas, só para que ele tivesse de sair e comprar mais. O pobre Rod não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo. Era como se Max e eu estivéssemos tendo um caso sem que ele soubesse.

Chegou o dia em que percebi que não me importava mais com Rod. Todos os sentimentos que achava ter por ele haviam desaparecido. Mas eu não queria parar com as transas casuais, de jeito nenhum, eu estava envolvida demais com Max para permitir que

aquilo acontecesse. Eu não sabia o que fazer. Estava entre o cão e a espada.

Foi então que outra coisa engraçada aconteceu. Houve uma noite em que Rod se empolgou além do habitual durante o sexo. Logo antes que ele fosse... terminar, gritou: - Vem dar pro R.o.d.! Dá tudo!!! - a plenos pulmões. Max deve ter pensado que Rod estava me agredindo, porque ele começou a latir ferozmente para ele. Chegou até a arreganhar os dentes. Foi estranho. O cachorro de Rod estava se rebelando contra seu dono para me proteger.

Aquela foi a última vez em que vi os dois. Além de Rod ter me pedido que não passasse a noite no apartamento dele, quando eu lhe telefonei para ver se ele queria transar de novo, respondeu que não achava que seria uma boa ideia nos vermos novamente. E foi daquele jeito que o nosso relacionamento acabou. Estaria mentindo se dissesse que não tiquei triste com o fim do meu relacionamento com Rod, mas tenho certeza de que senti falta da companhia de Max mais do que a do próprio Rod. Sabe, às vezes é bom simplesmente estar com alguém, mesmo sabendo que ele não é

realmente o homem da sua vida.

Foi naquela época que eu e minhas amigas paramos de sair todos os fins de semana. Comecei a enjoar um pouco daquilo, enjoar de me arrumar para sair, enjoar do que estava começando a parecer simplesmente mais do mesmo. Eu estava ficando mais velha e não gostava tanto daquilo como antigamente.

De acordo com o investigador Brody (aproveitei para inserir o tema de abertura de algum seriado ruim da década de 1980 aqui), Rod e Max estão morando na Filadélfia, desde 2002. Apesar da maneira estranha

como as coisas terminaram, ainda tenho boas lembranças do tempo que passamos juntos. Eu sinto falta do calor do corpo dele ao lado do meu, e estou animada para vê-lo novamente. E também quero ver Rod.

Minha viagem para a Filadélfia ocorre sem qualquer problema, mas assim que eu paro o carro no estacionamento do hotel, percebo, rapidamente, que fazer reservas ali, antes de deixar Nova York, pode não ter sido uma boa ideia. Embora não seja longe de onde Rod mora, aquele lugar deixa um pouco a desejar. Situado na parte sul da Filadélfia, ao lado do estádio, o bairro onde o hotel

fica se parece com o lugar onde Rocky costumava viver antes de arrebentar a cara de Apollo Greed e se mudar para a mansão (N.T. *Referência aos filmes Rocky 1 e 2, em que Sytvester Stallone interpretava o personagem-título, um boxeador*). Mesmo assim, não estou planejando gastar muito. Eu vou conseguir ficar em um quarto que cheira a cigarro cem um bairro de classe baixa.

Eu consigo. Não estou de férias; estou em uma missão.

Depois de deixar minhas coisas ali, eu decido passar em frente à casa de

Rod.

Assim, coloco meu disfarce, o boné e os óculos escuros, e vou em busca do meu objetivo. Ele mora em um bairro perto de Passayunk, uma das principais avenidas que cortam a parte sul da Filadélfia. Quanto mais perto eu chego do meu destino, mais bonito o cenário fica.

Rod obviamente está bem de vida. Ele mora em um prédio baixo muito bonito em uma rua com árvores plantadas nas calçadas dos dois lados da rua. Eu vejo que há floreiras quase explodindo com tantas flores nas janelas do apartamento dele. Quando

encontro uma vaga para estacionar do outro lado da rua, eu paro o carro, desligo o motor e espero.

E espero.

E espero.

Já são 22 horas e ele ainda não apareceu, então eu volto para o hotel. Pelo que me lembro, ele costumava levar Max para o seu passeio matinal por volta das 7 horas, então decido voltar naquela hora, no dia seguinte.

Na manhã seguinte, como eu já imaginava, Rod sai de casa com Max exatamente às 7 horas. Quando eu o

vejo, um sorriso enorme aparece no meu rosto. Eu não consigo evitar, isso é tão emocionante! Enquanto eu os observo descendo a rua, percebo que os dois parecem ter engordado um pouco. Mesmo assim, eles estão com uma aparência ótima.

Quando Rod e Max viram a esquina, no fim do quarteirão, eu dou a partida no meu carro e começo a segui-los, nervosamente. Michelle tinha razão. Dizer que eu iria fazer aquilo é uma coisa, mas fazer aquilo de verdade é outra. Minhas mãos tremem tanto que eu mal consigo segurar no volante. A dois quarteirões de distância eles entram no que parece ser um parque.

Assim, eu encosto o carro do outro lado da rua e fico observando enquanto eles brincam, durante uns vinte minutos.

Rod parece estar bem seguro de si, o que é uma coisa que me excita.

Autoconfiança é algo que me faz querer rasgar as roupas de um homem, mesmo que ele não seja tão bonito (*N.A. Nota para os homens: há um limite tênue entre autoconfiança e a arrogância. Não confunda a segunda com a primeira*).

Depois de decidir que vale a pena dar uma segunda chance a ele, começo a

pensar no meu próximo passo. Eu acredito que nosso relacionamento acabou porque Rod pensou que Max gostava mais de mim, porque ele achou que a lealdade de Max estava direcionada para mim, e não mais para ele. Acabei entrando no meio dos dois, e eu preciso de algo para mostrar a Rod que isso não vai acontecer novamente. E já sei exatamente do que preciso.

Preciso do meu próprio cachorro.

Cadelas e Garanhões

Naquela manhã, por volta das 10 horas, eu entro em uma pet shop na

avenida Passayunk e começo a procurar pelo meu novo melhor amigo. Eu sei que às vezes sou impulsiva, mas já e venho pensando em arranjar um cachorro há algum tempo. Para tão falar a verdade, desde que me envolvi com Max. A única razão pela qual eu nunca levei aquela ideia a cabo era o fato de que eu estava trabalhando demais. Mas isso não é mais um problema para mim. Sim, eu sei que uma viagem como a que eu estou fazendo provavelmente não é a melhor ocasião para pegar um cachorro mas isso não vem ao caso.

Como eu moro em um apartamento pequeno, imagino que o melhor a

fazer seja comprar um cachorro pequeno. Entretanto, para evitar ser comparada com pessoas irritantes como Paris Hilton I e Tinkerbell (*N. T O nome da chihuahua de Paris Hilton, descrita por sua dona como “um cachorro-acessório”*) - desculpe, Tinkerbell, sua dona me irrita muito mais do que você- não vou vestir meu cachorro com roupas de boneca, levá-lo dentro da minha bolsa como se ele fosse algum acessório, ou aumentar a minha voz em um zilhão de oitavas para falar com ele como se ele fosse um bebê (“conversa de cachorrinho”), porque um cachorro não é nada disso. Em minha opinião, a “conversa de

cachorrinho” é o pior de todos esses crimes. É degradante para o cachorro e para você. Eu nunca falei com Max desse jeito, e acho que ele me respeitava por isso.

Perto do fundo da loja, atrás de uma imensa vidraça, há dezenas de filhotes em exposição, esperando por alguém que os leve para casa. Há cãezinhos de todas as cores -

cãezinhos brincando, cãezinhos dormindo, cãezinhos fazendo cocô - cãezinhos, cãezinhos, cãezinhos por toda parte. Quando eles olham para mim, com seus grandes olhos escuros, não evito sentir pena deles. Veja bem,

todos são fofos, cada um deles, mas é a fofura de cada um comparada à dos outros ao redor que determina se eles serão levados para a casa de alguém ou não. Tudo se resume à competição em uma pet shop, assim como aquelas danceterias que eu frequentava em Manhattan quando conheci Rod.

Você se sente confiante e sensual quando o porteiro a deixa entrar, mas, quando você está lá dentro, dá-se se conta de que é uma pessoa sensual no meio de outras mil, e começa a perceber o quanto a competição é feroz. É meio decepcionante.

Examinando as gaiolas, passo por três

malteses dormindo um em cima do outro, dois jack russell terriers mastigando as orelhas uns dos outros, um buldogue fazendo cocô, e, oh... o labrador cor de chocolate mais foto que eu já vi na vida. Sim, eu quero um cachorro pequeno, mas esse aqui, com certeza, é uma fofura! Quando eu me ajoelho para olhá-lo mais de perto, o cachorro balança o rabo e aperta o nariz contra o vidro, e depois se deita e rola, mostrando a barriga para mim, e...

Jesus Cristo!

O cachorro, obviamente um menino, está bastante excitado. Desvio o olhar

bem rápido, sentindo-me como se tivesse acabado de ver um dos modelos fotografados em uma revista erótica canina. Voltando a me levantar, eu deixo o labrador chocolate a ver navios quando um garoto que trabalha na loja vem até mim. Dezoito anos de idade, talvez. Ele tem espinhas no queixo e usa óculos do tipo Harry Potter e tem um sorriso cromado (por causa do aparelho ortodôntico) que vai de uma orelha à outra. Ele tem um crachá no peito, mas eu não quero olhar para aquilo. Não quero saber o nome dele. Por algum motivo, decidi que vai ser Garoto.

- Quer ver um dos filhotes? - pergunta o Garoto.

- Sim... mas ainda não sei qual eu quero ver. A única coisa que sei é que não quero um menino. Quero uma menina.

Não há nada no mundo que me faça comprar um cachorro que seja menino. Não depois do que acabei de ver.

Antes que o Garoto consiga responder, eu ouço uma voz aguda e assustadora vindo de trás de mim. - Você quer dizer, então, que está querendo uma cadela!

Quando eu me viro, vejo uma senhora velha e feia, uma verdadeira bruxa em pé atrás de um balcão.

- Como é? - eu pergunto.

- Elas não são meninas - diz ela, irritada são cadelas. E cachorros meninos são chamados de machos!

Cadelas e machos? Isso não parece ser justo. - Por que não chamam os cachorros meninos de bastardos? - eu pergunto.

- Não sei - diz aquela senhora, de maneira defensiva, jogando as mãos para cima.

— Às vezes eles são chamados de
garanhões. É assim que as coisas são.

Cadelas e garanhões? Isso está
ficando cada vez pior.

- Bem, isso não está certo - eu digo a
ela. - E eu não vou perpetuar essa
injustiça - declaro, virando-me para o
Garoto. Eu digo a ele em voz alta: -
Eu quero um cachorro menina, por
favor.

O Garoto sorri.

- Eu tenho um cachorro menina
excelente no porão da loja. Espere um
pouco que eu vou buscá-la.

Enquanto espero que o Garoto retorne, penso em outras duas similaridades entre este lugar e uma daquelas danceterias em Manhattan. Além dos dois lugares estarem cheios de cadelas e garanhões, ambos estão equipados com um idiota. O da danceteria de Manhattan geralmente fica na porta; a desta pet shop fica atrás do balcão.

O Garoto volta e pede que eu o acompanhe até o fundo da loja. Quando chego em uma das salas individuais para brincadeiras com os cachorros, ele está com uma pequena yorkshire preta e marrom nos braços. - Ela pesa dois quilos e meio - diz ele.

Embora pareça um pouco maltratada e descabelada, ela é fofa. Eu a seguro em meus braços e ela olha nos meus olhos. Cílios longos emolduram os grandes olhos castanhos que ela tem, e o focinho dela é bem escuro. Ela parece com o Chewbacca (*N . T . Personagem alienígena da série Guerra nas estrelas, com corpo e rosto cobertos de pelos, um focinho de cachorro*), mas com um bigode muito mais proeminente.

- Ela é linda, mas eu estava querendo algo um pouco maior do que ela. Dois quilos e meio parece pouco - digo ao Garoto. Quando ouve aquilo, a

pequena yorkshire começa a piscar incessantemente. E como se ela tosse capaz de entender o que eu digo, e agora ela está piscando os cílios, flertando, esforçando-se para me mostrar o quanto é adorável. Vê-la se esforçando assim me faz sorrir. Quando isso acontece... eu juro por Deus, ela sorri de volta para mim. Fico de queixo caído.

- Oh, meu Deus! - eu exclamo, olhando para o Garoto. - Você viu isso?

- Vi o quê?

- Ela sorriu para mim! Eu juro, ela

sorriu!

- Oh, você não precisa tentar me convencer. Ela sempre faz isso. Foi por isso que eu quis que você a visse. Se você olhar para ela, vai sorrir de novo.

Eu faço o que o Garoto me diz para fazer, e volto a olhar para o filhote. E, sem pestanejar, ela sorri novamente. De repente, uma voz sai de dentro da minha boca, uma voz que eu não reconheço:

-Oláááá, olha que bonitinha, zinha zinha! - eu guincho. - Quem aqui é a lindinhazinha da mããeee, quem

éééééé? É vocêêê, linduxa-duxa!

Quando eu olho para o Garoto, cubro a minha boca, aterrorizada. - Eu sempre disse que nunca faria isso! - digo a ele, com a minha voz normal.

- Fique tranquila, isso acontece.

Eu volto a olhar para ela. - Queeeeem é o docinhozinho de coco da mamãeeee?

Quem éééééé? Óóóó, que Hnduxaaaa!
Você que é o docinhozinho da mamãe, vocêêêêê!

Meu Deus, o Garoto tem razão.

Ouvir a minha voz esganiçada faz o filhotinho nas minhas nr inclinar a cabeça de lado. Pode me chamar de louca, mas eu ac^ que ela consegue entender o que estou dizendo.

- Ela é adorável - eu digo, segurando-a com o braço p0 baixo da barriga dela.

Depois eu a embalo um pouquinho. Quand0 eu coloco um dedo em frente ao focinho dela, tenta agarrá-lo com as patinhas e depois mordê-lo.

- Quanto ela custa?

- Não tenho certeza, mas acho que ela

está em promoção - diz o Garoto. -
Aquele senhora diminuiu o preço dela.

Curvando-me, eu a coloco no chão.
Com a cabeça ereta e o focinho
empinado, ela passeia pela sala como
uma princesa. - Diminuiu o preço?
Por quê? - eu começo a achar aquilo
estranho.

- Porque ela é velha.

- Velha? - Chamando-a de volta, eu
examino a coleira dela até encontrar a
data de nascimento. Ela nasceu há
seis meses. - Você não é velha - eu
digo a ela. Ela para e me olha
intensamente. Alguns segundos

depois, ela toma distância, e depois vem correndo até mim como se fosse um touro em disparada.

Au, au, au!

Nossa senhora. Ela tem o latido mais feroz que eu já ouvi.

- Comparada com os outros cachorros daqui, ela é velha, sim. A maioria tem em torno de três meses - diz o Garoto.

Voltando a pegá-la nos braços, eu me levanto. - Quer dizer então que ela foi expulsa para o porão, e ainda por cima diminuíram o valor dela? Que horror!

Eu olho para ela. Pobre anjo, discriminada por todas as cadelas mais novas, mantida presa no porão porque ela é mais velha do que todos os outros filhotes da loja.

Telepaticamente, eu digo a ela que a entendo. Eu me senti do mesmo jeito depois que Rod e eu paramos de nos ver. Eu também era mais velha do que todas as cadelas disponíveis, e a competição havia ficado dura demais.

- Não sei por que ela ainda está aqui. A maioria das pessoas brinca com ela, mas ninguém assume o compromisso.

- “Várias pessoas brincam com ela, mas ninguém assume o

compromisso?” Novamente, eu digo a ela por telepatia que entendo como ela se sente. Quando pisca os olhinhos para mim de novo, sinto como se estivesse me olhando no espelho. Se houvesse um universo paralelo habitado por cachorros, então essa pequena yorkshire seria uma versão de mim.

- O que você acha, então? - pergunta o Garoto.

O que eu acho? Eu acho que o elo que tenho com essa cadela é forte demais para que eu a deixe aqui. Não, de jeito nenhum, não depois de conhecer a história dela.

Dizem por aí que as pessoas adquirem cachorros que se parecem com elas, mas eu sempre pensei que aquilo estivesse relacionado estritamente à aparência física. Eu olho para o Garoto.

- Vou levá-la.

- Oh, que bom! Estou muito feliz por ela finalmente ter encontrado um lar! — exclama ele, abrindo um sorriso tão grande que a iluminação ruim do lugar reflete no aparelho ortodôntico dele e quase me ofusca. Ele estende os braços para pegá-la.

- Não! - eu digo, quase gritando. - Eu

vou ficar segurando-a. Ela precisa disso.

Confie em mim, eu sei que ela precisa.

O Garoto sorri. Ele entende.

Como as minhas reservas não prevêem um novo cachorro, eu entrego meu cartão de crédito (ela é uma das pequenas emergências da vida). Depois de assinar toda a papelada e assinar pontilhada, eu desfilo com o meu filhote em frente a todas as outras cadelas que estão à venda. Sei que elas não tem culpa de jovens e bonitas, mas eu quero que

elas saibam qual delas arrumou um lar hoje.

Quando saio da loja, olho com raiva para aquela velha senhora atrás do balcão. - Ninguém coloca Q meu bebê contra parede! - eu grito para ela. - E nem no porão!

Criando e educando Baby

Baby vem de Budapeste, de acordo com o que o Garoto me disse. Eu não sei e nem quero saber o porquê, então nem me incomodei em perguntar. Tudo o que sei é que eu vou receber alguns documentos húngaros pelo correio em vez dos documentos do

Kennell Clube dos Estados Unidos. Para ser honesta, acho que isso é uma coisa muito legal, e me sinto orgulhosa por estar criando uma família que seja culturalmente diversificada. Eu me sinto como Angelina Jolie.

Quando fiquei sabendo do passado de Baby, eu a imaginei usando um lenço vermelho ao redor da cabeça e com um sotaque na voz, mas logo imaginei que ela é elegante demais para andar por aí com a cabeça coberta. Baby é mais como uma Gabor, tanto ZsaZsa quanto Eva vêm de Budapeste (*N.A. Assim como a irmã esquecida delas, Magda*). Vou batizá-la com um desses nomes, e Baby pode ser seu

apelido. Hmmm...

Eva ou ZsaZsa, Eva ou ZsaZsa...

Pronto, já decidi.

Que rufem os tambores, por favor!
(Os tambores começam a rufar.) Bom dia, senhoras e senhores. Eu gostaria de apresentar a vocês, vinda diretamente de Budapeste, passando pela zona sul da Filadélfia... Eva Gabor, a yorkshire de dois quilos e meio!

(Aplausos ensurdecedores.)

Na manhã seguinte, depois de elogiar

Eva por ter dormido a noite inteira, eu tomo banho e visto roupas causais para passear no parque próximo à casa de Rod – um *jeans* de cós baixo, uma camiseta cor-de-rosa, e um par de sandálias cor-de-rosa superfofo. Depois, eu e Eva entramos no carro. No caminho até o parque, Eva se senta no meu colo, e isso acaba me deixando em pânico. Afinal, se algum outro carro batesse em mim, digamos, por eu estar dirigindo devagar demais ou algo do tipo, ela seria arremessada em direção ao para-brisa. Eva precisa de uma daquelas cadeirinhas para bebês. É bem simples.

Depois de estacionar do outro lado do

quarteirão, eu prendo uma correia ao redor da coleira de Eva e tento passear com ela, mas rapidamente me dou conta de que passear com a correia não é algo instintivo para os cães. Depois de correr em círculos e tentar disparar para a esquerda e para a direita, ela se deita no meio da calçada e começa a roer a correia. Imaginando que talvez ela aprenda com a prática, dou um pequeno puxão na coleira dela e tento andar para frente, mas a única coisa que consigo fazer arrastá-la. Percebendo que vai ser necessário praticar isso mais a fundo, eu pego Eva nos braços e a carrego comigo em direção ao parque.

Rod e Max já estão no parque quando chegamos, assim como cinco outros cachorros e seus respectivos donos. Como eu não sei exatamente o que fazer, decido esperar até que Rod me reconheça, e coloco Eva no chão para que ela possa brincar. Quando faço isso, todos os cachorros do parque, incluindo Max, correm até onde ela está e ficam batendo as cabeças uns nos outros, tentando chegar perto do bumbum dela. Quando eu digo olá para Max, ele beija a minha mão várias vezes. Tenho certeza de que ele se lembra de mim. Embora eu sinta as lágrimas se formando nos meus olhos, me esforço para contê-las. Não posso

me envolver tanto com ele. Tenho meu próprio cachorro agora, e preciso deixar aquele espaço no meu coração aberto para Eva.

No fim, quem vence a disputa é um galgo italiano, e é ele que consegue dar a cheirada mais intensa no bumbum de Eva. Logo, as pessoas que estão no parque vêm até onde estamos para buscar seus cães, incluindo Rod. Quanto mais ele se aproxima de onde eu estou, mais nervoso fico. Quando pega Max pela coleira e o puxa para longe de Eva, ele olha para mim. É agora. Este é o momento pelo qual eu estou esperando. Ele vai me dizer que eu

estou linda. É isso que eu espero. E ele vai dizer que sente saudades de mim. É isso que espero.

- Desculpe – diz Rod. Ele se vira e se afasta com o cachorro.

Tudo bem, não foi exatamente como eu imaginei que seria. Sei que ele me viu, olhou direto nos meus olhos. Por que é que ele não me cumprimentou? Antes que se afaste demais, eu percebo que terei de tomar a iniciativa.

- Seu cachorro é bonito – eu digo, tentando iniciar uma conversa.

Olhando por cima do ombro, Rod olha novamente nos meus olhos e sorri. – Obrigado.

Ele se vira e continua a se afastar.

Por que ele está fazendo isso? Por que está fazendo aquilo que as pessoas fazem quando veem alguém com quem não querem conversa... como se chama mesmo? Ah, sim... ignorar. É isso o que está fazendo? Se for, não vou deixá-lo escapar impune. Eu passei duas noites em um hotel vagabundo e comprei um cachorro por causa dele, diabos, ele vai ter de falar comigo. Audaciosamente, eu o

chamo: - Rod?

Ele se vira. Parece estar confuso.

-Nós nos conhecemos? – ele pergunta.
Eu solto uma risada patética.

- Acho que dá para dizer que sim.

Percebendo repentinamente quem sou, Rod dá um tapa na própria cabeça. – Ah, me desculpe! – exclama ele. Uma sensação de alívio toma conta de mim. Afinal, se ele não se lembrasse de mim, seria uma das situações mais constrangedoras da minha vida.

- Não se lembrar do meu nome seria a segunda situação mais constrangedora da minha vida. Por pouco.

- Delilah – eu respondo, um pouco irritada. Ele está brincando comigo, não é?

Rod dá outro tapa na cabeça. – Delilah, claro... nossa, me desculpe. Não sou muito bom para lembrar nomes e rostos.

“E você é bom para se lembrar de seios?” eu digo, levantando minha blusa para mostrar meus peitos para ele. Brincadeirinha... não chegou a dizer ou fazer isso.

Rod se curva para olhar para Eva. –
Esse cachorro é seu?

Eu faço que sim com a cabeça. – Sim,
ela não é linda?

- Ela é uma fofura – diz ele, pegando-
a nos braços. – É tão pequena... qual
a idade dela?

- Seis meses. Estou com ela desde
ontem.

- Ontem? Uau... – Nas mãos grandes
de Rod, Eva se parece com uma bola
de futebol americano. – Qual o nome
dela?

- Eva Gabor.

- Ooooooiii, senhorita Eva Garbor! – diz Rod, com uma voz extremamente aguda. Sim, ele está fazendo aquela “conversa de cachorrinho”. Eu rio. É engraçado ouvi-lo falando assim, pois ele é um grandalhão.

- Ah... desculpe – diz Rod, com o rosto vermelho. Ele coloca Eva no chão. - Às vezes isso acontece.

- Foi o que me disseram.

Rod me olha de cima a baixo por um segundo, e depois balança a cabeça. – Delilah... uau. Que surpresa. Você

está linda.

É a minha vez de ficar com o rosto vermelho. – Obrigada. Você também está.

Rod aponta para um banco ali perto. – Ei, quer sentar um pouco para conversar?

Eu adoraria saber o que você tem feito da vida.

- É claro.

Durante as duas horas seguintes, Rod e eu conversamos animadamente. Ele em conta sobre como voltou para

Filadélfia há alguns anos por conta de um emprego, e como ele é feliz aqui, junto com Max. Não sei se ele se lembra do que aconteceu na última noite que passamos juntos, e ele não deixa isso transparecer, nem se sente ameaçado por eu estar perto de Max. Quando ele pergunta por que estou em Filadélfia, eu conto a ele a mesma história que contei à minha mãe — estou aqui procurando locais para uma possível loja que Elisabeth está pensando em abrir. Sobre o motivo de eu estar neste parque, especificamente, resolvo inventar um pouco mais e digo que houve um problema com as minhas

acomodações, e acabei ficando em um hotel vagabundo perto do estádio. Embora Rod acredite nas minhas histórias, ele fica preocupado com a segurança do meu emprego, pois o futuro da ESD está comprometido.

- Com tudo o que venho lendo sobre Elisabeth nos jornais, você deveria ter um plano B.

Sabe, caso venha a perder o emprego. Você já pensou em alguma coisa?

Algo além de sair caçando todos os homens com quem já transei?

- Não - eu digo.

- Bem, você devia pensar em algo. Eu já passei por empregos demais para saber que perder um deles não é nada legal. É importante poder controlar seu próprio futuro.

- Hum, talvez você tenha razão.

- Eu tenho, sim. Não deixe que outra pessoa diga o que você tem que fazer com sua vida. Assuma o controle com suas próprias mãos. Estou falando sério.

Rod parece estar genuinamente preocupado comigo, e não consigo evitar de me emocionar. E também acho que está interessado em mim.

Quando eu reclamo que minhas costas estão doendo por causa do colchão ruim do hotel, ele se oferece para fazer uma massagem. E quando brincamos com Max e Eva, ele literalmente pula em cima de mim. (Sim, eu caio em cima de uma pilha enorme de cocô de cachorro, mas, mesmo assim, são os ossos do ofício.) Olhando para Rod, acho que poderia ser feliz com ele. Ele poderia ser o homem da minha vida.

Por volta de 9 horas, Rod diz que ele tem um dia longo pela frente e se prepara para ir embora. Quando ele se levanta, olha pra mim. — Escute, se você não estiver ocupada esta noite,

eu adoraria levá-la para jantar.

Jantar? Sério? Eu sorrio. – Seria ótimo!

- Maravilha – diz ele. Rod insere o número do meu celular e do telefone do hotel no seu próprio celular, e diz que vai ligar para me falar dos detalhes.

Depois de nos despedirmos, eu fico observando enquanto Max e Rod saem do parque, desaparecendo em seguida ao virar a esquina. Eu me viro para conversar com Eva.

- Você acredita nisso? Ele finalmente

vai me levar para jantar?

Tudo a mesma coisa

Por volta das 16 horas, Wade me pergunta se eu gostaria de conhecer o lugar onde ele mora, e imediatamente digo que sim. Se ele ainda tiver alguma daquelas manias estranhas, com certeza elas vão aflorar em um ambiente que lhe seja familiar. Enquanto eu dirijo o meu carro, seguindo-o até a sua casa (garotas, tenham sempre um carro pronto para fugir, qualquer que seja a ocasião), tento me lembrar de como era transar com ele, se era bom, mas a minha memória está vazia. A única coisa de

que eu me lembro é que ele, às vezes, se empolgava demais. Ele sempre fazia expressões faciais exageradas quando transávamos. Por exemplo, em um momento ele fechava os olhos e rangia os dentes, e no momento seguinte ele abria a boca com força, como se fosse um tigre rugindo. Ele sempre pareceu intenso.

Eu estaciono na calçada em frente à casa de Wade, e depois me encontro com ele na porta de entrada. Eu ainda estou trazendo Eva comigo, e ela está dormindo dentro da sua bolsa. Ela teve um dia muito cansativo e está exausta. Enquanto espero que Wade destranque a porta, penso sobre o dia

que passamos juntos. Se ele for normal, eu acho que as coisas poderiam dar certo entre nós. Se conseguisse descobrir um jeito de me livrar da família dele...

Brincadeirainha!

Mas talvez não.

De qualquer forma, estou tão contente pela possibilidade de que Wade seja uma pessoa normal que não consigo conter um sorriso quando entro na casa dele. Ele se vira e olha para mim.

- Que sorriso é esse? - ele pergunta.

- Não sei - eu respondo, sentindo as faces corarem - Acho que estou feliz, só isso.

- Feliz? Por quê?

- Feliz porque esbarrei em você, eu acho. Sabe, você é uma pessoa tão boa e norm...

Opa, espere um pouco.

Talvez eu tenha falado cedo demais.

Quando entro na sala de Wade, eu paro de falar quando vejo algo incrivelmente perturbador: cerca de uma dúzia ou mais de animais de

pelúcia, de todas as formas e tamanhos, estão pendurados em varetas presas à parede sobre o sofá. Eles são grandes, quase a metade do tamanho do meu braço, e assustadores, tão assustadores que acho que eles vão se tornar parte integral dos meus pesadelos pelos próximos anos. Ah, e cheguei a mencionar que eles estavam olhando diretamente para mim? Cada um deles, todos olhando diretamente para mim. Estou paralisada de medo.

- O que... o que são esses bonecos? - eu pergunto, sentindo um forte desconforto.

Wade olha para mim, e depois para a parede. - Ah, esses aí? - pergunta ele. Eu faço que sim com a cabeça. - São meus muppets.

Ele diz isso com uma tranquilidade inacreditável, como se estivesse descrevendo os livros de uma estante.

- Seus muppets? - eu pergunto. - São fantoches?

- Não, não. Muppets e fantoches são diferentes. Muppets são manipulados com a mão esquerda, enquanto fantoches são operados com a mão direita - diz Wade. Ele volta e aponta para a parede. - Esses aí são muppets.

Deve haver alguma explicação lógica para isso. - É algum tipo recente de arte ou algo do tipo? - eu pergunto.

- Não, nada disso. Não são uma nova forma de arte - diz Wade, rindo por entre os dentes. - Eu sou um muppeteiro.

Eu balanço a cabeça, sem saber se ouvi direito. Ele disse que era um mosqueteiro ou um muppeteiro?

- Desculpe, o que foi que você disse?

- Eu disse que sou um muppeteiro. Eu faço shows com muppets nos fins de semana.

Eu sabia, eu sabia, eu sabia, eu sabia.
E eu estraguei tudo, quando quase disse a Wade que ele era normal. Wade não é normal. Ele nunca foi. Ele nunca será.

- Eu sei que pode parecer estranho, mas shows com muppets focados no público adulto estão recebendo um público cada vez maior. Pelo menos em Knoxville, onde mora meu amigo Jed, o cara que me ensinou a manipulá-los. Eu o conheci na escola de palhaços.

- Escola de palhaços?

Wade assente. - Isso mesmo. Quando

eu percebi que toda essa história de dublê não ia dar em nada, tive que parar de viver em um sonho e encontrar um emprego de verdade. Foi assim que resolvi entrar para a escola de palhaços. Sempre adorei me apresentar, sabe?

Eu sei.

- Eu fiz de tudo por algum tempo, festas de aniversário, bar mitzvahs e coisas do tipo, mas a maquiagem acabava com a minha pele. Então eu tive que parar com as apresentações, também.

- A maquiagem acabava com a sua

pele?

Wade assente e aponta para uma espinha em seu rosto. —Está vendo? Acontece com todos os palhaços. É uma das desvantagens da profissão.

Estou começando a achar que não é a única.

Isso não é simplesmente fora do normal, é completamente esquisito. Esquisito além de todas as possibilidades de ser algo aceitável, além de tudo que já encontrei na minha vida. E olhe que já fui a um show do Michael Jackson. E já vi Whitney Houston ser entrevistada por

Diane Sawyer. E conheço os problemas que Courtney Love teve com a lei. Wade já foi palhaço? E agora ele é um muppeteiro? Preciso reunir toda a coragem que tenho dentro de mim para não sair correndo pela porta.

- Pois é, alguém precisa inventar uma maquiagem de palhaço melhor — prossegue Wade, indo até o sofá e sentando-se. - A maquiagem que existe no mercado atualmente forma uma camada grossa demais sobre a pele.

- Já pensou em ser essa pessoa que vai inventar uma maquiagem melhor?

Já pensou em transformar esse problema em uma oportunidade para ganhar dinheiro?

Wade me olha como se eu fosse biruta. — Inventar maquiagem de palhaço? De jeito nenhum! Quem é que tem tempo para isso hoje em dia?

Quem tem tempo para isso? As pessoas que têm tempo para brincar com bonecos têm tempo para isso. Nossa Senhora!

- Fazer espetáculos com muppets é algo natural para mim. Eu sempre adorei fazer fantoches de sombras quando era criança - diz Wade,

juntando os pulsos e movimentando as mãos para cima e para baixo, fazendo os movimentos de um pássaro batendo as asas.

Oh, Jesus.

Depois de inspirar e expirar com força para evitar entrar em hiperventilação, começo a procurar por câmeras escondidas, porque, mesmo não sendo famosa, tenho certeza de que estou em uma das pegadinhas do programa Punk'd. Tem que ser isso, não há outra explicação para o que está acontecendo. Ashton Kutcher está por trás disso, tenho certeza. Meu ex-namorado não pode ter se

transformado em um muppeteiro.

- O que você está procurando? - ele pergunta, quando eu me agacho para olhar embaixo do sofá.

- Hein? - eu me viro para ele. - Ah, eu... só estou dando uma olhada no resto do lugar.

Eu repentinamente sinto Eva se mexendo dentro da sua bolsa. Quando vou ver o que ela está fazendo, ela coloca a cabeça para fora da bolsa e me olha, sonolenta, e depois lentamente olha para Wade. Quando ela vê os muppets pendurados na parede atrás dele, ela inclina a cabeça,

levanta as orelhas e solta um grunhido baixo.

- Eva, pare com isso - eu digo, tentando fazê-la parar, mas ela não me escuta. Em poucos segundos ela começa a latir descontroladamente. A única maneira que eu encontro de fazê-la parar é virar a bolsa na direção contrária da parede, para que os muppets saiam da sua linha de visão. Quando Eva silenciosamente volta para dentro da bolsa, eu peço desculpas a Wade.

- Não tem problema. Acho que ela se assustou com os muppets.

- É, acho que sim - eu respondo. E ela não foi a única.

Wade aponta para o lugar vazio ao lado dele no sofá, diretamente abaixo deles, e pergunta se eu quero sentar.

- Ah... claro.

Eu me sento cautelosamente, ficando na ponta do sofá, para o caso de um deles sair voando da parede para tentar me comer. Eu coloco a bolsa de Eva sobre o colo.

- E então, Wade... onde é que você faz os seus shows com os muppets?

-A maioria dos meus shows acontece nos teatros da cidade - explica Wade, esticando o braço para tirar um muppet com a forma, de um homem velho da parede, e começa a brincar com ele. - Mas o último espetáculo que eu fiz, o meu preferido, aconteceu em uma igreja aqui perto. Chamado de Equestres para Jesus, foi reinterpretação moderna da crucificação. Basicamente, foi a minha versão do filme A paixão de Cristo. Foi um projeto grande, havia tantos muppets que eu tive de chamar alguns garotos da escola local para me ajudar.

Wade para de falar por alguns minutos

e assume uma expressão melancólica.
- Você deveria ter visto o fim. Todos os muppets estavam cavalgando e cantavam “Estamos cavalgando porque Jesus morreu”. Foi algo bem intenso. - Virando-se, Wade aponta para um dos muppets. - Ali está ele.

Eu me viro e o vejo em toda a sua glória. Ali está Jesus em forma de muppet, pendurado em uma vareta de madeira. De novo. Pobre Jesus.

- Mas, para falar a verdade, as pessoas não religiosas não gostaram tanto da peça, então tive de cancelar o espetáculo. E também... - Wade hesita, como se estivesse

envergonhado demais para continuar.

Eu insisto. - ...também? Vamos lá, Wade, bote tudo para fora.

- E, também, percebi que tinha de fazer uma peça que fosse um pouco mais forte.

Então eu criei um espetáculo adulto, com apelo erótico, sobre um velho rabugento e frustrado sexualmente, que se sentia atraído pela sua vizinha. É uma peça bem divertida e sensual.

Eu a testei no mês passado no dia da Convenção Nacional de Manipuladores de Fantoques e recebi

um feedback muito positivo. Assim, vou tentar agendar algumas datas no teatro da cidade e ver o que as pessoas acham.

Um show de fantoches com apelo erótico? Um fantoche frustrado sexualmente? Ele está falando sério?

Eca! Eca, eca, eca!!

Enquanto Wade continua a brincar com o fantoche que tem nas mãos, eu o observo, horrorizada. Com a mão por dentro do boneco, ele faz com que o fantoche se contorça de todas as maneiras possíveis e imagináveis, mexendo sua boca, seus braços,

fazendo-o piscar os olhos. Queria ter uma câmera oculta na minha lapela para capturar isso tudo, porque ninguém vai acreditar nessa história se eu chegar a contá-la um dia. É bizarro demais. Ele é bizarro demais. Wade merece o seu próprio reality show.

Percebendo que estou com os olhos arregalados, Wade se aproxima de mim para, se não me engano, tentar me beijar. Como eu não quero tomar parte em nada disso, em hipótese alguma eu vou deixar um homem que acabou de descrever um show de fantoches com conteúdo erótico me beijar, eu me afasto dele, esperando que ele entenda os meus sinais de que

não estou a fim. Wade, entretanto, não entende a minha sutileza.

Tirando o fantoche do colo, ele coloca o braço ao redor do meu corpo, e o toque dele me dá calafrios.

- Sabe, Delilah - diz ele, olhando para mim com uma intensidade fora do normal - acho que temos uma conexão muito forte.

Quando ele começa a aproximar os lábios dos meus, percebo que realmente está tentando me beijar. Eu preciso de uma rota de fuga. Preciso impedi-lo. Preciso dizer alguma coisa para mudar o clima.

- Uma conexão? Como a "Conexão do Arco-Íris"? - Wade imediatamente fica paralisado. Ele lentamente se afasta, e o olhar que ele tem no rosto rapidamente muda de algo sedutor para algo mais parecido com "o que você tem na cabeça? ” Oops. Acho que

eu o ofendi.

-Está tirando um sarro com a minha cara? - ele pergunta.

Sim, acho que eu o ofendi.

- Tirando sarro? Não, eu só quis fazer uma piada.

- Piada? Esse é um momento estranho para fazer uma piada, não é?

- Um momento estranho? - Ele está me dando uma bronca e dizendo que eu sou estranha?

- Sim, eu estava prestes a beijá-la.

Eu olho para Wade por um segundo e decido abrir o jogo. Ele precisa entender.

- Wade, sinceramente... os seus fantoches me incomodam.

- São muppets - esbraveja ele, corrigindo-me.

-É a mesma coisa - eu digo, sem me importar.

- Não, não é a mesma coisa - insiste ele. - São duas coisas completamente diferentes!

- Não são, não. Não faz diferença se você enfia a mão direita ou a esquerda dentro deles, eles são só animais de pelúcia pendurados em varetas.

Wade começa a piscar os olhos rapidamente. Pela expressão no rosto dele, é como se eu tivesse acabado de dizer a ele que Papai Noel não existe. — Olhe, coloque-se no meu lugar. Você é um ex-namorado, um adulto,

e você tem fantoches pendurados na parede.

- São muppets! - grita ele.

- É tudo a mesma coisa!

Wade revira os olhos. - Eu devia saber que alguma coisa assim ia acontecer - diz ele, irritado, dando um tapa no joelho. - Devia saber que uma coisa assim só poderia vir de você, a garota que ficou bêbada na festa de Natal e insultou a minha família.

-Como é?

- Ah, você me ouviu muito bem,

garota - diz ele, apertando os olhos. -
Você acha que eu me esqueci daquela
noite? Bem, eu não esqueci.

Quando Wade balança a cabeça e se
vira para o outro lado, eu percebo que
chegou a minha hora de sair dali.

- Wade, obrigada pelo piquenique de
hoje, mas acho que vou embora - eu
digo, tentando parecer o mais educada
possível.

- É uma boa ideia - diz ele,
levantando-se.

Quando eu pego a bolsa de Eva e
estou pronta para colocá-la sobre o

ombro, ela vê o muppet com cara de homem velho no sofá, e, sem qualquer grunhido de aviso, salta de dentro da bolsa em direção a ele. É como se ela estivesse possuída. Pula em cima do muppet e o abocanha, jogando-o de um lado para o outro, e arrancando a lã que forma a cabeleira do boneco. Quando Wade se vira e vê o que está acontecendo, uma expressão de pânico toma conta do seu rosto.

-Nãããããooooooooo!! - ele grita.

Wade tenta arrancar o muppet da boca de Eva, mas não consegue, os dentes dela estão fechados com força ao redor da cabeça. - Mande-a soltar!

Mande-a soltá-lo agora!

- grita ele em meio ao caos.

Eu tento abrir a boca de Eva, mas não consigo. O pânico de Wade faz com que ela morda cada vez mais forte, está pronta para matar.

- Wade, solte este fantoche! Se você soltá-lo, pode ser que ela solte também!

- Não! - ele grita. - Mande-a soltá-lo!

- Eu não consigo! Você está assustando Eva! Você está piorando as coisas!

De repente, Wade pega o muppet, fazendo com que Eva fique pendurada nele, com as patinhas balançando no ar.

Ao ver a minha cachorrinha encarando o perigo de frente, faço o que qualquer mãe faria - começo a chutar as canelas de Wade sem piedade - Coloque-a no chão, seu animal! - eu berro. - coloque-a no chão agora!

- Não! Wade começa a balançar o muppet para cima e para baixo, Eva não o solta, e balança para todos os lados. Ela não dá a mínima. Não tem medo. O muppet precisa morrer, e é

tudo o que importa para Eva.

- Pare de me chutar! - grita Wade, sentindo finalmente a dor nas canelas.

- Vou parar quando você colocá-la no chão! Que droga, o que há de errado com você? Você vai arrancar os dentes dela! Solte esse fantoche idiota!

- Muuuuppeeeett!!

- É tudo a mesma coisaaaaaaaaaa!!

Pronto, pra mim chega. Com toda a força que eu tenho, dou um Ultimo chute em Wade, um chute de caratê. Quando meu pé se choca com o quadril dele, seguro Eva com força.

Ele solta o muppet e voa pela sala com o golpe. Quando ele se choca com a parede, Eva abre a boca e solta o boneco no chão, e depois olha o estrago que causou.

Olhando para Wade, ela mastiga os pedaços de lã que conseguiu arrancar. E, quando os engole, um olhar de satisfação toma conta do seu rosto. Eu juro por Deus que, se ela pudesse arrotar, ela teria feito aquilo ali mesmo.

- Você é um psicopata! - eu digo, encarando Wade. - Ela é só um filhote, pelo amor de Deus!

- O que? Você está me chamando de psicopata?

- Sim! Você é um homem de 29 anos que brinca com fantoches - São mupp...

- Cale a boca!!! Não se atreva a me corrigir de novo, seu louco!

Wade respira fundo, se levanta e vai até a porta. - Melhor você ir embora, Delilah - diz ele, abrindo-a. Ele está se controlando para não explodir.

- É o que eu vou fazer - eu digo, colocando Eva na bolsa dela. Ela ainda está lambendo os beiços.

Quando eu saio pela porta, viro-me para dizer adeus a Wade, mas ele já voltou para a sala. Eu vejo que ele está ajoelhado no chão, recolhendo os restos do cabelo do muppet. Percebendo que ainda não saí, ele se vira em minha direção.

- O que foi? O que você quer agora? - pergunta ele, grosseiro. Eu ia pedir desculpas pelo comportamento de Eva, mas, pelo olhar de Wade, percebo que não vai adiantar nada.

- Ah... Deixa pra lá - eu digo, dando as costas para ele e indo em direção ao meu carro.

- E então, o que é que você pretende fazer agora? - pergunta Michelle, algumas horas depois da confusão no apartamento de Wade. Eu liguei para ela quando estava voltando para o hotel e contei tudo o que aconteceu.

- Não sei. Eu estava cansada, mas, assim como aconteceu quando saí com Rod, a raiva que estou sentindo me deu energia, então acho que vou pegar a estrada para Nova Orleans para encontrar El Abogado. São só uns 800 quilômetros. Se eu sair do hotel agora, acho que conseguirei chegar lá por volta de meia-noite.

- É uma má ideia - diz Michelle,

depois de hesitar um pouco.

Eu imagino que Michelle ache uma “Má ideia” pegar estrada para Nova Orleans durante a noite. Eu digo para ela não se preocupar.

- Desculpe, não foi isso que eu quis dizer. Ir para Nova Orleans é uma má ideia em todos os aspectos. Ele não quer que você vá visita-lo.

“Ele”, no caso, é o numero 16 da minha lista, Diego Soto, também conhecido como El Abogado. Eu o conheci quando estava de férias em Barcelona com Michelle.

Ela acabou ficando com um dos amigos dele. Os dois ainda estão em contato. Assim ela acha que é a senhora-sabe-tudo-da-vidados-outros.

- Você não tem como saber disso - eu digo.

- Eu não tenho como saber, mas eu sei. Afinal, baseado no jeito que vocês terminaram o relacionamento, dá para ter uma noção.

- Ah, pare com isso. Aquilo aconteceu há dois anos. Tenho certeza de que ele já superou tudo. Michelle não responde.

- E se fizermos de outra forma? Colin me enviou os endereços de quatro outros rapazes. Que tal se eu for visitá-los, e for para Nova Orleans se não der certo com nenhum deles?

- Mesmo assim, ainda acho que você está cometendo um erro.

- Bem, eu discordo.

- Tudo bem, que seja - diz Michelle. Ela parece estar irritada. - Faça o que quiser, mas me deixe fora disso.

- Deixarei. Depois de desligar eu fico olhando para o vazio por um tempo.

Michelle está louca em pensar que El Abogado ainda se ressentia do que aconteceu. É impossível. Mas, mesmo vou adiar a viagem até onde ele mora. Não tenho um bom pressentimento sobre as coisas darem certo com os próximos quatro mas quem sabe talvez eu tenha uma boa surpresa.

Depois de guardar minhas coisas na mala e sair do hotel, entro no carro em direção à autoestrada. Já que Eva e eu tivemos uma tarde conturbada acho que precisamos de música suave. Assim programo meu Ipod para tocar as músicas românticas John Denver. Ele me trouxe ao Tennessee; então, nada mais adequado do que fazer

John Denver me tirar daqui. Como estamos indo para a Flórida, coloco uma das minhas músicas favoritas para tocar e começo a cantar junto com ele.

"sunshine on my shoulders, makes me happy..."

(Ainda restam \$ 3.526,37 dias e 14 homens) .

Produzida e poderosa

Depois de dirigir até um bairro de Filadélfia conhecido como Center City (um dos mais agradáveis), eu

encontro uma loja simpática e compro para Eva uma bolsa para transportar cachorros, com uma estampa quadriculada em rosa e verde. Sim, eu sei que isso vai fazer com que muitas pessoas me comparem a Paris Hilton, mas, como estou comprando a bolsa por motivos de segurança, eu decido que não há problemas. Eu acho que posso colocar Eva na bolsa, e depois prendê-la no cinto de segurança do banco do passageiro. Desse jeito ela não vai ficar pulando por toda parte quando sairmos de carro para algum lugar.

Aquela bolsa também pode facilitar as coisas quando preciso entrar ou sair

do hotel sem que percebam que eu tenho um cachorro. É algo que estou prestes a descobrir se vai funcionar, porque eu acabei de entrar e estou indo para o elevador. Depois de chegar lá com sucesso (Uma vitória!), aperto o botão e espero até que ele chegue ao piso de recepção, quando, de repente, o recepcionista me chama. Preocupada pela possibilidade de ter sido descoberta, lentamente viro a cabeça.

- Sim?

- Chegou um bilhete para a senhora – diz ele, vindo até aonde eu estou e me entregando um envelope.

Oh, obrigada.

Quando o homem assente e volta para o balcão, as portas do elevador se abrem, e entro sem demora. Enquanto o elevador sobe até o andar onde fica meu quarto, abro o envelope e leio o bilhete que está dentro.

“Delilah,

Eu fiz reserva para que você pudesse se hospedar em um hotel melhor aqui em Filadélfia, e tenho certeza de que o colchão que eles têm não vai deixá-la com as costas doendo na manhã

seguinte. Saia imediatamente desse pulgueiro onde você está hospedada, e vá para o prédio de mármore branco na Avenue of the Arts, número 10.

Deixe o resto comigo.

- Rod

P.S.: Encontre-me no saguão às 20 horas para jantar. ”

Meu Deus... jantar e um hotel melhor? O que houve com Rod? Será que ele

quer ter certeza de que vou dormir com ele está noite? Se for isso, tem algo que eu quero que você saiba, Rod: eu sou fácil. Não sei se você percebeu isso durante aquele relacionamento que não tivemos, mas eu sou sim.

Para ser honesta, embora eu não tenha certeza das intenções de Rod, ou mesmo se ele tem alguma, eu me sinto ótima por ele se importar tanto comigo e com minhas costas para fazer algo assim! Talvez ele se arrependa muito de ter ignorado minhas sugestões de dar um passeio quando o dia ainda estava claro. Talvez ele realmente goste de mim!

Meu plano está funcionando! Oba!

Depois de arrumar minhas malas rapidamente e pagar a conta do hotel, eu vou para o endereço escrito no bilhete e estaciono em frente a um prédio que parece com o Partenon, na Grécia. Imensas colunas sustentam a entrada do lugar, e há uma abóboda imensa no alto. Quando dou as chaves do meu carro para o manobrista, ele me diz que aquele prédio foi construído há mais de cem anos, e é considerado parte do patrimônio histórico da cidade.

Aparentemente, aquele lugar costumava ser um banco, mas hoje...

é um hotel da rede Ritz-Carlton! Jesus Cristo! Eu nunca me hospedei em um Ritz-Carlton na minha vida!

É maravilhoso!

O Ritz aceita cães, e, assim, eu não preciso esconder Eva. Quando desfilo com ela pelo saguão, várias pessoas param para dizer o quando ela é fofa, fazendo com que eu me sinta como uma mãe orgulhosa. Quando eu me registro, a mulher atrás do balcão diz que eles estavam me esperando, e me entrega uma chave. Isso é tudo, nada de cartão de crédito ou qualquer outra coisa. Eles simplesmente entregam a chave, e pronto.

Muito bom.

Quando Eva e eu entramos no quarto, mal conseguimos conter a nossa animação. Decorado em tons de pêssego, o lugar é aconchegante e acolhedor. Eu imediatamente me jogo na cama imensa, e fico satisfeitíssima ao perceber que ela é confortável. Deitada, percebo uma imensa cesta sobre a cômoda, cheia de cosméticos e outros produtos de beleza. Noto que há um pequeno cartão nela, então eu abro e leio.

“Delilah,

Aproveite! Além disso, como o Ritz cuida de animais de estimação, eu agendei uma sessão de beleza para Eva. Ela está agendada para as 15 horas, e alguém do salão vão buscá-la.

- Rod''

Jantar mais um belo jantar mais uma cesta de presentes? Eu adoro minha vida.

Eu ligo para Rod para agradecê-lo, mas ele não atende, então deixo um recado no correio de voz. Quando

termino, um funcionário do hotel aparece para levar Eva (eu me sinto mal deixando-a com outra pessoa, ela não queria sair). Assim, eu resolvo cuidar um pouco de mim mesma na imensa banheira, e começo a relaxar, massageando os músculos das costas. E me sinto como uma princesa.

Pouco antes das 20 horas, quando já me preparei para descer, eu ouço alguém bater na porta. Eu abro e vejo um yorkshire que nem consigo reconhecer. O Ritz não deu apenas um banho e uma tosa em Eva, mas eles também colocaram uma pequena echarpe ao redor do pescoço dela e pintaram suas unhas de vermelho.

Como se ela fosse a Cinderela. É o cãozinho mais bonito que já vi na vida!

Fico tão emocionada com tudo aquilo – o quarto de hotel, a cesta, a sessão de beleza para Eva – que, repentinamente, começo a me preocupar. E se eu fizer alguma coisa esta noite que acabe estragando tudo? Nunca fui uma mulher do tipo que espera algo dos homens. Namorados não me dão cartões de créditos, e não me mandam fazer compras. Mas tudo isso é tão bom... R.o.d. parece ter evoluído bastante.

Depois de me olhar no espelho (saia preta, um suéter azul felpudo, e saltos

altos que são per-fei-tos), eu esfrego meu bracelete chinês do amor para dar sorte e desço até o saguão.

Rod me leva a um pequeno e romântico restaurante italiano, com um ambiente à meia-luz, que está cheio de gente. Eles já estão esperando por nós quando chegamos, e o garçom nos leva a uma mesa de canto. Rod está cheirando bem esta noite, uma fragrância de colônia, e isso é algo que me deixa muita atraída. Aparentemente, os homens de hoje não usam tanta colônia quanto os do meu tempo de criança. Bem, meu avô ainda usa Old Spice, mas estou falando sobre os homens da minha

idade e estou falando sobre boas colônias.

- E então, gostou da cesta? – pergunta Rod quando nos sentamos.

- Oh, eu adorei! Obrigada.

Ele sorri. – Um monte de coisas legais dentro dela, não?

Como Rod já conhece o restaurante, ele faz o pedido para nós dois. E pede porções generosas. Além de dividir uma garrafa de vinho, nosso jantar também tem mexilhões cozidos no vapor, uma salada de erva-doce, torteline de queijo de cabra, camarões

grelhados, e, de sobremesa, bolo de chocolate e avelãs com um molho doce de laranja. A comida está deliciosa e eu me sinto empanturrada quando terminamos.

Em relação à conversa, não podia ter sido melhor. É como se Rod e eu estivéssemos na mesma frequência. Falamos sobre nossas esperanças e sonhos e sobre o que queremos da vida – as mesmas coisas que eu costumava conversar com Max, na verdade. Eu nunca imaginei que Rod pudesse ser tão intenso. Talvez seja o vinho, talvez seja a luz de velas, mas ele parece estar lindo esta noite, realmente bonito, e eu me sinto

incrivelmente atraída por ele. Estamos com uma conexão ótima.

Depois da sobremesa, Rod pede duas doses de Sambuca, e diz que quer conversar sobre uma coisa importante. Eu fixo nervosa e animada ao mesmo tempo. -

Delilah, você deve ter percebido que eu não saí correndo para ir trabalhar está manhã, quando saí do parque. Quer saber o motivo?

Eu faço que sim com a cabeça.

- Isso acontece porque eu faço meu próprio horário. Esse é o motivo. A

vida é importante demais para ser vivida de acordo com os horários estabelecidos por outras pessoas. Se eu quiser jogar golfe, então eu vou jogar golfe. Se eu quiser estender meu fim de semana, eu estendo. Você entende o que eu estou dizendo?

- É claro, Rod.

- Ótimo. Deixe-me perguntar uma coisa. Você quer trabalhar menos?

- É claro que quero.

- Você quer viver intensamente a sua vida?

- Definitivamente, sim.

- Você quer ter filhos?

Filhos?

Opa, espere um pouco.

- Rod, aonde você quer chegar com essa conversa?

Preciso admitir que estou um pouco embasbacada.

- Delilah, estou perguntando todas essas coisas porque quero que você saiba que o estilo de vida que eu tenho pode ser seu.

O estilo de vida dele pode ser meu? Quando Rod estende o braço sobre a mesa e pega a minha mão, eu sinto meu coração palpitar. Será que ele vai pedir que eu me mude para o apartamento dele? Que eu tenha filhos com eles? Que compartilhe da vida que ele tem? Que eu seja a esposa dele?

- Rod, do que é que você está falando?

- Estou falando sobre uma parceria, Delilah.

Uma parceria?

Ele está realmente pedindo que eu me mude para o apartamento dele, que tenha filhos com ele, que compartilhe da sua vida e que me torne sua esposa! Ele deve estar passando pela mesma fase que eu. Ele deve estar cheio de ser solteiro, e está pronto para ter alguém definitivamente, também. Mal consigo conter minha felicidade, e Rod percebe. Ele sorri.

- Isso é algo interessante para você? – pergunta ele.

- Oh, é claro... absolutamente! – eu exclamo. Estou quase explodindo de felicidade. Não acredito que isso funcionou logo na primeira tentativa!

Michelle vai ter que engolir suas palavras.

Tudo aconteceu tão de repente, mas estou pronta para tentar fazer as coisas darem certo com Rod. Eu já consigo imaginar nossa vida em família – Rod e Max, eu e Eva – nós quatro seremos uma família muito feliz.

Rod vai fazer café da manhã para nós quatro, e depois...

Opa, espere um pouco.

Grande oportunidade? Estou confusa.
– Como assim? O que você está

querendo dizer?

- Delilah, você já ouviu falar da Amway? – pergunta Rod.

Amway? Oh, não.

- Está falando da Amway, aquele esquema de pirâmide?

- Bem, nós preferimos dizer que isso é uma oportunidade de negócios. Esquemas em pirâmide são ilegais, e não há nada ilegal na Amway. É um sistema de marketing multinível.

Oh não. Oh não, oh não, oh não! Por favor, me diga que o que parece estar

acontecendo não está acontecendo de verdade.

Para todas as pessoas que não entendem o que é o marketing multinível: a Amway é uma empresa que fabrica e vende todos os tipos de produtos – produtos de beleza, vitaminas, produtos de limpeza e outros do tipo – e vende esses produtos a seus distribuidores. Os distribuidores ganham dinheiro não somente revendendo esses produtos para os consumidores (ganhando uma porcentagem sobre as vendas), mas também recrutando seus amigos para se tornarem distribuidores (ganhando uma porcentagem sobre as vendas dos

seus amigos, também). Essa é a parte multinível do negócio, assim como os cosméticos Mary Kay ou Avon.

- Sim, já ouvi falar. O que exatamente você quer? – eu pergunto a Rod.

- Bem, o que eu quero dizer é que você tem bastante potencial. Você é carismática, sociável, e...

Eu o interrompo. – Rod você me convidou para jantar para me recrutar para vender os produtos Amway?

- Sim. Sim, foi o que eu fiz, Delilah.

Oh. Meu. Deus. O que eu acho que

está acontecendo realmente está acontecendo.

Eu quase caio na risada. E, logo depois, eu quase caio no choro.

- Os produtos são excelentes – continua Rod, mudando de postura e começando a me pressionar para aceitar a proposta. – Na verdade, tudo naquela cesta que eu lhe dei veio da Amway. Você chegou a experimentá-los? De qual você gostou mais?

- Q-q-qual eu gostei mais? – Rod faz que sim com a cabeça. – Bem, os sais de banho eram muito bons.

Eu não entendo o que está acontecendo. Ele me fez uma massagem nas costas, ele me mandou para um hotel excelente – eu simplesmente não entendo.

- E a loção para pés? Experimentou-a também? – pergunta Rod.

- Sim.

Eu não consigo acreditar no que estou fazendo. Sou uma idiota. Devia ter percebido. Imagine pensar que Rod havia mudado, pensar que, de repente, ele iria querer ter um relacionamento comigo.

- Ótimo. Você vai perceber que ela farpa maravilhas para os pés ressecados que você tem.

Rod nunca quis nada comigo quando estávamos juntos. Por que eu pensaria que ele iria querer algo agora? Espere... o que foi que ele disse?

- Meus pés ressecados?

Será que ouvi direito?

- Ah, sim. Eu me lembro que eles eram como duas lixas. Rasp-rasp!

- Não, não eram nada disso! – eu grito, em autodefesa.

- Bem, cada um com sua opinião – diz Rod, levantando as sobrancelhas. – Talvez as nossas definições para ressecado sejam diferentes. Mesmo assim, como eu disse, coloquei naquela cesta vários produtos que achei que você poderia precisar.

Quando Rod diz isso, eu começo a recordar de quais eram os produtos. A cesta estava cheios de tubos de loção facial para pele oleosa, creme para rugas, vitaminas para aumentar o metabolismo, chicletes para clarear os dentes, produtos para cabelos secos e quebradiços com pontas duplas, e... ah, meu Deus... creme para celulite! De repente, eu sinto meus ouvidos

zunirem, uma onda de calor toma conta do meu rosto, e eu não consigo me conter. Eu airo um dos bolinhos que sobraram do jantar na cabeça de Rod.

- Seu desgraçado! – eu grito.

- Ei! O que há com você? – grita Rod, erguendo as mãos para se defender de qualquer outro alimento que voe em sua direção. As pessoas sentadas nas mesas ao redor começam a olhar para nós quando eu me levanto.

- O que há comigo? Ora, o que é deu na sua cabeça, Rod? – eu começo a juntar minhas coisas. Vou cair fora

daqui.

- Não estou entendendo. O que foi que eu fiz? Por que você está agindo assim?

- Rod, você não me trouxe até aqui porque gosta de mim ou porque queria passar a noite comigo. Você me trouxe aqui porque queria me vender coisas, e me fazer vender coisas para... para... — eu começo a hiperventilar - ... para pessoas gordas! É por isso que estou louca da vida, Rod!

Os olhos de Rod se arregalam. Ele finalmente entendeu.

- Delilah, me perdoe. Você pensou que eu a convidei para um encontro romântico?

- Sim! – eu grito – E por que motivo eu deveria ter pensado outra coisa? Você massageou as minhas costas, você me colocou em um quarto no Ritz. Espere... Por que você me deu aquele quarto no Ritz se tudo o que você queria era me vender essas porcarias de Amway?

- Bem, se você tivesse aceitado se tornar uma distribuidora, eu poderia pedir um ressarcimento para a empresa.

Ressarcimento? Tudo bem, não estou mais apenas constrangida. Estou furiosa, também. Olhando para Rod, eu não sei o que dizer, e assim digo a primeira coisa que vem à cabeça.

- Max gostava mais de mim do que de você, naquela época em que a gente dormia juntos!

- O quê?

- Você ouviu o que eu disse! – eu berro. – Seu cachorro gostava mais de mim!

Ele gostava! Quando você estava no banho, nós nos abraçávamos e ele

escutava o que tinha a dizer sobre os meus problemas!

Rod olhava para mim como se eu fosse louca – e, basicamente, eu sou. Quando me viro e saio do restaurante, eu o ouço me chamar. – Delilah, espere.

Mas não paro. Não espero. Eu saio pela porta da frente e entro no primeiro táxi que encontro. Quando volto para o meu quarto desabo naquele colchão fabuloso e choro nos travesseiros macios. Não choro porque me importo com Rod, mas porque eu me sinto uma idiota. O que é que eu fui fazer? Fala sério! Eva fica

nervosa quando vê o meu rosto todo contorcido. Sentada ao meu lado na cama, ela não sabe o que fazer. Fica me olhando, incerta, sem saber se deve chegar mais perto. Quando ela reúne a coragem necessária ela se aproxima, cheira meu rosto por alguns segundos e depois se afasta, começando a respirar com dificuldade.

Durante a próxima hora, Rod liga para o meu celular e para o telefone do quarto, mas não atendo. Não quero falar com ele. Não tenho nada a dizer. Por volta da meia-noite as ligações finalmente param, e começo a me sentir melhor. À medida que minha

tristeza se transforma em raiva e a adrenalina corre pelo meu corpo, sinto a minha motivação voltar. Eu quero sair daqui. Quero sair do Ritz. Quero sair de Filadélfia. Com aquilo na cabeça, eu arrumo as malas, deixando a cesta e todos os produtos para trás, mas aproveito para levar tudo que tem no frigobar.

Tente conseguir um ressarcimento por isso, seu desgraçado.

(Ainda restam \$ 3.766, 39 dias e 15 homens)

CINCO

Cinco

Fusões e aquisições¹¹

Uma lista (muito longa) elaborada por Dailish Darling

Até o tempo da coligação

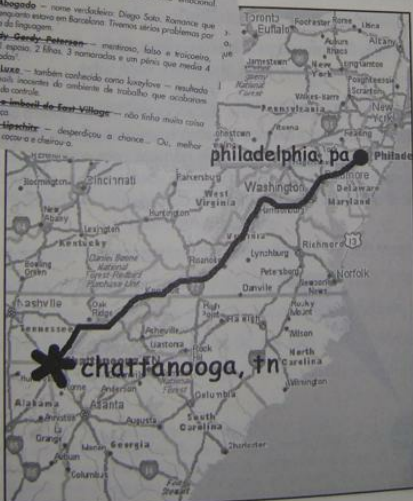
... e o pai Don

Fusões e aquisições (continuação)

10 resumo da lista (muito longa) elaborada por Dailish Darling

1. Not
2. Ben
3. Cor
4. Z
5. P
6. **Wade Wojosqualquercoisa** — aspirante a dublê
7. **O. R. M.** — nome verdadeiro: Rod Verschoor. Relacionamento totalmente baseado em sexo, sem envolvimento emocional. Obsessão por seu côa.
8. **El Abogado** — nome verdadeiro: Diego Soto. Romance que vive enquanto estava em Barcelona. Tivemos sérios problemas por conta da linguagem.
9. **Grady Gandy Peterson** — matreiro, falso e traicoeiro, com 1 esposa, 2 filhas, 3 namoradas e um pênis que mede 4 polegadas.
10. **Kyle Luxe** — também conhecido como Luxylove — resultado de uma análise inocente do ambiente de trabalho que acabaram sendo do controle.
11. **Greg e Imelda de Fort Village** — não tinha muita coisa na cabeça.
12. **Roger Lipschitz** — desperdiçou a chance... Ou, melhor dizendo, ocorreu e distraiu o...

Número 14:
Wade Wojosqualquercoisa
Aspirante a dublê.



*Bip**

"Oi, Delilah... aqui é o seu vizinho, Colin. O cara que tem aquele abdômen, você sabe.

(risos)

Enfim, foi uma piada. Olhe, eu encontrei outros quatro amigos seus e mandei a informação para o seu *e-mail*. Ian Kesselman, Delaware Pepper, e os dois gêmeos com o sobrenome Thompson. Todos são solteiros, caso você esteja se perguntando. Passe aqui no meu apartamento da próxima vez

em que estiver por aqui. Até mais!"



Ah... deixa para lá

Sábado, 9 de Abril

"Almost heaven, West Virginia, Blue Ridge Mountains, Shannen Doherty River...". Ha alguma coisa errada aí. Estou na Virgínia, não na Virgínia Ocidental, mas a estrada se estende ao longo da divisa

entre os dois Estados. Assim, estou perto o bastante para cantar esta música com sinceridade. "Country

roads... where I roam... to the place, I
call home!” Oh, meu Deus.

Isso também não está certo. De
qualquer forma, descanse em paz,
John Denver. Você é um gênio da
música.

Embora a viagem entre Filadélfia e
Chattanooga demore cerca de doze
horas, a adrenalina que sinto porque
estou furiosa com Rod, a imensa
quantidade de café e açúcar que
ingeri, e, é claro, as músicas
motivacionais fazem com que eu
consiga dirigir a madrugada inteira e a
maior parte da manhã, também. Estou
um pouco irritada porque a minha

primeira tentativa de encontrar um dos homens da lista deu com os burros n'água, mas não posso deixar que as experiências ruins me impeçam de seguir adiante.

Assim, tento deixar aquilo para trás.

Após uma breve excursão até Dollywood², eu chego a Chattanooga por volta das 14 horas. Embora haja vários hotéis com o preço bem em conta para se escolher na cidade, eu decido ficar no Holiday Inn, que, apesar de ser um pouco mais caro, fica dentro da velha estação de trens da cidade, e tem uma Chattanooga Choo Choo⁴ de verdade em

exposição. É meio constrangedor admitir isso, mas quem saberia que o s Chattanooga Choo Chos eram trens de verdade? Eu nem imaginava. Achava que era apenas uma canção.

Enquanto me registro com uma velha senhora na recepção do hotel, ela me pergunta se eu quero um quarto “convencional” ou um “vagão de trem restaurado”...

- Perdoe-me, o que foi que a senhora disse?

- Bem, além do quarto convencional, você pode parar a noite em um vagão de trem vitoriano completamente

restaurado. É um opcional que oferecemos.

Eu percebo que ela tem a língua presa. — Sêrio?

- Ah, claro que fim — diz ela. — São uma beleza. A restauração os deixou como estavam no início do século.

Embora o quarto no vagão “restaurado” custe quase o dobro do quarto “convencional”, que é apenas um pouco mais caro do que os hotéis mais em conta, eu decido ficar nele. É provável que eu não volte a Chattanooga tão fedo — quero dizer, tão cedo — e eu duvido que terei

outra oportunidade assim.

O hotel-trem não aceita animais de estimação, e assim eu preciso entrar com Eva escondida em sua nova bolsa. Meu quarto-vagão é longo e estreito, não muito mais largo do que a cama queen-size que há ali. A decoração em tons escuros me causa náuseas. Estou cercada por espirais, caxemiras e xadrezes. Na verdade, imagino que, se o carro estivesse andando, provavelmente eu ia vomitar. A única coisa legal no lugar é o bagageiro de metal que fica sobre a janela. Assim, embora minha mala esteja pesada, eu a levanto e a coloco no bagageiro só para poder utilizá-lo.

Eu decido começar a minha busca por Wade amanhã. Assim, depois de trocar os lençóis da cama pelos que eu trouxe de casa, eu me deito e fecho os olhos. Preciso admitir que, dentre todas as pessoas que poderiam vir depois de Rod, eu queria que fosse alguém com um pouco mais de potencial. Wade sempre foi meio estranho, para dizer o mínimo, e nós não terminamos nosso namoro em bons termos. Mas as pessoas mudam, com certeza. E todos merecem uma segunda chance. Assim, eu começo a adormecer e me lembro da última noite em que nos vimos.

Na minha lista de 20 homens, Wade

Wojoqualquercoisa é o número 14. Ele veio logo antes de Rod, literalmente e numericamente. Mas, diferente de Rod, ele foi um namorado de verdade, e não apenas um cara com quem eu saía para transar. E, sim, eu sei qual é o sobrenome dele, mas eu não conseguia escrever ou pronunciá-lo corretamente quando nos conhecemos. Assim, eu comecei a chamá-lo de Wade Wojoqualquercoisa e o apelido pegou.

Embora Wade e eu tenhamos a mesma idade, ele parecia bem mais novo do que eu quando namorávamos. Eu sei que não sou exatamente um exemplo de maturidade, mas a

imaturidade de Wade era diferente da minha. Ele gostava de fazer coisas de menininho, como participar de gincanas e brincar com bonecos dos Power Rangers.

Sabe, se houvesse algum clube de escoteiros para homens com mais de 20 anos, Wade seria um dos membros, sem dúvida.

No começo, eu achava que o charme juvenil de Wade era atraente, mas, depois de um tempo, aquilo começou a me dar nos nervos. Uma das coisas que mais me irritava nele era o fato de que ele adorava jogar vários jogos de mímicas, especialmente Imagem &

Ação. Bem, já joguei Imagem & Ação algumas vezes, como qualquer pessoa, e não há problema em jogar isso ocasionalmente. Pode até ser divertido. Mas Wade não era o tipo de pessoa que queria jogar ocasionalmente - ele queria jogar o tempo inteiro. Até mesmo algo simples como ir ao cinema se transformava em um jogo.

Uma noite eu me lembro de perguntar que filme ele gostaria de ver. Em vez de responder, ele levantou um dedo (para indicar a primeira palavra), puxou a própria orelha (para dizer que o som era parecido com a mímica que ia fazer), se agachou e começou a

mexer as mãos como se estivesse tirando e colocando coisas de uma mesa, e depois esfregando os dedos, como se estivesse contando dinheiro, e fazendo gestos como se estivesse chamando as pessoas que estavam por perto - Um vendedor? Um cobrador? Um balconista? - eu tentei adivinhar. Honestamente, eu não fazia a menor ideia. - Um recepcionista? Um mágico? (Um idiota?) Não vou fazer você passar pelo que eu tive que aturar - era um camelô, a primeira palavra cujo som era parecido com aquilo era gigolô, o que significava que ele queria ver Gigolô por acidente.

Como eu não queria ver Gigolô por

acidente, dez minutos depois nós estávamos de volta à estaca zero, e Wade começou a puxar a orelha novamente, tentando me fazer adivinhar qual era o nome do outro filme que ele queria ver.

Eu acho que o motivo pelo qual Wade gostava tanto de Imagem & Ação era pelo fato de que ele queria ser dublê. Assim, “fingir” fazer alguma coisa — fosse rolar escada abaixo ou agir como Chuck Norris no seriado Walker, Texas Ranger — era algo que estava em seu sangue. Era sua vocação, seu sonho.

Sim, Wade era esquisito. Então, por

que eu o namorei? É simples: ele era um bom rapaz. Ele não era ameaçador. Ele era bonito, ao estilo de Alex P. Keaton.

Parecia que ele tinha saído de um catálogo da Sears. Além disso, homens como Wade não se incomodam se você está calçando tênis ou sapatos de salto alto.

Homens como Wade não se incomodam se você derrubou molho de macarrão na blusa.

Homens como Wade são fáceis de namorar.

A última vez que vi Wade foi na véspera do Natal de 1999, quando ele me convidou para jantar com sua família. As coisas entre nós estavam um pouco tensas nas semanas anteriores àquela ocasião. Estávamos ficando mais distantes, ficando cada vez menos tolerantes em relação ao que um queria do outro, mas nenhum de nós havia falado nada sobre aquela situação. Nós ainda estávamos fingindo que tudo estava bem, e foi por isso que aceitei o convite.

No momento em que eu cheguei à casa dos pais de Wade, percebi que havia cometido um erro em aceitar o convite. Wade e toda a sua família

foram grosseiros comigo. Ele devia ter contado a todo mundo que estávamos tendo problemas, porque ninguém conversava comigo. Ninguém me ofereceu nada para beber. Ninguém veio pegar o meu casaco. Todos fingiam que eu não estava lá. Eu me senti como se fosse um fantasma invisível flutuando por entre a casa de uma família estranha.

E eles eram bem estranhos.

Por algum motivo, a família de Wade tinha uma certa obsessão por ele. Uma verdadeira obsessão. Durante a noite inteira as irmãs mais novas de Wade ficavam olhando fixamente para ele,

com estrelas nos olhos, como se ele fosse alguma celebridade ou coisa do tipo. Seu irmão mais velho não parava de gritar, pedindo que ele mostrasse o seu talento.

- Mostre-nos a sua imitação de Jim Carey, Wade! - Ou então: - Mostre ao nosso pai como você sabe fazer beatbox.

Os pais de Wade tratavam-no como se ele fosse algum tipo de herói de guerra.

Sempre que olhavam para ele, seus olhos se enchiam de lágrimas, e eles diziam coisas como:

“Temos tanto orgulho de você, meu filho.” E também: “Estamos tão felizes em ver o nosso garoto! ”

Não quero ser malvada, mas eu não sei se Wade era realmente o motivo daquele orgulho todo. Embora Wade quisesse trabalhar como dublê, ele não estava nem perto daquela carreira. Trabalhava como assistente da gerência de uma das filiais do T.G.l.

Friday. Além disso, Wade não morava na Rússia. Ele morava em Manhattan, e visitava seus pais todos os fins de semana. É sério. Aquilo interferia na nossa vida social.

Quando o jantar foi servido, a avó de Wade, uma mulher velha e débil, desceu as escadas para se sentar à mesa com a família. Ninguém conversou com ela ou mesmo reconheceu sua presença. Senti pena dela. Infelizmente, todos ali só tinham olhos para Wade. Ela se sentou ao meu lado, e, como ninguém estava conversando conosco, nós acabamos nos aproximando. Ou algo assim. Tentei puxar assunto, mas esse conceito parecia ser algo muito estranho para ela. Parecia escutar o que eu estava dizendo sem qualquer problema. Entretanto, quando eu lhe perguntava alguma coisa, ela abria a

boca como se fosse dizer algo, e depois movimentava a mão em frente ao rosto e desviava o olhar, como se quisesse dizer: “Ah... deixa pra lá”.

Depois do jantar, a família de Wade tinha a tradição peculiar de “dar graças”.

Funcionava basicamente deste jeito: cada pessoa escolhe um parceiro, e a família anda ao redor da mesa, passando por cada um dos presentes, dizendo ao seu parceiro por que motivo aquela pessoa a faz feliz. A mãe de Wade escolheu seu marido; sua irmã menor escolheu a outra irmã menor. Wade, em vez de escolher sua

namorada, a estranha que ele convidou para o jantar, escolheu seu irmão. E a vovó sobrou para mim.

Eu sei reconhecer uma família unida, mas aquelas pessoas me davam ânsias de vomito.

Durante os vinte minutos seguintes eu fiquei apenas observando enquanto todos, com os olhos cheios de lágrimas, diziam a seus parceiros o quanto eles eram especiais, enquanto o pai de Wade exclamava coisas como “O espírito do Natal está no ar!”

Quando chegou a minha vez, eu me virei para a avó de Wade e disse: - A

senhora deve ser uma pessoa muito especial por ter criado a união e o amor que existem nesta família.

Enquanto eu falava, a vovó sorria e assentia com a cabeça, e aquilo fez com que eu me sentisse bem. Pelo olhar dela, eu tive a impressão de que ela não recebia aquele tipo de elogio com frequência. Quando terminei, esperei que ela retribuísse as palavras gentis, e fiquei chocada quando, em vez disso, ela se levantou e saiu da mesa, sem dizer nada. Quando ela fez aquilo, todos riram, como se fosse algo muito engraçado.

- Essa é a vovó! — gritou o pai de

Wade. Durante um minuto eu me senti um pouco aliviada, pensando que a atitude estranha da vovó poderia ter servido para quebrar o gelo entre mim e o resto da família, mas, quando ninguém veio tomar o lugar dela, percebi que estava errada. Depois de limparem a mesa, todos correram para a sala de estar para as festividades que aconteceria após o jantar, e me deixaram sentada ali sozinha. Ninguém se ofereceu para me dizer o quanto eu era especial. Largaram-me para trás.

Não preciso dizer que estava furiosa. O que eles fizeram foi uma grosseria sem tamanho. Quando eu estava a

ponto de dizer a Wade que iria para casa, sua mãe abriu uma garrafa de vinho e anunciou que era hora de jogar Imagem & Ação. Quando eu vi o jeito que a família reagiu, eles quase fizeram xixi nas calças de tanta emoção, percebi que, aparentemente, o amor que wade sentia por aquele jogo havia sido passado de geração para geração, então eu mudei de idéia.

Uma das melhores maneiras de curtir uma noite e ficar bêbada e ver um monte de pessoas dando vexame, não é? Eu peguei um copo vazio e disse para a mãe de Wade enchê-lo até a tampa!

Como a data era de festa, o pai de Wade anunciou que iria adicionar um certo “tempero” ao jogo. Assim, ele fez com todos arrancassem páginas de edições antigas da revista Seleções do Reader's Digest e as colocou dentro de um chapéu.

- Em vez de adivinhar os nomes de filmes e músicas, como sempre fazemos, dessa vez vamos jogar Imagem & Ação com os títulos dos artigos! — exclamou ele.

Aquilo colocou a família em polvorosa. Todos começaram a bater com os pés no chão e a aplaudir como se fossem loucos.

À medida que o chapéu era passado ao redor do grupo, todos se levantaram para fazer mímicas de modo que os outros pudessem adivinhar os títulos dos artigos, manchetes como “Férias improvisadas” e “Prendam os assassinos de policiais”. Eles estavam se divertindo bastante com suas mímicas, tentando adivinhar as palavras, e coisas do tipo. Eu estava me divertindo bastante bebendo e estragando o jogo deles com meus comentários ácidos. Sim, estava fazendo exatamente esse tipo de coisa. Eu estava tomando remédios para combater um resfriado, e acho

que a combinação de medicamentos com o vinho deve ter causado algum efeito colateral. Em um minuto estava bem, e no próximo estava atrapalhando o jogo da família de Wade. Com comentários muito maldosos. Gritando coisas como, por exemplo, “Como é que você não conseguiu adivinhar essa, seu retardado?”, ou “Você chama isso de rinoceronte, seu babaca estúpido? Eu não me orgulho nada do meu comportamento, mas para o inferno com aqueles palhaços — eu também era especial, que droga!

Quando o chapéu veio parar no meu colo, eu falei que não queria participar

do jogo e tentei passá-lo para a próxima pessoa, mas a família não aceitou. A vovó estava sentada em uma poltrona reclinável no canto da sala, olhando para a parede. Ela não estava jogando, por que é que eu tinha que jogar? Eu olhei na direção dela, esperando atrair sua atenção, esperando que ela me defendesse e dissesse ao resto daquelas pessoas para pararem de implicar comigo, já que eu havia dito o quanto ela era especial, mas nada daquilo aconteceu. Ela fez a mesma coisa que passou o jantar inteiro fazendo — abrindo a boca como se fosse dizer alguma coisa, e depois movia a mão enrugada

em frente ao rosto, voltando a olhar para o nada, como se quisesse dizer: “Ah... deixa pra lá”. Não preciso nem dizer que fui obrigada a jogar. Eu coloquei a mão no chapéu e peguei meu título. De todos os títulos em toda a coleção da Seleções do Reader's Digest, entre todos os títulos com duas ou três palavras, eu peguei...

"Aeroportos para extraterrestres, templos druídicos ou altares de sacrifício:Qual o propósito desses monumentos de uma cultura pré-histórica?"

Fala sério, né? Os outros tiraram títulos como “Férias improvisadas” e

“Prendam os assassinos de policiais”, e eu tirei “Aeroportos para extraterrestres, templos druídicos ou altares de sacrifício: Qual o propósito desses monumentos de uma cultura pré-

histórica?” Como eu não iria me sujeitar a fazer mímica daquele título por nada neste mundo, ri e joguei o artigo de volta no chapéu, e fui até a cozinha para pegar mais vinho. Depois de encher o meu copo, eu me virei e vi a mãe de Wade em pé atrás de mim, com meu casaco nas mãos. Aparentemente, havia chegado hora de ir embora.

-Estou surpresa por você e Wade estarem namorando - disse ela, acompanhando-me até a porta da frente.

- Por quê?

- Bem, você não parece ser o tipo de garota ousada e desinibida, e o meu Wade é um garoto bastante aventureiro!

Quando ela disse aquilo, eu me virei para dizer adeus a Wade, que estava entretido dançando a Macarena com seu irmão. Eu o observei por alguns momentos, e...

nossa, como ele era aventureiro! O jeito que ele coloca as mãos nos ombros, depois na cabeça e finalmente nos quadris, era o típico Indiana Jones. Eu abri a boca para dizer tchau, mas hesitei por um momento.

- Ah... deixa pra lá — eu disse. Em seguida, dei as costas para eles e saí da casa.

Recomeços

Domingo, 10 de Abril

O toque do meu celular me acorda. Por um momento esqueço onde estou, mas logo me lembro. Chattanooga, Wade Wojoqualquercoisa. Eu pego o telefone e atendo.

- Você está viva? — diz Michelle. Ela está gritando.

- Estou sim. Esqueci de retornar a ligação quando me registrei, desculpe — eu digo, resmungando.

- Ah, não precisa se preocupar. Só achei que você tinha morrido, nada além disso — diz ela, com ironia.

Sem demora, percebo que foi uma má ideia dizer a ela que eu ia dirigir durante a madrugada. Depois de me desculpar, eu garanto-lhe que vou mandar notícias com mais frequência, e depois mudo de assunto.

- E então, você já começou a procurar emprego? — eu pergunto.

- Mais ou menos — balbucia ela. — Atualizei meu currículo, mas ainda não enviei nenhum. Mas sabe o que me disseram? Você conhece a Vintage Vogue?

- Vintage Vogue? Aquela loja de móveis?

- Sim. Eu fiquei sabendo, por um contato, que eles estão expandindo sua linha para incluir todos os tipos de produtos domésticos, de modo que possam ter mais força para competir com Martha Stewart e Elisabeth. E parece que eles vão começar a fazer entrevistas em breve.

- Sério? Isso é ótimo. Gosto da Vintage Vogue. Os móveis deles são bons, e são laváveis.

- É, sim. Você não está preocupada em arranjar um emprego?

- Para ser honesta, eu nem comecei a pensar nisso — digo a ela. — Eu não

posso. Preciso me concentrar na minha missão, e somente nela.

- Para mim, isso é loucura — diz Michelle.

- Mas não para mim — eu suspiro. — De qualquer maneira, boa sorte com os currículos.

- Obrigada. E boa sorte para você com Wade Wojoalgumacoisa.

- Wojoqualquercoisa.

- Que seja.

Eu desligo o telefone e decido

começar meu dia bem cedo. Assim, como diria Dolly Parton, “Saio da cama e vou até o... err... banheiro do meu quarto no vagão de trem, tomo uma xícara de... café vagabundo feito em uma cafeteira em miniatura e solto bocejo, e me espreguiço, e tento começar a viver”. Perseguir homens das 9 horas da manhã às 17 horas é uma bela maneira de não dormir mais com nenhum outro homem!

A manhã está linda e ensolarada em Chattanooga, e o ar traz o cheiro da primavera. Eu me sinto renovada. As lembranças de R.o.d. já estão bem distantes. Wade mora a cerca de dez minutos do hotel onde estou, em um

condomínio não muito grande, cheio de sobrados brancos, todos idênticos entre si⁹. Depois de descobrir qual é o sobrado onde ele mora, coloco meu boné e os óculos escuros. E assim como fiz em Filadélfia, estaciono do outro lado da rua e espero.

O carro de Wade, um Honda marrom de duas portas, está estacionado em frente ao sobrado, então eu tenho certeza de que ele está em casa. Eu sei que aquele é o carro de Wade porque, quando usei o Google para ver o que conseguia descobrir sobre ele, vi que ele havia ganhado o carro em um concurso promovido por uma estação de rádio, há dois anos. Apesar de

relativamente novo, o carro está em um estado lastimável: as laterais estão riscadas, a frente esta amassada e os pára-choques estão com marcas de batida. Parece que há um motorista pior do que eu neste mundo.

Durante a próxima hora, enquanto eu espero, conto tudo sobre Wade a Eva. Ela é minha comparsa, então é importante que saiba sobre o que está acontecendo. Embora eu não tenha certeza, acho que ela entende o que eu digo, porque ela pisca os olhinhos sem parar, e inclina um pouco a cabeça. Mesmo que ter encontrado Rod tenha sido uma enorme perda de tempo, não teria comprado Eva se não

tivesse ido atrás dele. Acho que tudo na vida acontece por alguma razão.

Por volta das 10 horas, percebo algum movimento na casa de Wade (as persianas se abrem), e fico um pouco nervosa, movendo meu carro até o balão de retorno que há no fim da rua. Depois de uns trinta minutos, Wade sai da casa e entra no seu carro. Ele parece estar mais maduro do que na última vez que nos vimos, o que é uma boa surpresa para mim. Quando ele dá a partida no carro e sai pela rua, vou dirigindo atrás dele, lentamente. Por sorte, como o banco de trás do carro dele está cheio de bugigangas, ele não consegue me ver pelo

retrovisor. E também não consegue ver mais ninguém.

Na entrada do condomínio, Wade vira à direita em uma avenida, e, depois de dirigir por cerca de dois minutos, para o carro no estacionamento de um supermercado Winn-Dixie. Ele entra, e decido segui-lo.

Assim que entro no supermercado, vejo Wade na seção de frutas e verduras, escolhendo cebolas. Pego uma cesta e me aproximo dele, parando quando chego até uma carriola cheia de maçãs de cores vivas. Pego um dos sacos de maçãs e começo a ler o rótulo com os valores

nutricionais e, lentamente, vou andando em direção a ele, até que eu acabo esbarrando nele. Literalmente.

- Oops, me desculpe - eu digo.

Wade olha para mim. - Ah, não foi nada - diz ele. Volta a olhar para as cebolas, mas rapidamente volta a olhar para mim. - Espere... Delilah?

Quando eu o ouço dizendo o meu nome, paro de ler a embalagem do saco de maçãs.

Quando Wade e eu nos olhamos nos olhos, solto um suspiro falso e coloco a mão sobre o peito para aumentar a

intensidade dramática do momento.

- Oh, meu Deus... Wade? (gostaria de agradecer à Academia de Artes e Cinema...) - Sim... - diz ele, sorrindo.

- Meu Deus, é tão bom ver você!

- É ótimo ver você, também! — eu exclamo. Não sei exatamente o porquê, mas eu jogo meus braços ao redor dele dou um abraço bem apertado. Quando me afasto, dou um passo para trás e balanço a cabeça, como se não acreditasse no que acontecendo.

- Que coincidência, não acredito!

-Eu sei... ei, você está morando aqui em Chattanooga?

- Eu? Oh, não. Ainda moro em Nova York. E você?

- Eu moro bem perto daqui, a uns cinco minutos de carro.

Na verdade, são dois minutos, mas eu não o corrijo. - O que você está fazendo aqui?

- Vim a trabalho.

Eu conto a Wade a história sobre a loja de Elisabeth e ele acredita em mim, assim como minha mãe, Daisy e

Rod acreditaram. Ele pergunta em que lugar de Chattanooga a loja será instalada, e, como eu não sei o que responder, eu lhe digo que é um segredo estratégico da empresa.

-E você? Há quanto tempo mora aqui?

- Faz uns dois anos. Eu adoro esse lugar. Não consigo me imaginar morando em nenhum outro lugar, especialmente em Nova York. As pessoas aqui são gentis e muito mais acolhedoras - diz ele. Eu nunca concordei com o mito de que os nova-iorquinos são grosseiros. Eu sempre achei que eles eram as pessoas mais amáveis do mundo. Mas cada um com

a sua opinião, eu acho. Wade e eu olhamos um para o outro em um silêncio desconfortável por alguns segundos.

- Bem, foi muito ver você - diz ele, após mais algum tempo. Ele se vira, mas não vai exatamente embora. Eu me lembro de que ele era um pouco tímido quando nos conhecemos, e tenho a sensação de que ele não sabe o que fazer agora. Assim, decido tomar a iniciativa.

- Ei, Wade, antes de você ir... vou ficar na cidade até amanhã, e não tenho nenhum compromisso marcado para hoje. Você está livre?

Wade se vira para mim e sorri. - Engraçado... eu ia perguntar se você gostaria de vir andar de bicicleta comigo.

Eu fico animada. - Um passeio de bicicleta? Parece bem divertido.

De repente, eu me lembro de Eva. - Oh, espere... tenho um cachorro.

Olhando para baixo, Wade dá um salto quando vê Eva pressionando seu pequeno focinho contra a tela da bolsa.

- Que coisa, eu não sabia que havia um cachorro aí dentro. Achei que

fosse só uma bolsa.

- Mas é esse o motivo. Eu acho que não deixam cachorros entrarem em supermercados, então eu tive que escondê-la.

-Ela é uma fofura - diz Wade, olhando para Eva. - Sabe, a minha outra bicicleta tem uma cestinha no guidão. Talvez você possa colocar a bolsa dentro da cesta e eu poderia amarrá-la.

Eu faço uma careta. Isso não parece ser muito seguro. Wade pressente a minha hesitação.

-Depois de pensar no caso por alguns minutos, acabo concordando. Tenho certeza de que Eva vai ficar bem. Eu sorrio.

- Tudo bem, acho que vai ser legal.

Eu olho para Eva. — Não é mesmo?

Ela olha para mim e pisca os olhinhos. Acho que ela também concorda.

Depois de voltar ao hotel para trocar de roupa, eu me encontro com Wade em frente à entrada. Com Eva dentro da bolsa, eu a coloco dentro da cesta da bicicleta, certificando-me de que a tela da bolsa está virada para frente

para que ela possa ver aonde estamos indo. Wade amarra a bolsa com uma corda elástica e nós dois pedalamos em direção a um parque nas proximidades.

Durante o primeiro quilômetro do nosso passeio, Wade fica um pouco à minha frente, para que ele possa ver como Eva está. Toda que ele se vira e olha para ela, ele cai na gargalhada. Aparentemente ela está se divertindo como nunca — está com a língua para fora e o seu pelo está agitado com o vento. Como não consigo ver, eu lhe entrego a minha câmera digital para que ele tire uma foto. Quando a vejo, também caio na gargalhada.

Eva não é simplesmente a coisa mais fofa neste planeta, mas eu pareço a maior imbecil.

Estou pedalando uma bicicleta com uma yorkshire dentro de uma bolsa xadrez para cães em tons de verde e rosa amarrada na cestinha.

Wade e eu passeamos por Chattanooga por cerca de uma hora. Embora eu me divirta, é difícil dizer se ele mudou. Não dá para conversar com ele. Por sorte, depois de duas horas paramos em um parque perto do rio Tennessee para fazer o nosso piquenique. Quando eu tiro Eva de dentro da bolsa, ela começa a correr

feito louca pelo lugar. É muito engraçada, e vive arrastando as patinhas na terra como se fosse um touro.

O passeio de bicicleta a animou. Ela é tão audaciosa!

Enquanto Wade coloca um cobertor no chão, pergunto onde ele está trabalhando hoje em dia, enquanto rezo silenciosamente para que não seja com a venda de produtos da Amway.

- Sou gerente de um restaurante na cidade - diz ele, para o meu alívio. - Não sou do tipo que ama o trabalho,

mas é preciso pagar as contas, não é?

Ele parece um pouco triste quando diz aquilo. Hesito por um minuto, sem saber se devo perguntar aquilo que realmente quero perguntar. Aquilo está me queimando por dentro, então eu decido entrar de cabeça. - E o que aconteceu com o seu sonho de trabalhar como dublê?

Wade me dá um sorriso tristonho. - Não deu muito certo - e eu vejo que o rosto dele fica vermelho. - Era só um devaneio, mesmo.

Eu sinto pena dele. Parece estar envergonhado.

- Não era um devaneio, não - eu digo, tentando fazer com que ele se sinta melhor.

Wade para com o que está fazendo e me dá um olhar duro, do tipo que diz "era sim, e você sabe que era". - Tudo bem, talvez pudesse ser um devaneio, mesmo - eu digo, sorrindo.

Meu Deus, não consigo acreditar nisso. Baseado no pouco que conversamos, Wade parece ter mudado; parece estar mais maduro. Mesmo assim, não tenho certeza de que gosto dessa nova personalidade dele. Algo me diz que aquele garotinho ainda sobrevive em algum

lugar dentro dele. Preciso testá-lo. Preciso ter certeza de que isso é real, de que não é apenas uma máscara, e, assim, começo a pensar em um plano. Em primeiro lugar, Shania Twain. Enquanto Wade prepara as coisas do nosso almoço, eu conecto dois pequenos alto-falantes ao meu iPod e seleciono "Man, I feel like a woman". Assim que a música começa a tocar, eu mordo meu lábio para evitar o riso, e observo Wade de perto. Ele costumava fazer a coreografia e fingir que cantava essa música para mim quando namorávamos. Se tem alguma coisa que vai quebrar a fachada que ele construiu, é essa música. Quando

Wade ouve a voz de Shania, ele fica imóvel e começa a olhar fixamente para algum ponto ao longe. Vamos lá, Wade, você é capaz de fazer isso, eu sei. “Man shirts, short skirts, uo-ho-ho! ”

Wade não faz nada. Fica apenas olhando vagamente para algum ponto ao longe.

“Color my hair, do what I dare, uo-ho-ho! ” Vamos lá, vamos lá, que diabos! Mas nada acontece. Eu passo para o próximo teste: o jogo das 20 perguntas.

Enquanto almoçamos, eu começo a

fazer todo tipo de pergunta a Wade, perguntas idiotas, perguntas cuja resposta é apenas uma palavra, para ver se ele cai na tentação de iniciar um jogo de Imagem & Ação. Se eu perguntasse ao velho Wade qual era a sua cor preferida, ele iria puxar a orelha e apontar para o seu joelho (algo que tem o som parecido com joelho... ou seja, vermelho).

- Qual sua cor preferida?

- Vermelho.

- Qual o seu presidente preferido?

- Kennedy.

-Onde fica o seu lugar preferido para passar as férias?

- África.

- Qual é a primeira coisa que você compraria se ganhasse um milhão de dólares?

- Uma casa.

- Qual super-herói você gostaria de ser?

- Super-Homem.

Para a minha surpresa, Wade responde a todas as minhas perguntas

com palavras.

Honestamente, estou aparvalhada; não consigo acreditar nisso. Ele parece ter crescido.

Ele parece ter... meu Deus... se tornado um homem.

Quando terminamos de almoçar, Wade pega dois biscoitos que ele comprou em uma confeitaria perto de onde mora. São biscoitos açucarados, decorados e cortados como se fossem tulipas. As pétalas são cobertas com glacê cor-de-rosa e amarelo, e os caules e as folhas estão cobertos com algum tipo de granulado verde que

brilha com a luz do sol.

- Para celebrar a primavera, uma época de recomeços - diz Wade. Ele me olha fixamente nos olhos por um minuto. Acho que ele está tentando me dizer que mudou.

Depois de sorrir para Wade, eu devoro o biscoito, mesmo que seja algo bonito demais para comer. Vendo que o granulado tingiu minha língua e lábios de verde, Wade me provoca. - Você está parecendo Caco, o sapo.

- Não estou não! - eu digo, dando um tapa nele.

- Não se ofenda. É um elogio - diz Wade.

Um elogio? Espere um pouco... como é que é?

SEIS



5. Tim Townie: Um dos gêmeos Thompson (e não da banda Thompson Twins, dos anos de 1980). Havia rumores de que o dele era grande. Era mentira.

6. Ian Kesselman: Estranhamente obcecado pela própria mãe.

7. Tom Townie: Outro dos gêmeos Thompson. Havia rumores de que o dele era grande. Verdade.

8. Delaware Pepper: Sim, esse era o

nome verdadeiro dele. Tinha cheiro de macarrão instantâneo.



Farinha do mesmo saco.

Domingo, 17 de Abril

Uma semana mais tarde, quando eu entro em uma rodovia do Kansas rumo a Nova Orleans, imagino como

vou contar a Michelle que vou visitar El Abogado. É suficiente dizer que os meus encontros com Ian, Delaware e os gémeos Thompson não tiveram resultados muito bons. Assim como aconteceu com Wide, eu já deveria saber que nenhum desses quatro seria aquele com quem as coisas finalmente dariam certo.

Sim, as pessoas podem mudar, mas as pessoas realmente estranhas raramente mudam.

O primeiro desastre aconteceu quando eu visitei o número 6, Ian Kesselman.

Namorei Ian há dez anos, quando

estava no segundo ano da faculdade. Quando terminei o ensino médio, eu não sabia exatamente o que queria fazer com a minha vida. A única coisa que eu tinha certeza era que queria fazer faculdade em algum lugar longe de casa.

E "longe" é a palavra-chave nessa frase. Minha mãe não queria que eu me afastasse muito da costa leste, mas deixou que eu me inscrevesse nos processos seletivos da Universidade de Miami em Oxford, no estado de Ohio, porque foi lá que ela estudou.

De todas as faculdades que me aprovaram, essa era a que ficava mais

longe de Connecticut. Foi para lá que eu fui, e foi lá que eu conheci Ian.

A melhor maneira de descrever Ian é dizer que, se um diretor de cinema viesse bater à minha porta, pedindo para que eu indicasse alguém que fosse o estereótipo de um homem neurótico, eu o mandaria direto para a casa de Ian Kesselman. Ele pensava que era Woody Allen. Andava como ele, falava como ele e pensava como ele. Ele o imitava de todas as maneiras possíveis e imagináveis exceto uma. Em vez de se sentir atraído por garotas mais novas, Ian se sentia atraído por mulheres mais velhas.

Do tipo que tem idade para ser a mãe dele. Mulheres com mais de 50 anos.

Varias mulheres com mais de 50 anos são atraentes. Assim aquilo não me incomodava tanto no começo. Entretanto, depois de algum tempo, aconteceram duas coisas que me assustaram bastante. A primeira: embora ele negasse veementemente depois do fato, Ian passou uma cantada na minha mãe quando ela veio me visitar certa vez. É claro que ela achou aquilo o máximo, um universitário dando em cima dela.

Mesmo assim, quando eu disse a ela que Ian havia lhe cantado porque ele

gostava de mulheres mais velhas, e não porque ele achava que ela parecia ser mais nova do que realmente era, ela mudou de opinião.

- O que ele está pensando? Que sou uma velha de e tantos anos? - perguntou ela, sentindo-se ofendida.

- Você tem 50 anos, mãe - lembrei-lhe.

- Sim, mas pareço ter menos.

- Eu concordo, mas Ian acha que você tem mais.

Uma semana depois de eu dizer

aquilo, ela passou por sua primeira cirurgia plástica no rosto.

A segunda coisa que fez com que eu me distanciasse dele tinha a ver com o fato de que ele falava coisas muito sujas quando fazíamos sexo. Eu tinha só 19 anos na época, e, naquele momento da minha vida, verbalizar pensamentos lascivos era algo que acontecia apenas nos filmes com Sharon Stone, e não no dormitório da faculdade, onde eu morava. Mesmo assim, embora eu pudesse estar desprevenida, não foi só a linguagem chula que me afastou dele. O que realmente fez com que caísse fora foi quando, certa vez, eu e Ian estávamos

transando no apartamento dele, enquanto ele dizia algo como "vai, vagabunda, eu sei que você gosta assim!", eu percebi que Ian estava olhando para um retrato da sua mãe que estava sobre a mesinha de cabeceira. Achei que ele estava olhando para alguma outra coisa ao longe, e que, por coincidência a foto estava na mesma direção. Mas, quando aquilo aconteceu uma segunda vez, e também uma terceira, eu percebi que ele realmente estava olhando para aquela foto. Para mim, foi o bastante. Três vezes já é demais. Terminamos pouco tempo depois.

De todos lugares onde Ian poderia

morar hoje em dia, é claro que tinha que ser a Flórida, estado com a maior população idosa dos Estados Unidos. Eu devia ter desconfiado de que lan não havia mudado nada assim que li o endereço dele na lista que Collin me passou. Mas que nada. Não eu, não a Delilah, a inteligente. Cantando "I saw the sign' junto com Ace o Base, para me animar enquanto dirigia para Tallahassee, na Florida, no meu carro barato e surrado eu o encontrei, vigiei e descobri que ele era professor de ginástica aeróbica. O nome da academia que ele trabalhava era Fit 50, mas a possibilidade de que aquele lugar tosse um centro especializado

em ginastica para pessoas com mais de 50 anos nem chegou a me passar pela cabeça. Nada disso. Passei por algumas lojas e comprei roupas de ginástica que tinham um visual totalmente rétro e totalmente sensual. Quando experimentei o traje, estava parecida com Jane Fonda em todos aqueles vídeos de exercícios que ela gravou durante a década de 1980: feroz. No dia seguinte, levei a minha barriguinha abaixo da idade de 29 anos de idade para a Fit 50. E descobri que estou 21 anos abaixo da idade mínima para passar pela catraca da recepção.

Qualquer idiota já teria desistido

naquele momento, sabendo que tipo de homem Ian é. Mas, que nada. Não eu, não Delilah, a inteligente. Não importa quantas vezes eu cantasse a respeito de "ver os sinais" a caminho da Flórida, eu simplesmente resolvi ignorar a todos quando cheguei ali. Eu nunca somei dois mais dois, nunca imaginei que Ian trabalhasse na Fit 50 porque ele estava... digamos... namorando a proprietária ou coisa assim (sim, era exatamente isso o que ele estava fazendo). Eu achei que aquilo fosse uma coincidência e ameacei denunciar o lugar por discriminação em razão da idade. Minhas ameaças funcionaram, eles

me deixaram entrar.

Quando entrei na aula de aeróbica avançada de Ian e dei uma olhada nas minhas concorrentes, eu ri comigo mesma, pensando: “Vai ser fácil mostrar como se faz para essa cambada de vovós”. E “pensando” é a palavra-chave nessa frase. Para resumir uma longa história, eu desmaiei na metade da aula. E, quando perdi os sentidos, como se isso não fosse ruim o bastante, algum velhote resolveu me beijar de língua enquanto fazia respiração boca a boca. Pois é... eca!

Depois de sair da Flórida, Eva e eu

fomos para o número doze: Delaware Pepper, que hoje vive em Houston, no Texas. Embora Delaware e eu tivéssemos estudado na mesma escola durante o ensino médio, só fui conhecê-lo um ano depois da nossa formatura na faculdade, em 1988. Trabalhava como recepcionista em um estúdio de design em Manhattan na época, e estava sentada em frente à empresa durante o meu horário de almoço, ouvindo a trilha sonora do seriado *Ally McBeal* enquanto tentava comer meu lanche e evitar que o vento levantasse a minha saia, quando ele se aproximou de mim e me cumprimentou. Ele disse que estava

feliz por me ver, e perguntou como minha mãe e Daisy estavam. E eu nem imaginava quem ele era.

Durante vinte minutos, enquanto conversávamos, eu estava revirando minhas memórias, tentando encontrar a resposta para a pergunta: Quem é esse cara? Acho que aquela confusão ficou aparente no meu rosto, porque, logo em seguida, Delaware me perguntou:

- Você não sabe quem eu sou, não é?

Eu balancei a cabeça e disse que não, ficando bem envergonhada.

- Delaware Pepper – disse ele, tentando refrescar a minha memória.
– Estudamos juntos no ensino médio.

Mesmo assim, não fazia a menor ideia de quem ele era. Assim, fingi ter me lembrado e exclamei: - Oh, Delaware! Desculpe-me, é tão bom ver você!

Claro, me senti muito mal por não me lembrar dele. Assim, convidei Delaware para vir se encontrar comigo e com alguns outros amigos para tomar uns drinques naquela noite. Quando ele chegou e entrou na conversa, começou a falar sobre o fato de ter se formado em Harvard, e estava esperando fazer um estágio no

MIT (N.T. *A universidade de Harvard e o MIT (Massachusetts Institute of Technology)* estão entre as instituições acadêmicas mais respeitadas dos Estados Unidos.).

Ele era um chato de galochas, um pé no saco, mas, por algum motivo, percebi que estava me sentindo atraída. Acho que o motivo era o fato de ele ser um desafio. Na superfície, Delaware enfadonho e estranho, mas, por dentro ele era misterioso. Eu não parava de pensar que, se fosse possível atravessar aquela casca e descobrir o seu verdadeiro potencial, então eu seria melhor do que todas aquelas pessoas que faziam questão

de ignorá-lo. Quando saímos do bar, eu o convidei para vir ao meu apartamento e nós acabamos transando, e não foi uma transa muito boa. Como ele tinha pouca experiência, Delaware tinha que parar a cada dez segundos para recuperar o fôlego.

De qualquer forma, aquela foi a única noite em que dormimos juntos. Eu acabei terminando com ele alguns dias depois, porque ele cheirava a macarronada. É sério. É constrangedor admitir isso, pois a situação é meio imbecil, mas foi assim que as coisas aconteceram. Alguns dias depois da nossa noite entre os

lençóis, Delaware veio ao meu apartamento, logo depois de eu ter preparado uma panela enorme de macarrão instantâneo. Era de marca boa, do tipo que vem com um pacotinho de queijo ralado dentro, e eu queria devorar tudo. Eu não estava a fim de companhia.

Quando Delaware entrou pela porta da frente, ele imediatamente quis entrar em ação, mas eu queria... o meu macarrão instantâneo. Ele começou a me beijar, e eu estava o tempo todo pensando em coisas como: “Meu macarrão instantâneo está esfriando...”

não vai ficar cremoso... vai ficar todo empelotado”. Quando não consegui mais agüentar, eu me desvencilhei e disse a ele que tinha que comer, porque sofria de hipoglicemia. Eu dei um prato de macarrão a Delaware para que ele não se sentisse tão rejeitado. Foi um gesto de cortesia, apenas. Quando terminamos de comer, Delaware começou a me beijar de novo, e dessa vez o nojo realmente tomou conta de mim. Além de o macarrão instantâneo ter deixado a boca dele quente e pegajosa, ele estava cheirando a queijo, também. E foi assim que tudo terminou.

Eu sempre me perguntei o que

aconteceu com Delaware,e, quando soube que ele estava morando em Houston, comecei a imaginar o que ele estava fazendo lá. Depois de esperar três dias em frente à casa dele sem conseguir vê-lo, comecei a pensar que nunca viria a descobrir. Porém, lendo as notas que Colin me enviou com mais atenção, eu vi que também havia o número do telefone da empresa onde ele trabalhava, e liguei pra ele. E foi quando percebi que Delaware não estava fazendo nada em Houston – ou na Terra, por assim dizer. Quando a secretária eletrônica atendeu, a mensagem que estava ali não era a típica “Obrigado por ligar,

mas não posso atender no momento”. Era algo mais... sideral, por assim dizer.

“Oi, aqui é o Dr. Pepper - Sim, Dr. *Peppe* (N.T. Nome de refrigerante muito famoso nos Estados Unidos). É assim que o chamam desde que ele completou seu PhD

no MIT). Não posso atender sua chamada agora porque estou no ônibus espacial Discovery, consertando o telescópio espacial Hubble. Ah, e por falr nisso... olá, mamãe!

Sim, o ônibus espacial Discovery, e o

telescópio espacial Hubble. Delaware Pepper, o cara com quem terminei o namoro de maneira estúpida por causa de uma panela de macarrão instantâneo, agora trabalha na NASA. Sim, temos um problema em Housto, e esse problema é o chute que eu dei em mim mesma por agir como uma idiota há sete anos.

Mas Eva e eu não desistimos. Nada disso. Nós entramos no carro e dirigimos até um fim de mundo perdido no meio do Estado do Kansas para visitar os números cinco e nove da minha lista, os gêmeos Thompson. É claro, esses não são os mesmos Thompsons que gravaram “Hold me

now”, uma música que fez sucesso na década de 1980. Apenas dois caras cujo sobrenome, por coincidência, é Thompson. Não me orgulho de ter me envolvido com dois irmãos gêmeos, mas, sim, isso acabou acontecendo. Não ao mesmo tempo, claro (posso ser meio vagabunda, mas não a esse ponto). Axabei ficando com o segundo quase dois anos depois de ter me envolvido com o primeiro. Em minha defesa, a única razão por ter feito isso foi porque eu pensei que ele era o primeiro. Os dois eram idênticos. De verdade.

Bem, quase.

Eu conheci Tim e Tom Thompson na faculdade. Eles moravam em Oxford, no Estado de Ohio, mas não frequentavam a Universidade de Miami, onde eu estudava.

Eles eram dois caipiras que haviam crescido por ali. Como os dois eram bacanas e amistosos, a faculdade inteira pensava que eles eram alunos. E eles eram, mas não na Universidade de Miami (N.A. Eles faziam telecursos no colégio técnico local, e assistiam a aulas transmitidas pela rede de Tv aberta (ou as gravava em vídeo, caso o horário das aulas fosse o mesmo que o expediente deles no supermercado Piggly Wiggly, onde

trabalhavam).

O primeiro gêmeo com quem fiquei foi Tim. Tivemos um namoro intermitente durante alguns meses, no começo do meu segundo ano na faculdade, no outono de 1994. Não me lembro do motivo de termos terminado, mas, quando isso aconteceu, eu me lembro de ouvir uma garota me perguntar se os rumores eram verdadeiros, se o pênis de Tim era tão grande quanto todos diziam ser. Eu nunca havia ouvido esse tipo de conversa, e, infelizmente (para mim), disse a ela que não era verdade. O pênis de Tim era de tamanho médio.

Eu pedi transferência para outra escola no terceiro ano da faculdade, e perdi contato com os gêmeos Thompson. Um ano depois da transferência, eu voltei a Oxford para visitar uma amiga e ir ao show da banda Barenaked Ladies que ocorreria nas dependências do campus, e acabei esbarrando em Tim, em uma festa que aconteceu depois da apresentação. Depois de alguns minutos de conversa, sentimos uma atração crescer entre nós, e, antes que eu desse por mim, nós dois estávamos trancados no banheiro e sem roupa, fazendo sexo. E foi assim que eu percebi que estava com Tom, e não

com Tim. O pênis dele era descomunal. Na verdade, não imaginava que fosse possível um pênis ficar tão grande quanto o dele. O boato que a garota me contou era verdade; estava apenas sendo espalhado sobre o irmão errado. De qualquer forma, voltemos ao banheiro. Quando percebi o erro que havia cometido, era tarde demais.

Tom e eu já estávamos transando. (E, falando francamente, foi uma transa ótima).

O fato de que os gêmeos Thompson tinham quase 30 anos de idade e ainda moravam juntos deveria ter me

alertado de que algo não estava certo com eles, mas eu nem me dei conta disso. Não percebi o quanto as coisas estavam erradas até estacionar em frente ao lugar onde eles moram. Não foi o trailer onde eles moravam que me decepcionou. Eu não gosto de criticar pessoas que moram em trailers porque eu ainda não tenho a minha casa própria e não tenho sequer um dólar no bando, então não posso me dar ao luxo de julgar os outros; pelo menos o lugar onde eles moram pertence a eles.

O que me preocupou foram as caixas térmicas e espreguiçadeiras reviradas que entulhavam o jardim, o cheiro de

esgoto que permeava o ar, e um rolete para assar carne em frente à porta de entrada, com uma carcaça velha e chamuscada espetada.

Tendo visto o bastante para remover oficialmente os gêmeos Thompson da minha lista de possíveis candidatos a parceiros para o resto da vida, eu engatei a primeira marcha e saí dali. Entretanto, qualquer esperança de uma fuga fácil se desfez quando eu atrolei um dos filhos deles (na verdade, eu deveria dizer que bati em um deles com o carro, porque não cheguei realmente a passar por cima da criança). É claro que foi um acidente.

Ainda não sei qual das crianças eu acertei, porque Tim e Tom têm cinco filhos entre si: Nifty, Dandy, Thumper, Scooter e Bob. Foi Thumper que teve a infelicidade de meter a cara no meu para-choque. Ele, ou melhor, ela com seu cabelo cortado por uma máquina um, estava anadando de bicicleta e atravessou a rua bem quando o meu carro estava passando. A colisão poderia ter causado um desastre, mas, graças aos meus reflexos rápidos (e às quatro latas de Red Bull que eu havia bebido para conseguir ficar acordada durante a viagem), meu para-choque acabou só dando um empurrão de leve na

bicicleta de Thumper – uma bicicleta que ficava em pé graças a um par de rodinhas extras que ela havia parafusado à roda de trás. Ela não saiu voando por cima do guidão, nem deslizando por cima do asfalto. Nada disso. A bicicleta apenas tombou lentamente de lado. Quando Tim e Tom ouviram o barulho dos meus freios raspando no asfalto, os dois saíram correndo do trailer, e pude vê-los em toda sua glória. Para dizer o mínimo, os anos não trataram aqueles rapazes muito bem. Desde a última vez que os vi, um desastre atingiu o cabelo deles, a única coisa de bom que eles tinham. Não sei quem disse a

eles que é legal usar navalhas para raspar o cabelo nas laterais da cabeça de modo que formem desenhos de relâmpagos, porque realmente não é. A mesma coisa vale para o corte de cabelo deles no estilo mullets (N.A. Mullets não são, e nunca serão, um corte de cabelo elegante).

Não quero nem saber se são Tim e Tom morando em algum lugar do Kansas ou um cara descolado morando em Williamsburg, no Brooklyn Depois de examinar Thumper, Tim, Tom e eu percebemos que ela estava bem.

Não tinha nenhum sangramento,

apenas um pequeno arranhão. (E isso é motivo para tanta choradeira? Não sei. Como sou uma adulta, pedi desculpas a ela embora tivesse sido ela quem pedalou para o meio da rua, mas Tim e Tom disseram para eu não me preocupar, pois acidentes acontecem. Aliás, foi até engraçado. Com toda aquela comoção, eles nem chegaram a perguntar por que motivo eu estava passando pela rua onde eles moravam. Quando eles perceberam quem eu era, disseram que era “bão demais” me ver por ali, e me convidaram para entrar no trailer onde moravam para tomar umas “brejas”. Eu recusei a cerveja (havia alguma

coisa na maneira como o pequeno Bob insistia em esmagar perninhos (ou pulgas?) em seu próprio corpo que me deixou à beira de um ataque de pânico), e, em vez disso, convidei a família toda para jantar no restaurante favorito de Thumper. Se eu soubesse que acabaríamos indo ao Long John Silver's talvez eu não tivesse dado tanta liberdade de escolha a Thumper, mas tenho certeza de conseguir tirar o cheiro de gordura de peixe que ficou nas minhas roupas. Algum dia.

Como as esposas de Tim e Tom estavam trabalhando (sim os dois são casados, mas eles me disseram que apenas moram juntos não culpou Colin

por não ter descoberto esse detalhe), o jantar ficou restrito apenas a nós oito. Enquanto jantávamos, eu comecei a desejar novamente, assim como aconteceu quando eu estava com Wade, ter uma câmera escondida presa à minha lapela. Tim e Tom ficavam comparando suas cicatrizes e tatuagens; o pequeno Bob soltava puns e me perguntava se eu gostava do seu bumbum; Nifty não parava de enfiar o dedo no nariz e tentava espremer a espinha que tinha na bochecha (e eu nem sabia que era possível que crianças tivessem espinhas), e Dandy e Scooter ficavam atirando salgadinhos de milho

cobertos com ketchup, bolinhos de peixe cobertos com molho tártaro, e espigas de milho amanteigado uns nos outros.

Thumper, por sua vez, era a única pessoa que conseguiu ser agradável à mesa. Talvez ela estivesse em estado de choque por causa do acidente, mas passou a noite inteira sentada na sua cadeira olhando fixamente (ferozmente?) para mim, tomando o seu caldo de ostras.

Antes de voltar para a estrada naquela noite, eu escrevi uma declaração em um guardanapo e fiz Tim e Tom assinarem embaixo. Duvido que eles

tenham lido o que eu escrevi, mas eles concordaram em não me processar em troca de uma caixa com comida de astronautas. Eu havia comprado uma caixa de isopor com picolés quando estava em Houston, e... uau... aquela gente mal lavada ficou louca por eles. Tanto os filhos quanto os pais.

Depois de me despedir de todos, entrei no carro e estava pronta para zarpar quando a pequena Thumper veio correndo até a minha porta. Achei que, talvez, ela fosse me agradecer pelo jantar, ou talvez que não estava brava por eu quase tê-la atropelado. Assim, abri minha janela

para conversar com ela.

- O que foi, Thumper? - eu perguntei, com um sorriso.

Sem hesitar, Thumper inspirou profundamente pelo nariz e soltou uma cusparada verde e pegajosa que me acertou bem no meio do rosto, - Olhe por onde anda da próxima vez, sua vaca - disse ela, sorrindo de volta para mim. Depois de assentir educadamente, eu disse a ela que tomaria mais cuidado, e enxuguei o rosto.

De qualquer forma, tudo isso aconteceu na noite passada. Enquanto

dirijo pela rodovia hoje, estou em silêncio. Nada de Ace of Base, nada de Ally McBeal, nada de Barenaked Ladies. Começo repensar a ideia que tive. Estou decepcionada por não ter tido um sucesso com nenhum daqueles seis caras? Não. Estou começando a entrar em pânico por conta disso? Sim, e por dois motivos.

O primeiro é que não consigo acreditar que dormi com esses por sua fracassados. Tenho certeza de que eles não eram os desastres que são hoje na época em que transamos, e isso me faz pensar: “Será que foram eles que degradingaram, ou foi o meu radar para panacas que não estava

funcionando bem na época? Ou será que eles não são os fracassados que eu acho que são, e fui eu que me vi uma tornei uma rabugenta desvairada?”. Honestamente, não consigo saber. Onde foi que as coisas começaram a dar errado?

O segundo motivo pelo qual estou preocupada é o seguinte: entendo como meu avô conseguiu esbarrar em uma única mulher do seu passado e perceber que tudo daria certo. Incluindo os quatro caras que eu eliminei antes de sair de Nova York, eu já estou perdendo de dez a zero, o que não é muito bom. Pegando o meu telefone ligo para o meu avô para

perguntar como estão com Glória. Não vou dizer que espero que as coisas não estejam dando certo para eles, mas acho que vou me sentir um pouco melhor se ele me disser que está tendo relacionamento. Quando meu avô atende ao telefone eu vou direto ao ponto. - E então, como estão as coisas com Glória?

- Oh, querida... estão melhores do que nunca!

Que droga! Oops! Quero dizer, que ótimo!

- Sério? Tem certeza? - eu pergunto.

- É claro - diz meu avô, confiante. Eu quase consigo um sorriso que ele tem no rosto. - Eu ainda não senti aquela vibração, mas ainda acho que vai acontecer.

Depois de soltar um longo suspiro, digo que estou feliz por ele. - Ei, não quero mudar o assunto, mas eu lhe falei que comprei um carro?

Aquilo me deixa confusa. - Um carro? Você disse que ia comprar um carrinho elétrico de golfe.

- Bem, eu ia. Mas me lembrei de que estou morando em Las Vegas, não na Flórida. E então eu comprei um

Camaro em vez do carrinho de golfe!

- Um... Camaro? - Jesus Cristo!

- Isso. Ele é laranja, você precisa vê-lo.

À medida que imagens do meu avô dirigindo um Camaro laranja pelas ruas de Las Vegas ao som de Jefferson Starship preenchem a minha mente, meu corpo estremece. - Bem, espero que se divirta com ele.

-Ah, com certeza vou me divertir. Ei, preciso ir agora, mas eu amo você.

- Também amo você.

- Até mais!

Quando desligo o telefone, tento ver o lado bom das coisas. Claro, já eliminei dez, mas ainda tenho outros dez para visitar. Dez bons prospectos, também. Além de El Abogado, os números 7 e 13 da minha lista: Henry, o bom-moço; e Alex, o homem perfeito que acabou escapulindo. São ótimos partidos. Ótimos. Ainda há esperança. Isso ainda pode dar certo.

Depois de me animar com aquele pensamento, ligo meu iPod e oloco unia música de Arlo Guthrie para tocar, uma que meu avô cantava para mim quando eu era pequena,

chamada “The city of jsjew Orleans”.
Sentindo minha esperança se renovar,
canto junto com o aparelho e sigo meu
caminho.

“Good moooooooooorning, America,
how are ya?”

(Ainda restam + 2.804, 31 dias e 10
homens).

SETE

16 – El Abogado

Nome verdadeiro: Diego Soto.

Romance que tive enquanto estava em Barcelona. Houve sérios problemas por conta da linguagem

7 – Henry Parker

Transamos apenas uma vez, e nunca mais nos vimos. Usei-o para provar a Kate que eu não era lésbica. Também conhecido como “Henry, o bom

moço”.

13 – Alex Wolfe

Triplamente ótimo: divertido, inteligente e bonito. Também conhecido como “o bom de cama que acabou escapulindo”.

* BIP*

“**Delilah**, aqui é a sua mãe. Não sei o que está havendo, mas eu telefonei para a sua empresa para tentar falar ’

com você esta manhã, e um cara chamado Roger me disse que você havia sido dispensada. Quando eu disse que ele estava enganado, ele riu e disse que tinha certeza de que você havia sido mandada embora, já que foi ele mesmo que 'lhe mostrou a realidade dura e a esfregou na sua cara'. Você poderia ter a decência de *me* ligar e explicar o que está acontecendo? Obrigada”.

BIP

"Delilah, aqui é Daisy. Você foi demitida? A mamãe está desesperada

aqui. Será que você poderia ligar para ela, por favor?"

Estou aparvalhada

Na minha lista de 20 nomes, ***El*** Abogado **veio depois de Rod**, mas quase dois anos ***depois del e***. Embora isso não tenha sido intencional, fiquei algum tempo na seca quando parei de sair todos os fins de semana, mas não percebi isso naquela época. Na verdade não me dei conta disso até elaborar minha lista. Foi nesse período que comecei a trabalhar na ESD, uma

época em que comecei a dar mais importância à minha carreira do que à minha vida pessoal

Em novembro de 2002, oito meses depois que comecei trabalhar lá, Elisabeth deixou que os funcionários tivessem uma folga remunerada durante toda a semana do Dia de Ação de Graças.

Ela sempre fazia essas coisas legais por nós. Michelle e eu já havíamos nos tornado boas amigas naquele momento, e começamos a planejar uma viagem para Barcelona. Nenhuma de nós havia estado lá anteriormente, e nós duas queríamos

ir.

Embora eu não saiba falar nada em espanhol, Michelle estudou essa língua durante oito anos, e tinha certeza de que seria capaz de nos guiar pela cidade.

Nossa amizade se fortaleceu bastante nessa viagem. Concordávamos em tudo: aonde ir, que lugares visitar, o que não comer. Sim, embora Barcelona fosse um lugar lindo, não tínhamos nenhum apreço pelas duas variedades de comida que eram servidas em praticamente todos os lugares: peixe e presunto. Nosso problema com o peixe era mais a

questão da preparação do que qualquer outra coisa. Das poucas vezes em que pedimos peixe, ele nos foi servido inteiro, incluindo a cabeça e, sim, os olhos (caso você esteja imaginando, os olhos estavam levemente encolhidos, mas ainda intactos pelo processo de fritura em óleo quente). Era como se o peixe tivesse sido pescado, jogado em uma frigideira e depois despejado nos nossos pratos. Talvez Michelle e eu sejamos de um tipo de pessoas que não comem em qualquer lugar, mas não fomos capazes de comer aquilo. Não com o peixe olhando diretamente para nós. Em relação ao presunto, ele

tinha pedaços brancos de alguma coisa no meio com a consistência de um pedaço de cartilagem. O que quer que fosse aquilo, era impossível de se mastigar. Assim, tínhamos que cuspir aquelas coisas em um guardanapo a toda hora.

No quarto dia da nossa viagem, eu e Michelle já estávamos bastante irritadas, especialmente porque estávamos com fome. Como precisávamos extravasar um pouco daquela energia, nós ligamos para um rapaz que não conhecíamos, um amigo de um amigo que morava em Barcelona, para perguntar o que ele ia fazer naquela noite.

Depois de dizer que ele ia jantar com um grupo de amigos em um restaurante chinês -

sim, nada de presunto ou peixe - ele nos convidou para ir com ele. Não preciso dizer que aceitamos o convite na hora.

Homens espanhóis geralmente saem em grupos grandes. Assim, o grupo que saiu para jantar incluía Michelle, eu e sete rapazes bonitos, todos com a nossa idade, aproximadamente. Eles nos deram bastante atenção, e nós adoramos cada minuto que passamos com eles. El Abogado era o amigo de um amigo. Seu nome verdadeiro era

Diego Soto, mas Michelle e eu o chamávamos de El Abogado, que significa advogado em espanhol. Afinal, aquela era a profissão dele, e também porque não conseguíamos lembrar o nome de cada um. Ele era lindo, maravilhoso. Tinha uma pele perfeita e um cabelo cacheado de um tom castanho bem escuro, quase preto. E os olhos dele... uau!

Eram castanhos, misteriosos, e cercados por um par de óculos de aro preto do mesmo modelo usado por Clark Kent (*N.A. Christopher Reeve, o melhor Superman do mundo: descanse em paz*).

Apesar da imensa barreira que havia entre nós por causa da língua (Michelle não falava muito bem o espanhol, e o inglês que os rapazes falavam era uma lástima), El Abogado nos demos bem desde o começo, assim como Michelle e um outro rapaz que chamávamos de Dustin Hoffman (era incrível como os dois se pareciam). Eles adoravam filmes americanos e a cultura americana. Por algum motivo, eles também adoram a palavra aparvalhado e tinham a impressão de que ela era bastante popular nos Estados Unidos. Em vez de corrigi-los e dizer que não era bem assim, Michelle e eu decidimos

começar a usar a palavra com mais frequência, esperando que ela pudesse cair no gosto popular. Não deu certo.

Quando o jantar terminou, El Abogado e eu já estávamos praticamente namorando. Assim, ele pediu que eu montasse na garupa da motocicleta dele para ir a uma danceteria bastante famosa. Havia várias razões para dizer não. Por exemplo: eu havia acabado de conhece-lo; nós dois já havíamos bebido bastante; eu estava em um país estrangeiro e não falava a língua local; e, finalmente, eu ia me separar da amiga que veio comigo para este país estrangeiro. Entretanto, por algum

motivo, eu estava afim de viver perigosamente; assim. Peguei um capacete e montei na garupa.

- Acelere e me leva à loucura! – eu disse a El Abogado.

- É claro que eu gosto – respondeu ele. O que não fez o menor sentido.

Quando El Abogado acelerou e saiu do estacionamento do restaurante, eu me segurei com todas as forças para não cair. Ele passava por cima das calçadas, ziguezagueava por entre o trânsito e ignorava a luz vermelha dos semáforos. O tempo inteiro a cabeleira negra dele esvoaçava com o

vento bem em frente ao meu rosto, e, embora, estivesse cheirando um pouco a comida chinesa, foi algo muito sensual! O passeio foi assustador e emocionante ao mesmo tempo.

Depois de dançarmos a noite (ou a manhã?) inteira, Michelle acabou indo para a casa de Dustin Hoffman, e eu fui para a casa do meu Abo| (a maneira carinhosa como eu passei a chamá-lo). Quando Vamos na casa dele, depois de alguns amassos mais quentes, nós já ficamos nus. Depois de sentir a textura da pele do seu corpo, seja mão ao redor da cintura dele e fiquei aparvalhada quando **descobri** um pênis que não havia sido

circuncidado. Isso mesmo. Sem cortes, sem adulteração, e inacreditável! Foi a primeira vez na vida que entrei em contato com um pênis não circuncidado, e (minha nossa!), foi maravilhoso! Embora Abo quisesse ir direto ao prato principal, eu **queria** examinar aquilo com mais cuidado, então ele teve que esperar e ser paciente. E acender as luzes. Depois de explorar as regiões íntimas de Abo por algum tempo, olhei para ele admirada e lhe disse: - Que o prepúcio esteja com você! - e, embora ele não fizesse ideia do **que** eu estava falando, Abo me beijou apaixonadamente, e nós dois fizemos

um doce, doce amor espanhol.

Na noite seguinte, Abo e Dustin Hoffman convidaram Michelle e a mim para jantar novamente, e nós aceitamos com prazer. Eles nos levaram a um lugar que servia somente pratos à base de presunto. Michelle e eu acabamos nos conformando com aquele jantar, embora Abo estivesse tão empolgado que acabou engolindo a comida...

um pouco rápido demais, aparentemente. Não sei exatamente o que aconteceu, mas em um dado momento ele estava bem, e no momento seguinte, o rosto dele

começou a ficar roxo, e ele estava agarrando a própria garganta. Dustin Hoffman foi o primeiro a pular da cadeira.

Durante os minutos seguintes, Michelle e eu assistimos horrorizadas enquanto Dustin Hoffman abraçava Abo por trás com força, pressionando-lhe o diafragma para fazer com que ele cuspsse o que estava entalado na garganta. Depois de cinco tentativas inúteis, as coisas pareciam estar ficando cada vez piores, e lágrimas começaram a correr pelo rosto de Abo. Ver seu amigo começando a chorar fez a adrenalina correr nas veias de Dustin Hoffman; ele não iria

desistir. Depois de gritar: “yo te voy a salvar, amigo!” a plenos pulmões, ele apertou as costelas de Abo com tanta força que chegou a levantá-lo do chão. Quase imediatamente o pedaço assassino de presunto saiu voando da garganta de Abo e acertou em cheio, de todos os lugares possíveis, a minha bochecha.

E ficou grudado ali. Por algum tempo. Vendo o resultado do seu esforço divulgado de maneira tão vulgar, Dustin Hoffman cobriu a boca, horrorizado, enquanto Michelle arfou, surpresa; e o pobre Abo desabou em sua cadeira, humilhado. Eu?

Calmamente, peguei um guardanapo e limpei o meu rosto. Tentando animar um pouco as coisas, Dustin Hoffman deu um tapa nas costas de Abo. - Sua mãe não lhe ensinou a cortar a comida em pedaços menores?

Abo lhe respondeu com um olhar furioso - não era hora para brincadeiras - e se levantou, saindo da mesa sem falar uma palavra. Dustin Hoffman o seguiu.

Vinte minutos depois, quando os rapazes voltaram, Abo não estava falando muito, mas parecia estar melhor. Como Michelle ficou empolgada com as ações heroicas de

Dustin Hoffman, ela acabou passando a noite na casa dele novamente. Abo me convidou para passar a noite com ele também, mas, depois do que havia acabado de acontecer, eu não estava realmente a fim. Entretanto, eu sabia que recusar aquele convite ia fazer com que ele se sentisse ainda pior. Assim, concordei em ir, e acabamos dormindo de novo mais uma vez. Só que, desta vez, em vez de pensar no pênis circuncidado, eu não parava de pensar nos detalhes do incidente: o rosto ficando roxo, o grito ensurdecedor de Dustin Hoffman, e, é claro, o pedaço de presunto parcialmente mastigado voando por

cima da mesa e atingindo-me no rosto. O principal evento da noite estava sendo repassado em minha mente em um *replay* contínuo e incessante, e foi engraçado, tão engraçado que eu acidentalmente soltei uma risadinha. Naquele momento, Abo parou o que estava fazendo e olhou para mim, espantado.

- Por que você rir de mim?- perguntou ele.

- Ah... não estou rindo de você - eu respondi em voz baixa.

- Sim, estar sim. - disse Abo, saindo de cima de mim. - Você rindo.

Como eu não queria que ele pensasse que eu estava rindo do jeito que ele transava comigo, eu disse a verdade a Abo - que eu estava pensando no que havia acontecido no restaurante e achando aquilo engraçado. Eu cheguei até mesmo a tentar imitar o que ele e Dustin Hoffman fizeram, da melhor maneira que fui capaz, incluindo os efeitos sonoros, esperando sinceramente que ele parasse de levar aquilo tão a sério.

Achei que poderia ajudá-lo a relaxar, e, de certa forma isso aconteceu. O pênis dele amoleceu, voltou para dentro do prepúcio e escondeu sua cabeça, envergonhado. - Acho que é

melhor você ir embora - disse El Abogado. Eu tentei me desculpar, mas ele não quis ouvir o que eu tinha a dizer. Assim, eu me vesti e fui embora.

Quando voltei a Nova York, enviei um *e-mail* para El Abogado, desculpando-me de novo. Em resposta, ele disse que não havia problema, mas o tom frio das palavras dele deixava bem claro que havia ficado extremamente ofendido. Michelle ainda mantém contato com Dustin Hoffman, então sei que El Abogado se mudou para Nova Orleans há um ano para abrir uma escola de culinária. Eu poderia ter ido

até lá, mesmo sem que Colin o tivesse encontrado, mas, como Michelle sempre falava pouco sobre ele, uma parte de mim achava que ele poderia ter se casado. Mas não se casou. Apesar do que aconteceu, espero que El Abogado esteja bem, espero que esteja feliz e, sinceramente, espero que ele esteja ensinando as pessoas a preparar pratos que não levem presunto na receita.

Piruetas em Nova Orleans

Terça-feira, 19 de Abril

Eva e eu chegamos a Nova Orleans cedo na manhã de ontem, e agora estamos sentadas em uma mesa na calçada do Café Du Monde, bem no meio do famoso French Quarter (*N.T. O bairro mais antigo e famoso de Nova Orleans, conhecido por sua vida noturna, bares com apresentações ao vivo de jazz e bines, e arquitetura típica do período em que a região era uma colônia da França*), dividindo *beignets*. Eu adoro *beignets*.

Minha mãe costumava prepará-los para Daisy e para mim quando

éramos pequenas. Ela nos deixava ajudá-la na cozinha, fazendo a massa e cortando-a em quadradinhos, e nós sempre tínhamos discussões acaloradas para decidir qual de nós ia polvilhar o açúcar de confeiteiro por cima deles quando estivessem prontos.

Ontem à noite passei em frente à escola de culinária de El Abogado, que também fica no French Quarter. Ela está no primeiro andar de um pequeno prédio de estuque amarelo, com persianas pretas nas janelas e um elegante balcão de ferro fundido cobertos por flores e samambaias. Olhando pelas janelas, percebi que havia uma aula em andamento e não

fiz menção de entrar, preferindo pegar um panfleto que estava em uma caixa perto da porta. Decidi que a melhor maneira de chegar até ele era me matricular em uma aula e dizer que tudo era uma grande coincidência quando nos víssemos.

Enquanto espero para telefonar para a escola, dou uma olhada para a escola, dou uma olhada ao redor do French Quarter e sorrio. Embora ainda não tenha voltado à glória que tinha antes da chegada do furacão Katrina, eu fico feliz em ver que várias lojas estão abertas e que muitos turistas felizes estão passeando.

Pouco antes do meio-dia, tiro o meu celular de dentro da bolsa para ligar para a escola, quando, repentinamente, ele começa a tocar. O nome no identificador de chamadas é “Colin Brody, investigador particular”, e eu resolvo atender. Ele pergunta se eu recebi o *e-mail* que me enviou, dizendo que Henry e Alex são casados.

- Sim, obrigada - eu digo, tentando esconder minha decepção. É uma pena. Os dois tinham um potencial enorme. - Ei, por acaso você sabe qual é o nome da esposa de Alex?

Embora eu tenha saído com Henry

durante pouco tempo, o relacionamento com Alex durou cinco meses. Assim que as coisas estavam começando a ficar mais sérias, ele terminou tudo comigo porque estava apaixonado por outra garota. Eu não consigo lembrar o nome dela, mas acho que era...

- Sarah. Acho que o nome dela é Sarah - diz Colin.

É isso mesmo. Sarah. Eu sempre pensei que Alex era o homem perfeito que acabou escapulindo. Ele era muito inteligente e maduro, e minha mãe o adorava.

Quando ele pediu para terminarmos, ele foi honesto sobre o motivo pelo qual estava fazendo aquilo, honesto a respeito de Sarah, e eu sempre o respeitei por isso. Enfim...

acho que, se um homem vai trocar você por outra mulher, é melhor que seja pela mulher com quem ele vai se casar, em vez de uma vadia de meia-tigela.

E então, como estão as coisas? - pergunta Colin, casualmente. - Já conseguiu encontrar esses caras?

Ainda pensando em Alex e Henry, respondo sem pensar.

- Sim, mas não tive sucesso com nenhum deles até agora. Você devia ter visto as caras deles, são todos uns imbecís. Mas agora estou em Nova Orleans, e espero que as coisas deem certo, porque...

De repente eu me dou conta do que eu estou dizendo e paro de falar.

Meu Deus... eu acabei de dar com a língua nos dentes. Por que eu fui dar com a língua nos dentes? O que foi que Colin perguntou para me fazer dar com a língua nos dentes? Ele perguntou se eu consegui encontrar os rapazes.

- Você me manipulou para que eu dissesse isso! - eu grito no telefone.

- Ei, ei, cuidado para não arrancar a minha cabeça - diz Colin com uma risada. - Não fiz nada disso. Foi só uma pergunta.

- Uma pergunta capciosa, isso sim! - eu digo, descontrolada.

- Não foi uma pergunta capciosa. Foi uma pergunta simples e direta.

- Não foi, não! - Espere. Será que foi?

- Foi, sim. Tudo o que fiz foi perguntar se você conseguiu encontrar

esses caras.

Se os convites para a sua festa chegaram às mãos deles.

- Se era isso que você queria saber, era isso que devia ter perguntado. Você me perguntou especificamente se eu tinha conseguido encontrá-los, e você me perguntou isso casualmente, como se já tivéssemos conversado sobre o que estou fazendo.

- E quando você diz “o que estou fazendo”, você quer dizer que está indo atrás dos seus ex-namorados, não é?

- Isso mesmo.

Ah, que diabos... de novo!

- Ahá! Então peguei você duas vezes!

Não digo nada desta vez. Estou furiosa demais.

- Ah, o que é isso, Delilah? Não precisa ficar brava. Estou só curioso, nada de mais.

Ainda estou brava demais para responder.

- Então, por que e que você está caçando esses ex-namorados? É

algum tipo de penitência, ou programa de autoajuda? Está tentando apaziguar seus próprios demônios?

- Não, não é um programa de autoajuda, seu palhaço! E o motivo pelo qual estou fazendo isso não é da sua conta!

- Sim, eu acho que você tem razão - diz Colin. - Mas, se eu soubesse, eu poderia conseguir algumas informações extras que poderiam ajudá-la.

- Informações extras? Aquilo atíça minha curiosidade.

- Que tipo de informações extras?

- Bem, em relação ao seu cozinheiro, por exemplo. Além de ser solteiro e heterossexual, eu descobri também que ele faz o maior sucesso entre a mulherada aí em Nova Orleans.

Atiça ainda mais.

- Como assim?

- Bem, eu achei um artigo muito interessante sobre ele no Nexis. Um artigo publicado há alguns meses no jornal New Orleans Tmes-Picayune, um artigo que não pode ser encontrado via Google.

- E o que diz o artigo ?

- Espere um pouco, deixe-me ver aqui.

Eu ouço o barulho de alguém mexendo em uma pilha de papéis.

- Certo, aqui está. Vejamos... Diz aqui que Diego Soto é um chefe de cozinha de raro talento, que nunca precisou fazer uma única aula de culinária na vida. Sua nova escola para cozinheiros, que mescla as culinárias francesa, espanhola e americana, é o maior sucesso em Nova Orleans. Logo depois de se tornar uma das celebridades mais populares da

cidade, ele foi visto recentemente jantando com Emeril Lagasse (N.T. *Um dos chefes de cozinha mais respeitados dos Estados Unidos, com seus próprios programas de culinária na televisão. Além disso, é dono de vários restaurantes tem sua própria linha de produtos alimentícios e utensílios para cozinha nos Estados Unidos, e autor de vários livros de receitas*). Diego Soto recentemente comprou um apartamento do tipo loft, avaliado em um milhão de dólares, no elegante Warehouse District de Nova Orleans, e é considerado um dos solteiros mais assediados da cidade.

Emeril Lagasse? Um loft de um milhão

de dólares? Um dos solteiros mais assediados da cidade?

Bum!!!

Eu não acredito que transei com um dos solteiros mais assediados da cidade! Eu sei que o Times-Picayune não é exatamente a revista People, mas, mesmo assim, aquilo me deixa bem animada. É ele, tenho certeza! El Abogado é o homem da minha vida.

Houve uma razão para eu ter ficado com todos os outros.

Embora mal consiga conter o meu entusiasmo, eu me esforço para não

deixar isso transparecer. Se Colin descobrir o quanto estou animada com todas aquelas notícias, ele vai saber que estava certo, que eu deveria ter contado a ele sobre o que estou fazendo. Tendo dito aquilo, depois de respirar fundo, limpo a garganta e falo vagorosamente. - É muito bom saber que Diego está tendo tanto sucesso.

O tom da minha voz é grave e sério.

- Achei que você fosse ficar mais animada - diz Colin, obviamente surpreso com a minha

- O que você esperava? Que eu comesse a fazer piruetas?

- Você está fazendo piruetas?

- Não - eu digo, calmamente. Mas estou andando de um lado para o outro. Eu preciso desligar o telefone e me inscrever para uma aula com El Abogado imediatamente. - Colin, existe algum motivo para você ter me ligado?

- Um motivo? Ah, sim, claro - diz ele, repentinamente lembrando-se da razão pela qual me telefonou: - Não consigo encontrar esse cara chamado Nukes. Não sem um nome ou sobrenome de verdade

- Nukes? Quem é Nukes? Oh, é

claro... Cabo San Lucas... Coco Locos... Cama elástica.

- Eu fiz uma busca por pessoas cujo sobrenome começa com as letras N-U-K e depois filtrei os resultados três vezes para incluir apenas homens, com idades entre 27 e 31 anos atualmente, que moravam nos estados do Arizona, Arkansas ou Alabama, em 1997. Pesquisei até mesmo no Alasca para ter certeza. E não encontrei ninguém.

Bem, ele não conseguiu encontrá-lo. Não estou surpresa. E, para ser honesta, não estou nem um pouco preocupada. Não com um dos

solteiros mais assediados da cidade ao meu alcance. - Algo mais?

- Não. Opa, espere... sim. Dê uma olhada no seu e-mail. Mande as informações sobre outro cara. Matt King.

- Verei - eu digo, rapidamente. - Devo alguma coisa a mais pelo artigo?

- Não, não. Foi um prazer deixá-la tão animada quanto está agora, embora você esteja tentando fingir o contrário.

Eu sorrio. Esse cara é realmente um ótimo investigador.

- Bem, obrigada. Tenha um bom dia.

- Você também, querida. E boa sorte com o cozinheiro.

Assim que desligo o telefone, eu solto um grito. Quando termino, dou uma olhada em volta e percebo que nenhuma das pessoas sentadas à minha volta se incomodou. Nova Orleans é tudo de bom! Eu adoro este lugar tanto quanto Nova York.

Adoro o fato de poder sair gritando de alegria pela rua depois de uma boa reunião ou um bom encontro romântico, se eu achar que devo, e ninguém se importe.

Ninguém liga para a polícia ou tira as crianças das proximidades. Pelo contrário, as pessoas sorriem. Nova York está cheia de gente maluca e então, para todas as pessoas que estão por perto, sou apenas uma garota pirada. É uma sensação totalmente libertadora.

Depois de ler o panfleto da escola de culinária de El Abogado, eu ligo para o número que está impresso no papel imediatamente, mulher atende ao telefone. Quando eu pergunto a ela quando é a próxima aula, ela me diz que aquele é meu dia de sorte.

Embora todas as vagas estejam

reservadas para as próximas três semanas, ela acabou de receber uma ligação pedindo o cancelamento de uma reserva para uma aula sobre massas e salgados que vai acontecer naquela noite.

Ótimo.

Eu digo a ela que quero a vaga.

Depois de passar o número do meu cartão de crédito para reservar a vaga, ela me fala para chegar às 18 horas em ponto naquela noite.

- Será uma aula longa - diz ela, entusiasmada. - Você irá explorar o

maravilhoso mundo dos salgados de massa folhada!

Como ainda falta algum tempo para as 18 horas, decido dar um passeio pelo Warehouse District para ver onde El Abogado mora. O guia turístico que comprei diz que o lugar é considerado uma área sofisticada de Nova Orleans, e que fica próximo do French Quarter. Assim, deixo Eva andar por ali para que ela ganhe um pouco de prática no uso da coleira. Desde que estávamos em Filadélfia, ela tentou andar mais algumas vezes, mas não teve tanto sucesso. Ela anda bem em círculos e de marcha à ré, mas, por algum motivo, não consegue entender o

conceito de andar para frente. De qualquer forma, tudo aquilo vai mudar hoje, porque eu li o livro *O encantador de cães* (N.T. *Livro de César Millan, o “psicólogo de cães”, que tem um programa com o mesmo nome*).

Embora Eva e eu demoremos um pouco mais para alcançar o destino do que se eu estivesse andando sozinha, o importante é que, depois de um bom tempo, nós finalmente chegamos. Os petiscos parecem estar funcionando maravilhosamente; ela está aprendendo rápido.

(Quem é a espertuxa-tuxa da mamãe?
Quem ééééé? É voxêêê,

voxê,espertuxa!!) Embora eu não tenha trazido o boné e os óculos escuros que compõem o meu disfarce, não acho que terei problemas, pois estamos no meio de um dia de semana.

Duvido que El Abogado esteja em casa. Depois de localizar o prédio certo, dou uma olhada no saguão elegante e fico impressionada com o que vejo. A velha fachada de tijolos parece ser tudo o que restou da estrutura original. Todo o resto é novo e reluzente. O piso é todo feito de mármore, e há um porteiro sentado atrás de uma imensa escrivaninha de mogno, superchique. Curiosa a

respeito da aparência do loft, pergunto se eles têm algum aberto para visitação, e o porteiro diz que não. Depois de bisbilhotar mais um pouco por ali, percebo que não há muito mais a ver e saio dali.

Depois de atravessar a rua, Eva se agacha para satisfazer suas necessidades fisiológicas. Ela não consegue se aliviar quando as pessoas estão olhando, ela fica tensa e eu olho para o outro lado. Enquanto espero que ela termine, volto a olhar para o prédio de El Abogado e percebo que consigo enxergar o interior dos apartamentos. Embora eu saiba que não deveria fazer isso, eu me lembro

de que meu binóculo está na bolsa, e não resisto a dar uma olhadinha.

Para um dia de semana, parece que há bastante gente andando pelas ruas. Como não quero que ninguém pense que sou uma pervertida ou que estou perseguindo alguém, eu finjo, primeiramente, olhar para os pássaros que estão empoleirados no topo do prédio de El Abogado. Depois, desvio meu olhar para o nível das janelas quando percebo que a costa está limpa. Eu direciono o binóculo para uma vista panorâmica do prédio. Hmmmm... teto, parede, lustre, e... bem, isso é tudo. Que coisa mais chata.

Quando eu solto o binóculo e deixo-o pendurado ao redor do meu pescoço, Eva começa a arrastar as patas como um touro mostrando que já terminou. Depois de elogiá-

la por ter feito um cocozinho linduxoduxo!, pego um lenço de papel da minha bolsa para limpar a calçada. Quando termino, dou uma última olhada para o prédio, e fico horrorizada com o que vejo. O próprio El Abogado está em frente à entrada do prédio, olhando na minha direção. Por uma fração de segundo, nossos olhares se cruzam. Meu estômago se revira. Rezando para que ele não me reconheça, eu rapidamente desvio o

olhar.

Alguns segundos depois, reúno coragem para virar o pescoço novamente, esperando que El Abogado já tenha ido embora. Quando eu lentamente viro o rosto para olhar por cima do ombro, o meu estômago volta a se revirar quando eu vejo que ele não somente continua no mesmo lugar onde estava, mas também está balançando a cabeça como se estivesse com nojo.

Não consigo acreditar. Fui apanhada.

Tenho de sair daqui.

Tento correr pela rua na direção oposta ao prédio de El Abogado, mas sinto que a coleira de Eva está presa em alguma coisa. Quando dou uma olhada para ver qual é o problema, vejo que ela está toda esticada na calçada, recusando-se terminantemente a se mover. Justo agora! Quando eu me agacho para pegá-la nos braços, El Abogado atravessando a rua e vindo em minha direção.

Diabos. Diabos.

Eu não acredito. Não acredito que ele está vindo atrás de mim.

Com Eva nos braços, corro o mais rápido que consigo pela calçada. Correndo, correndo, correndo, eu me sinto como se fosse uma criminosa, como alguém que acabou de ser apanhado roubando alguma coisa de uma loja. Eu sinto como se El Abogado estivesse nos meus calcanhares, tentando me pegar. As pessoas por quem eu passo na calçada ficam olhando para mim, e eu tenho certeza de que, a qualquer momento, um deles vai tentar me barrar para que eu não consiga fugir. Esperando impedir que isso aconteça, eu começo a sorrir para todas as pessoas por quem passo.

Depois de correr por uma distância que imagino ser de cem quarteirões, eu tenho certeza de que consegui despistar El Abogado, e me viro para olhar. Quando eu olho para trás, meu coração começa a bater mais rápido. El Abogado não somente continua a me perseguir, mas ele está mais perto do que antes.

Diabos. Diabos. Diabos.

Eu me viro novamente e acelero o passo.

Com Eva balançando para cima e para baixo em meus braços, eu sinto as gotas de suor começando a se formar

na minha testa. Além de o tempo estar quente, estou nervosa e fora de forma. Esforçando-me ao máximo para despistar El Abogado, eu rapidamente viro à esquerda na primeira esquina que vejo, e depois faço outra curva para a direita, e mais uma curva para a esquerda logo depois. Eu não tenho ideia de onde estou ou para onde vou, mas eu não me importo. Eu preciso me livrar de El Abogado, preciso despistá-lo! Depois de correr por mais um quarteirão, eu me viro novamente e

Oh. Meu. Deus.

Ele ainda está lá.

Igual ao personagem do filme O exterminador do futuro. Diabos. Diabos.

Diabos. Diabos.

De repente, eu o ouço me chamar. - Delilah! Pare de correr! Diabos. Diabos.

Diabos. Diabos. Diabos.

Eu não sei o que fazer! Não sei o que fazer! Será melhor parar? Será que devo fingir que é tudo uma coincidência? Será que...

De repente, um táxi passa ao meu

lado. Oba! Depois de dar o assobio mais forte da minha vida, ele para. Em poucos segundos estou no banco de trás.

- Para o French Quarter, por favor! - eu grito para o motorista, enquanto me deito no chão do carro. Quando o cano avança, uma leve sensação de alívio toma conta de mim. Não acredito que fui apanhada. De todos os homens da lista, por que eu tinha que ser apanhada logo por El Abogado? Por que não podia ter sido alguém como Wade?

Eu sei que a culpa é minha por não ter usado o meu disfarce, mas...

Sem qualquer motivo aparente, o táxi para.

- O que aconteceu? - eu pergunto ao motorista, nervosa. -Por que você parou?

- Por causa do trânsito.

- Trânsito? Como assim, o trânsito?

- Dê uma olhada ao redor.

Levantando a cabeça, olho pelo para-brisa e vejo dezenas de carros parados à nossa frente. Olhando para trás, eu vejo que El Abogado está chegando perto do carro.

Eu me joga no chão de novo.

Não acredito que isso está acontecendo. Ele vai chamar a polícia e me denunciar.

Vou para a cadeia por ficar perseguindo as pessoas. Poucos segundos depois eu ouço alguém batendo na janela do táxi.

Toc, toc, toc!

Eva começa a latir.

Au, au, au!

El Abogado começa a gritar.

- Delilah, eu sei que você está aí!

Toc, toc, toc!

Au, au, au!

- Delilah! Eu vendo você! Abra a porta!

Diabos! Elevado à milionésima potência.

- Ei, dona, o que está acontecendo aí?
- pergunta o motorista.

- Ah... nada, senhor - eu digo, no chão do carro. - Como está o engarrafamento?

Antes que o motorista consiga responder, eu ouço um clique e sinto uma brisa. A porta traseira ao meu lado acabou de se abrir. Acho que esqueci de travá-la. Oops.

- Delilah, por que você está a me seguir? - pergunta El Abogado.

Sem saber o que dizer, pego um pedaço de papel no chão e o estendo.

- Aqui está! - eu exclamo, fingindo que estava procurando pelo que quer que fosse. Eu aliso o papel e leio o que está escrito. - É o recibo da compra que fiz na... loja de iscas do Buddy... 500 gramas de minhocas e um recipiente térmico para iscas vivas!

Oh. Jesus Cristo!

- Delilah, pare de fingir que você não me vê! - diz El Abogado. Olhando para cima, eu finjo estar surpresa por ele estar dentro do táxi.

- El Abog... digo, Diego, é você?

- Sim, sou eu, e você sabe que sou eu. Por que você está a fugir de mim?

- Fugir de você? Eu não estava fugindo de você. Eu estava correndo para alcançar este táxi. Deixei esse recibo cair da minha bolsa, e ele é muito importante para mim - eu digo, estendendo o recibo como prova do

que estou dizendo.

- Por favor, nada de mentiras - diz El Abogado. Ele está bem sério. - Você está a me espionar, eu a peguei no ato, e agora você tenta fugir.

- Espionar você? eu finjo estar ofendidíssima. - Eu nunca faria algo assim!

El Abogado balança a cabeça, sem acreditar em uma palavra. -Sabe, eu achar coincidência quando vi o seu nome na lista de alunos da aula de massa folhada desta noite, mas eu estar vendo agora que não é nada disso.

O motorista do táxi pigarreia. - Ei, cara - diz ele para El Abogado. - Você vai entrar no carro ou não?

Olhando para frente, eu percebo que os outros carros começaram a andar.

- Delilah, eu insisto que você converse comigo - diz El Abogado, colocando a mão no bolso. Tirando uma nota de 5 dólares, ele a entrega ao motorista. - Por favor, saia do carro.

- Não posso - eu digo, balançando a cabeça. - Eu realmente não posso. Eu estou indo... pescar.

El Abogado olha para mim. Um olhar

sério, um olhar intenso, um olhar que é totalmente... sexy. Ele está com o cenho franzido etem uma pequena ruga bem no meio da testa. Ele é muito bonito. Meu Deus, por que é que isso tinha que acontecer?

Desviando os olhos por um momento, começo a ponderar minhas opções. Se eu ficar neste táxi e sair dali, qualquer chance que eu possa ter com ele irá para o espaço, mas se eu sair do táxi e conversar com ele, talvez eu consiga consertar as coisas. Volto a olhar para ele.

- Acho que podemos conversar por alguns minutos.

Depois de pegar Eva e sair do táxi, eu digo a Abogado que realmente me registrei para fazer a aula sobre massas folhadas, mas que não sabia que ele era o professor.

- Então você não está a me seguir? - pergunta ele.

- Não, eu juro.

Ele aponta para o meu peito. - Então por que é que você está com esse binóculo?

Olhando para baixo, vejo que aquela coisa ainda está pendurada ao redor do meu pescoço. Oops. Esqueci de

escondê-lo na bolsa. -E por que você estava a olhar para as janelas do meu prédio com ele? - mais uma vez, oops. Eu sabia que ele tinha me visto, mas não sabia que ele me viu fazendo aquilo.

- Bem - eu digo, tentando pensar em uma desculpa. - Estou procurando por possíveis locais para a instalação de uma nova loja da Elisabeth Sterling Design, e achei que o Warehouse District seria um lugar perfeito, e...

- Michelle disse que vocês duas foram demitidas.

Ela disse? Maldita! Eu tento mais uma

vez.

- Bem, havia pássaros multicoloridos muito bonitos empoleirados no alto do seu prédio, e...

- Eram pombas.

Pombos? Malditos! Eu espremo meu cérebro em busca de outra desculpa.

- Delilâh, pare de mentir - diz El Abogado, colocando a mão no meu ombro. - Você só está a piorar as coisas.

Quando eu olho nos olhos deles, aqueles olhos sensuais que ainda estão

escondidos atrás de óculos do tipo Clark Kent, meus ombros cedem. Por que estou tentando escapar disso com mentiras?

Eu fui apanhada em flagrante. Apoiando-me no corrimão de uma escada próxima, eu seguro a cabeça com as mãos.

- Você está certo, preciso confessar. Fui até a sua casa hoje para ver onde você morava, e eu me inscrevi na aula sobre massas folhadas sabendo que você seria o professor. Desculpe, mas só queria ver você novamente, e não sabia se você queria me ver.

El Abogado limpa a garganta. - Delilah, fico lisonjeado que você vir tão longe para se conectar comigo, mas você tem razão. Eu não quero ver você e não quero que você apareça na minha aula.

Eu sinto uma dor no coração, e volto a olhar para ele.

- Mas tudo aconteceu há tanto tempo. Por que você não consegue deixar aquilo para trás? Por que não podemos fingir que acabamos de nos conhecer?

- Porque não acabamos de nos conhecer, e não consigo deixar tudo

para trás.

Delilah, você rir de mim aquela noite. Você não entende? Você sabia que eu estava constrangido sobre o que aconteceu naquela noite, e você rir de mim mesmo assim.

- Não, você está errado. Eu não ri de você; ri do que aconteceu. Pode ter sido constrangedor, mas ainda assim foi engraçado. Você tem que admitir que foi.

El Abogado não responde.

- Tente ver as coisas desta maneira: se você ficou constrangido, imagine

como estou me sentindo agora. Você me pegou espionando a sua casa. Pelo menos o que aconteceu com você, o fato de engasgar com o presunto, foi um acidente. O que eu acabei de fazer foi planejado com cuidado, e deu errado - eu digo. Dou um tapa na minha própria testa. - Eu sou uma idiota.

Depois de abrir um meio sorriso por meio segundo, El Abogado balança a cabeça. - Lamento, Delilah. Eu agradeço você vir até aqui, mas eu não consigo parar de pensar no que você fez. Eu agradeceria se você voltar para a sua casa.

- Eu entendo - eu declaro em voz baixa, admitindo a derrota.

Depois de dizer adeus, El Abogado vai embora. Quando ele vira a esquina e desaparece, começo a me amaldiçoar. Raramente penso nas coisas que digo e faço, especialmente quando estou fazendo piadas. Raramente penso além do momento presente em relação a como as minhas palavras e ações afetam as pessoas. Não acredito que o que eu fiz há dois anos ainda o incomode. Michelle tinha razão. Depois de me levantar lentamente, levo Eva de volta ao French Quarter, de volta ao hotel. Quando passamos em frente a uma caixa de doações da

Cruz Vermelha colocada na vitrine de uma loja, eu paro e coloco ali a mesma quantia em dinheiro que iria pagar pela aula de massas folhadas. Talvez o meu relacionamento com El Abogado não possa ser ressuscitado, mas eu espero que a energia que costumava fluir nesta cidade seja.

OITO

BIP

" Delilah, aqui é Michelle. Por que você não me ligou de volta? Ah, e a sua mãe... alguém precisa dar um jeito nela. Será que você poderia lhe telefonar, por favor? Ela deu um jeito de entrar no prédio esta manhã e veio bater na minha porta, procurando por você. Eu fingi que não estava em casa. Ligue para mim. Tchau

BIP

" Aqui é Daisy. Eu preciso muito falar com você. Ligue para mim

Para: Delilah Darling

De: Colin Brody

Assunto: Nate Syracuse

Nate Syracuse é solteiro e está morando no Colorado. No arquivo anexo você encontrará vários dos endereços dele, incluindo o mais recente, em Boulder. Se por alguma razão o anexo não abrir, você pode encontra-lo facilmente na internet. Tudo que tem de fazer é digitar

‘Cadeia Municipal de Boulder’ no Google, e provavelmente o endereço vai ser o primeiro link da página. Hmmmm... um presidiário? Eu nunca poderia imaginar que gostasse de criminosos. Você parece ser muito inocente.

Falando sério agora: ele deve ser solto dentro de trinta dias. Se você quiser o endereço de onde ele estará morando quando sair da cadeia, posso pedir para um dos Jimmys entrar em contato com o policial responsável por supervisionar a liberdade condicional de Nate. Avise-me se precisar disso.

- CB.

Quando o sol bater na janela do seu quarto

Quarta-feira, 20 de Abril

Na manhã seguinte, enquanto espero na fila para pagar pela gasolina que coloquei no carro, ainda em Nova Orleans, sinto que meu estômago está embrulhado.

Por dois motivos: o primeiro é que estou tão ansiosa para pegar a estrada

e novo, porque eu odeio, odeio o carro que aluguei, com todas as minhas forças. Ele é uma sucata.

Literalmente. Parece que foi construído com caixa de papelão, e o segundo, eu não consigo acreditar que o cara com quem transei pela primeira vez está na cadeia. Isso é horrível – ele foi o primeiro amor da minha vida. Foi com ele que tudo começou. É

como um sinal divino, como se Deus me dissesse: “Você está condenada desde o início.

Eu nem sei porque você ainda tem esperanças”.

Nate não foi “o “ amor da minha vida, mas ele foi o meu primeiro amor. Assim, eu sempre o guardei em um lugar especial no meu coração. Nós estudávamos juntos no ensino médio e tivemos um namoro intermitente durante o segundo e o terceiro anos. Eu era louca por ele. Ele parecia um daqueles garotos de colégio interno, bem ao estilo da Sociedade dos poetas mortos. Ele também era meio hippie, mas, de certa forma, vinha de uma família privilegiada de Connecticut. Por exemplo: os blusões que ele usava podiam estar puídos nos cotovelos, mas eram feitos de casimira. E ele poderia passar um mês inteiro

seguindo a turnê da banda Phish, mas faria isso dirigindo um BMW.

Nate era um filhinho de papai, um dos garotos ricos da cidade, mas ele não agia como um deles. Era tranquilo, gentil e quase não era arrogante.

Em um belo dia de primavera, algumas semanas antes da formatura, Nate veio até a minha casa. Como minha mãe e Victor estavam fora da cidade, eu lhe ofereci um cerveja e resolvi tomar uma também. Nós dois ficamos sentados na varanda dos fundos da minha casa, bebendo. Nunca vou me esquecer da sensação que tive naquele dia. Era primavera,

então tudo parecia muito vivo do lado de fora, e eu estava prestes a me formar a sair da casa da minha mãe pela primeira vez. E me sentia vivia por dentro.

Nate e eu olhamos um para o outro sem dizer muita coisa naquele dia. Acho que estávamos começando a assimilar o fato de que iríamos para escolas diferentes, e nenhum d nós sabia exatamente o que dizer, Ainda me lembro dele sentado ali, parecendo um pouco maltratado no uniforme azul-marinho da escola. Ele era muito bonito. Um gravata vermelha estava afrouxada ao redor do pescoço, com aquela cabeleira em tom castanho lhe

caindo sobre a testa e as bochechas um pouco avermelhadas.

Após algum tempo, nós dois sorrimos um para o outro. Não sei o que Nate estava pensando naquele momento, mas eu sabia que, mesmo que perdêssemos contato, eu sempre levaria uma parte dele junto de mim. Embora eu fosse ingênua, tinha noção do quanto eu era jovem e impressionável o bastante para entender a influência que Nate tinha em quem eu era e em quem viria a ser. Ele me instilou a vontade de ser livre, me ensinou a viver de maneira plena, e viver tudo como se não houvesse amanhã. E eu fiz

exatamente isso. Talvez um pouco demais em alguns aspectos, é claro.

Naquela tarde, outros amigos vieram até a minha casa. Quando a noite caiu, já estávamos todos bêbados, sentindo a melancolia e dançando ao som de Cat Stevens.

Quando a canção “Wild world” tocou no aparelho de CD, Nate colocou os braços ao redor de mim e cantou no meu ouvido: “Oh, baby, baby, este é um mundo louco... eu sempre vou me lembrar de você...” Ele começou a beijar meus ombros, meu pescoço, e logo depois os meus lábios.

O álcool fez com que o sexo fosse mais fácil. Ainda assim doeu um pouco, mas eu estava mais relaxada, com certeza. Lembro que as coisas foram um pouco desajeitadas. Eu me lembro de pensar que o pênis de Nate era grande demais, e que aquilo não ia dar certo. Mas, depois de tentar por algum tempo, fiquei surpresa quando tudo aconteceu. Apesar do desconforto, gostei sentir o corpo de Nate pesando por cima do meu. Foi algo muito estranho e novo e ele olhou nos meus olhos o tempo inteiro, dizendo que tudo iria ficar bem. Eu adorei aquilo.

Nós ficamos juntos todos os dias

daquele verão. Quando viajamos para as nossas respectivas faculdades, decidimos não terminar o namoro. Em vez disso, tentaríamos não tomar nenhuma atitude precipitada, apenas esperando para ver o que aconteceria.

Nós conversamos algumas vezes durante a primeira semana após a mudança, mas não muito. Alguns meses depois eu fiquei sabendo que Nate havia feito planos para voltar para casa durante um fim de semana para assistir a um show do Santana. Assim, eu chamei duas amigas, embarquei em um trem e fui assistir ao show também. Eu queria fazer uma surpresa, e... bem, o que

aconteceu lá foi realmente surpreendente. Quando eu o encontrei, junto com alguns outros dos nossos amigos do ensino médio, eu o vi ao lado de uma garota. Não sabia quem ela era. Tudo o que sabia é que ela estava agarrando Nate por toda a parte e de todos os modos, e ele não fazia nada para afastá-la.

Quando eu disse “oi” para todos, Nate me deu um aceno de cabeça e depois me ignorou.

Naquele momento achei que não tinha o direito de sentir raiva, porque dissemos que iríamos esperar para ver o que aconteceria. Mas, pensando

bem, eu tinha todo o direito de estar furiosa. Afinal, nós nunca chegamos a terminar oficialmente o namoro.

Daniel, o padre, era o melhor amigo de Nate naquela época, e também tinha ido ao show. Vendo que eu estava irritada, ele me perguntou se queria conversar, eu disse que sim. Eu me lembro de pensar, na verdade, de esperar que Nate me veria saindo de perto dele com Daniel, ficaria com ciúmes, perceberia que me amava e viria correndo atrás de mim. Ele não fez nada disso.

Daniel e eu começamos a nos beijar no estacionamento, e, logo depois,

estávamos no banco de trás do carro da mãe dele fazendo sexo. Na época, eu me lembro de pensar que os olhos de Daniel estavam facheados porque ele estava pensando em Nate, sentindo-se mal por estar transando com a ex-namorada do seu melhor amigo.

Entretanto, como hoje eu sei o que aconteceu com ele, eu acho que isso não era realmente o caso. Hoje eu sei que ele estava pensando em Jesus.

Nate descobriu o que eu e Daniel fizemos e me ligou algumas vezes no mês seguinte para gritar comigo, e aquilo, de certa forma até me deixou

feliz. Feliz porque percebi que ele se importava. Aliás, feliz é um modo de dizer, pois não é muito normal se sentir feliz por conta daquilo, Mesmo assim, até que é normal. Quando o inverno chegou, os pais de Nate se mudaram de Connecticut para o Colorado, e ele parou de vir passar as férias e feriados em New Canaan. Nunca mais o vi ou conversei com ele.

Depois de pagar pela gasolina e comprar uma lada de palitinhos de queijo para Eva (que ela simplesmente adora) e uma capa de bolinhas de madeira (típica de motorista de táxi) para o banco do carro, volto para o Ford Focus e releio o anexo no que

Colin me enviou. Aparentemente, Nate foi preso durante algum tipo de protesto ecológico, junto com várias outras pessoas. Estudando a ficha dele, percebo que há dois endereços onde ele pode ser encontrado. Um fica em Telluride; o outro, estranhamente, fica na rua Franklin, em Manhattan. Eu acho que ficaria sabendo se ele tivesse voltado para a costa leste, especialmente se estivesse em Nova York. Mas, por outro lado, não o converso tanto com os meus amigos do ensino médio atualmente. Ainda me sentindo mal pela maneira como as coisas acabaram com El Abogado em Nova Orleans, sentindo-

se realmente desesperada, pego meu celular e ligo para o único número de telefone que consta na ficha, aquele que está registrado no Colorado. Não é nada surpreendente. A chamada cai direto na caixa postal. Eu decido deixar uma mensagem.

“Oi, Nate. Eu sei que essa ligação pode parecer muito estranha para você, mas aqui é Delilah Darling. Faz anos que não nos falamos, e eu estava pensando em você.

Eu encontrei Daniel há pouco tempo...”

Diabos! Por que eu fui falar o nome

de Daniel? Só vai servir para trazer lembranças.

“Hum... de qualquer jeito... eu estava lembrando o quanto nós nos divertíamos antigamente, e... não sei, às vezes, sinto saudades de você.”

Isso foi ainda mais imbecil. Já faz onze anos!

“Quero dizer, eu penso em você às vezes” eu digo, tentando consertar a gafe.

“Olhe, me ligue qualquer dia desses, está bem?”

Depois de deixar os números do meu celular e do meu telefone fixo, ei desligo e seguro a cabeça com as mãos.

Ah, que droga.

Eu devia ter ensaiado aquele recado.

De repente, meu celular começa a toca, e eu levo um susto. Sabendo que Nate não me ligaria tão cedo (ele ainda está preso), ei sou uma olhada no identificador de chamadas. É Colin.

É aí, como estão indo as coisas com o chefe gourmet? – ele pergunta quando

eu atendo ao telefone.

Indo? Eu rio quando penso nisso. As coisas já foram. Para o buraco.

- Não é da sua conta - eu digo. Ainda estou brava por ele ter me enganado ontem.

-Tudo bem, tudo bem - diz ele, com um suspiro. - Sabe, não entendo por que você faz tanto segredo. Kitty é uma pessoa bem mais aberta.

- Kitty? - estou confusa. - Kitty, a minha mãe?

- Isso, a sua mãe.

Oh, não. Sinto meu estômago se revirando de novo.

- Como você sabe o nome da minha mãe?

- Bem, ela veio até o meu apartamento e se apresentou. Estava batendo a minha porta às 8 horas da manhã, e me acordou.

Aquilo me fez lembra da mensagem de Michelle no meu correio de voz na manhã de hoje. Diabos! Eu devia ter feito o que ela disse. Devia ter ligado para a minha mãe.

- E por que a minha mãe foi bater a

sua porta?

- Ela bateu em todas as portas do prédio. Eu fui o único sortudo que atendeu. Ela estava procurando por você, e está preocupada. Ela disse que deixou várias mensagens para você no seu telefone fixo, mas que você não retornou as ligações. Foi aí que ela tentou ligar para o seu trabalho, e ficou sabendo que você foi despedida. Quando eu perguntei se ela havia tentado ligar para o seu celular, ela me disse que você não tinha um desses. Delilah... por que você não deu o número do seu celular para a sua mãe?

- Bem, você a conheceu. Você daria o seu celular para ela, se estivesse no meu lugar? — eu respondo, defensivamente.

- Para falar a verdade, eu dei o número do meu celular para ela quando terminamos o nosso chá.

- Ah, você vai se arrepender, pode ter certeza... espere aí. Você tomou chá com a minha mãe?

- Tomei, sim. Ela estava quase se enforcando com próprio saia, e precisava de alguém com quem pudesse conversar.

- Se enforcando com a própria saia? -
Como assim? - Conversar sobre o
quê?

- Bem, parece que a Daisy antecipou
a data do casamento - diz Colin, como
se a conhecesse há tempos. - Em vez
de agendar para daqui a dois anos, vai
acontecer em dois meses. Na metade
de junho, no Waldorf-Astoria. Havia
outra cerimônia marcada, mas ela foi
cancelada, e Edward, sendo um dos
caras mais influentes em Wall Street e
com todas as suas conexões,
conseguiu arrebatá-la - diz ele,
como se conhecesse Edward também.
- E foi assim. Kitty estava contente
com tudo, até que...

Colin para de falar.

-Até que...?

- Até descobrir que Edward é judeu.

- Edward é judeu?

- Pois é.

Judeu? Como eu não sabia disso? Por que Daisy não contou isso para mim? Ou para qualquer pessoa?

- Espere... ele é negro, e também é judeu?

- Não é tão incomum assim. Já ouviu falar em Lenny Kravitz?

- Sim, eu sei. Mas não é algo tão comum.

- Acho que você está certa.

Uau. Edward é judeu. Pronto, já assimilei isso.

- Acho que consigo entender o fato de que a minha mãe foi pega desprevenida -

eu digo a Colin. - Mas por que ela está irritada?

Talvez ela seja meio louca, mas eu nunca imaginaria que ela fosse antissemita.

- Bem, Daisy e Edward não farão cerimônia em uma igreja católica, e ela está muito frustrada com isso.

- ela está frustrada por causa disso?
Ah, faça-me o favor!

Minha mãe é dramaticamente demais.

- Colin, não deixe que lhe engane, fazendo você pensar que ela é uma daquelas católicas devotas. Quando eu era mais nova, ela costumava levar Daisy e a mim para a missa que ocorria no hospital perto de casa, porque os serviços na capela duravam só vinte minutos.

Eu juro que ela fazia isso.

- Tenho certeza de que ela tem seus motivos - diz Colin, defendendo-a. - Ela é uma mulher ocupada.

- Claro que é. Pelo menos é o que ela pensa. Ela está melhor agora?

- Acho que sim. Ela parece ter se acalmado depois que o uísque começou a fazer efeito.

- Uísque? Colin! Você deu uísque para a minha mãe as 8 horas da manhã?

- Ei, ei, não pule no meu pescoço! Eu não dei uísque para ela. Ela tirou um cantil da própria bolsa e despejou a

bebida no próprio chá.

- Duvido – eu digo, sem acreditar.

- Sério, ela fez exatamente isso. Era um cantil prateados pequeno, com um monograma.

- Com um monograma?

- Isso mesmo.

- Oh, meu Deus... - não consigo acreditar que minha mãe leva um cantil com um monograma cheio de uísque na bolsa. Estranhamente, percebo que tenho um pouco mais de respeito em relação a ela.

- É melhor você ligar para ela. Mas somente depois de 15 horas. Ela tem uma aula de ioga hoje.

- Ioga... certo...

Depois de uma longa pausa, Colin começa a falar de maneira um pouco mais relutante.

- Sabe, Delilah... não ia dizer nada, mas sua mãe me perguntou quando foi a última vez que a vi, porque ela estava preocupada. Eu disse a ela que foi na noite passada, porque não queria que ela se preocupasse. Quando eu disse isso, os olhos dela se iluminaram como se fossem luzes de

uma árvore de Natal, e ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e me abraçou até quase me sufocar. Acho que ela pensou que você e eu dormimos juntos na noite passada.

- Você está brincando... não está?

-Acho que não.

Oh, Deus. Estou tão envergonhada!

- Depois disso, ela começou a falar sem parar sobre o quanto está preocupada com você, já que Daisy vai ser a primeira a se casar, e mais um monte de coisas.

Pronto, agora estou mais envergonhada ainda. O que mais minha mãe estava pensando? Falar sobre a minha via para as amigas dela é uma coisa, mas fazer isso com um cara que ela pensa que estou namorando é outra, completamente diferente.

- Colin, minha mãe às vezes faz algumas loucuras. Lamento por você ter de sofrer com essas neuroses dela - eu digo, tentando explicar.

-Ah, não se preocupe - diz ele, em voz baixa. – Delilah, sei que isso não é da minha conta, mas você não está buscando seus ex-namorados somente

por que sua irmã vai se casar, não é?

E reviro os olhos. Detesto isso. Eu detesto ter que me defender.

- Não. Eu tenho certeza de que parece ser exatamente isso que estou fazendo, mas não é.

- Então eu não entendo por que você está fazendo isso tudo. Você está tentando reatar relações com esses camaradas que estou buscando para você? É isso?

Eu detesto isso. Eu detesto, detesto, detesto, com todas as minhas forças.

- Colin, é meio complicado, e não estou a fim de explicar. Por favor, não dê ouvidos à minha mãe. Se qualquer parte da minha vida contradiz o que ela julga ser normal, então ela simplesmente presume que estou infeliz. É como se ela se decepcionasse ao perceber que eu não sigo o que as grandes massas fazem, ou que não sigo o mesmo caminho tradicional que as filhas das amigas dela seguiram. Você entende o que eu quero dizer?

- Olha, até que entendo. Meu pai é bem parecido. Ou costumava ser.

- Como assim?

- Ele sempre pensou que eu deveria ter uma carreira mais estável. Ele fazia de tudo para que eu me interessasse pela empresa dele, de modo que eu pudesse herdar o negócio algum dia a ter aquilo que ele chama de uma “vida normal”. Embora eu não me importe de ajudá-lo ocasionalmente para ganhar uma grana extra, deixei bem claro que não é isso que quero para a minha vida. Mesmo que eu tenha que passar o resto da minha vida batalhando, conseguindo pontas aqui e ali, eu nunca vou querer a vida que ele tem. Ele achou difícil aceitar isso no começo, mas tomo as minhas próprias

decisões, e ele sabe disso.

- Eu também sou assim, mas, por algum motivo, a minha mãe não consegue enxergar as coisas dessa forma.

- Bem, se for assim, então você precisa contar a ela, como eu contei para o meu pai. Você não precisa ser grosseira, mas precisa deixar as coisas bem claras. Se não fizer isso, ela nunca vai deixar de se decepcionar com as suas escolhas. Quando você finalmente encontrar alguém e decidir se casar, ela vai encontrar algo errado com os preparativos para o seu casamento, assim como ela está

fazendo com Daisy. Depois disso, ela vai começar a se intrometer no seu casamento, e depois ela vai encontrar algo errado na maneira com que você cria seus filhos. Você precisa dar um basta enquanto ainda há tempo, ou as coisas nunca vão melhorar.

Eu penso no que Colin está me dizendo, e ele tem razão. Desde que consigo me lembrar, minha mãe sempre agiu assim, durante o ensino médio, durante a faculdade, ou quando consegui meu primeiro emprego. Eu vivo reclamando sobre as atitudes da minha mãe, mas nunca digo a ela como realmente me sinto.

- Olhe, se você não estiver pronta para dizer o que pensa então jogue um osso para sua mãe se distrair, pelo menos por algum tempo. Isso vai ajudar a manter a sua sanidade intacta.

- Jogar um osso? - estou confusa.

- Sim. Diga a ela que está namorando alguém, ou alguma coisa do tipo. Aí ela a deixará em paz.

Embora eu não evite rir da sugestão de Colin, não é uma ideia ruim. Minha amiga Julie tem um namorado de mentira chamado Gary, e a mãe dela acha que os dois estão namorando há anos. Sempre que Julie faz menção de

apresentar o “namorado” à sua mãe, acaba inventando uma desculpa sobre algum imprevisto, e Gary acaba não podendo comparecer.

- Acho que você está certo - eu digo a Colin.

- É claro que estou certo. Agora vá em frente e diga à sua mãe como você se sente, ou jogue-lhe o maldito osso para que ela lhe deixe em paz!

- Tudo bem, tudo bem! - eu digo, rindo. - Deixe comigo.

Eu gosto de Colin. Ele é engraçado.

- Excelente - exclama ele. E tenta usar o seu charme para conseguir que eu diga o que ele quer.

- Conte-me, então Como estão indo as coisas com o chefe gourmet?

- Você é insistente demais, sabia?

- Tenho que ser. Sou ator, lembra? Agora abra o bico. Eu já sei que ele é um dos seus ex-namorados. Você pode abreviar as coisas e me dizer como foi com ele.

- Tudo bem, tudo bem - digo. - Se você quer saber mesmo, ele me pegou espionando o prédio onde ele mora, e

acha que eu não valho nada.

Ouço Colin tentar abafar uma risada,

- Isso não é engraçado!

- É claro que é. Pelo menos um pouco.

- Você não estava lá.

- Não estava mesmo. E isso é uma droga, porque é o tipo de coisa que chegaria até mesmo a pagar para ver.

- Claro, claro. Se você diz.

- E o que me diz do presidiário?
Quem é ele?

- Acho que chega de dividir segredos por hoje - eu digo, rapidamente.

Honestamente, é doloroso demais pensar que o pobre Nate está atrás das grades.

- Quem sabe alguma outra vez, então. Até lá, se cuide, entendeu?

- Pode deixar. Obrigada por tudo. Especialmente, você sabe, com a minha mãe.

- Ah, não se preocupe, não foi nada-diz Colin, de maneira meiga e suave.

Depois de desligar o telefone, quando já estou de volta à estrada, ligo para Daisy, e descubro que tudo o que Colin falou é verdade. Ela e Edward vão realmente antecipar a data do casamento. A única razão pela qual eles iriam esperar dois anos para fazer a cerimônia era porque eles queriam que ela ocorresse no Starlight Roof, uma danceteria lendária em estilo art déco, no Waldorf, que foi bem badalada na década de 1930. E era necessário entrar em uma lista de espera de dois anos para conseguir agendar qualquer coisa ali. Apesar do curto prazo, minha mãe não se incomodou com a mudança de datas,

e não havia entrado em pânico até descobrir que Edward era judeu.

- Mãe, não precisa ficar assim. Não vou me converter à religião dele ou coisa do tipo – disse Daisy, tentando acalmá-la.

- Mas e os seus filhos? Como você vai fazer para cria-los em um lar assim? – perguntou ela.

- Eles vão conhecer as duas religiões - explicou Daisy. - A casa terá uma árvore de natal e um memorável. Eles vão conhecer o melhor dos dois mundos. Vai ser ótimo.

- Não vai ser ótimo, vai ser confuso – foi o argumento que nossa mãe usou, antes de seu sarcasmo para sugerir a Daisy que ela incluísse um arbusto do Kwanza entre os símbolos para deixar as coisas ainda mais confusas para os pequenos.

Sempre que eu ligo para ela, nos últimos dias, ela não para de chorar - explica Daisy. Será que você poderia ligar para ela e ajudar a melhorar essa situação, por favor?

- É claro que posso - eu digo.

Depois de me contar os detalhes dos planos de última hora para o

casamento, Daisy diz que ela e Edward decidiram não fazer a cerimônia tradicional, exceto por um padrinho para o noivo e uma madrinha para noiva. Depois de pedir que eu fosse a madrinha dela (é claro que eu disse sim), Daisy me disse que já encomendara não somente seu vestido de noiva, mas também o meu vestido. Estou horrorizada.

- Espere...o que você disse? Você já encomendou o meu vestido? Por quê?

Digo.. como assim? Eu nem cheguei a experimentar!

- Ah, relaxe. É um vestido tomara-

que-caia. De cetim que vai até o chão. Tenho certeza de que você vai ficar maravilhosa nele.

- Qual é a cor dele?

- Escarlate.

- Escarlate? Você quer dizer vermelho?

- Isso.

Ah, que maravilha. Nada poderia ser mais perfeito. Enquanto Daisy será uma visão da beleza virginal branca no dia do seu casamento, eu serei a vadia de vestido vermelho.

- Confie em mim, Delilah. Eu trabalho em uma loja chique e sei o que estou fazendo.

- Você vende carteiras, e não vestidos
- eu lembro a ela.

- Ainda não vendo vestidos, mas estou subindo pela hierarquia da Saks, e logo estarei vendendo coisas melhores. E, olhe, tudo isso é culpa sua. Pensei que você estava viajando a negócios, e não queria que a mudança da data do meu casamento a estressasse. Por falar nisso, por que você mentiu sobre ter perdido o emprego?

- Você viu o quanto a nossa mãe ficou feliz quando eu disse a ela que não tinha sido demitida.

Eu vi, mas não sou a nossa mãe. Você poderia pelo menos ter me contado.

Sim, você tem razão, mas é algo que já tem um precedente. Você poderia ter me contado a respeito de Edward, também. Aliás, espere um pouco, por que você não me falou nada sobre Edward?

Não sei - diz Daisy, com um longo suspiro. - Acho que eu não queria que a nossa mãe ficasse sabendo por outra pessoa que não fosse eu. Você sabe

como ela é.

Quando as coisas acontecem de um jeito diferente do que ela espera que aconteçam, ela não aceita bem a situação.

Não me diga - eu respondo, rindo com a ironia.

Mas, você sabe - Daisy prossegue. - Pode me chamar de louca, mas eu acho que ela está melhorando. É por isso que essa implicância com a religião de Edward me surpreendeu.

Você acha que ela está melhor? - eu me recuso a acreditar. - Explique isso

direito.

Bem, desde a festa de noivado, ela não para de me dizer que mal pode esperar até que chegue fevereiro, o mês em homenagem à história negra, porque ela comprou um livro sobre Rosa Parks (*N.T. Rosa Parks era uma costureira negra que se tornou o ícone da luta pelos direitos civis da população afrodescendente nos Estados Unidos, após se recusar a ceder seu lugar em um ônibus para um homem branco, em 1º de dezembro de 1955. Esse ato foi o início do Movimento pelos Direitos Civis, e um de seus maiores líderes foi o reverendo Martin Luther King*

Jr) e está ansiosa para impressionar as pessoas com o seu conhecimento.

Ela fez isso? - estou chocada.

Fez, sim. Acho que, quando ela se recupera do choque inicial em relação a qualquer coisa que seja diferente, ela acaba se tornando uma das apoiadoras mais entusiasmadas do que quer que seja.

Hmmm. Bom saber.

Antes de desligar, Daisy me diz que o ensaio para o casamento deve acontecer com cerca de três semanas. Ela espera que eu esteja lá, e anoto a

data na minha agenda.

Naquela tarde, quando já tenho certeza de que minha mãe já voltou da sua aula de ioga, telefono para ela, como Daisy pediu. (Certificando-me de digitar *677 para que o identificador de chamadas dela não detecte o número do meu celular – *N.T. Nos Estados Unidos, o prefixo *67 é usado para bloquear identificadores de chamadas em sistemas de telefonia*). Não me importo com o que Colin tenha dito; ela não precisa saber que eu tenho um celular. Depois de vinte minutos de conversa, eu consigo convencê-la de que o fato de Edward ser judeu não é

algo tão preocupante assim.

As coisas poderiam ser bem piores, mãe. Ele poderia ser membro de uma daquelas religiões malucas de Utah que pregam a poligamia. Eu vi um programa na Tv sobre esses caras uma vez, e os homens acreditam que precisam ter três esposas para poder entrar no reino dos céus.

- Acho que você tem razão diz ela, com um suspiro, mas ainda assim parecendo estar um pouco decepcionada. - Eu queria muito ouvir alguém cantar a “Ave Maria”.

- Talvez isso seja possível - eu sugiro.

Minha mãe parece se empolgar. -
Você acha?

-Sim, converse com Daisy. Um pouco da “Ave Maria” nunca fez mal a ninguém.

Sabe, você está absolutamente certa. Um pouco da “Ave Maria” nunca fez mal a ninguém!

Ótimo - eu digo, orgulhosa de mim mesma. Estou tão feliz por ter ajudado! -

Agora vá ligar para Daisy.

Eu vou sim, mas antes disso... - o tom

de voz dela muda. - Por que você não me disse que foi demitida?

Droga! Eu esperava que conseguisse desligar antes que ela tivesse a chance de tocar nesse assunto. - Olhe, mãe, eu ia falar - eu começo a dizer, lentamente - mas estive tão ocupada nos últimos dias que...

Ah, eu fiquei sabendo! - ela berra, e seu tom de voz muda mais uma vez. - E ele é um fofo!

Durante os próximos minutos, eu fico ouvindo a minha mãe tagarelar sobre Colin, exceto que ela o chama de "Côlin". Quando ela finalmente para

de falar para tomar fôlego, conto para ela que não estamos namorando. Embora pareça estar devastada no início, ela me diz que vai continuar otimista, porque...

Além de ele ser solteiro, charmoso e sexy, ele mora do outro lado do corredor no seu prédio. É perfeito! Eu estava lendo um artigo sobre como homens e mulheres em Manhattan tendem a se envolver com pessoas que morem em um local que é geograficamente desejável para eles. Por exemplo, se eles têm acesso à mesma linha do metrô, isso é um ponto favorável. Eles dizem que esse tipo de compatibilidade em relação ao

local onde moram ajuda no relacionamento. Talvez você e “Côlin” possam ter algo assim.

É “Colin”, mãe.

Ah, sim, me desculpe. Talvez você e “Côlin” possam ter algo assim.

Mãe, eu já lhe disse, somos só amigos. Na verdade, acho que nem isso. Somos conhecidos. Vizinhos. Só conversamos duas ou três vezes. E eu mal o conheço.

Bem, acho que esse é o momento perfeito para mudar isso, já que você não tem mais um emprego para

atrapalhá-la, não é mesmo?

Antes de responder, eu penso nas minhas opções.

Se eu disser à minha mãe que ela tem razão, ela não vai me deixar em paz e vai me deixar louca, ligando e querendo saber como as coisas entre mim e "Côlin " estão indo. Por outro lado, dizerr a ela que não estou interessada em intimidades com Colin, ela vai presumir que sou mesmo uma lésbica, afinal, como é que uma mulher solteira ousaria achar que ele não é atraente? Ele é perfeito. E, repentinamente, eu me lembro do conselho que Colin me deu: jogue um

osso para ela se distrair.

- Na verdade, mãe... este não é realmente o momento porque... porque estou namorando outra pessoa.

- Outra pessoa? - ouço a minha mãe soltar um gemido de emoção. - É mesmo?

Sim, e não quero atrair algum tipo de azar para essa relação. Por isso, prefiro não falar sobre isso no momento.

Ah, claro, claro, eu entendo completamente. Mas será que você

pode ao menos me dizer o nome dele?
Estou tão feliz!

O nome dele? Hmmm. Oh, que inferno. Se Daisy conseguiu arrumar um judeu negro...

O nome dele é Yoshi, e ele é um budista japonês - eu exclamo, orgulhosamente.

Yoshi? - minha mãe não consegue se conter. - Ele é budista? Que maravilha!

Sim, mãe, é uma maravilha. Mas sem mais perguntas, por favor.

É claro, eu prometo que não perguntarei mais nada. Ah, espere, posso contar às outras senhoras da minha aula de ioga? Elas vão ficar impressionadas!

Claro, fique á vontade.

Que maravilha! Oh, querida, acabei me descuidando da hora. Vou me encontrar com Sally Epstein para tomarmos um café. Ela vai me ensinar um pouco de hebraico.

- Hebraico?

Sim, preciso aprender algumas coisas para que eu não fique constrangida

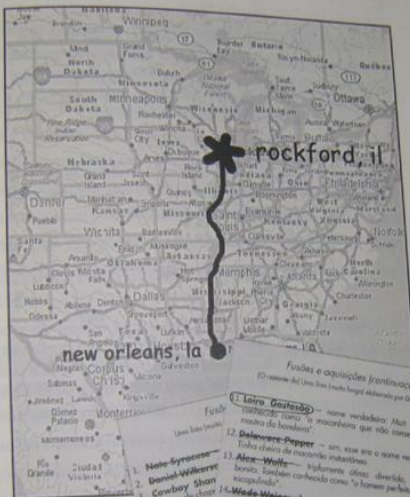
quando conhecer os pais de Edward.

Uau... bem, boa sorte.

Depois de desligar, eu rio comigo mesma e com Eva. Yoshi, um budista japonês? De onde eu tirei isso?

NOVE

Nove



7. Loiro Gostoso

Nome verdadeiro: Matt King.
Também conhecido como "o
maconheiro que não conseguia
erguer o mastro da bandeira".

- Fusões e aquisições (continuação)*
10 - resumo das Lines Lines fusões adquiridas por Debbie Darling
- 1. Loiro Gostoso** — nome verdadeiro: Matt King. Também conhecido como "o maconheiro que não conseguia erguer o mastro da bandeira".
- 2. Dolores Pepper** — sim, esse era o nome verdadeiro dele. Tinha cheiro de maciço instantâneo.
- 3. Alex Wolfe** — igualmente ótimo: divertido, inteligente e escapulando.
- 4. Wade Weis** — nome verdadeiro: Rad Verdictus. Relacionamento totalmente baseado em sexo, sem envolvimento emocional. Obcecado por seu cão.
- 5. Al Abogado** — nome verdadeiro: Diego Soto. Romance que teve impacto extra na Forca. Tinha sérios problemas por conta da linguagem.
- 6. Grady Gordy-Petersen** — mentiroso, falso e arrogante, com 1 esposa, 2 filhos, 3 namoradas e um plano que incluía a poligamia.
- 7. Kyle Luxe** — também conhecido como Kyle Luxe — resultado de e-mails incertos do ambiente de trabalho que acabaram sendo do controle.
- 8. O G** — **Roger e Imbecil de East Village** — não tinha muita coisa na cabeça.
- 9. Roger Lipschitz** — desperdiçou a chance. O, melhor dizendo, cocou-a e chorou-a.
- 10. O** — foi um... havia uma coisa... começa com a letra A...

BIP

Aqui é Daisy. Obrigado por dizer à nossa mãe que alguém pode cantar “Ave Maria” no meu casamento. Agora a mamãe de Edward está insistindo que façamos toda aquela papagaiada judaica de quebrar o copo, qualquer que seja o nome disso.

(suspiro profundo)

Desculpe, não estou brava com você. Mas estou ficando louca com todas essas pessoas! Você não faz ideia da sorte que tem por estar solteira!"

BIP

"Delilah, aqui é a Michel e. Eu acabei de receber uma ligação de Dustin Hoffman. Você é uma imbecil! Eu lhe avisei para não ir atrás de El Abogado! Ligue para mim... Tchau!"

Loiro gostosão

Eu conheci Matt King, o número onze da minha lista, também conhecido como Loiro Gostosão, no verão do ano em que me formei na faculdade, quando eu estava morando em Chicago. Dois anos depois de receber o diploma em Artes (um curso para alguém que, como eu, “não tem a menor ideia do que quer fazer da vida”) na Universidade de Miami, eu descobri que gostaria de trabalhar na área de design e projetos. Embora, para minha carreira, fosse mais interessante estudar em uma escola

especializada em Nova York, eu me transferi para a Escola do Instituto de Artes de Chicago. Dois anos depois, consegui um diploma de bacharel na área de Ciências de Fibras e Materiais. O nome do curso pode até ser engraçado, mas saber tudo sobre fibras e tecidos foi muito importante para o meu emprego na ESD.

Logo depois da minha formatura, trabalhei como estagiária no departamento de marketing do Merchandise Mart, um prédio imenso que expõe showrooms de móveis para profissionais de design. Não consegui nenhuma experiência prática lá, mas aprendi como a indústria funciona, e

também conheci várias pessoas e fiz contatos importantes para a minha networking em eventos de design que ocorriam lá. Esses eventos atraíam profissionais de todo o mundo. E foi em um desses eventos que conheci a mulher que, algum tempo depois, me ajudou a conseguir o emprego na Elisabeth Sterling Design.

Também conheci Matt enquanto trabalhava no Matt, mas ele não trabalhava realmente ali - trabalhava na rua, em frente a uma das entradas. Ele era pedreiro e tinha 21 anos. Seu pai o forçou a arrumar um emprego, já que ele não queria ir para a faculdade. Em relação á aparência,

Matt era alto e magro, e tinha jeito de surfista.

Trabalhar o dia inteiro debaixo do sol fez seu belo cabelo loiro acinzentado adquirir reflexos cor de mel e acrescentou-lhe um bronzado delicioso. Ah, e o sorriso que ele tinha... Matt tinha um sorriso muito sexy, do tipo que faria Matthew McConaughey (*N.T. Ator norte-americano. Um de seus filmes mais famosos é Como perder um homem em 10 dias, lançado em 2003*). corar de vergonha.

Percebi que Matt era bonito imediatamente, assim muitas das

minhas colegas de trabalho (e alguns dos homens que trabalhavam comigo, também). Como nenhuma de nós sabia nome dele, nós o chamávamos de Loiro Gostosão.

Depois de admirar o Loiro Gostosão de longe por algumas semanas, decidi entrar em ação em um dia quente de verão, quando estava me sentindo particularmente sexy. Além de estar vestida de maneira reveladora, com uma blusinha preta justa, uma minissaia preta mais justa ainda e imensos sapatos com plataforma, eu também estava coberta de glitter (*N.A.* *Isso aconteceu bem antes que Carrie Bradshaw trouxesse os saltos-agulha*

de volta á moda. Eu juro que sapatos grandes e espalhafatosos estavam na moda naquele tempo). (Foi naquele verão que as Spice Girls se tornaram famosas, e eu havia batizado a mim mesma como Glitter Spice). Hoje em dia, se eu fosse uma das Spice Girls (N.A. Já que “spice” significa “tempero”, em inglês - eu provavelmente seria o estragão. O estragão é um tempero delicioso, mas poucas pessoas parecem saber disso. Eu sugiro veementemente que as pessoas passem a usá-lo com mais frequência).

Ele não teria a menor chance de me ignorar.

Quando atravessei a rua para ir até a White Hen Pantry buscar algumas xícaras de café gelado, decidi comprar uma garrafa de água e um pouco de gelo para o Loiro Gostosão. Afinal, ele estava trabalhando duro para transformar a rua que passava em frente ao meu local de trabalho em uma via mais agradável, e aquilo era o mínimo que eu podia fazer. Depois de pagar, deixei aflorar a Spice Girl que havia dentro de mim e me aproximei dele.

- Oi - eu disse, um pouco nervosa. Loiro Gostosão parou de cavar e olhou para mim. Ele tinha uma bandana azul amarrada ao redor da cabeça. Acho

que ela servia para não deixar que o suor lhe caísse por sobre os olhos, que eram de um belo azul glacial.

Eu nunca havia chegado tão perto dele, e nunca havia percebido o quanto ele era bonito.

- Você parece estar bem quente, com todo esse calor que está fazendo.

Sem saber o que mais eu deveria dizer, eu parei de falar.

- E...?

- Bem... - eu prossegui - Achei que seria melhor você se refrescar um

pouco, então eu lhe comprei isso - e lhe estendi a água e o gelo.

- Para mim? - perguntou Loiro Gostosão, sorrindo. - Ei, obrigado.

- Por nada.

Depois de tomar um gole da água, Loiro Gostosão pegou um dos cubos de gelo e o esfregou no rosto. Ao fazer isso o cubo de gelo derreteu, fazendo com que pequenas gotas escorressem pela barba por fazer que lhe cobria as bochechas. Meu Deus, ele era sexy demais!

Meu nome é Matt King - disse ele. -

Eu apertaria a sua mão, mas a minha está suja. E agora está molhada também.

Suja e molhada. Sensual demais!

- Eu sou Delilah Darling - disse a ele, estendendo minha mão mesmo assim.
- E não me importo de ficar suja e molhada.

Delilah, sua menina má! Má, má!

Com um sorriso torto no rosto, Loiro Gostosão pegou a minha mão e apertou-a de leve, até que eu dei um puxão de leve (*N.A. A revista Cosmopolitan diz que sempre*

e melhor que a mulher encerre a primeira conversa com um homem. É preciso deixá-los querendo mais). - Preciso ir agora, mas tenho certeza de que nos veremos de novo.

- Ah, tenho certeza de que nos veremos, Delilah Darling - disse Loiro Gostosão.

- A garota que não se importa em ficar suja e molhada.

Rindo, dei meia-volta. Quando eu estava voltando para a entrada do prédio, pude sentir os olhos de Loiro Gostosão em mim, então eu resolvi andar com um toque de rebolado a

mais nos quadris, e cantando a música “If you wanna be my lover”, das Spice Girls. Aquele era o momento em que Glitter Spice ia brilhar.

No dia seguinte, Loiro Gostosão me convidou para sair e, em pouco mais de uma semana, estávamos tendo um tórrido caso de amor. Eu estava apaixonada -

apaixonada! Não existem caras como Loiro Gostosão em Connecticut (não em New Canaan, pelo menos), e eu nunca havia conhecido alguém como ele. Era másculo, tinha uma aparência um pouco encrespada e era muito gentil. Todos queriam ser amigos dele.

Eu acho que, em parte, a razão por eu ter ficado tão louca por ele tinha a ver com a minha idade. Eu tinha 21 anos e havia acabado de me formar na faculdade quando o conheci. O mundo estava ao alcance das minhas mãos. Eu estava querendo experimentar tudo o que a vida podia me oferecer, todas as experiências possíveis. Uma sensação otimista, do tipo “sou capaz de fazer tudo o que quiser”, corria pela minha cabeça e me dava a autoconfiança de que precisava, e essa autoconfiança se traduzia na cama. Embora Loiro Gostosão fosse o número 11 da minha lista; até mesmo o sexo que fazíamos

parecia algo novo. Pela primeira vez comecei a assumir uma postura mais dominante. Eu era uma garota prestes a me tomar uma mulher adulta. Era algo alegre e emocionante. Toda noite, depois de transar, nós trançávamos os braços e pernas ao redor um do outro, conversávamos, ríamos e acabávamos caindo no sono. E, ao acordar na manhã seguinte, ainda estávamos enrodilhados.

Como o meu estágio no Merchandise Mart não era remunerado, comecei a trabalhar como garçonne em um bar nos fins de semana para conseguir pagar o aluguel. Além do seu trabalho na área de construção, Loiro Gostosão

era o baterista de uma banda de rock. Por causa desses dois detalhes, as nossas noites nos fins de semana não começavam antes das 2 horas da manhã, depois que nossos afazeres estavam concluídos. E não terminavam até o momento em que o sol nascia.

Tínhamos uma vida divertida e movimentada, Loiro Gostosão e eu. Eu adorei aquele verão. Eu adorei, adorei, adorei demais.

Ate que o outono chegou.

E engraçado perceber a velocidade com que as coisas podem mudar.

Sentimentos, não importa o quanto sejam intensos, podem ser efêmeros. Em um estalar de dedos, a felicidade pode se transformar em tristeza; a esperança pode se transformar em desespero; e, um belo dia, o passado chega para causar assombro, e faz com que se perceba que é preciso pisar no freio.

O momento em que senti que as coisas iam mudar foi quando Loiro Gostosão foi demitido. Isso causou um verdadeiro efeito dominó. Além de perder sua fonte de renda, ele perdeu o bronzeado, perdeu o abdômen definido (o seu “tanquinho”) e, basicamente, perdeu o título de

“gostosão”. Em um piscar de olhos, Loiro Gostosão se transformou em Matt King, meu namorado desempregado com uma barriguinha de cerveja.

Se fosse só isso, não me importaria, não sou tão fútil. Eu consigo lidar com uma pessoa que perde o emprego e ganha peso (eu mesma estou passando por esse tipo de situação!). O que me incomodava foi ele ter deixado escapar a alegria de viver. Ele perdeu a leveza de espírito. Como ele estava desempregado, as inocentes festas de que Matt participava nos fins de semanas começaram a sair do controle e se transformaram em

ocorrências diárias. Ele estava sempre bêbado ou sob o efeito de alguma droga, e frequentemente iniciava alguma discussão comigo a respeito de coisas sem importância.

No começo, aquelas brigas acabavam levando a belas transas conciliatória, tipo “amor à primeira briga”. Mas, depois de algum tempo, o seu hábito crônico de fumar maconha afetou negativamente aquela área do nosso relacionamento também. Sim, as folhas não eram as únicas coisas que caíam em Chicago naquele outono.

Matt não apenas não conseguia mais erguer o mastro da bandeira, como

também nem mesmo hastear a bandeira a meio-mastro. Ele não conseguia mais deixar a coisa em pé. Quando isso começou a acontecer ele me pedia para colocar alguma música do Guns n' Roses no aparelho de som, eu juro, como se escutar a voz de Axl Rose fosse algum tipo de remédio para impotência causada pelo consumo de drogas. É claro que eu fazia o que ele me pedia. Estava disposta a tentar qualquer coisa. Antes de tentarmos transar, eu pulava da cama, nua, para colocar o CD no aparelho, e depois corria de volta para a cama. E esperava, enquanto...

“Take me down to the paradise

city...” berrava os alto-falantes, e meu namorado se esforçava para se excitar. Eu gostaria de dizer que aquilo poderia ter funcionado, mas o que posso dizer é que, na melhor das hipóteses, o pênis de Matt lembrava muito um macarrão al dente - amolecido, na maior parte, mas com uma nesga de rigidez em algum ponto.

E, daquele ponto em diante, as coisas só fizeram piorar. Como não parava de frequentar festas, Matt deixou de pagar seu aluguel durante dois meses, e eu emprestei 800 dólares a ele. Sim, sei que foi algo imbecil. Para poder me pagar o empréstimo, ele começou a vender maconha. Quando eu pedi

que parasse, ele se recusou, dizendo que estava fazendo aquilo por mim. O que ele esperava que eu dissesse? “Oh, que coisa romântica”? Será que eu estava vivendo em algum videoclipe ruim?

Qualquer mulher, por mais idiota que fosse, teria terminado o namoro; eu, por outro lado, não era uma idiota qualquer; eu era uma idiota otimista. Achei que poderia ajudá-lo. Mas o comportamento dele não tardou a ficar cada vez mais imprevisível.

Tinha variações de humor, ficava feliz e triste. Estava totalmente transtornado. Em uma questão de

semanas, uma névoa turva cobriu o brilho do azul dos olhos dele. Da mesma forma, a sujeira cobriu as mechas cor de mel na cabeleira loira dele. A instabilidade de Matt não tardou a fazer com que eu me sentisse descontrolada, também, e eu percebi que, pelo bem da minha própria sanidade, precisava me livrar daquela situação. Os dias livres e selvagens do verão haviam finalmente terminado. O mundo ainda estava lá fora, e eu ainda queria experimentá-lo. E foi assim que decidi voltar para a costa leste.

Eu não disse a nenhuma das minhas amigas que ia embora. Não contei nem mesmo a Matt. Planejei dar um

último passeio, certa noite, para me despedir, sem que precisasse realmente me despedir. Por volta da meia-noite, dei uma olhada ao redor do bar e não consegui encontrar Matt em lugar algum. Ele não disse que ia sair dali ou que ia para casa; assim, liguei para o celular dele para saber onde ele estava. Depois de dois toques, ele atendeu. - Eu já volto - disse ele, e desligou.

Pensando que aquela foi uma forma grosseira de encerrar a ligação, eu saí do bar para telefonar de novo para ele, pois não haveria tanto barulho. Depois de digitar o número dele, coloquei o telefone ao lado do ouvido.

E foi aí que aconteceu uma coisa muito estranha: eu ouvi os toques do telefone em estéreo. Ouvia os toques do telefone por um ouvido, e do outro lado da rua pelo outro. Quando olhei em volta para ver onde o outro telefone estava tocando, eu vi Matt em pé na esquina, beijando outra garota.

Abraçados, com os rostos bem próximos, os dois conversavam e riam, assim como eu e ele havíamos feito tantas noites na cama. Como eu não tinha desligado o meu telefone, o de Matt ainda estava tocando. Vi quando ele pegou o telefone e atendeu.

Eu disse que já volto!

Não se incomode - eu disse em voz alta. Quando ele olhou na minha direção, o sorriso desapareceu do rosto dele. Não sabia o que dizer. Mas o que havia para se dizer?

Ele me traiu com outra na mesma noite em que havíamos saído. Que tipo de pessoa faz isso?

Decidindo que era hora de ir embora, voltei para o bar. Enquanto juntava minhas coisas, minhas amigas sentiram que algo estava errado. Mesmo assim, antes que alguém conseguisse perguntar qualquer coisa,

Matt voltou para o bar.

Você vai embora? - perguntou ele.

Vou - eu disse sussurrando, pegando as minhas coisas freneticamente.

Ah, o que é isso? - disse ele, suspirando. - Você está louca.

Estou louca? Ouvir aquelas palavras saindo da boca dele me encheu de raiva. Eu não conseguia acreditar que ele, entre todas as pessoas, teve a audácia de me chamar de louca. Sem conseguir controlar meus sentimentos, comecei a gritar com ele, dizendo que eu o achava um vagabundo, um idiota,

alguém que não valia o que comia. Durante todo o tempo ele permaneceu em silêncio, olhando para mim.

Quando terminei, quando não tinha mais nada a dizer, eu esperei por uma resposta, esperei que ele reagisse, ou que pedisse desculpas. Mas não aconteceu nada disso. Em vez de me dizer que estava arrependido, Matt simplesmente olhou para mim... e riu. Ele deu a gargalhada mais alta, a mais escandalosa que já ouvi na minha vida. Ele ria, ria, e ria, sem parar. Ficar frente a frente com uma pessoa que ri de você, no momento em que você está mais nervoso, é algo que só serve para lhe enfurecer ainda mais. Depois

de dizer a ele que nunca mais queria vê-lo na minha frente, eu saí do bar.

Após algum tempo eu consegui superar meu namoro com Matt, mas nunca consegui superar o fato de que fiquei furiosa com ele, porque Matt nunca se desculpou.

Em todos esses anos, eu sempre pensei que, algum dia, o meu telefone tocaria e Matt estaria do outro lado da linha, pedindo desculpas pelo o que aconteceu, mas essa ligação nunca aconteceu. Para ser honesta, quando fiz minha lista, só de escrever o nome dele fiquei tão irritada que quase pensei em tirá-lo dela, como um dos

homens a visitar. Por outro lado, pensar nos momentos ruins me fez considerar os momentos bons. Eu me lembrei do dia em que nos conhecemos e as noites em que dormimos abraçados. Quanto mais eu lembrava do Loiro Gostosão, mas eu me esquecia de Matt King. E acabei decidindo que, talvez, ele merecesse uma nova chance.

Mensagens para você

Segunda feira, 25 de Abril.

Apesar de eu ter saído de Nova Orleans decepcionada, a viagem até Illinois foi agradável, porque, depois de conversar com a minha mãe, eu voltei a ligar para Colin e contar para ele sobre Yoshi, e nós dois rimos bastante, e nosso papo se estendeu por uma hora. Eu ainda sou cautelosa demais; entretanto, como eu estou conversando, não fico tão obsessivamente preocupada com qualquer ruído que surja dentro do carro, e acabo dirigindo um pouco mais rápido. Não é nada para me orgulhar. Ainda não passei do 80 km/h mas cheguei perto.

Embora o Loiro Gostosão morasse em Chicago quando eu o conheci, ele agora está morando com os seus pais em Rockford, uma cidade a cerca de 150 quilômetros a oeste de Chicago. Tudo bem, tudo bem: ele mora como os pais! Sim, eu sei que isso pode ser um indício que ele continua a ser um fracassado na vida (afinal, ele já deve ter quase 30 anos), mas eu tenho que dar o benefício da dúvida a ele.

Rockford fica em uma região conhecida como Winnebago County, um lugar em que as pessoas pensam ter recebido o nome da tribo indígena Winnebago. Eu prefiro acreditar que as pessoas apenas “pensam” que essa

é a razão, porque, desde que cheguei, eu contei 22 motohormes na estrada e nenhum índio. Meu hotel, o Clock Tower Resort , tem até mesmo um estacionamento reservado apenas para motohormes.

Não quero chamar ninguém de mentiroso, mas eu acho que é bom alguém verificar a possibilidade de que essa região tenha sido batizada em homenagem à empresa.

Não deixe que a palavra Resort no meu hotel lhe engane: não estou torrando o meu dinheiro. O lugar é menos um resort e mais um parque temático. É mais um hotel da rede

Best Western, instalado ao lado da rodovia, e uma das maiores atrações do lugar é um parque aquático para toda a família, que tem até mesmo um tobogã em espiral.

Ontem, enquanto andávamos pelo saguão, Eva e eu demos de cara com uma cobra flutuante de seis metros. Quando Eva a viu, ela rosnou e tentou pular para fora de sua bolsa para atacá-la, assim como ela fez com o fantoche de Wade, ou melhor, o muppet de Wade, mas eu consegui impedi-la. Fiquei um pouco preocupada e comecei a me sentir mal por tê-la criado dentro de um carro. Eu me sinto como uma daquelas

mulheres que aparecem em programas de televisão femininos, ou como uma daquelas mulheres interpretadas por atrizes como Swozzie Kurtz ou Meredith Baxter Birney, que criam seus filhos na rua. Sei que Eva é só uma cadela, mas ela precisa de estabilidade, especialmente depois de tudo que teve de passar em sua curta vida.

Mas voltemos ao hotel.

Não é um lugar muito caro, apenas 80 dólares cada diária, Ainda assim, multiplicando esse valor por três noites, as coisas podem pesar um pouco no bolso. Dei entrada no hotel

na noite de quinta feira e estou sentada do lado de fora da casa de Loiro Gostosão desde então. Já é segunda feira, e ainda não vi nenhum sinal dele. As únicas almas vivas dentro das casas são os pais dele, ou duas pessoas idosas que se parecem muito com ele. Estou começando a ficar ansiosa e não sei o que fazer comigo mesma. Já escutei todas as músicas de 1997 que trouxe, músicas que fazem lembrar de Loiro Gostosão, mais vezes do que consigo contar. Pode acreditar que, embora eu gostasse demais das Spice Girls, acho que já cheguei ao limite do que é humanamente suportável. “ So, tell me

What you want, what you really, really want!”

Eu não quero mais que elas voltem a cantar juntas, e nunca mais vou desejar isso. O que eu quero é que alguém me diga o que aconteceu com o Chumbawamba (*N.T. Banda inglesa formada em 1982, que teve certos sucessos nas paradas de músicas alternativas na década de 1990*).

Depois de esperar um pouco mais, decido telefonar para Colin, para ter a certeza que este é o endereço certo. Quando ele atende, eu coloco o telefone perto do alto-falante do meu carro.

- “MMMBop! Bop, bop, MMMBop! Yada ya-daaa! Bomp pops! Rock, rock, yeah-eah...” – Eu não sei realmente qual é a letra dessa música (*N.T. Refrão da música MMMBop, da banda Hanson, gravada em 1997*).

- Sabe, eu prefiro quando você está ouvindo Lionel Richie – diz ele. Eu rio.

- É, talvez. Ei, eu tenho uma pergunta. Sabe o endereço que você me deu para procurar Matt King? Você tem certeza de que é o lugar certo?

- Tenho certeza. Cem por cento – diz Colin, de maneira rápida e confiante.

Eu suspiro frustrada. Onde poderia está o Loiro Gostosão? Será que ele poderia estar em um navio? Poderia estar morando com o seu tio? Poderia estar em um avião?

Poderia estar em um caminhão?
Poderia estar atolado no barro?
Poderia estar perdido no mar? Poderia estar em um bar?

Oh..isso traz algumas lembranças duras. E, para falar a verdade...

“ Onde Está o Gostosão”

(um poema escrito por Delilah

Darling)

“ Será que ele está escondido e ninguém, o vê?

Será que ele está chapado, ou tomou LSD?

Será que ele está relaxando em uma piscina?

Tomando ecstasy? Cheirando cocaína?

Ou levando uma vida enfadonha?

Tomando chá de cogumelo? Fumando

maconha?

Não vou sair daqui, encontrá-lo eu vou.

Não vou sair daqui, vagabunda eu sou.”

Eu sabia que tinha talento.

Ouçó um grunhindo e um estalo no telefone. – O que você está fazendo?

- Abdominais. - diz Colin. A voz dele desaparece no fim da frase. Acho que ele ligou a função viva-voz.

- Abdominais? Você não precisa fazer abdominais. O seu abdômen já é ótimo.

- Ah, quer dizer que realmente estava olhando para o meu abdômen naquele dia!

- Acho que dei uma olhadinha, mas ele estava bem na minha frente. Não consegui evitar.

- Aham. É claro que não consegui - diz ele. Duvido que Colin acredite na desculpa esfarrapada que dei. – E o que acha das minhas pernas?

- Eu me recuso a responder a

perguntas que possam me incriminar.
– eu, digo rindo. – Quer dizer que
você gosta de malhar?

- Não tanto assim, mas eu preciso
levar isso um pouco mais a sério,
porque...bom, não quero contar
vantagem antes de hora, mas vou
participar de um teste para integrar o
elenco de *One Life to Live* (*N.T.*
Telenovela de sucesso nos Estados
Unidos, exibida desde 1968) daqui a
alguns dias.

Eu fico surpresa com isso. - *One Life*
to live, aquela novela?

- Isso mesmo, aquela novela. Você

assiste?

- Não, é que...bom, você me disse que é ator, mas eu não sabia se você era bom ou não.

- Obrigado pelo voto de confiança.

- Ah, estou só mexendo com você. Bem, você parece estar ocupado, então vou deixá-lo voltar aos seus exercícios.

- Tudo bem, preciso fazer umas flexões de coxa ainda.

-Bem, boa sorte, então.

Eu quase desligo o telefone, mas...Ah, Colin?

- Sim?

- Você não precisa fazer flexões de coxa. Suas pernas estão ótimos.

Eu quase consigo ver o sorriso dele por telefone. – Eu sabia que você estava olhando.

Desligo, com um sorriso no rosto. Um flerte inocente depois de tantos desastres não faz mal a ninguém. Sentindo-me reenergizada, coloco meu boné na cabeça e olho pela janela em direção à casa dos pais de Loiro

Gostosão. Há um furgão dos correios estacionado em frente à casa. Alguns segundos depois, quando o veículo se afasta, eu vejo que há um pacote ao lado da caixa do correio. Um pacote. Aquilo me dá uma ideia.

Bem, eu sei que é errado roubar a correspondência de alguém, é um crime federal, uma invasão de privacidade, e eu ficaria muito irritada se alguém roubasse a minha. Mas eu preciso saber para onde devo ir.

Em poucos segundos estou correndo para longe da cena do crime em alta velocidade. Não estou apenas com o pacote roubado nas mãos, mas

também uma pilha de cartas. Quando volto para o carro, eu entro e tranco as portas. Depois de olhar ao redor para ter certeza de que ninguém me viu, calço um par de luvas de borracha (caso a polícia queira investigar as impressões digitais nas cartas) e começo com o pacote. O destinatário é a mãe do Loiro Gostosão, e foi enviado pelo Home Shopping Network, o canal de compras da Tv a cabo. Eu abro o pacote e encontro seis turbantes de tecido atoalhado, e o panfleto que vem com eles diz que “ não são volumosos quanto toalhas normais”. Com um deles nas mãos, faço uma careta.. Podem não ser tão

volumosos, mas a tampa é horrível. Eu os jogo de lado e dou uma olhada nas cartas.

Contas, contas, mas contas, e depois...um pequeno envelope de um lugar chamado Lily Pond. Eu o abro. Há uma mensagem dentro.

Lily Pond

Estimados John e Sylvia,

Tivemos um excelente progresso há alguns dias. Vocês fizeram a coisa certa. Matt está em boas mãos.

Continuem mantendo a esperança.

Dr. Trudy Jacobs

Rua Lily, 98543-Rockford, Illinois-
61101

“ Matt em boas mãos” ?

Bem, como o meu laptop está no carro, começo a dirigir pelo bairro até encontrar um sinal de Internet wi-fi vindo de alguma casa. Estacionando em frente, eu procuro por “ Lily Pond” no Google. Depois de 0,29 segundos, o resultado aparece na tela:

Lily Pond-Centro de recuperação para abuso de entorpecentes. Centro de tratamento para dependentes em álcool e drogas em Rockford, Illinois.

www.lilypondtreatment.org/10km -
Em cache-Páginas similares”

Tratamento para dependentes de álcool e drogas? Sinto meu coração pesar no peito. Quer dizer que o loiro gostoso está em uma clínica de recuperação? Oh, meu Deus! Uma sensação terrível de culpa toma conta de mim. Eu me sinto parcialmente responsável. O problema dele com drogas começou quando estávamos namorando, mas, quando as coisas

pioraram, eu o abandonei. Eu devia ter ficado em Chicago e tê-lo ajudado com os seus problemas. Devia ter ficado!

Depois de verificar a localização da clínica no Google Maps, vou até Lily Pond o mais rápido que consigo. Eu me sinto um pouco aliviada enquanto dirijo ao longo a estrada de acesso ao local. É, um lugar bonito, muito diferente do que eu esperava, é parecido com um resort – um resort de verdade, e não como o Clock Tower Resort.

Instalada em uma área que deve cobrir alguns hectares, a propriedade

é bastante arborizada e conta com vários jardins. É um lugar calmo e sereno.

Depois de estacionar o carro, entro na clínica e vejo um homem alvo e calvo sentado atrás do balcão da recepção. Eu vou até ele. O nome “Carl” está estampado no crachá que ele usa.

-Oi, Carl. Eu queria saber se você pode me ajudar – eu digo. Ele me dá um sorriso amarelo, e faz que sim com a cabeça. – Estou aqui para visitar uma pessoa. Matt King.

Ao ouvir o nome do Loiro Gostosão, Carl franze os lábios. – o Sr. King não

pode receber visitas. — diz ele, com uma voz aguda e lamuriosa.

- Este é o dia errado? Existe algum dia específico para visitas ou algo do tipo, para que eu possa voltar?

Carl balança a cabeça. — Não. O Sr. King nunca pode receber visitas, ao menos que os médicos aprovem.

Oh... isso não parece nada bom. Loiro Gostosão deve estar em um estado terrível. Preciso entrar na clínica para vê-lo. Posso conseguir salvá-lo! Estudo Carl por alguns momentos. Embora ele pareça ser durão, eu acho que é possível convencê-lo a me

deixar entrar.

- Escute, Carl – eu digo, com um sorriso doce e sedutor. – Eu vim de muito longe para conversar com ele. Será que você não pode abrir uma exceção para mim? Só um minuto? Por mim?

Eu abro o sorriso o mais doce que consigo.

Talvez seja o “ só um pouquinho” que acaba irritando Carl, mas não tenho certeza. Tudo o que sei é que ele está bem nervoso.

- Escute aqui, agora – diz ele, em voz

baixa, inclinando-se por cima do balcão.

Ele me olha ameaçadoramente com seus olhos pequenos saltados. – Não abro exceções para ninguém. Então, o melhor que você tem a fazer é dar meia-volta, sair pela porta da frente e voltar para casa. Entendeu?

Entendi? Oh, é claro que entendi. Acabei de ter outra ideia. Quando eu era pequena, assistia muito seriado As panteras. Assim, eu sei como conseguir o que quero.

Sem me importar em dar a resposta a Carl, eu me viro e saio dali, mas não

para voltar para casa. Vou me disfarçar. Eu vou... me internar na clínica de reabilitação.

Pantera disfarçada

Chega a noite e começo a elaborar o meu plano. Preciso de três coisas para que a minha ideia funcione. A primeira é que, não posso simplesmente ser internada em uma clínica de reabilitação com um cachorro: assim, preciso encontrar um lugar onde posso deixar Eva. A

segunda é que eu detestaria ter o meu pedido de internação recusado simplesmente por não ser viciada em drogas; portanto, preciso dar um jeito de consumir algumas drogas, caso eles façam algum exame de sangue ou coisa parecida. E, a terceira é que preciso encontrar uma história triste sobre como alguém caiu no mundo das drogas, uma história sobre como alguém caiu no mundo das drogas, uma história que eu possa dizer que é minha. Os especialistas que comandam aquele lugar vão fazer perguntas quando eu chegar lá, e eu vou precisar saber como responder. Sim, sei que estou começando a ficar

louca, mas estou ficando sem homens, ficando sem opções.

Preciso fazer com que as coisas deem certo com o Loiro Gostosão! Eu preciso!

Em relação a Eva, depois de pesquisar um pouco, encontro uma clínica veterinária respeitável, e marco uma consulta para que ela seja castrada. O garoto da pet shop em Filadélfia recomendou que eu fizesse isso antes que ela completasse sete meses de idade, caso contrário, ia entrar no cio e suas tetas iam inchar. A recepcionista da clínica me diz que eles hospedam cães por até duas

noites após uma castração, e eu imagino que isso deve me dar tempo suficiente para entrar e sair da clínica de reabilitação. Tudo o que preciso fazer enquanto estiver lá é conversar com Loiro Gostosão.

Agora, as drogas... embora a ideia de entorpecer a dor da rejeição com um punhado de bonecas (*N.A. Gíria para comprimidos popularizados por uma bela obra da literatura americana. O vale das bonecas. Deus lhe abençoe, Jacqueline Susann, por te escrito um livro excelente que se tornou um filme esplêndido. Descanse em paz*) não pareça ser tão ruim, eu preciso ser capaz de pensar de

maneira clara para conseguir fazer o que quero. Certa vez eu assisti a um especial da MTV que disse que, se você comer uma boa quantidade de sementes de papoula antes de passar por um teste para detecção de uso de drogas, é possível ter um resultado positivo para opioides. Sabendo disso, eu relutantemente engulo não apenas uma, mas seis rosquinhas recheadas com sementes de papoula. Eu digo “relutantemente” porque não costumo comer rosquinhas. Não desde que meu ginecologista disse que o meu colo do útero se parece com uma rosquinha.

Finalmente, a história é triste. O que

são opioides? Qual é a sensação quando alguém toma um opioide? Para dizer a verdade, eu não fazia a menor ideia...até ler uma edição especial da revista Star dedicada a celebridades e seus vícios. Sim, se a verdadeira história das drogas de Hollywood fosse publicada, teria que ser na Star.

Depois de reler aquela edição uma dúzia de vezes, eu me sinto bem confiante a respeito das minhas drogas. Assim, eu fecho a revista e, pouco tempo depois, estou dormindo.

Na manhã seguinte, depois de deixar Eva na clínica veterinária, em meio a

muitas lágrimas(eu me sinto mal por ter que me afastar dela), novamente pego a longa estrada que leva a Lily Pond. Como aquele lugar é bem melhor do que os hotéis em que fiquei hospedada até o momento (o Ritz não conta, pois não cheguei a passar a noite ali), eu até me sinto um pouco animada por estar aqui. Depois de estacionar o carro, vou até a recepção e dou uma olhada rápida para ver se Carl está por ali. Se ele estiver, meu plano é esperar para me internar na clínica até que ele esteja em seu horário de almoço.

Sem ver aquele sinal dele, entro e vou até o balcão. No lugar de Carl está

sentada uma mulher negra enorme. O crachá dela traz o nome “ Lucille”. Quando eu me aproximo, ela olha para mim e sorri.

- Posso ajudá-la?

- Pode sim. Eu gostaria de me internar.

- Você veio sozinha? – pergunta ela, olhando por trás de mim.

Ela parece preocupada.

Eu faço que sim com a cabeça, pateticamente.

- Você agendou consulta?

Oops. Eu não sabia que precisava ter marcado uma consulta.

Novamente, eu faço sim com a cabeça, pateticamente.- Sim.

Depois de dizer meu nome a Lucille, espero pacientemente enquanto ela começa a procurar pelas páginas de uma agenda de consultas. Depois de procurar e não encontrar nada, ela olha para mim.

- Não tenho nenhuma consulta agendada.

Sem querer ser mandada novamente, eu me apoio contra o balcão e começo a fazer a minha melhor imitação de Anna Nicole Smith (*N.T. Atriz e modelo americana, encontrada morta em seu quarto de hotel em 8 de fevereiro de 2007, por conta de uma overdose de medicamentos*). – ohhh, izzzoouooo ééé uma peeennnnnnaaaa – eu digo, misturando as palavras umas com as outras.

- Oh, querida-diz Lucille, com um tom preocupado. Ela percebe que eu preciso de ajuda. – Venha, sente-se aqui – diz ela, levando-me para um sofá branco e felpudo no canto da sala. – Obrigada - eu digo, em voz

baixa. Depois de esperar alguns minutos, uma mulher chamada Jan vem até a recepção e me leva para o seu consultório. Ela tem as bochechas saltadas e um cabelo cacheado e armado que me faz lembrar de Michelle, embora o de Jan seja castanho escuro, e não ruivo. O único acessório que ela usa para acentuar o traje preto que está usando é um lenço que imita a pele de leopardo, em tom rosa choque ao redor do pescoço. Depois de se desculpar por meu nome não estar marcado no livro de agendamentos, Jan pergunta se eu me lembro do nome da pessoa com quem falei quando telefonei para clínica.

- Não tenho certeza, mas acho que foi alguém chamado Carl.

Espero que aquele palhaço fique bem encrencado.

Durante as duas horas seguintes eu sou avaliada por Jan, um médico e um psiquiatra. Sei o que eles querem ouvir, porque, além de assistir a vários episódios de as panteras quando era criança eu também assisti a vários programas de reportagens, especialmente os que cobriam histórias de vício em drogas e álcool. Aqueles episódios eram os melhores, sempre.

- Estou aqui por vontade própria, não porque alguém está me obrigando. – eu digo a eles. – Quero parar de prejudicar as pessoas que eu amo, e também quero parar de prejudicar a mim mesma.

- Isso mesmo, garota – diz Jan. – Admitir que você precisa de ajuda é o primeiro passo para conseguir se recuperar.

- Não preciso dizer que sou aprovada com distinção no meu teste, e sou internada em Lily Pond. Eu sei que parece loucura, mas sinto uma satisfação ao saber que fui aceita na instituição – eu nunca me sai muito

bem em testes. Como meu seguro-saúde pela Elisabeth Sterling desing ainda valerá por algumas semanas, entrego meu cartão para cobrir a diária de 1.000 dólares cobrada pela clínica Lily Pond, e rapidamente assino os papeis que eles me entregam. Não tenho tempo de tê-los. Eu preciso conseguir entrar naquele lugar agora. Preciso ajudar o Loiro Gostosão!

Sou informada que terei um quarto especial para pessoas em processo de desintoxicação. Localizado bem próximo a sala das enfermeiras, não tem tanta privacidade, mas, pelo menos, tem seu próprio banheiro.

Embora haja duas camas no quarto, sou a única nova recruta no momento, então o lugar é todo meu. Enquanto desfaço a minha mal, uma enfermeira fica junto a mim, e recolhe o meu telefone celular (afinal, eu devo me concentrar em melhorar a minha saúde, e nada além disso) e qualquer outra coisa que ela decida que é prejudicial a minha saúde.

Por volta do meio-dia, alguém começa a bater uma sineta bem alto, mostrando que é hora de comer. Eu saio do quarto e vou em direção do refeitório Diferente dos jardins e áreas arborizadas, a comida servida em Lily Pond é exatamente como eu

imaginava: insossa, cozida além do ponto e requentada. Legumes moles demais e carne dura demais, intragável. Depois de pegar a única maçã que veio na bandeja, eu me sento em uma das mesas e começo a procurar por Loiro Gostosão. Sem conseguir vê-lo por ali, dou uma olhada nas outras pessoas. Não sei exatamente o que esperava ver, mas a maioria das pessoas parece ser normal. Alguns dos rapazes são bem atraentes, também, e aquilo me deixa um pouco mais feliz. Ora, é um salão cheio de homens emocionalmente instáveis, procurando por um propósito na vida, buscando por uma

mulher forte. Além de Loiro Gostosão, talvez eu possa ajudar a todos eles.

Alguém se senta ao meu lado, interrompendo a observação que eu estava fazendo. É um homem, mas não é dos mais bonitos. Ele é mais baixo, mas gordo, e mais calvo do que a maioria dos outros.

- O que trouxe você até aqui? – ele pergunta. Um par de óculos de playboy está pendurando no bolso da camisa dele.

- Sou viciada – eu digo, fingindo estar sob o efeito de alguma droga. Ele sorri.

Durante os minutos seguintes, Playboy me conta tudo sobre o seu vício em Oxycontin¹¹. Ele diz que o programa de reabilitação vem funcionando bem, mas que ele tem receio de sair da clínica – ele é um caçador de emoções fortes que adora uma boa descarga de adrenalina. Depois de dizer a Playboy que ele precisa encontrar algum tipo de hobby algo que possa lhe dar a mesma sensação que Oxycontin, comento sobre um programa de Tv aqui assisti há pouco tempo sobre as pessoas que gostam de passeios de montanha russa. Pessoas que viajam o país inteiro para experimentar as várias

montanhas russas construídas em diferentes lugares. Playboy gosta da minha ideia e diz que vai tentar algo do tipo quando sair da clínica. Meu Deus, não estou aqui nem há um dia e já estou ajudando as pessoas. Onde está o Loiro Gostosão?

A terapia não vai começar até que eu tenha concluído o processo de desintoxicação. Assim, durante o resto do dia, tiro uma soneca, mais tarde, vou jantar.

Hoje é a noite do “Monte a sua própria batata”, e temos até pedaço de bacon e fatias de queijo nacho. Eca. Depois de pegar outra maçã eu me

sento em uma mesa vazia e começo a procurar por Loiro Gostosão novamente. Assim como no horário do almoço eu não o vejo em lugar nenhum. Depois de comer e observar as pessoas, Playboy vem até onde eu estou para conversar mais uma vez e me contar o seu hábito de ser um caçado de adrenalinda.

No dia seguinte, tudo igual: dormir, comer, nada de Loiro Gostosão, Playboy é um caçador de emoções. A única mudança é que uma nova paciente chegou à ala de desintoxicação e está no mesmo quarto que eu. Embora pareça ser uma boa pessoa, ela cobriu a cama

com bichinhos de pelúcia, e isso me assusta.

No meu terceiro dia na clínica de reabilitação, acordo e percebo que preciso sair da clínica a tarde para buscar Eva. O veterinário disse que ela receberia alta por volta das 15 horas. Assim, o meu plano é sair logo depois do almoço. Embora eu sinta falta dela, não estou muito feliz por sair assim. Além de estar irritada por não encontrar Loiro Gostosão, também estou zangada por não ter começado a terapia. Eu estava querendo ser analisada por um médico de verdade em vez de um audiolivro. (Não se ofenda, Tony Robbins. Eu

ainda amo você e seus dentes brancos.) Sei que não estou pagando por nada do que estou recebendo, mas qual é o motivo real de estarem me cobrando 1.000 dólares por dia? Com certeza, não é pela comida gourmet. Nem pelas atividades.

Ontem a noite eu participei de uma sessão de arte-terapia, esperando que pudesse transformar um monte de argila em um vaso, como Demi Moore fez em Ghost: do outro lado da vida (afinal, tem uma mesa no meu apartamento que precisa ser decorada com alguma coisa), mas tudo que consegui foram algumas folhas de papel e giz de cera.

Ou seja: clínicas de reabilitação custam muito mais caro do que deveriam.

Quando ouso o sino do almoço, vou a refeitório pela última vez, rezando para encontrar Foxy. É a minha última chance. Enquanto espero na fila novamente para ver as coisas que não vou comer, dou uma olhada em volta e solto um gemido de emoção quando o vejo sentado em uma mesa no canto, almoçando sozinho. Não acredito... não consigo acreditar que seja ele. Parece estar mais velho e mais gordo. A linha do queixo dele não está tão definida como era antigamente. Depois de olhar para ele

por um minuto, percebo que essa pode ser a minha única oportunidade de conversar com ele. Eu respiro fundo e, novamente, encarno a Spice Girl que há dentro de mim. Vou até ele.

- Matt - eu digo, quando chego até a mesa onde ele está sentado. - Oi.

Loiro Gostosão levanta os olhos. Os olhos azuis que ele anda tem parecem estar cobertos por uma névoa. Ele não diz nada. Percebo que ele não está me reconhecendo, mas não me sinto ofendida por isso. Não como me senti quando reencontrei Rod. Em vez disso, eu me sinto triste. Loiro

Gostosão parece estar perdido em algum lugar. Ou ele está sob efeito de alguma medicação muito forte, ou o cérebro dele está frito. Talvez as duas coisas.

- Sou eu, Delilah. Delilah, de Chicago.

Depois de alguns segundos de silêncio, loiro Gostosão lentamente abre a boca, revelando o belo sorriso que ele sempre teve. Eu sinto que estou derretendo, aquele sorriso ainda me afeta. - Delilah Darling - diz ele, devagar. - Como você está?

- Estou bem - eu digo com a voz trêmula, sentindo meus olhos se

enchem de lágrimas. Embora ele se lembre de mim, parece estar completamente perdido. - E você, como está?

Ele dá de ombros. - Estou melhorando - diz ele, e aponta para uma cadeira ao lado dele. - Sente-se.

Durante os dez minutos seguintes, eu e Loiro Gostosão falamos sobre o que temos feito na vida desde a última vez em que conversamos, sem entrar em detalhes.

Estranhamente, ele não pergunta por que estou internada na clínica de reabilitação, e isso não me dá uma

brecha para perguntar por que ele está aqui. A conversa dá a sensação de ser bem superficial. Esperando fazê-lo se abrir um pouco mais pergunto o que ele acha de Lily pond.

- Não gosto muito deste lugar - diz Loiro Gostosão, fazendo uma careta.

- Detesto as janelas do meu quarto. O sol bate direto nelas desde cedo. Detesto o colchão duro da minha cama.

Ele olha para o prato. - E detesto esta comida.

- Sei bem o que você está falando - eu digo, esticando o braço para pegar o

copo de água. - Os pedaços de gelo que eles colocam nos copos são tão grandes que parecem uns icebergs.

O rosto de Matt fica branco, repentinamente. Foi alguma coisa que eu disse? Ele começa a olhar para um ponto indefinido no espaço. Eu fico preocupada.

- Ei, você está bem?

Matt não responde. Na verdade, parece que ele nem consegue me ouvir. Eu agito minhas mãos em frente ao rosto dele. - Olá? Há alguém em casa?

De repente, Matt salta da cadeira e sobe em cima de uma das mesas do refeitório. Quando ele começa a apontar para o nada, em algum lugar ao longe, as pessoas à nossa volta começam a sussurrar.

- Ah... Está tudo bem com você? - eu pergunto novamente.

Ele ainda não responde.

Oh, não... o que foi que eu fiz?

Quando a respiração de Matt fica mais pesada, os sussurros ficam mais altos. No momento em que estou a ponto de me levantar para tentar

convencê-lo a descer da mesa, ele grita a plenos pulmões: - Tem um iceberg ali na frente!

Iceberg? Mas que diabos?

Antes que eu consiga perguntar para ele o que ele quer dizer com isso (ou até mesmo que eu consiga sair de perto dele), ele se vira para olhar para mim e dá alguns passos para trás. Tomando impulso, ele corre e se joga no ar, saltando em minha direção. Quando o corpo dele começa a voar pelo ar, como se estivesse em câmera lenta, sinto o pânico tomar conta de mim. Ele vai cair em cima de mim, tenho certeza.

Eu me abaixo para não ser atingida.

Como eu previa, dois segundos depois, o corpo de Matt cai por cima do meu, e nós dois rolamos pelo chão. À medida que pratos de comida e copos voam pelos ares, as pessoas começam a gritar e o caos toma conta do lugar. Deitada no chão, tento me desvencilhar dele, mas não consigo falar. O corno de Matt está cobrindo o meu. É

como se ele estivesse tentando me proteger de alguma coisa.

Não consigo me mexer.

Não consigo respirar.

E, de repente, tudo fica preto.

Algum tempo depois, eu acordo. Depois de conseguir focar a visão, eu percebo que estou deitada em uma cama em uma sala de exames. Jan está em pé, usando as mesmas roupas pretas da outra vez, mas, desta vez, o acessório que ela usa é um broche de Strauss no formato de um pássaro. Os braços dela estão cruzados, e ela parece estar irritada. Sentando-me eu olho para as minhas roupas e percebo que estou coberta de comida e refrigerante.

- Você não conseguiu se conter, não é mesmo? - pergunta Jan, com uma voz dura.

-Você não conseguiu deixar que seu namorado melhorasse por conta própria. Você tinha que vir aqui para perturbar as emoções dele, não é mesmo?

Namorado? Perturbar as emoções dele? Oh, não. Jan entendeu tudo errado.

- Matt não é meu namorado - eu digo, rapidamente. - Ele realmente não é.

Jan revira os olhos. - Não menta para

mim Delilah. Carl me disse que você
vei aqui procurando pelo Matt há
alguns dias.

Olhando para o outro lado, vejo os
olhos pequenos de Carl me encarando
através do vidro da porta. Dedo-duro.
Olhando para ele com raiva, eu lhe
mostro o dedo médio quando Jan não
está olhando.

-Você estava com ele no México
quando ele deu peiote (*N.T. Cacto de
pequeno porte e sem espinhos, rico
em substancias psicoativas, em
especial a mescalina, que
tem propriedades alucinógenas*)?-
pergunta Jan. eu volto a olhar para

ela. Estou confusa.

- Com quem? Carl?

Jan me olha irritada. - Não. Matt. Você estava com Matt no México quando ele comeu o peiote estragado?

- Ah... não.

Jan me estuda por um momento. Acho que ela percebeu que eu não faço a menor ideia do que ela está falando. Ela senta ao meu lado.

-Escute Delilah. Matt é um paciente muito especial aqui na clinica - diz ela, num tom mais suave.

- Especial? Em que sentido?

- Ele está sofrendo de psicose induzida pelo peiote. Os sintomas são similares ao da esquizofrenia. Ele sofre de ataques de paranoia, mudanças de personalidade e alucinações, e a mais comum é a de que ele está no Titanic quando o navio está afundando. Achamos que ele estava assistindo ao filme quando teve a primeira crise.

- psicose induzida pelo peiote? - Oh, não. - Como se ele estivesse louco?

- Bem, sim, de certa forma - diz Jan. - nós estamos esperando que as

alucinações desapareçam, ou pelo menos que diminuam de intensidade, à medida que o organismo dele se livre das substâncias psicoativas, mas é difícil ter certeza. Recentemente, as coisas não estavam indo bem. No caso dele, há algumas palavras, como iceberg, que funcionam como gatilhos, e fazem com que ele comece a encenar partes do filme. O

ataque de hoje não foi tão ruim, mas, na semana passada... meu Deus! Quando um dos pacientes lhe disse “Não ponha as mãos em mim”, Matt rasgou todas as roupas que estava usando e começou a correr nu pela clínica, gritando “Ponha suas mãos em

mim, Jack!” Não foi uma cena muito agradável.

As palavras da Jan me atingiram como uma pilha de tijolos.

Eu nem sei o que pensar. Não conseguiria passar o resto da minha vida com um homem como ele. Eu preciso sair daqui. Percebendo que eu estou enterrada até o pescoço em uma situação que saiu do meu controle, eu decido contar a verdade.

- Jan, eu não deveria estar aqui. Eu não sou realmente viciada em drogas.

Jan olha para mim como se dissesse:

“Isto é o que todos dizem”.

-Estou falando sério. Eu menti para
pode me internar na clínica -Delilah, o
seu teste para consumo de drogas deu
positivo.

-Sim, eu sei. Eu planejei isso. Eu comi
um monte de rosquinhas com
sementes de papoula antes de vir para
cá.

Jan parece estar confusa, então decido
contar tudo a ela.eu falo sobre o meu
namoro com Matt há oito anos, e
como eu esperava que as coisas
dessem certo entre nós. Digo a ela
que vim fazer uma visita, mas Carl me

tratou de forma estúpida, e, assim, eu voltei para o meu hotel e planejei uma maneira de entrar na clínica. Conto novamente a ela sobre as rosquinhas recheadas com sementes de papoulas, sobre a revista Star e sobre ter deixado minha cadela no veterinário para ser castrada, porque eu não queria que ela ficasse com as tetas inchadas.

- Tetas inchadas? - pergunta ela.

- Sim. E agora vou sair para pagá-la porque ela precisa voltar para casa hoje.

- E, quando você diz casa, você se

refere a que lugar?

- Um Ford Focus azul que está no estacionamento.

Jan se levanta. - Sabe, eu já ouvi todo tipo de justificativa antes, mas nunca algo assim - diz ela. Por algum motivo isso faz com que eu me sinta inteligente. - Mas, se o que você estiver me dizendo for verdade... se você fez tudo isso apenas para se reaproximar de um ex-namorado... então, querida, eu creio que você é...

- Inteligente? Amorosa? Dedicada? - eu a interrompo.

Jan balança a cabeça negativamente. - Não, querida. Nada disso. Você é mais louca do que Matt.

Mais louca do que Matt? Espere, como assim?

Depois de afirmar que eu assinei um documento quando me internei aqui abrindo mão do direito de sair da clínica sem a autorização dos médicos (estava no meio de todos os formulários que assinei sem ler), Jan sai da sala e me manda voltar para o meu quarto. E eu sinto pena das pessoas viciadas em drogas. Mesmo quando se diz a verdade, ninguém acredita.

Voltando para o meu quarto, passo em frente a uma outra sala de exames e vejo que Matt está ali dentro, sentado sozinho em uma cama. Ele parece estar confuso. Sinto uma pontada de tristeza me atravessar o coração. Que desperdício de vida. Quando ele levanta o rosto e percebe que sou eu, volta a olhar para o chão, envergonhado. Vou até onde ele está e me sento ao seu lado.

- Espero que você continue não se importando em ficar suja e molhada - diz ele, vendo que minhas roupas estão cobertas de comida. Eu solto uma risadinha.

- Não acredito que você se lembrou disso.

- E eu não acredito que você pensou que eu me esqueceria disso.

Eu coloco a minha mão sobre a dele. Depois de ficarmos em silêncio por algum tempo, ele me olha novamente.

- Desculpe-me, Delilah.

Pensando que ele está falando sobre minhas roupas, eu digo a ele para não se preocupar. - A sujeira sai com uma boa lavagem.

-Não, não por causa disso - diz ele - Desculpe-me por tudo. Por tudo o que

eu fiz a você.

Vendo a tristeza no olhar de Matt, eu sinto as lágrimas encherem meus olhos novamente.

- Desculpe-me por tratar você do jeito que eu tratei quando estávamos juntos – ele prossegue. – Por ter me aproveitado de você. Por ter traído você. Por ter rido de você naquela noite. Desculpe-me por...

À medida que Matt continua a pedir desculpas por tudo o que fez, sinto meu coração se encher de tristeza. Embora eu esteja esperando por esse pedido de desculpas há oito anos, eu

percebo que, em vez de me sentir melhor, tudo o que aquilo faz é partir o meu coração. Eu me sinto triste porque isso me faz lembrar da pessoa boa que ele já foi, me lembra de tudo que foi perdido, e me faz perceber que eu nunca conseguiria ajudá-lo. Finalmente, quando perdoo Matt, ele coloca os braços ao redor de mim.

Durante os próximos minutos, nós ficamos abraçados como fizemos em todas aquelas noites que passamos juntos na cama. Exceto pelo fato de estarmos chorando desta vez.

- Estou com medo - diz ele em voz baixa no meu ouvido, após algum

tempo.

Não vai ser fácil desfazer o que ele fez consigo mesmo, e acho que ele sabe disso.

- Eu sei que você está - eu digo a ele. Mas tudo vai ficar bem.

Não tenho certeza de que tudo vai ficar bem, mas não sei mais o que dizer a ele, e não quero que perca a esperança.

Quando não temos mais lágrimas para chorar, eu me levanto e vou até a porta.

Antes de sair, eu me viro e dou um ultimo aceno para Matt, despedindo-me dele. Ao fazer isso, por uma fração de segundo, percebo uma fagulha de luz tomar o lugar da névoa que lhe cobre os olhos azuis. Acho que é um sinal de que Loiro Gostosão está se despedindo, e, sendo assim, mando-lhe um beijo. Logo depois, eu me viro e saio do quarto, e saio da vida dele.

DEZ

Ainda estou na clínica de reabilitação.

ONZE

Ainda estou na clínica de reabilitação.

DOZE

Um latido Feroz

Domingo, 1º de Maio

Eu finalmente consegui sair da clínica de reabilitação.

- Da próxima vez, leia os papéis antes de assinar - diz Lucille, antes de nos despedirmos.

Depois de sair de Lily Pond, eu vou

até uma livraria e compro em exemplar de Canja de galinha para as almas indestrutíveis para presentear Matt. Lucille me prometeu que entregaria o livro a ele.

Eu a adoro, e tenho uma dívida de gratidão eterna para com ela. Além de convencer Jan a telefonar para Michelle, que confirmou o fato de eu não ser viciada em drogas, ela também cuidou de Eva enquanto eu estava internada. Ligou para o veterinário para se certificar de que a cirurgia de castração correu bem, foi até a clínica para pegar Eva e levou-a para casa para se recuperar.

Estou me sentindo extremamente irresponsável. Eu não devia ter comprado um cachorro, e não apenas porque estou viajando de carro. Não me entenda mal, eu adoro Eva e fico muito feliz por tê-la salvado, mas... e se não houvesse alguém como Lucille?

E se eu demorasse mais para sair da clínica de reabilitação? O que eu iria fazer? Deixa-la no veterinário até que eu estivesse em condições de pegá-la? Até desistir de tentar encontrar um ---
--- nesse desastre que é minha vida?

Além disso, não contei a Michelle ou Colin, as únicas duas pessoas que sabem que estou viajando pelo país,

que eu iria me internar em uma clínica de reabilitação.

Pensei que conseguiria sair de lá antes que percebessem que havia escapado, mas eu estava errada. Ninguém conseguiu falar comigo durante seis dias, e todos os telefonemas que eles fizeram foram direto para a caixa de mensagens. Os dois entraram em pânico pensando que algo de ruim havia acontecido comigo. Michelle, por exemplo, deixou mais de 20 mensagens na minha caixa postal, e cada uma parecia estar mais aterrorizada do que a anterior.

Em relação a Colin, ele não estava tão

preocupado quanto a Michelle, até que ela foi bater à porta dele, em meio a um ataque histérico, perguntando se ele sabia onde eu estava. Depois de fazê-la se acalmar, ele disse a ela que eu estava em Rockford, visitando um cara chamado Matt King. Eu já havia comentado sobre Matt com Michelle, e a única coisa que ela se lembrou foi que Matt era o meu ex-namorado que vendia drogas. Ao todo, Colin me deixou umas 15 mensagens. Preciso me desculpar com os dois.

Antes de voltar para a estrada, eu encontro um lugar tranquilo em um estacionamento e pego meu celular. Depois de respirar fundo, ligo para

Michelle. Ela atende depois de dois toques.

- Oi, sou eu - eu digo, com uma voz tranquila.

Ela não responde.

- Olha, me desculpe por sumir desse jeito.

- Desculpas? - diz ela, em tom de zombaria. A voz dela é alta e agressiva. - Isso é tudo o que você tem a dizer?

- Eu não sei mais o que eu poderia dizer. Foi uma estupidez fazer o que

eu fiz, e estou arrependida. Desculpe-me.

- Você achou que não precisaria contar a mim ou a alguma outra pessoa que estava se internando em uma clínica de reabilitação? Você achou, que se desaparecesse por um tempo, ninguém notaria? Que ninguém sentiria a sua falta?

- Não, mas não pensei que ficaria lá por tanto tempo, e...

- O seu problema é exatamente esse, Delilah - ela grita. - Você não pensa.

Percebo que não tenho o direito de

ficar zangada com Michelle, especialmente agora. Mas eu detesto o hábito que ela tem de sempre se intrometer nas decisões que eu tomo sobre minha própria vida.

- Michelle, por que você se importa tanto com as coisas que eu faço, ou que deixo de fazer?

- Por que você se importa tanto com o que as outras pessoas pensam de você?

- Eu não me importo com isso.

- Se importa, sim. Se não se importasse, você não ficaria tão

preocupada com um número imbecil, nem em se encaixar naquilo que o resto da sociedade acha normal.

Eu solto um longo suspiro. Não sei o que dizer.

- As suas ações afetam as outras pessoas, Delilah, e é por isso que eu me importo - prossegue Michelle. - Imagine como Colin e eu estávamos nos sentindo. Estávamos preocupados com você. Consegui uma entrevista na Vintage Vogue, e, enquanto estava lá, o tempo inteiro, não consegui parar de pensar na possibilidade de que você poderia estar morta. Eu não consegui me concentrar, e quase coloquei tudo

a perder.

- Desculpe-me Michelle. Estou arrependida mesmo - eu repito. - Mas, e então...

Sinto até um certo receio em perguntar. - Você conseguiu o emprego?

- Não sei ainda. Eles não entraram em contato - diz ela. - Escuta, eu não quero que isso que vou dizer pareça rude, mas me faça um favor. Não me ligue até que você tenha voltado para casa. Preciso me concentrar em encontrar um emprego novo, e não quero ficar me preocupando com o

que você esta fazendo a cada minuto.

- Tudo bem - eu digo, com voz miúda.
- Não vou ligar até voltar para Nova York.

Quando desligo o telefone, a sensação que tenho é como se estivesse totalmente sem folego, mas não me dou ao luxo de chorar. Ainda tenho outra ligação para fazer.

Com o telefone ainda nas mãos, ligo para Colin. Pelas mensagens que ele deixou, está claro que Michelle não contou a ele as verdadeiras razões pelas quais estou viajando (graças a Deus),mas, mesmo assim, eu me sinto

envergonhada. Depois de dois toques, ele atende o telefone, mas não diz nada.

Nada de “alô”. Nada de “oi como estão as coisas?”

Apenas o silencio.

- Por favor, não fique bravo comigo – eu digo, em voz baixa. – Eu só queria que você soubesse que está tudo bem comigo.

- Bem, obrigado por telefonar – diz Colin, com a voz suave e tranquila, após uma longa pausa. – Obrigado pela consideração, por se lembrar que

eu existo.

Embora o tom de voz dele seja mais suave do que o de Michelle, é também mais ameaçador. - Sabe, não tenho o hábito de julgar as pessoas. Faço coisas idiotas o tempo todo, mas, quando uma garota que mal conheço vem bater à minha porta, chorando e dizendo que você está morta, o que é que eu posso pensar?

Eu não digo nada.

- Coloque-se no meu lugar. Quando ela me disse que esse cara era algum tipo de traficante de drogas, comecei a imaginar que alguma coisa ruim

poderia ter acontecido com você. Além disso, eu me senti responsável, porque fui eu quem lhe deu o endereço dele.

-Desculpe-me. Eu nunca pensei por esse lado.

- Nunca? Bem, é melhor pensar nesse tipo de coisa no futuro. Não estou querendo ser chato, mas estava preocupado.

- Estava mesmo? - eu pergunto. Fico surpresa por ele estar tão preocupado com o que acontece comigo.

- Mas que diabos... é claro que estava!

Que tipo de pergunta é essa? Eu não quero que nada de ruim aconteça com você!

- Desculpe-me, Colin. Eu não queria deixar você tão preocupado.

- Tudo bem, tudo bem - diz ele, e sua voz fica um pouco mais suave. - Está perdoada, mas, se você desaparecer de novo, nunca mais vou falar com você, pelo resto da minha vida. Estamos entendidos?

- Sim.

Depois de uma longa pausa, ele pergunta. - E agora, para onde você

vai?

- Los Angeles - eu murmuro. - A menos que você tenha encontrado alguém mais entre Ilinoís e a Califórnia.

- Para ser honesto, parei de procurar quando pensei que você tinha sido sequestrada pelo traficante. Mas posso recomençar a investigação, se é isso que você quer.

- Eu quero, sim.

- Tudo bem. Mas, Jesus Cristo, tenha mais cuidado nessa viagem, entendeu?

- Sim. Eu prometo.

Depois de desligar o telefone, deito o assento do banco do carro e começo a pensar. E pensar. Michelle tinha um pouco de razão quando disse que eu me importo com o que as outras pessoas pensam, é uma parte da razão pela qual eu estou fazendo esta viagem. Por outro lado, ver Matt mexeu com várias emoções dentro de mim, e com muitas lembranças. Receber notícias sobre Nate também. Os dois me fizeram pensar nas conexões que temos com outras pessoas, as conexões reais. Estou sozinha. Muito sozinha.

Quando percebo isso, sinto que as lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, e eu começo a chorar. Choro porque não quero que Michelle fique zangada comigo, e detesto saber que Colin estava preocupado com meu sumiço. Eu choro por Nate estar na cadeia e por não ter conseguido ajudar Loiro Gostosão. Choro, não por ter inveja de Dayse, mas por invejar o que ela conseguiu na vida. Choro porque estou feliz por meu avô ter encontrado o amor, mas não entendo por que eu não consigo encontrar isso em minha vida. Choro porque não quero decepcionar minha mãe, mas decepionei a mim mesma. Choro por

tudo isso, mas, acima de tudo, choro porque tenho medo de ficar sozinha pelo resto da minha vida.

Sentada no meu colo, Eva me observa com seus grandes olhos castanhos. Ela parece estar exausta. Depois de levantar uma das pernas dela com cuidado, olho para a sua barriguinha. Vejo a marca da cirurgia e a linha cirúrgica que une os pontos dados pelo veterinário. Suavemente, toco a parte exposta da pele dela.

- Desculpe-me por não voltar para pegar você – digo a ela, quando solto sua perna. Ela anda até o meu peito e lambe as lágrimas que cobrem meu

rosto. Quando coloco os braços ao redor de Eva, segurando-a bem perto do meu coração, eu consigo sentir cada um dos seus ossos em meu corpo. Por baixo do seu pelo felpudo, apesar do seu latido feroz, e mesmo com seu rosnado baixo... ela é frágil.

Somos mais parecidas do que eu pensava.

Ainda restam \$1.984, 17 dias e 4 homens

TREZE

Fusões e aquisições!

Uma lista longa, longa elaborada por Debbie Darling

1. **Nate Stryker** — narrador do tempo da colagem.
2. **Samir Wilkerson** — conhecido atualmente como padre Dan.
3. **Conroy Shaner** — garoto de uma das fraternidades que gostava de chacos de cowboy e cerveja light.
4. **Zubin Khan** — o indiano reservado que era responsável pelo bloco de danças da faculdade onde eu morava durante meu primeiro ano.
5. **Kim Twinn** — um dos gêmeos Thompson (e não um membro do bando "Thompson Twins", dos anos 1980), havia rumores de que ele não era grande. Mentira.
6. **Jan Kassalman** — estranhamente obcecado pela própria mãe.
7. **Scott** — Estudava na faculdade, era curioso, ela não conta.
8. **Henry Darker** — transamos apenas uma vez e nunca mais nos vimos. Usei o para provar a Kate que eu não era lésbica. Também conhecido como "Henry, o bom moço".
9. **Oliver Leet** — bridiço e elegante. Me traiu com outra garota porque "gostou da minha calça purpurina que ela usava".
10. **Sam Tawnie** — o outro dos gêmeos Thompson. Havia rumores de que o dele era grande. Verdade.
11. **Nakes** — não sei o sobrenome dele. Nens o nome verdadeiro. Foi um caso que vive durante as férias e, pelo que me lembra, havia uma cama elástica envolvida. Natural de um estado que começa com o letra A. Arizônia!

também
aparece a
sua data.

eligente e
que acabou

acionamento
emocional.

Romance que
problemas por

so e traiçoeiro,
na que media 4

love — resultado
a que acabaram

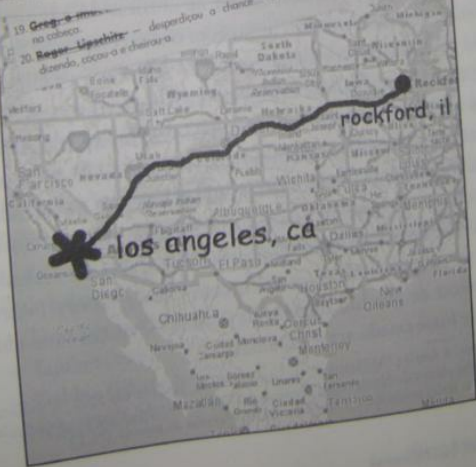
a tinha muita coisa
Ou, melhor

18. Kyle Luxe

Também conhecido como
"luxeylove" — resultado
de e-mails inocentes no
ambiente de trabalho
que acabaram saindo do
controle.

19. **Greg** — o im-
no cabeça.

20. **Roger Lipschitz** — desperdiçou a chance...
dizendo, caca-a e cherrara.



Mensagem para você.

Quarta-feira, 4 de Maio

É incrível a rapidez com que nos recuperamos. Nos três dias e meio de viagem entre Rockford e Los Angeles, as cicatrizes na barriga de Eva ficaram bem sutis e os pontos da cirurgia começaram a desaparecer. Claro, vai haver uma marca, mas será preciso olhar bem de perto para poder

enxerga-la. À medida que o ânimo dela retorna, eu me sinto mais alegre também.

Como o caminho até Los Angeles passa bem no meio de Las Vegas, ligo para o meu avô, mas a ligação cai direto na caixa postal de Glória. A mensagem diz que os dois estarão fora da cidade durante a semana inteira, visitando o Grand Canyon. Olho para Eva. Meu avô sai para viajar com sua namorada. Eu saio para viajar com a minha cadela. Quando foi que a minha vida se tornou tão patética? Seleciono a minha lista de musicas do ano de 2003 e aumento o volume, cantando junto com o iPod enquanto penso no

motivo pelo qual estou viajando para Los Angeles – o numero 18, Kyle Luxe.

“My milk-shake brings all the boys to the Yard...” (N.T. Referencia à musica “Milkshake”, da cantora Kelis, lançada em 2003. A musica fez parte da trilha sonora do filme *Meninas Malvadas e Norbit*, além de ser incluída em episódios das series animadas *Os Simpson* e *Uma família da Pesada*).

Eu conheci Kyle há dois anos, quando ele foi contratado como assistente de produção para o programa semanal e Tv de Elisabeth, o Elisabeth Sterling

Style. Foi seu primeiro emprego de verdade; ele havia acabado de concluir a faculdade. Sim, ele era mais novo do que eu, mas era por isso que eu gostava dele. Eu havia acabado de sair de um relacionamento patético com Grody Gordy Peterson, e as chances de que um homem de 21 anos e recém-formado na faculdade fosse casado eram mínimas.

Uma semana depois de começarmos a trabalhar juntos, Kyle e eu já havíamos progredido para longas conversas ao lado do bebedouro e longas pausas ao lado da máquina de fotocópias. Não sei o que ele viu em mim, mas, em minha opinião, ele era

uma lufada de ar fresco. Sendo tão jovem, ele não havia passado por muitas das decepções da vida, nenhum coração partido de verdade, nenhum problema com a carreira e, assim, ele não era do tipo calejado com a vida. O entusiasmo que ele sentia em relação a todas as coisas era contagiante. Eu me sentia mais nova quando estava com ele.

Bem, pelo menos, na maior parte do tempo.

Às vezes, entretanto, durante as nossas conversas, Kyle dizia coisas que me lembravam a nossa diferença de idade. Por exemplo: a primeira vez

que ele veio até meu apartamento, olhou para as minhas coisas e disse; “Nossa, seus móveis são mesmo de verdade”. Em outra ocasião, eu contei a ele sobre um velho walkman que eu tinha que costumava engolir fitas cassete. Não queria jogá-lo fora porque eu geralmente conseguia recupera as fitas colocando uma caneta dentro de um dos orifícios da fita e rebobinando-a manualmente. Mas, no dia em que a minha fita favorita com Debbie Gibson foi destruída além de qualquer salvação, aquele walkman foi para direto na lata do lixo. Quando eu contei aquilo para Kyle, ele ficou me olhando como se

não houvesse entendido nada.

- Você se lembra das fitas cassete, não é? – eu perguntei.

Kyle balançou a cabeça. – Não.

- Eram fitas que continham música. Nunca viu uma dessas?

Kyle balançou a cabeça. – Não.

- Nem um walkman?

- Também não.

- Debbie Gibson?

- Não, desculpe.

Depois de ver a expressão de preocupação no meu rosto (sem dúvida acompanhada por algumas linhas de expressão e uma ruga na testa), Kyle tentou fazer com que eu me sentisse melhor dizendo que sabia o que eram aquelas coisas (com exceção de Debbie Gibson), e que simplesmente não se lembrava de ter vivido na época em que eles eram realmente usados. Kyle não se lembrava da época anterior aos CDs e aos downloads de música digital.

- Você se lembra do Atari?

- Não. Nintendo.

- Sinal de ocupado no telefone?
- Não. Chamada em espera.
- Lembra-se da época em que sair do sofá para mudar o canal não acontecia somente quando você perdia o controle remoto?
- Quer dizer que a Tv realmente tinha um botão para mudar os canais?

Embora eu tentasse ignorar as respostas de Kyle e fingisse que elas não me incomodavam, eu silenciosamente amaldiçoava o avanço rápido das tecnologias. Isso realçava a nossa diferença de idade.

Duas semanas depois de nos conhecermos, Kyle e eu já havíamos saído algumas vezes e nos beijado, mas nosso relacionamento ainda era bem inocente. Assim que as coisas estavam começando a esquentar, o departamento de televisão foi transferido para outro andar no prédio da empresa. Outro andar, com seu próprio bebedouro e sua própria máquina de fotocópias. E assim, repentinamente, Kyle e eu, que nos víamos cerca de dez vezes por dia, passamos a nos ver apenas uma vez por semana. Para a maior parte das relações que estão começando isso seria o fim de tudo. Entretanto, para

nós, foi apenas o começo.

Entraram em cena o e-mail e as mensagens instantâneas pelo MSN.

Pela primeira vez, desde que o conheci, fiquei feliz pelo fato de que a tecnologia vinha progredindo rapidamente. Poucos dias depois da transferência do departamento de Kyle, nós já estávamos no meio de um tórrido e intenso romance pela internet. A cada dia, centenas de emails e mensagens nossas circulavam pelo ciberespaço. Mensagens que no início, descreviam cada detalhe dos nossos monótonos dias de trabalho.

“DARLING: Odeio essa máquina de fotocópias. Quero quebrá-la em mil pedaços.

luxeylove: O papel ficou preso de novo?

DARLING: Sim. Vou pegar o martelo e transformá-lo em um monte de cacos.

luxeylove: Vai lá.

luxeylove: Acho que vou comer uma maçã.

DARLING: Ótimo. “

... acabaram por detalhar cada faceta das nossas imaginações, como descrever o que estávamos fazendo e pensando. Isso evoluiu para descrevermos as peças de roupas que estávamos usando... e também as que não estávamos usando.

“DARLING: O que você está vestindo?

luxeylove: Uma camisa preta e calças caqui, e vc?

DARLING: Um vestido franzido preto e branco.

luxeylove: E o que mais?

DARLING: Uma calcinha.

luxeylove: Como ela é?

DARLING: Preta. De renda. Bem pequena.

luxeylove: Bem pequena, tipo fio dental?

DARLING: Isso.

luxeylove: E que tipo de calcinha você estava usando ontem?

DARLING: Ontem eu vim sem calcinha” *(N.A. Na verdade, eu estava usando uma calcinha enorme, branca*

de algodão. Mas não quis contar isso a ele).

Quando Kyle e eu começamos a ter conversas totalmente desinibidas sobre todo tipo de assunto, e não apenas sexo, nosso relacionamento decolou em pouco mais de uma semana. Em retrospecto, hoje eu consigo ver que as conversas por e-mails e MSN

distorceram minha percepção sobre o nosso relacionamento, mas, naquela época, eu não tinha me dado conta disso. Por experiência própria, posso dizer que acredito que o e-mail faz os relacionamentos progredirem em uma velocidade alucinante. Como as

peessoas estão somente digitando palavras em um computador, elas não são tão defensivas como normalmente são em relação a seus sentimentos, e geralmente acabaram revelando coisas demais sobre si mesmas, em um espaço muito curto de tempo. Meu relacionamento com Kyle no mundo da internet era sólido e intenso, mas nosso relacionamento no mundo real era praticamente inexistente. Eu sabia muitas coisas sobre ele, mas, ao mesmo tempo, não sabia nada. Não sabia quais eram suas as suas peculiaridades, seus maneirismos, seus, hábitos, eu só conhecia as palavras que apareciam no seu

monitor. Eu mal conhecia Kyle, mas naquela época, realmente pensei que o conhecesse a fundo.

Enquanto na vida real tudo o que Kyle e eu fazíamos era nos beijar, fazíamos muito mais no ciberespaço. Todas as nossas conversas (ou, melhor dizendo, nossas tecladas íntimas), nos levaram a um encontro que não ocorreu ao redor do bebedouro, mas sim em um quarto de hotel no centro da cidade, bem no meio do expediente. Não sei o que estava pensando. Era tarde de sexta-feira quando aquilo aconteceu, e eu estava sentada sozinha em meu escritório, assistindo a um programa sobre hotéis interessantes, quando

enviei uma mensagem para Kyle dizendo a ele que ligasse a televisão também.

“DARLING: Quartos de hotel são sensuais.

luxeylove: É verdade, eles me deixaram excitado.

DARLING: A mim também. Você já esteve no hotel Mercer, no Soho? Andar pelo saguão já me faz ter orgasmos múltiplos.

luxeylove: Múltiplos?

DARLING: Sim.

DARLING: Múltiplos.

luxeylove: O Soho fica a cinco minutos daqui se formos de taxi, não é?

DARLING: É verdade, não é?

luxeylove: É.

luxeylove: Que tal nos encontrarmos La dentro de uma hora?

DARLING: Melhor que seja em meia hora.

Assim que concordei em me encontrar com Kyle, comecei a me preocupar.

Tive receio de que não conseguiria satisfazer as expectativas dele a meu respeito, uma expectativa que eu mesma criei nos e-mails e mensagens que mandei a ele. Como eu sempre tinha a tecla “delete” ao alcance dos meus dedos, conseguia editar o que eu havia dito, ou melhor, teclado, e sabia que havia passado uma imagem mais sólida e segura de mim do que eu realmente era. Estava aterrorizada, pensando que Kyle esperasse que eu fosse uma mulher suave e sofisticada, porque, na verdade, eu não sou nada disso.

Oh, mas por que eu estava me preocupando? Conversar era a última

coisas que íamos fazer. De qualquer modo, percebendo que já estava nervosa, o evento que hoje em dia chamo de “o fiasco da lingerie de 2003” só serviu para piorar as coisas. Para começar, preciso dizer que, em relação a roupas íntimas sensuais, prefiro usar aquelas calcinhas maiores, de renda, ou então as que tem cintura baixa. Nada de tangas ou fio dental. Eu odeio lingerie do tipo fio dental. Sempre que uso uma dessas, eu passo o dia inteiro puxando-a de dentro do meu traseiro. Elas são desconfortáveis demais³. Com isso em mente, em um dos e-mails que eu havia enviado para Kyle naquele dia,

eu havia dito que estava usando uma tanga do tipo fio dental, embora não fosse verdade. Eu disse isso porque sabia que Kyle gostava de tangas. Assim, tive que sair correndo para comprar uma antes de ir para o hotel.

Por sorte, eu conhecia uma loja de lingerie perto do Mercer. Assim, passei por ali rapidamente antes de me registrar no hotel. Problema resolvido? Que nada. Minha mãe me criou direito (bom, talvez nem tanto), e, assim, eu não uso nenhum tipo de lingerie que não seja lavada antes. Por causa disso, antes que Kyle chegasse, tentei lavar a minha nova calcinha com o xampu do hotel na pia do

banheiro, e depois secá-la com o secador de cabelos, mas não consegui terminar a tempo. Quando ele chegou e bateu na porta, mesmo a lingerie ainda um pouco úmida pela lavagem apressada, eu resolvi vesti-la assim mesmo.

Quando abri a porta para receber Kyle, não senti uma atração tão intensa entre nós. Para ser honesta, senti uma ligação mais forte com Ej Abogado, um relacionamento que durou duas noites, do que com Kyle. Mesmo assim não deixei me abalar.

Presumindo que a falta de química se devesse ao nervosismo, acabei

transando com ele.

Em nosso relacionamento virtual, nos estávamos prontos para dar esse passo; mas, na vida real, ainda não estávamos. Foi um episódio bem desajeitado. Depois de terminamos, eu me lembro de ficar deitada na cama, tentando abraça-lo, mas não consegui me sentir confortável. Repousei a cabeça no braço dele, mas sentia que o estava esmagando.

Kyle precisava viajar cedo no dia seguinte para o casamento de um amigo que aconteceria em Los Angeles, e, assim, fiquei sozinha no quarto de hotel naquela noite.

No dia seguinte, durante um caso horrível de arrependimento pós-transa, decidi que iria me esforçar para que as coisas dessem certo com Kyle, mesmo que não tivéssemos química. Depois de voltar para a mesma loja de lingerie, comprei uma calcinha de renda um pouco maior, no estilo shorts, pensando que talvez a atração entre nós fosse mais forte se eu me sentisse mais confortável e mais relaxada. Na segunda-feira, querendo me divertir um pouco usando o malote de encomendas que funcionava entre os diferentes andares da empresa, mandei a calcinha nova para ele com um bilhete que dizia: “Que tal se eu

usar esta da próxima vez?”

Para encurtar uma historia longa, não houve uma “próxima vez”. Kyle nunca voltou de Los Angeles. Nunca. Ele não voltou para pedir demissão em pessoa, nem para buscar as coisas que ficaram em seu apartamento. Ele simplesmente se foi. Seis dias depois do nosso encontro no hotel, ele finalmente me telefonou para explicar aquele desaparecimento súbito, e disse que não foi para Los Angeles pó causa de um casamento, em vez disso, o motivo era uma entrevista de emprego. Ele disse que não falou a respeito daquilo porque não queria que a historia se espalhasse na

empresa. Eu me senti profundamente insultada.

- Quer dizer que você pode me dizer que seu pau está duro, mas não pode me contar sobre uma entrevista de emprego? – eu estava gritando. – Isso é uma falta de respeito, você não acha?

- Desculpe, Delilah. Mas tinha a ver com a minha carreira, e esse é um assunto que levo a sério.

Eu desliguei o telefone sem nem me preocupar em responder.

Depois de duas tentativas frustradas,

desisti de tentar rastrear o envelope com a minha calcinha nova dentro. Por sorte, eu não havia assinado o bilhete; assim, mesmo que alguém abrisse o pacote, não saberia de onde partiu aquela encomenda. Mesmo assim, eu gostaria de tê-la encontrado, afinal, a calcinha era muito fofa. Duas semanas depois eu já havia quase esquecido aquele episódio quando recebi uma ligação da produtora executiva do programa Elisabeth Sterling Style, uma mulher chamada Margaret, dizendo que queria conversar comigo. Imediatamente, eu comecei a me preocupar. Mesmo que ela não fosse minha chefe, é

conhecida na empresa por ser uma pessoa dura e intratável, e esta bem acima de mim na hierarquia. Tinha certeza de que ela havia achado o envelope com a calcinha. Eu tinha certeza de que ia ser demitida.

Quando fui ao escritório dela naquela tarde, Margaret foi direto ao ponto. Ela estava tão furiosa por Kyle ter saído da empresa sem avisá-la que resolveu investigar pessoalmente o e-mail dele, esperando encontrar alguma evidência de que ele havia violado as cláusulas de sigilo em seu contrato de trabalho, qualquer coisa que pudesse prejudicá-lo. Infelizmente (para ela), Margaret não encontrou nada disso,

mas, infelizmente (para mim), ela encontrou algo mais: os meus e-mails. Kyle apagou a todos, mas não esvaziou a lixeira do seu programa de emails. Idiota.

Embora ela realmente fosse uma pessoa intratável, Margaret não me culpou sobre o que aconteceu e disse que não ia contar nada daquilo a Roger, pois ela sabia que ele era um babaca. Depois de me aconselhar a não cometer o mesmo erro novamente no futuro, ela me mandou de volta para o meu escritório. Sentindo-me instantaneamente aliviada pelo fato de que tudo o que ela encontrou foram alguns e-mails lascivos, eu me levantei

para sair do escritório dela. Quando estava passando pela porta, ela me chamou novamente.

- Ah, Delilah?

Eu me virei. – Sim?

- Você esqueceu a sua calcinha – disse ela, jogando a peça para mim.

- Ah... obrigada - eu murmurei, agarrando-a no ar. Escapuli do escritório dela e jurei a mim mesma que nunca mais ia querer dar de cara com ela.

Mais um beijando a Iona

Quinta-feira, 5 de Maio

Ontem à noite, quando cheguei a Los Angeles, decidi não ficar em outro hotel econômico (todos os quartos em que me hospedara até agora se pareciam cenários de filmes pornô de baixo orçamento), e, em vez disso, resolvi esbanjar o meu dinheiro e ficar em um quarto no Viceroy, um hotel de luxo de frente para o mar em Santa Monica.

Sim, o lugar esta totalmente alem das

minhas possibilidades financeiras, mas tenho um cartão de crédito para as pequenas emergências da vida. E decidi usá-lo.

Enquanto estava em Nova York, consegui descobrir onde Kyle mora e trabalha, pela internet - o nome dele aparece nos créditos de um programa transmitido pela NBC.

Eu não duvido que ele seja casado (ele ainda é jovem demais), então não achei necessário que Colin o investigasse. Depois de desfazer as malas e dar um mergulho na piscina, decidi telefonar para a NBC. Depois de navegar pelo sistema de

atendimento telefônico automatizado, consegui chegar ao correio de voz de Kyle. Como eu havia desperdiçado tempo demais na clínica de reabilitação, decidi ir direto ao ponto e deixar uma mensagem dizendo que estava na cidade, mas, ao ouvir a mensagem que ele gravou na secretária eletrônica, dizendo que estaria fora do escritório cuidando de assuntos pessoais até segunda-feira (ou seja, dali a cinco dias), eu mudei de ideia. Não há a menor possibilidade de eu ficar cinco dias em Los Angeles (a diária do Viceroy custa 400 dólares), então decidi ir até a casa onde ele mora, esta manhã, para ver

se consigo descobrir alguma coisa. Talvez ele tenha saído da cidade.

Kyle mora em uma rua sinuosa em Hollywood Hills, bem debaixo da letra “D”

do enorme letreiro com a palavra Hollywood que está instalado ali. Como a maioria das casa naquele bairro, o lugar onde ele mora parece ser pequeno à primeira vista, mas o terreno é longo, e a casa se estende pela encosta da montanha. Ou seja, o lugar é enorme. Kyle deve estar ganhando uma boa grana. Aposto que a mobília que ele tem hoje em dia é de verdade, também.

Depois de estacionar do outro lado da rua, colocou meu disfarce e começo a procurar por sinais de vida na casa. As persianas estão abertas, o que é um bom sinal, e ... oh!

Quando outro carro estaciona em frente à casa dele, eu me abaixo. Levantando a cabeça cuidadosamente para espiar pelo vidro, vejo que três pessoas desembarcam.

Quando elas vão até a porta da frente, vejo que uma delas traz nas mãos... uma torta?

Sim, é uma torta. Eles tocam a campainha e esperam por alguns

segundo, até que uma mulher abre a porta e os convida para entrar. Vinte minutos depois eles saem da casa, voltam para o carro e se afastam do local. Hmmm.

Durante as duas ou três horas seguintes, a mesma coisa acontece, varias vezes.

Grupos diferentes de pessoas param em frente à casa com comida ou flores, entram e ficam por ali até meia hora, saindo logo em seguida. Como não consigo ver o que se passa no interior da casa, não sei o que esta acontecendo ali. Imagino que poderia dar a volta na casa e descer pela

encosta na montanha, mas, com a sorte que tenho, eu provavelmente encontraria um grupo de coiotes raivosos ou um casal de leões famintos da montanha. Depois de pensar sobre o que fazer, traço um plano.

Estacionando meu carro o mais perto da porta da casa de Kyle quanto possível, abro um pouco os vidros das janelas e me deito no banco traseiro. A minha esperança é de escutar o que as pessoas estão conversando quando entram ou saem de seus carros, e descobrir o que esta acontecendo ali. Para que ninguém me veja, eu me cubro com algumas roupas que tiro de uma das minhas bolsas, e fico aliviada

por ter deixado Eva no Viceroy, porque ela acabaria dificultando as coisas para mim neste momento.

Depois de mais ou menos dez minutos, eu escuto mais um carro estacionando, mas as pessoas que desembarcaram não falam muito, e não consigo descobrir nada.

Pouco tempo depois, um segundo carro se aproxima, e depois um terceiro. Mesmo assim, as pessoas que passam por ali não falam quase nada. Quando estou começando a ficar inquieta, um quarto carro estaciona. Mal as pessoas desembarcam, finalmente ouço vozes.

Quando uma porta de um dos carros é fechada, ouço alguém dizer: - É uma pena. Ele ainda era muito jovem.

Instantaneamente, tudo começa a fazer sentido. Os visitantes, a comida, as flores: alguém deve ter morrido. Como ouvi a mensagem que Kyle deixou no seu serviço de correio de voz, sei que não foi ele, e, desse modo, não entro em pânico, mas eu começo a imaginar quem poderia ter sido. Algum parente? Uma amigo? Um colega de quarto? Eu preciso descobrir. Tentando ser o mais discreta possível, eu pego meu laptop. Por sorte, estou dentro do raio de cobertura da rede wi-fi da casa de

Kyle. Vou até um serviço de mapas e digito o endereço da casa de Kyle, e descubro que a casa tem duas linhas de telefone. Hmmmm. Uma esta em nome de Kyle, enquanto a outra esta em nome de alguém chamado Zach Holden. Procuro por Zach Holden no Google e ...

como eu esperava, a primeira que aparece nos resultados da busca é um obituário do Los Angeles Times. Eu o leio. Embora não conste a causa da morte, Zach Holden definitivamente esta morto. Ele era jovem, com apenas 21 anos de idade. Eu sinto pena de Kyle; o rapaz com quem ele dividia o aluguel da casa morreu. O

funeral acontecera no fim da tarde, às 18 horas, no cemitério Hollywood Forever. Fechando meu laptop, penso no próximo passo. Meu primeiro instinto é não ir ao funeral, mas, quanto mais penso no caso, mais considero que ir até lá talvez não seja uma ideia tão ruim. Afinal, Zach e Kyle podem não ser nem mesmo amigos; talvez eles simplesmente morassem juntos e dividissem as despesas e o aluguel da casa. Se eu aparecer no funeral, talvez Kyle fique feliz em me ver, uma velha amiga. Não lhe fará mal ver como as coisas estão, eu acho.

Mais tarde, depois de tomar banho e

trocar de roupa no hotel, eu e Eva voltamos para as ruas (eu me sinto mal em deixa-la sozinha o dia inteiro). Enquanto estamos no carro, conto meu plano a ela. Se Kyle parecer estar arrasado quando eu o vir, eu vou dar meia-volta e sair dali. Se ele parecer arrasado, mas ao mesmo tempo parecer estar precisando de alguém que o conforte, ou se ele parecer estar entediado, como se precisasse estar ali por obrigação ou por amizade, então vou ficar e conversar com ele.

Por causa de um congestionamento imenso na rodovia interestadual, nós não chegamos aos portões do

cemitério Hollywood Forever antes das 19h30. Com medo de ter perdido o funeral, acelero pela ruela que leva até o estacionamento e paro o carro na primeira vaga que aparece. Deixando uma fresta aberta na janela para que Eva possa respirar enquanto esta ali dentro, procuro pelo local onde o funeral esta sendo realizado.

Com a cabeça baixa, entro na capela e começo a procurar por Kyle. Como já está tarde, fico surpresa ao perceber que o lugar ainda esta cheio de gente. Eu imaginei que as pessoas já tivessem voltado para as suas casas, mas, aparentemente, não foi isso o que aconteceu. Por causa disso, não é

tão fácil encontrar Kyle como pensei que fosse.

Não o vejo em lugar algum. Enquanto observo as pessoas que estão ali, percebo que quase todos são homens. Homens tristes, homens taciturnos, e, para ser honesta...

homens lindos. Estou falando sério, o lugar esta cheio de homens extremamente atraentes. Jovens, bonitos, bem-vestidos, cheirosos. Diabos... se isso for uma amostra dos homens de lós Angeles, preciso vir à costa oeste mais vezes.

Mesmo depois de procurar por mais

alguns minutos, não consigo encontrar Kyle em meio aquelas pessoas, e decido para de procurar. Presumindo que ele já voltou para casa, eu vou até o lugar onde algumas fotografias estão expostas, curiosa para saber qual seria a aparência de Zach. Quando chego mais perto, solto um gemido de surpresa.

Nossa Senhora.

Zach Holden não é apenas lindo, ele é lindo ao estilo Orlando Bloom. Meus olhos vão de uma foto a outra. Que gato. Que homem lindo. Que lastima. Ele parece ser muito feliz e divertido. Em muitas fotografias ele aparece

fazendo rafting, saltando bungee-jumping ou de paraquedas... parece ser uma pessoa muito aventureira! Veja bem, preciso ser honesta. Não gosto de funerais, não gosto de velórios e também não gosto pessoas mortas. Mas eu preciso ver Zach Holden de perto. Dando as costas para as fotografias, começo a procurar por um caixão.

Eu olho pela sala por alguns momentos, mas nada de caixão por ali. Eu me viro para um homem que esta ao meu lado.

- Com licença. Pode me dizer onde esta o caixão?

Ele me encara com um olhar duro.

- Sim. O caixão aberto?

O homem balança a cabeça, como se sentisse algum tipo de repulsa. – Ei, você é doente ou algo do tipo? Depois do que aconteceu com Zach, depois daquele acidente horrível, você acha que ele seria exposto em um caixão aberto?

Acidente? Que acidente? Antes que eu possa perguntar, o homem se afasta. E vejo algo ao longe. Uma urna.

Oh, não. Pobre Zach Holden. Pobre, lindo e sexy Zach Holden. Ele foi

cremado.

Eu ouço meu nome. - Delilah?

Reconhecendo a voz de Kyle, eu me viro na direção dele. Quando meus olhos se encontram com os dele, fico mais chocada do que quando vi Zach pela primeira vez.

Kyle está lindo. Lindo, incrível, maravilhoso. Vir para Los Angeles fez bem a ele.

- Kyle - eu digo devagar, fingindo surpresa. - Oi.

- Oi – diz ele, aproximando-se para

me abraçar. – Isso é muito estranho.

Quando nos abraçamos, eu penso: “Não há nada de estranho nisso”. O abraço dele me causa uma sensação boa. O corpo dele é tão jovem, tão firme, e tão perfeito que não quero que ele se afaste. E eu o abraço com mais força, para que ele não fuja de mim.

Droga; Acho que me transformei na minha mãe.

- O que você está fazendo aqui? – pergunta ele, tentando se desvencilhar do meu abraço.

- Vim me despedir de Zach – eu respondo, abraçando-o com mais força ainda.

- É mesmo? – pergunta ele, tentando se livrar do meu abraço com todas as suas forças, até conseguir. Ele se afasta um pouco. – Eu não sabia que você o conhecia.

Confirmando com a cabeça, eu olho em direção à urna. – Coitado. Tão jovem...

Kyle suspira. – Não consigo acreditar que ele se foi.

- Eu também não – eu digo,

balançando a cabeça. – E aquele acidente... que jeito horrível de morrer.

Pobre Zach Holden. Pobre, lindo e sexy Zach Holden.

- Eu disse a ele para não ir – diz Kyle.
– Mas ele ouviu o que eu disse? Claro que não;

- Bem ele nunca deu muita atenção ao que as pessoas lhe diziam – eu digo rapidamente, como se o conhecesse.

- Você esta certa. É tudo muito injusto, mesmo – diz Kyle, revirando os olhos. – Até mesmo estar La foi

uma estupidez. Mas você sabe como Zach é. Sempre fazendo coisas doidas.

- É isso mesmo - eu digo, embora não faça a menor ideia sobre o que ele esta falando.

- Pelo menos, ele teve uma morte gloriosa.

Gloriosa? O que foi que aconteceu com Zach Holden? Com o pobre, lindo e sexy Zach Holden?

- Aleluia, Zach - sussurra Kyle.

- Sim... aleluia, Zach – eu digo em voz

baixa - ... seu maluco, filho de uma égua.

Kyle me olha de um jeito engraçado, inclinando a cabeça.

Oops. Acho que exagerei.

- De onde você conhece Zach? – ele pergunta. Seu tom de voz muda. Ele parece desconfiado.

- Ah, bem... – bem, eu nunca cheguei a pensar nisso. Olhando novamente para as fotografias, eu tento pensar em algo para dizer.

- Nós éramos... – as palavras “amigos

de academia” vêm à minha mente, mas uma parte de mim deseja que eu e Zach pudéssemos ser mais do que apenas isso. – Zach e eu éramos... - embora ei desse qualquer coisa para dizer “amantes” neste momento, preciso lembrar que estou tentando fazer com que o Kyle goste de mim, em vez de me odiar.

-Você e o Zach eram o quê? – pergunta Kyle, pressionando-me para concluir a frase.

Olhando para ele, eu repentinamente me lembro de que os homens da idade dele são motivados pela competitividade. Começo a imaginar o

que aconteceria se eu dissesse a ele que eu e Zach éramos amantes. Será que ele ficaria com ciúmes? Vamos ver.

- Zach e eu éramos... muito próximos - eu digo, carinhosamente, sugerindo que talvez pudesse haver uma ligação romântica entre nós. Os olhos de Kyle se arregalam. É um bom sinal.

- Muito próximos? – pergunta Kyle. Ele parece estar surpreso. – Em que sentido?

- Sabe, não acho que esta seja a hora ou o local apropriado para falar sobre isso – digo em voz baixa, olhando ao

redor. – Afinal, um funeral não é o melhor lugar para falar sobre a nossa vida amorosa... oops! – eu rapidamente cubro a boca com a mão, fingindo que não tinha a intenção de deixar isso escapulir.

- Vida amorosa? – o rosto de Kyle fica branco como um papel. Acho que atingi um ponto sensível. Eu espero que seja o ponto da competitividade, do ciúme, e não o do ódio.

- Sabe, eu não queria falar sobre isso hoje – digo, suavemente. Eu sou vim até aqui porque... porque...

- Por que você veio? – interrompe

Kyle. Ele fala com uma voz alta e agressiva.

- Porque eu sinto a falta de Zach.

Kyle não diz nada. Ele simplesmente me olha de cima a baixo, com o cenho franzido. Acho que ele esta com ciúmes. Sim, tenho certeza, ele esta com ciúmes!

Aposto que, neste exato momento, ele percebeu que esta arrependido por ter me deixado para trás em Nova York.

- Há quanto tempo você e Zach... Digo, há quanto tempo vocês estão... Quando vocês se encontraram pela

ultima vez?

Eu finjo que penso na resposta. –
Acho que foi há alguns meses.

A respiração de Kyle fica mais pesada. Eu sabia, ele esta com ciúmes. Ele está louco de ciúmes!

Olhando novamente para as fotos, eu me concentro em uma em que Kyle e Zach aparecem em um bote em um rio, durante uma sessão de rafting, e começo a tagarelar: -

gente, eu me lembro de uma vez em que eu e Zach fomos fazer rafting, e ele se recusava a se segurar no barco.

Eu dizia... Zach, Zach, segure-se! Mas ele ouviu o que eu lhe disse? Claro que não! Não demorou muito para que ele caísse do bote. Ele era audacioso demais.

Olhando para outra fotografia, estou prestes a começar a contar a história sobre a ocasião em que eu e Zach estávamos praticando paraquedismo, e o paraquedas dele quase não abriu a tempo, quando ouço um barulho atrás de mim. Quando me viro, vejo que tem alguma coisa voando em direção à minha cabeça.

- Ai – eu grito, quando aquilo bate na minha testa. Eu ouço as pessoas

soltarem gemidos de surpresa.

Quando levo a mão à cabeça, percebo que estou coberta com alguma substância pocirenta, que escorre pelos meus cabelos e pelo rosto. Que diabos está acontecendo? Será que houve um terremoto? Alguma coisa, caiu do teto, bem em cima de mim? Quando tento tirar aquilo de cima dos meus olhos, eu os sinto queimarem e lacrimejarem. Voltando-me para o lugar onde Kyle estava, eu os abro da melhor maneira que consigo e olho para ele. Embora eu não consiga ter certeza, ele parece estar meio...furioso.

- Eu sabia ! – ele grita comigo. Sinto o ódio na voz dele. – Ele sabia !

Sem dúvida, ele está soltando os cachorros. E estou confusa.

- Você sabia o quê? – eu pergunto. – Espere,,,foi você que jogou essa coisa em mim?

- Eu sabia que ele estava me traindo?
– Grita Kyle.

Traindo? Logo antes de perguntar a Kyle que diabos ele está falando, eu me dou conta de algo muito importante. Virando-me lentamente em direção às fotos, eu olho para elas

com um pouco mais de cuidado e percebo que Kyle aparece em quase todas.

Oh, meu Deus.

Será que Kyle esta namorando...

- Zach! – ele grita. - Ele mesmo! Zach era um porco traidor!

Ah, meu Deus....estava sim !

Eu cubro o rosto, horrorizada.
Kyle...é gay!

Depois de demorar um segundo para processar isso, tiro as mãos do rosto e

volto para Kyle. Ele está olhando fixamente para mim. O olhar dele está carregado de ódio. De repente, um pensamento cruza a minha mente... Kyle pensou que Zach o estava traindo comigo. Ele jogou alguma coisa na minha cabeça. Agora eu estou coberta com algum tipo de pó. Meu Deus...será que esse pó, na verdade...são cinzas?

Meu Deus ! As cinzas !

Perdendo completamente a noção da realidade, começo a pular, descontrolada. – Tire isso de mim! – eu grito, histérica. A poeira sai pela minha boca quando grito. – Tirei isso

de mim agora!

Curvando-me, viro violentamente a cabeça de um lado para o outro. Meus braços se agitam em todas as direções. — Por favor! Alguém me ajude! — Eu começo a chorar incontrolavelmente, e sinto as lágrimas rolarem pelos meus olhos, limpando-os.

De repente, sinto alguém me agarrando. É uma mulher, a mesma mulher que antendeu à porta da casa de Kyle. — Acalme-se — diz ela, tentando me balançar para que eu volte a ter controle sobre as minhas ações. — Isso sai com água. Acalme-

se!

Não consigo me acalmar ! Estou coberta pela morte! Pela morte!

- Morte? – ela parece estar confusa. De repente, ela percebe o que está havendo. – Não, não, você não sabe o que está acontecendo. Não é a morte, é apenas terra!

Terra ? Hein ? Como assim?

A mulher se abaixa e pega um vaso de cerâmica vazio e um pouco da terra que caiu no chão. Segurando-os nas mãos em frente a mim, eu lentamente paro de tremer.

- Está vendo? Kyle atirou uma planta em você.

Depois de olhar para o monte de terra, as raízes que saem por um lado, e a folhagem que sai pelo outro, olho para o lugar onde a urna estava, e percebo que ela ainda está lá, inteirinha. Eu deixo escapar um longo suspiro de alívio, e depois volto a olhar para Kyle. Ele está chorando. Meu Deus, eu não acredito. Não acredito que fiz isso.

- Kyle, eu menti – eu digo, rapidamente. – Zach e eu nunca tivemos um caso.

Ele não reage. Tudo o que ele faz é piscar. Mais lágrimas lhe escorrem pelo rosto. – Estou falando sério. Eu nem mesmo o conhecia.

- Por que você mentiria assim? – pergunta ele, com a voz estrangulada.

- Eu queria que você sentisse ciúmes. Eu não sabia que vocês estavam namorando.

- Se você não sabia que estávamos namorando, por que você achou que ia me fazer sentir ciúmes?

- Achei que você sentiria ciúmes porque eu havia saído com um de seus

amigos, não porque o seu namorado estava saindo com uma de suas amigas.

Kyle me encara com um olhar vazio.

- Kyle, eu não sabia que você era gay! – eu digo, exasperada. Ouvi isso da minha própria boca repentinamente faz com que eu perceba que é real. – Espere...você é gay? Quando você virou gay?

Kyle olha ao redor da sala, sentindo-se constrangido, e eu olho também. Todo mundo está olhando para nós. Kyle volta a olhar para mim. – Delilah, nós precisamos conversar.

- Espere um minuto. Esta é aquela Delilah? – pergunta a mulher que estava segurando o vaso de cerâmica.

-Como você sabe o meu nome? – eu pergunto a ela. Ela olha para Kyle.

- Vamos lá para fora, Delilah – diz ele, levando-me em direção à porta.

Durante próxima hora, eu fico sentada em meu carro, comendo um pacote de salgadinhos enquanto Kyle se explica. Ele diz que sempre soube que era gay, mas tinha medo de admitir. Ele pensou que, se conseguisse ignorar seus impulsos, eles desapareceriam. Ele sempre teve namoradas enquanto

estava na escola e na faculdade, e foi aí que eu apareci em sua vida. Ele queria gostar de mim, realmente queria; mas disse a si mesmo que, se não conseguisse se sentir atraído por mim quando estivéssemos juntos fisicamente, ele ia parar de lutar contra seus desejos. A falta de química entre nós no dia em que fomos ao hotel Mercer não estava apenas na minha cabeça, não aconteceu apenas porque eu estava nervosa, ele também não sentia nada por mim. Ao admitir isso, Kyle olha para mim em busca da resposta, mas eu não consigo dizer nada.

Estou em choque. Não acredito que

Kyle seja gay. Eu como um salgadinho e depois dou outro para Eva.

Kyle me conta que, no fim de semana que ele veio para Los Angeles, ele realmente havia sido convidado para um casamento. Dizer a todos em Nova York que ele havia conseguido um emprego na Califórnia foi uma maneira mais fácil de explicar por que ele se mudou tão abruptamente. Ele queria um novo começo, iniciar a vida do zero, e queria fazê-lo imediatamente. Ao admitir isso, Kyle novamente olha para mim em busca de uma resposta, mas não consigo dizer nada. Ainda estou em choque.

Não consigo acreditar que Kyle é gay. Como mais um salgadinho e depois dou outro para Eva.

A mulher que estava segurando o vaso é a irmã de Kyle. Ela sabe tudo sobre o dia de paixão em Kyle e eu no hotel Mercer. Ele contou tudo à irmã, e a toda família, quando finalmente saiu do armário. Sinto vontade de perguntar se ele teve a decência de não comentar o detalhe da lingerie úmida quando falou sobre tudo aquilo para a sua família, mas não consigo dizer nada. Ainda estou em choque. Não consigo acreditar que Kyle seja gay. Eu como outro...

Droga, meus salgadinhos acabaram.

Durante os vinte minutos seguintes, eu e Kyle ficamos sentados no meu carro, em silêncio. Enquanto eu lambo os farelos dos salgadinhos que estão cobrindo meus dedos, observo Kyle experimentar as garrafinhas de bebida que afanei do frigobar do Ritz. Elas estavam na mala que abri esta manhã, aquela que estava cheia de roupas, as roupas com as quais me cobri enquanto espionava a casa dele. Eu observo admirada enquanto ele pega as garrafinhas, uma por uma, e lê sistematicamente as informações do rótulo. Ele abre a tampa, toma um gole, deixa o líquido na boca por um

momento, engole, recoloca a tampa e pega a próxima garrafa. Por alguma razão qualquer, eu acho aquilo fascinante. Depois de tomar sabe-lá-Deus-quantos goles, ele repentinamente explode em uma gargalhada, uma gargalhada incontrolável, que faz com que mais lágrimas rolem pelo seu rosto.

- O que você stá achando tão engraçado? – eu pergunto.

- Eu joguei uma planta na sua cabeça – diz ele, enxugando as lágrimas. – E você achou que era a urna cheia de cinzas!

Ele começa a rir novamente, e olho para ele com raiva.

- Ah, o que é isso, Delilah? – pergunta ele, sem me encarar. – Você mentiu quando falou que tinha dormido com o meu namorado. É engraçado.

- Não é não – eu digo, brava. – Não tem nada engraçado nisso.

- Tem sim, Delilah. Tudo isso é muito engraçado.

- Como assim, tudo isso?

- A vida – diz ele, olhando ao redor. – A vida é engraçada.

Irritada, desvio o olhar. Não olho para ele, nem para o espelho. Prefiro olhar para a janela.

- Não estou zangado com você, Delilah – diz Kyle, após alguns minutos. – Eu não me importo. Na verdade, estou feliz por você ter me tirado daquele lugar.

Eu volto a olhar para ele. O fato de que ele está tentando me fazer sentir melhor em um dia como este parece não se encaixar na realidade.

- Kyle, é melhor eu ir embora – digo. E deveria mesmo. Deveria ir para casa.

Voltar para Nova York. Tudo isso foi um grande erro. Afinal de contas, o que é que eu realmente estou fazendo? Cada um dos reencontros foi um desastre maior do que o anterior.

- Tudo bem, eu entendo – diz, ele suavemente. Ele pega na minha mão e a segura por um tempo. – Você tem o meu telefone?

- Tenho, sim.

É claro que eu tenho o número do telefone dele. E também tenho o número do celular, o do telefone do trabalho e o endereço. Tenho tudo isso.

- Ligue qualquer dia. Estou falando sério. Pode ligar, mesmo – diz ele.

- Claro, eu ligo sim – digo, mas sei que não vou ligar.

Depois de sair do cemitério, volto pela rodovia interestadual até o hotel ainda um pouco atordoada. Não tenho plena consciência dos carros ao meu redor, nem do fato de que Eva está no meu colo, lambendo os farelos de salgadinho que estão cobrindo a minha saia. Eu acho que, no meio de 20 rapazes, um deles acabaria sendo gay, mas por que tinha que ser Kyle? Não consigo acreditar. Quando ouço o sinal do meu celular dizendo que

recebi uma mensagem, pego o aparelho e ligo para o serviço de correio de voz.

“ Oi, sou eu” diz a voz de Colin.
“Tenho mais duas informações para você. “

Embora eu tenha decidido voltar, para casa, suspiro aliviada. Preciso de algo que tire os acontecimentos do dia da minha cabeça.

“Encontrei Oliver Leet e Shane Murphy. Oliver mora em Londres e Shane em Minneapolis. Os dois são solteiros, mas ...olhe, eu detesto ter que dizer isso, garota, mas os dois são

gays.”

Gays ? Gays? Os dois? O quêêê??

De repente, tudo começa a acontecer ao mesmo tempo. Assim que desligo o telefone, minha mão escorrega no volante e entro na temida faixa da esquerda, a faixa de trânsito rápido. Quando os carros começam a buzinar, começo a gritar desesperada, e sinto um cheiro muito ruim. Olhando para baixo, percebo que Eva está fazendo cocô em cima de mim. À medida que os carros continuam a buzinar e eu continuo a gritar e Eva continua a fazer cocô em mim, olho pelo retrovisor, começo a trocar de faixas e

depois tento pegar um lenço de papel. A seguir, começo a voltar para a faixa da direita enquanto recolho o cocô de cima do meu vestido e abro a janela. O que acontece logo depois vem como uma cena em câmera lenta. Com a minha mão para fora da janela, solto o lenço de papel cheio de cocô. Depois de voar pelo ar como uma pássaro batendo as asas, ele atinge em cheio o para-brisas da viatura de polícia que está logo atrás de mim. Instantaneamente, as luzes do teto da viatura se acendem.

Oh. Meu . Deus.

Agora sim eu vou para a cadeia. Não

tenho dúvidas.

Depois de encostar o carro rapidamente, fico sentada e observo o policial desembarcar da viatura. Enquanto isso, rezo para que Zack Holden ajude-nos a sair dessa enrascada. O policial um cara enorme com os cabelos cortados ao estilo militar, parece ser uma pessoa intratável. Com óculos de sol espelhados e um uniforme bege, bem parecido com o Ponch' usava nos episódios de CHiPs, ele dá uma olhada no seu para-brisas. Tirando uma caneta do bolso, ele cutuca algumas vezes o lenço de papel, que explodiu com o impacto. Para dizer o

mínimo, a situação não é nada boa. O cocô de Eva, que geralmente se parece com um pequeno croquete, agora está mais parecido com...bem, parece com um cocô que bateu no para-brisa de um carro a 80 quilômetros por hora. Está espalhado por toda a parte. Balançando a cabeça com nojo, ele vem até o meu carro. Embora eu não consiga ver os olhos dele por trás dos óculos espelhados, tenho certeza de que está furioso. Isso não é bom. Não é nada bom.

- Escute aqui, que nome a senhora dá para aquilo? – ele grita, apontando para a viatura com a caneta. Tudo bem, ele não está somente irritado.

Ele está louco da vida.

Colocando a cabeça para fora da janela, olho para o carro dele e decido me fazer de boba.

- Olhe, não tenho certeza – eu digo, inocentemente. – Mas eu acho que parece...cocô de cachorro.

O policial me olha com uma expressão de “ah, se você não me dissesse, eu nunca ia adivinhar”. Ele não está acreditando na minha inocência.

-Ah, parece, não é mesmo? E o que aquilo está fazendo no meu para-

brisa?

Eu tento pensar em algo que possa usar em minha defesa.

- Bem, senhor policial, eu... — percebendo o meu reflexo nos óculos dele, vejo o olhar de culpa estampado no meu rosto. Ele me viu jogar o lenço pela janela. Ele sabe que fui eu. Por que é que ainda estou tentando enganá-lo? Sinto-me afundar no banco do motorista, então decido confessar.

- Desculpa, mas a minha cachorra fez cocô em mim, aí tentei limpar aquilo das minhas roupas e joguei o lenço sujo pela janela do carro sem pensar,

porque eu não sabia o que fazer.

Pegando Eva nas mãos, eu a levanto, como se ela fosse a prova do que acabei de dizer. Enquanto faço isso, eu tento mandar mensagem subliminares para ela, pedindo que sorria para o policial da mesma forma que sorriu para mim quando a comprei. Mas ela não recebe as mensagens. Depois de olhar para o rosto do policial por alguns segundos, a única coisa que ela consegue fazer é soltar um pum. Ao ouvir o barulho, o policial balança a cabeça, repugnado. E eu ouço a barriga dela soltar um som gorgolejante. Acho que alguém andou comendo salgadinhos demais.

- Desculpe, senhor. Por favor, me desculpe – eu imploro, colocando Eva de volta no banco do passageiro. – O cheiro estava horrível, e eu não queria aquilo dentro do meu carro.

- É mesmo? Bem, eu não queria aquilo no meu para-brisa!

Desviando o olhar que está focado em mim para o assoalho do carro, uma expressão estranha toma conta do rosto do policial. Quando eu viro para a direita para ver o que chamou a atenção dele, sinto uma onda de pânico tomar conta de mim, ao ver algumas das garrafinhas vazias de bebida espalhadas pelo chão do carro.

Kyle...que diabos!

Eu olho para o policial. – Eu posso explicar isso – eu digo, apontando para elas. Ele balança a cabeça.

- Senhora, vou ter que lhe pedir que saia do carro.

CATORZE

Meigo demais

Domingo, 8 de maio

Estou deitada na cama do Viceroy há dois dias, esperando que um terremoto estrondoso sacuda a Califórnia, arranque o pequeno pedaço de praia onde o hotel está construído e me mande para o fundo do mar em meio a uma onda enorme. Com a minha sorte, é provável que isso aconteça. Além dos 1.000 dólares da multa que recebi por transportar

garrafas abertas de bebida alcoólica dentro do carro, também fui multada em mais 500 dólares por sujar a estrada, outros 1.000 por descartar a sujeira do meu cachorro de maneira inadequada, 150 dólares por dirigir devagar demais na faixa da esquerda e outros 150 por excesso de velocidade.

Sim, excesso de velocidade. Aparentemente, além de conversar ao telefone, saber que três dos meus ex-namorados são gays também faz com que eu dirija mais rápido. Eu não estava a 90 km/h, eu havia passado dos 140. Fui multada por dirigir a 146 km/h.

Considerando que a diária do hotel custa 400 dólares, talvez fosse melhor eu ter saído do Viceroy e ido para outro lugar para poder surtar em paz. Mas, depois de pensar mais a fundo, decidi que era melhor ficar quietinha onde eu estava. Imaginei que, se está à beira de um ataque de nervos, hospedar-se em um hotel barato qualquer nas proximidades do aeroporto vai ser simplesmente a gota d'água. Afinal, a única coisa que ainda me ajuda a manter a sanidade é saber que o lençol e o cobertor que o Viceroy oferece têm mais de 300 fios. Certo, certo. A maconha que eu comprei de um garoto perto da piscina

também está ajudando, assim como os jogos de Playstation que o carregador de malas me deu, e, é claro, a voz do meu cantor favorito da década de 1980.

Os quatro juntos funcionam como os anéis dos Super Gêmeos, ativando...a forma de uma vadia totalmente encrencada e fracassada na vida, que está se sentindo confortável demais e chapada demais para pular pela janela.

Eu me sinto como se estivesse anestesiada, e não é só por causa da maconha.

Estou em estado de choque. Não consigo acreditar que Kyle seja gay. Não consigo acreditar que Shane seja gay. E também não consigo acreditar que Oliver seja gay. Dou uma longa tragada no meu baseado e cubro o focinho de Eva, para que ela não fique chapada por causa da fumaça.

Shane, meu número 3, era um ano mais velho que eu, e foi o primeiro cara com quem me envolvi quando estava na faculdade. Eu o conheci em uma festa na casa da Fraternidade da qual ele era membro, e nosso namoro durou uma semana inteira.

Todos o chamavam de Cowboy

Shaner, já que gostava bastante do estilo country. Ele não foi criado em uma fazenda ou algo do tipo, então não tenho certeza de onde veio aquela fascinação, mas ele sempre estava usando um chapéu e um colete de couro.

Essas e outras coisas típicas dos cowboys. Se naquela época alguém me dissesse que ele acabaria saindo do armário, eu teria caído na gargalhada. Shane era forte e másculo. Ele chegava até mesmo a vestir suas chapeleiras de couro para qualquer lugar que fosse.

Ele era totalmente machão.

Mas, pensando bem...certa vez Shane deixou escapar uma frase que poderia ser um sinal de que ele seria gay, se eu tivesse prestado atenção. Ele me disse que sentia uma “ligação diferente”. Será que homens heterossexuais têm “ligações diferentes”

entre si? Eu sempre pensei que tivessem, mas talvez eu estivesse errada.

Em relação a Oliver, o número 8 da minha lista, admito que sempre tive a impressão de que ele pudesse ser ligeiramente gay, se isso fosse possível. A principal razão para isso é

que, logo antes de terminarmos o namoro, ele esteve em uma festa de casamento e...

De repente, meu telefone toca. Eu leio o nome no identificador de chamadas.

É Colin. Eu não estou com vontade de conversar, mas, quando o meu cérebro envia a mensagem para a minha mão, ordenando-lhe que não atenda ao telefone, já estou com ele colado ao ouvido. O THC da m.a.c.o.n.h.a. está me deixando l.e.r.d.a. (e eu começo a imaginar o que R.o.d. pensaria ao ouvir isso).

- Bom dia, com alegria – eu digo.

- Ei, duvido que alguém atenda ao telefone com essa frase.

- Será? Que lástima – eu me sinto meio decepcionada.

- E você sabe que estamos no começo da tarde, não é?

- É mesmo? Que lástima – eu me sinto um pouco mais decepcionada.

Colin sente que algo está errado. – Ei, você está bem?

- Depende do que você quer dizer com bem.

- Bem, para começar, sua voz parecer estar meio rouca.

- É porque eu estava cantando – eu digo, e começo a cantar de verdade. –
“All night long! (All night!) Oh-oh!
All night long! (All night!)
Yeeeeeeah!”

- Oh...

- “Let the music play on ...play on...
play on...”

- Jesus Cristo...

- Ei, preciso lhe perguntar uma coisa,
Colin. Você já sentiu uma “ ligação

diferente “ em relação a outro rapaz?

- Uma “ligação diferente”? Que diabos é isso?

- Um tipo de atração. Por outro homem. Uma “ligação diferente”.

- Delilah, eu não sou gay.

- Sim, eu sei. Só estava imaginando se é possível que homens heterossexuais se sintam atraídos por outros homens.

- Bem...com certeza, não é possível. De jeito nenhum.

- Que interessante. Bem, deixe-me

perguntar outra coisa. Você saberia dizer qual é a marca da meia-calça que uma mulher está usando simplesmente olhando para as pernas dela?

- Ah, já entendi – diz Colin, juntando as peças do quebra-cabeças. – Qual deles sentia essa “ligação estranha”?

- O cowboy – eu confesso.

- E qual deles conhecia os diferentes tipos de meia-calça?

- O inglês. Ele me traiu com outra mulher porque gostou da meia-calça purpurinada que ela estava usando.

Namorei Oliver quando me mudei para Chicago, e nosso relacionamento começou junto com as aulas que eu tinha na Escola do Instituto de Artes de Chicago. Ele vinha de Londres e tinha um sotaque britânico que era tudo de bom. Independentemente do que ele dissesse, ele parecia ser inteligente. Jesus, eu adorava ouvi-lo falar. Às vezes, quando ele me contava alguma história, eu fechava os olhos e fingia que quem estava ao meu lado era HUGH Grant. Aquela voz doce era como música para os meus ouvidos. E sabia se vestir, também, sempre com muita elegância e estilo. Ele sempre usava ternos lindos de risca-

de-giz, que pareciam ter saído diretamente de Saville Row. Nós nos divertíamos muito. Saíamos para fazer compras, passeios e outras coisas. Oliver era um excelente namorado. Mas ele acabou me traindo com uma mulher que conheceu em uma festa de casamento.

- Será que ele não teria dito que gostou das pernas daquela garota, em vez da meia-calça purpurinada?

- Não. Eu me lembro exatamente do que ele disse. “A meia-calça Givenchy que ela estava usando era deslumbrante! Gostei tanto que senti vontade de arrancá-la com os meus

próprios dentes!”

- Ele usou a palavra “deslumbrante”?

- Sim.

- E você não achou aquilo um pouco estranho?

- Não. Só estranhei porque ele sabia qual era a marca da meia-calça.

- Se você não percebeu o sinal que ele deu quando disse “deslumbrante”, então algo me diz que você provavelmente deixou outros sinais passarem despercebidos também.

- Eu juro que não deixei. O episódio da meia-calça foi o único em que ele deu algum tipo de sinal.

- Tudo bem, deixe-me perguntar, então... onde você o conheceu?

- Em uma clínica de bronzeamento artificial.

- Delilah...

- Não, não é o que você está pensando! Ele não foi lá para se bronzear. Ele trabalhava lá.

- Delilah! – a voz de Colin fica mais alta. – Não acredito que você me

pagou para confirmar isso. Você não conseguiu perceber por conta própria?

- Como eu disse...não houve nenhum outro sinal.

- Alguma coisa me diz que isso não é verdade. O que vocês fizeram na primeira vez que saíram juntos?

- Ele me convidou para jantar e assistir a um filme na casa dele.

- E qual foi o filme?

- Amigas para sempre.

- Acho que não preciso falar mais

nada, não é?

Como Colin parece estar feliz por ser um pouco mais perspicaz do que eu, decido não dizer a ele que o primeiro encontro com Oliver ocorreu bem no dia da partida final do campeonato de futebol americano, que aquela foi a segunda vez que Oliver assistiu a Amigas para sempre, e que nós dois saímos para comprar a trilha sonora do filme no dia seguinte.

- Por que você me ligou? – eu pergunto, irritada. Não quero mais conversar.

- Bem, tenho algumas notícias para

você, mas duvido que você goste delas.

- Tenho certeza de que consigo aguentar.

- Tudo bem, então – diz Colin, e começa a falar com um tom de voz mais sério. – Eu encontrei informações sobre Zubin Khan, e ...

- Ah, espere, deixe-me adivinhar. Ele é gay! – eu digo, com sarcasmo.

- Não, ele não é gay – diz Colin de maneira lenta e cautelosa. – Ele...

- Espere, espere, já sei. Ele está na

cadeia!

- Não, ele também não está preso.
Escute, Delilah...

-Bem, então provavelmente ele já morreu!

Colin não diz nada desta vez.

Oh, não. Oh não, oh não, oh não.

-Ele morreu? –eu pergunto, devagar.

-Lamento, mas... ele morreu, sim – diz Colin, delicadamente – Mas foi rápido, ele não sofreu.

Há um silêncio incômodo na nossa

conversa.

- Você e ele eram próximos?

-Não, não... não desse jeito.

Zubin Khan, o número 4 da minha lista, veio logo depois de Cowboy Shaner, era indiano e o responsável pelo bloco de dormitórios da faculdade onde eu morava durante meu primeiro ano. Também era o meu tutor de antropologia . minha mãe o conheceu no mesmo fim de semana em que saí de casa, e queria que eu fizesse amizade com que ele porque Zubin era muito inteligente. Ela esperava que uma parte da inteligência

dele pudesse entrar em mim se começássemos a andar juntos.

E agora eu fico sabendo que ele morreu. Uau... estou sem palavras.

-Bem... acho que é isso –diz Colin, após outra pausa. –Acho que meu trabalho está completo.

Eu me sinto confusa. –Como assim, completo?

-Completo, sinônimo de finalizado. Encontrei a todosos seus 15 caras, como você pediu.

Encontrou a todos os meus 15 caras?

Todos eles? Não, é impossível. Não pode ser. –Você está brincando, não é?

-Estou falando sério, encontrei a todos. Bem, exceto por aquele rapaz chamado Nukes, mas eu lhe disse que não teria condições de encontrá-lo.

Eu começo a somá-los na minha cabeça. Nate está na cadeia , Daniel virou padre, Shane é gay, Zubin está morto, Tim é um caipira, Ian prefere mulheres mais velhas, Henry se casou, Oliver Leet é meigo demais, Nukes não é um apelido baseado em seu sobrenome, Tom é um caipira, Loiro Gostosão está internado em uma

clínica para viciados em drogas, o Dr. Pepper está no espaço, Alex se casou Wade brinca com fantoches, quero dizer, com muppets, Rod vende produtos de beleza, El Abogado não vai me perdoar nem esquecendo o que eu fiz, Gordy continua a ser um cafajeste, Kyle é gay, Greg ainda é um imbecil e Roger gosta de coçar e cheirar.

Meu Deus... o total é 20

Não consigo acreditar. Não consigo acreditar que acabou.

Não esperava que fosse acabar de maneira tão abrupta. Estou chocada.

De repente, eu solto uma pequena risada. Meu Deus, Kyle tinha razão.

-O que é tão engraçado?- pergunta Colin.

-A vida-eu respondo. - A vida é uma comédia.

No fim daquela frase, começo a rir histericamente. Eu rio, me lembrando de muppets e fantoches, cadelas e garanhões, macarrão instantâneo e queijo ralado, cowboys, indianos, Tumper e o meu para-choques, Nifty e sua espinha. Eu rio, e rio.

Acho que posso até morrer de tanto

rir.

-Delilah, você está bom? –Colin parece estar preocupado.

-Sim... eu... vou... ficar bem-Consigo dizer entre arfadas, risadas, gargalhadas e tomadas de fôlegos. – É sério... eu ... vou... ficar... bem.

Ainda restam \$65, 11 dias, e nenhum homem□

QUINZE

LILY POND

Centro de recuperação contra abuso
de entopecentes Rua Lily, 98543 –
Rockford, Illinois – 61101

Segunda-feira, 9 de maio.

VALOR DEVIDO: US\$ 5.324,25

A/C Kitty Canoon

Rua Bluebird, 1632

New Canaan, Connecticut – 06840

Prezada Sra. Cannon,

Delilah Darling se internou no centro de recuperação contra abuso de entorpecentes, Lily Pond, no dia 20 de abril passado, em razão de um vício terrível em uma substância que ela chamou de “bonecas”.

Por razões que são do conhecimento de Srta. Darling, nós não conseguimos enviar a fatura referente aos cinco dias em que ela ficou internada aqui para a empresa responsável pelo plano de

saúde dela. Tentamos entrar em contato com ela para resolver esse problema, mas, todas as vezes que telefonemos para ela, quem atendeu foi uma mulher que afirmou falar somente em “hebonics”... seja lá que isso for.

Já que a senhora está listada no verso do cartão do plano de saúde dela (do qual tiramos uma cópia) como a pessoa com quem se deve entrar em contato em caso de emergência, estamos localiza-lo. Temos vários planos de pagamento para oferecer.

Assim, por gentileza, se ela puder entrar em contato conosco,

agradecimento imersamente.

Atenciosamente,

Jen Moram (815) 555-HELP

“Bip”

“Delilah, aqui é Michelle. Eu consegui! Eu consegui o emprego na Vintage Vogue! Nem acredito! Estou muito feliz! Olhe, estou muito contente por você ter voltado a salvo para casa, e não estou mais irritada

com você. Ligue para mim, está bem?

“Bip”

“Oi, querida... é o vovô. Acabei de ouvir sua mensagem. Que droga! Não acredito que nos desencontramos. Se eu soubesse que você ia passar por aqui, teria reagendado a nossa viagem. Olhe... desculpe por sussurrar, mas eu preciso conversar com você sobre um assunto mais reservado. Sinto-me um bobo por ter que perguntar isso, mas não sei a quem mais poderia recorrer – estou pensando em depilar meu peito com cera quente e tenho

algumas dúvidas. Por favor, me ligue quando puder. Amo você, Beijos.”

“Bip”

“Delilah, aqui é Patsy, e estou ligando em nome da sua mãe. Ela está um pouco fragilizada neste momento por causa de uma carta que chegou há pouco, e tenho certeza que você sabe do que se trata. Ela não me pediu que lhe telefonasse para lembrá-la de que você tem um horário marcado na Saks para experimentar e fazer ajustes no vestido que usar no casamento de Daisy depois da degustação. Eu

realmente espero que ele sirva. Dayse insistiu em encomendar em vestido tamanho 40 para você, embora eu e a sua mãe dissemos a ela que o melhor escolha para o seu tipo de corpo seria um 46. Adeus.”

Um gosto do que está por vir

Segunda-feira, 16 de Maio

Ainda estou de cama, mas já de volta à minha casa. Tentei deixar meu carro na filial da locadora de carros em Los Angeles e pegar um avião de volta, mas fazer isso me custaria quase 2 mil

dólares por isso resolvi voltar pela estrada. Eu não tenho 2 mil dólares. Não tenho condições de pagar o meu aluguel. Não tenho marido nem família.

Não tenho nem mesmo um namorado.

A única coisa que eu tenho é uma cadela.

Mas ela é uma boa cadela. A melhor do mundo, pra falar a verdade. Quando estávamos na estrada de volta de volta para Nova York, eu disse a Wva Gabor que ela era a minha melhor amiga. Estávamos em algum lugar de Oklahoma naquele momento,

ouvindo “Mandy”, o sucesso de Barry Manilow, aquela canção que, de acordo com os rumores, foi escrita para alguém cujo cachorro morreu ou algo assim. Quando a voz de Barry começou a soar pelos alto-falantes do carro, eu me perguntei o que iria fazer se não tivesse Eva comigo. “oh, Mandy! Você veio, me deu tudo e não pediu nada em troca! Oh, Mandy! Você me beijou e me fez parar de tremer!”

Quando a música terminou, as lágrimas estavam escorrendo pelo meu rosto.

Olhei para Eva Gabar e falei o quando

ela era especial para mim. Ela piscou os olhinhos, como sempre faz, depois sorriu, algo que não havia feito desde o dia em que o comprei. Foi quando eu lhe disse que ela era minha melhor amiga. Para celebrar aquele título, cantei para ela uma música de Cat Stevens, chamas, “I love my dog”, e lhe dei alguns palitinhos de queijo para comer. Ela teve uma dor de barriga bem fote.

Cantar músicas de Cat Stevens me fez pensar em Nate novamente, e isso me deixou ainda mais deprimida do que eu já estava porque ele nunca retornou a minha ligação. Eu sou um desastre. Não consigo nem fazer com que

presidiário me ligue de volta.

Achei que procurar os meus ex-namorados poderia ser uma prova do quão inteligente eu era. Achei que a melhor maneira de seguir o conselho que Daniel me deu, de analisar cada um dos e não aconteceu nada disse. Na verdade, fiz exatamente o que ele sugeriu que eu fizesse, mas de maneira bem mais profunda. Em vez de relembrar superficialmente cada um dos meus relacionamentos no conforto da minha casa, eu mergulhei de cabeça no meu passado quando fui encontrá-los. O que é que eu estava pensando? Daniel considerou que fazer aquilo ia clarear as minhas

ideias, mas não foi isso que aconteceu. Pensando bem, isso me deixou mais confusa e deprimida, porque cada um dos homens da minha lista foi um erro. Eu me arrependo de ter ficado com todos eles. Confusa, porque não existe nenhuma razão aparente para eu ter dormido com cada um deles, e também não há nenhuma razão aparente para o fim dos relacionamentos. Como é que eu posso aprender com os meus erros, se não consigo identificá-los?

Não vi Michele ou Colin desde que voltei para casa. Liguei para Michelle para parabenizá-la pelo novo emprego, e nós conversamos por

alguns momentos, mas ela teve que sair. Já começou a trabalhar na Vintage Vogue e parece que esta cheia de serviço. No caso de Colin, ele bateu na minha porta duas vezes, mas eu não o recebi..

Eu não quero vê-lo. Estou envergonhada demais com tudo o que aconteceu. Não devia ter contratado meu próprio vizinho. O que eu tinha na cabeça?

Quando minha mãe recebeu a carta de Lily Pond na semana passada (Não acredito que Jan mandou aquela carta. O que ela tem a ganhar com isso? Aposto que foi o Carl que a

pressionou.), ela veio correndo até o apartamento de Colin, em meio a lágrimas e soluços. “Oh, ‘Colin’, o que vamos fazer com a nossa menina?”

Aparentemente, Patsy deve ter dito a ela que seria melhor não bater de frente comigo, dizendo que qualquer tipo de pressão desnecessária poderia causar uma recaída. Embora eu não o suporte, dessa vez eu fiquei feliz por ela ter metido o nariz onde não era chamada. Colin disse que foi pego de surpresa quando minha mãe apareceu em sua porta, a tal ponto que ele colocou toda a culpa em Yoshi, o meu namorado de faz-de-conta, dizendo

que foi ele que me arrastou para o mundo das drogas.

-Será que você não podia ter dito a ela que se enganou? –eu perguntei, quando consegui falar com ele

-Talvez-ele disse.- Mas, quando eu comecei a contar pra ele as canalhices que Yoshi fazia com você, acabei me empolgando, e disse a ela que dei uma surra no rapaz.

Em vez de ficar reclamando, você devia me agradecer.

-Ele era um namorado imaginário.

-Não tem importância – disse Colin. – Fazendo o que fiz, defendi sua honra, e isso é algo que sempre farei.

Embora eu tenha ficado emocionada com as palavras de Colin, também fiquei irritada, pois agora eu não tinha mais um namorado de faz-de-conta, e teria que encara a minha mãe logo mais, quando fosse experimentar o vestido.

Depois de me arrastar para fora da cama e tomar um banho, fui até o guarda-roupa. Escolhi um vestido longo preto e sapatos pretos de salto alto. Estou de luto.

Quando estou me vestido, percebo que o vestido está um pouco folgado no meu corpo.

Além do pacote de salgadinhos em Los Angeles, eu não comi muita coisa enquanto estava fora, e devo ter perdido peso. Além de Eva, a viagem me trouxe mais alguma coisa boa.

O Waldorf-Astoria é um hotel imenso, bem próximo da Grand Station na avenida Park. Depois de pedir a um dos carregadores de malas que me indicasse onde deveria ir, eu atravessei o saguão elegante e entrei no salão de casamentos, onde Daisy e Edward estavam me esperando.

Daisy, fabulosa como sempre em um vestido amarelo despojado, abre um grande sorriso quando me vê, e uma ainda maior quando vê Eva. Não queria que ela ficasse irritada com o problema da “Ave Maria”, então eu coloquei um vestidinho de dama-de-honra cor-de-rosa em Eva, junto com sapatinhos para cachorro, um colar de pérolas falsas e uma tiara de strass para dizer “desculpe-me”. Embora eu mal consiga vê-la embaixo de tantos acessórios, tenho certeza de que ela está me olhando com raiva, furiosa por eu tê-la enfeitado desse jeito. Quando envio uma mensagem telepática dizendo que aquelas roupas

foram necessárias, ela se acalma e enche Daisy de beijos.

-Oh, que coisa linda-diz Daisy, com uma voz aguda, enquanto segura Eva.
-Eu quero uma dessas!

Olhando para Edward, ela abre um sorriso e joga seu charme.- Por favorrrrrrrrr?

Em vez de responder, Edward olha pra mim, apertando os lábios.- Obrigado, Delilah, Muito obrigado mesmo.

Depois de contar uma historia diferente sobre Eva para Daisy – eu a

comprei em Nova York, não em Filadélfia, há uma semana, não a cinco – ela xingou o pet shop imaginário, onde eu disse que a comprei, e pediu que eu lhe desse o endereço para que ela pudesse ir até La e gritar com a velha que toma conta da loja por tê-la deixado presa no porão.

-Claro, eu lhe entrego depois – digo, repentinamente ouvindo uma voz rouca vindo por trás de mim.

-Delilah...

Oh, não. É minha mãe. Relutantemente, eu não viro e vejo

que ela está olhando para mim com uma expressão patética no rosto. O cabelo dela está armado, penteado e tingido com perfeição, ea cabeça dela está levemente abaixada. Patsy está ao seu lado.

-Mãe!- eu exclamo, fazendo o tom da minha voz subir uma oitava inteira, tentando parecer feliz em vê-la. – Como você está?

-Não se preocupe comigo – diz ela, tocando nas dobras do meu vestido. – Você.

Como é que você está?

-Estou...

-Venha – diz ela, sem me deixar terminar de falar. – Venha com a mamãe.

Quando minha mãe me abraça, ela o faz com toda a sua força, como sempre.

Aperta-me de maneira tão intensa que mal consigo respirar. Embora eu tente me desvencilhar, não consigo, e, durante os próximos minutos, percebo que estou lutando para conseguir tomar fôlego enquanto ela me embala silenciosamente para frente e para trás. Quando, finalmente (graças a Deus),

afrouxa o abraço, ela sussurra no meu ouvido: -Você precisa sentir para poder se curar, Delilah!

Apesar de não fazer a menor ideia do que ela esta falando, quando Patsy faz um sinal de joinha com o polegar erguido para a minha mãe, penso que é algum tipo de provérbio para as pessoas que saem de clínicas de recuperação.

Depois de cumprimentar Daisy, minha mãe dá um salto quando vê que ela está com Eva nos braços –Oh, meu Deus! E quem é essa? –diz ela, visivelmente assustada.

-Delilah comprou uma cadelinha!- explicou Daisy, alegremente. Com Eva nas mãos, ela faz as apresentações. –Mamãe, diga oi para Eva. Eva, diga oi para a vovó.

-Vovó? – a expressão no rosto da minha mãe muda imediatamente, -Eu prefiro que ela me chame de Lola.

-Lola?- perguntou Daisy, confusa.

-Sim. Significa vovó em tagalog, um idioma usado nas Filipinas.

Daisy e eu trocamos olhares. – Ah... claro, mãe. –diz Daisy, encarando-a novamente. –Mas nós não somos

filipinos.

-E nós ainda não somos avós, também – diz a minha mãe numa resposta cortante, visivelmente irritada por ter sido chamada de vovó. –Por isso, cuidado com o que diz!

Quando Saul, o coordenador do casamento, entra na sala, o sorriso no rosto dela volta a surgir.

-Saul!- Exclamou ela –Que bom revê-lo!

-Oh, é bom vê-la também, senhora Kitty –exclamou ele, segurando-lhe as mãos.

Enquanto os dois se abraçam e se cumprimentam com beijinhos no rosto, Daisy chama a minha atenção.

-Lola?

Sem conseguir encontrar uma explicação, eu simplesmente dou de ombros.

Depois de cumprimentar a todos os presentes com a mesma empolgação, Saul fica paralisado quando vê Eva.

-Oh,não... –diz ela a Daisy. –Não permitimos a entrada de cães na cozinha, ode as senhoras vão provar os pratos e petiscos que serão

oferecidos no casamento. É uma violação das normas sanitárias.

Violação das normas sanitárias? Oops. Eu não tinha pensando naquilo.

Embora Saul se ofereça para deixar Eva em seu escritório, digo a ele que isso não é uma boa ideia (ela tem o mau hábito de roer os cantos das mesas de centro e escrivanias), e, em vez disso, ofereço-me para levá-la correndo de volta para casa, já que a mãe de Edward ainda não chegou.

-Não, não é isso e bobagem – diz minha mãe, tirando seu telefone celular da bolsa. – Ligue para Michelle

e veja se ela pode vir até aqui para buscar Eva.

-Seria uma boa ideia, mas ela está trabalhando – eu explico. – Não vai poder vir até aqui. Está bastante ocupada.

-E que tal chamar “Côlin”? –ela pergunta.

-Eu não tenho o telefone dele – minto

-Onde Michele está trabalhando? – pergunta Daisy, interrompendo-nos. Eu começo a lhe contar sobre a Vintage Vogue, quando, pelo canto do olho, vejo minha mãe levar o celular

ao ouvido. Sem achar que isso é importante, continuo conversando com ela até que ouço minha mãe dizer:

-“Colin? E você? –eu lho para ela imediatamente.

-Mãe! – eu grito, tentando arrancar o telefone da mão dela-Dá esse celular!

depois de se esquivar de mim, minha mãe colocar o dedo dentro do outro ouvido dela para que meus gritos não a incomodem e se afasta. Eu começo a sentir um enjoo forte.

Não quero ver Colin. Que diabos!

Enquanto espero em profunda agonia até que ela retorne, rezando para que ela me diga que Colin está ocupado demais para vir até o hotel, a mãe de Edward, Ruth, chega. Como ela estava se recuperando de uma cirurgia plástica no rosto da época em que aconteceu a festa de noivado, nem eu, nem a minha mãe a conhecemos. Depois de me apresentar a Ruth, minha mãe retorna.

-“Côlin” esta a caminho-diz ela, com um sorriso. Droga. Ela começa a conversar com Ruth. Depois de admirar sua pele aveludada e impecável, minha mãe tenta fazer uma piada – Achei que Edward tivesse dito

que era a sua mãe que viria... não sua irmã”

Minha mãe abre um sorriso, Ruth ri com a piada, é, dessa maneira simples, as duas já se tornaram grandes amigas.

-Bem, como precisamos esperar por Colin-diz Saul, chamando a atenção de todos -, por que não fazemos um pequeno tour pelo hotel? Posso mostrar o Starlight Roof a vocês.

-Ora, matzal tov, então! –exclama a minha mãe, orgulhosamente. Embora ela tenha assassinado a palavra hebraica mazel, Daisy, Edward e Ruth

trocam sorrisos entre si, felizes por ela estar se esforçando. Quando todos se enfileiram atrás de Saul para começar o passeio, minha mãe fica um pouco para trás, ao perceber que ninguém pode nos ouvir, ela se vira para mim.

-Delilah, rápido — diz ela, freneticamente abre os três botões da sua blusa, expondo o colo. Ela aponta para o seu colar. —Você acha que ele é grande demais?

Quando olho para o acessório, meus olhos se arregalam AP ver que, possivelmente, é o maior crucifixo de ouro incrustado com diamantes que eu vi na vida.

-Se você começar a cantar rap, até que ele é bem discreto – eu comento, tirando sarro. Ela dá um tapa no meu braço.

-Fale sério comigo!

-Não, mãe... não é grande demais – eu digo, revirando os olhos. – é do tamanho certo.

Durante os próximos vinte minutos, por causa da cortina de seda e mural com gravuras que passo, eu me preocupo com o fato de ver Colin frente a frente. Embora ele não saiba o motivo que me leva a não querer falar com ele, ainda me sinto constrangida por

ele saber o que eu fiz. Além disso, é possível que as coisas que aconteceram envolvendo Kyle e e-mails cabem acontecendo com Colin e o seu telefone. Mas sem a parte do romance, é claro. Quando eu saí de Lily Pond, ele me ligou a casa duas ou três horas enquanto eu estava na estrada, para ter certeza de que eu chegaria a salvo. Ele fez a mesma coisa quando eu voltei dirigindo para Nova York. Nós conversamos muito pelo telefone, especialmente nas duas últimas semanas, e eu tenho medo de que as coisas fiquem complicadas quando nos virmos, eu e Colin nos conhecermos, mas não nos

conhecemos realmente. Eu o considero um amigo, mas ele não é realmente um amigo.

Por sorte, observar minha mãe enquanto ela tenta causar uma boa impressão em Ruth ajuda a distrair a minha cabeça. Sempre que eu sinto meus joelhos fraquejarem, ela diz algo que me faz rir. Por exemplo, quando Saul nos diz que um imenso piso em mosaico no saguão foi feita por 148 mil peças, ela exclama: “Soy vay!” Depois, começa a descrever nosso avó para Ruth, dizendo que ele um homem cheio de “shitspah”. A única palavra que ela consegue pronunciar da maneira correta, quando eu

pergunto, em tom de piada, por que ela não está mais falando em togalog, é “chatonilda”, dita em voz baixa.

O Starlight Roof fica no décimo oitavo andar, em uma parte separada e exclusiva do hotel, composta por suítes e apartamentos chamadas de Torres Waldorf.

Quando entramos no salão de baile, decorado em estilo art déco, todos damos um gemido, pois o lugar é maravilhoso. Cortinas de seda de damasco em tons creme cobrem um dos lados do salão, com vidraças que não vão do piso ao teto, com uma vista incrível para a avenida Park.

Candelabros imensos de cristal austríaco estão pendurados dos dois lados do salão, em um teto folheado o ouro que, antigamente, podia ser aberto para que os presentes pudessem observar as estrelas.

-O teto não se abre mais – diz Saul, enquanto todos olham para cima – Mas duvido que vocês percebam esse detalhe.

Quando ele liga um interruptor, milhares de pequenas luzes piscantes se acendem, iluminando o teto. Elas piscam bem alto, sobre as nossas cabeças, como se fossem realmente estrelas no céu noturno. Quando eu

olho para Daisy e Edward e vejo que eles estão olhando fixamente para este luar artificial, eu sinto uma melancolia tomar conta de mim. Eles parecem estar muito felizes. Tudo é perfeito.

Depois de tomar o elevador para voltar ao saguão, todos vão direção ao salão de casamentos. Ao longe , eu vejo Colin ao lado da porta, usando uma camisa azul-marinho de tecido fino, um jeans desbotado um par de All-Star.

-“Côlin”! – exclama minha mãe ao vê-lo-Obrigada, obrigada, muito obrigada por vir!

E nós chegamos até onde ele está.

-Não foi incômodo algum-diz ele, sorrindo, ele olha pra mim. Eu sinto meu rosto ficar vermelho.

Diabos. Eu havia esquecido o quando ele é bonito. Esperando que ele não tenha percebido, viro o rosto rapidamente.

-Mãe, é “Cólin” - eu digo, encarando-a

-Oh, eu sei. “Côlin” e apenas o apelido carinhoso que eu dei para ele. Quando minha mãe pisca o olho, eu olho o teto e balanço a minha cabeça,

envergonhada. Por que, Deus? Diga, por quê?

Depois de cumprimentar rapidamente as pessoas com um “oi “ geral, Colin olha para Eva, que está com a cabeça para para fora da sua bolsa. – Essa deve ser a imigrante húngara - diz ele, agachando-se. Quando ele vê o traje que ela está usando, um olhar confuso aparece no rosto dele . - O que é isso que ela está vestindo?

-Um vestido de dama-de-honra - eu digo.

- E os sapatos para combinar – acrescenta Daisy.

-E um colar - acrescenta Edward.

-E uma tiara - acrescenta Saul.

Colin olha pra mim, aparvalhado.

-Acho que me empolguei - é tudo o que eu consigo dizer. Saul bate palmas. – Vamos lá, minha gente! Precisamos conhecer os comes e bebes! – Depois que todos voltam a andar pelo salão, ele se vira pra mim: - Delilah, vamos esperá-la em frente aos elevadores.

Quando todos se afastam, Colin e eu ficamos a sós. Com medo de ficar novamente com rosto vermelho, eu

rapidamente lhe entrego a bolsa de Eva sem olhá-lo nos olhos. - Desculpe pela aparência feminina da bolsa - digo, desculpando-me pela bolsa verde e rosa. - Você prefere simplesmente levá-la para casa, e eu a pego mais tarde?

Em vez de responder, Colin move a cabeça para cima e para baixo e para os lados, tentando evitar. É como se fosse um jogo de esquiva. E depois de alguns segundos, eu perco o jogo.

-Assim é melhor - diz ele quando nossos olhares finalmente se encontram. Ele sorri. E eu sinto meu rosto ficar vermelho de novo.

Droga!

-Na verdade, eu tenho algumas coisas para fazer - ele prossegue. Então, que tal se eu voltar aqui para encontrá-la dentro de umas duas horas?

Eu Faço que sim com a cabeça - Pode ser.

Depois de nos despedirmos, volto para junto dos outros, em frente aos elevadores. Assim como o restante do hotel, a cozinha é imensa, o que deixa a minha mãe empolgada muito além de qualquer expectativa. Ver fornos grandes o bastante para assar várias peças de carne ao mesmo tempo e

frigideiras grandes o bastante para refogar quilos e quilos de legumes a deixa tão animada que ela precisa de um drinque para se acalmar. Para a felicidade dela, o vinho é servido sem reserva. Quando as amostras dos pratos e petiscos que serão servidos no casamento nos são apresentadas, todos aproveitam para um pouco enjoada. Acho que ainda estou nervosa.

Durante as duas horas seguintes, todos ajudam Daisy e Edward a não somente decidir o que será servido no jantar, mas também a escolher as peças de porcelana, as de cristal, as toalhas de mesa e os guardanapos que

serão usados na festa. Todos comemos como reis e rainhas, e os garçons não param e trazer bandejas cheias de comidas -

bandejas contendo lagosta, carne assada, frango e foie gras, (patê de fígado de ganso) acompanhados de cogumelos, batatas, cebolas e aspargos; e com bolos amarelos, brancos, de chocolates e floresta negra. Tudo é tão gostoso que temos dificuldades até para decidir o que comer. Quando a degustação termina, tantas coisas já foram acrescentadas á celebração - martinís, ostras, escabeches, café – que eu até perdi a conta.

Antes de sair , enquanto esperamos que Saul finalize a lista de pratos e bebidas com Daisy e Edward, Ruth me pergunta se “Colin” é meu namorado .Ao ouvir essa pergunta, noto minha mãe afundar em sua cadeira colocada ao nosso lado . percebendo que eu estou solteira de novo porque meu namorado de faz-de-conta era viciado em drogas, ela não sabe ao certo o que dizer. Geralmente ela diria a qualquer pessoa eu fizesse aquela pergunta que eu trabalho demais para me preocupar com um namorado, mas , como atualmente estou desempregada, ela não pode fazer isso.

-Não, não ... somos somente amigos - eu digo. - na verdade nem mesmo amigos.

Somos vizinhos.

-Ah entendi - diz Ruth. - E Você tem um namorado?

-Delilah não tem muita sorte no departamento masculino - intromete-se Patsy, decidindo responder em meu nome. Ruth olha para ela.

-É mesmo? E por quê?

-Porque, quando ela não está namorando uns homens

problemáticos, ela não namora ninguém!

Patsy ri quando diz aquilo em tom de piada. Mesmo assim, eu e ela sabemos que ela está falando sério.

-Para a sua informação, Patsy, não preciso de um homem - eu digo, empertigando-me na minha cadeira. Enquanto tento me forçar a acreditar nisso, eu olho em direção à minha mãe . Ela parece ter ficado horrorizada com meus comentários.

Afinal, que tipo de mulher teria a audácia de afirmar que não precisa de um homem?

Uma lésbica, com certeza.

Felizmente, bem nesse momento, Saul, Daisy e Edward voltam para onde estamos, com a papelada. Depois de anunciar que é hora de fazer a prova do vestido na Saks, eu rapidamente me despeço de todos e corro para os elevadores, esperando conseguir sair dali sem ninguém, ao meu lado. Eu aperto o botão e espero por um elevador.

Eu espero.

E espero.

Alguns minutos depois, um dos

elevadores chega. Quando entro o resto do grupo aparece no canto do corredor, e eu os ouço me pedindo para segurar as portas.

Sem realmente quere fazer isso, eu resolvo esperar por eles. Enquanto voltamos para o saguão, é impossível não perceber que minha mãe esta olhando fixamente para mim.

Ela parece estar se segurando para não falar alguma coisa. Bebeu alguns copos de vinho além da conta, e percebo que ela esta louca pra me dizer alguma coisa. Desviando o olhar, eu a ignoro.

Quando volto para o salão de casamento, vejo, aliviada, Colin esperando por mim ao longe, e acelero o passo. Assim que me aproximo, Eva coloca a cabeça para olhar para mim e eu percebo que ela não está usando as roupas que lhe comprei. Noto algo diferente. Franjas.

Tiro Eva de dentro da bolsa e fico horrorizada com o que vejo todo o pelo dela foi tosado, incluindo os bigodes e o tufo no alto da cabeça. Quando o resto do grupo se aproxima, ouço um gemido exasperado coletivo atrás de mim.

- O que você fez com ela ? – eu grito,

olhando para Colin.

-Eu dei um corte de cabelo mais adequado – responde ele, inocentemente. O sorriso dele vai de uma orelha à outra . Ele pensa que fez algo de bom.

-E o que deu em você para fazer isso?

Percebendo a minha indignação, o sorriso de Colin lentamente desaparece. - Ah, bem... o tempo está quente lá fora... e você estava com ela enfiada dentro desta bolsa, vestida como se fosse um...

-...bebê - diz Patsy, logo atrás de

mim.

Virando-me, eu lanço um olhar assassino em direção a ela.

-Desculpe, mas essa é a verdade - ela diz, defendendo-se. - Essa é a razão que leva uma mulher solteira da sua idade a comprar um cachorro. Para satisfazer o seu relógio biológico,que está em contagem regressiva.

-Não foi por isso que eu a comprei.

-Oh, faça-me o favor – diz Patsy, revirando os olhos. – Se as roupas não forem evidência o suficiente, dê uma olhada nessa bolsa. É quase como

comprar um carrinho de bebê.

Quando olho Daisy e Edward, percebo que eles estão rindo. Ruth está rindo, também. A única pessoa que parece estar tão horrorizada quanto eu é a minha mãe, mas ela não está olhando para Eva. Ela está olhando para mim. Ainda está se segurando para não dizer o que está lhe passando pela cabeça. Depois de manda uma mensagem sublimar para Patsy, desejando que Lea queime no fogo do inferno, eu me viro novamente para Colin.

-Desculpe, Delilah – diz ele. – Mas ela parecia estar com tanto calor que

eu não consegui resistir, e levei-a para fazer uma tosa.

-Onde? No Supercuts?

-Não, em um pet shop nesta mesma rua – diz ele, sem perceber que estou sendo irônica. Ele olha para Eva. – O que foi, você não gostou? Ela está lindinha.

-Ela não está “lindinha” – eu digo, balançando a cabeça. – Ela parece uma...

-Lésbica! – minha mãe grita, repentinamente.

Lésbica? Oh, que ótimo. Bem devagar, eu me viro para encará-la. Embora ela ainda vá estar irritada, demonstra estar mais aliviada depois de desabafar.

-Mãe, ela não é lésbica – eu digo, lentamente.

-Bem então eu não entendo, mais nada. Por que ela ainda está solteira?

-Talvez ela queira ficar solteira. Já pensou nessa possibilidade?

-Ninguém quer ficar solteira, não para o resto da vida, não por tanto tempo quanto ela está.

-Bem, talvez ela saiba exatamente qual é o motivo, e talvez essa sua mania de ficar se metendo na vida dela e se preocupando demais só faça as coisas piorarem.

-Eu me preocupo e meto na vida dela porque me importo com ela – diz minha mãe, e eu sinto a voz dela ficando mais suave. –Não gosto de saber que ela leva uma vida solitária.

-Ela não tem uma vida solitária – eu respondo, com um tom mais brando.

-Tem sim.

Eu encaro o olhar da minha mãe por

alguns segundos, e depois viro o rosto de Daisy, Edward, Ruth e Patsy, todos olhando para nós com uma expressão bem confusa.

Eu tiro a bolsa de Eva das mãos de Colin e vou em direção á saída. Ainda consigo ouvir Daisy murmurar: - Tudo isso por causa de um cachorro?

Experimentando

Um minuto mais tarde eu estou andando pela calçada, levando Eva comigo. Ela parece uma chihuahua, era isso o que eu ia dizer. Colin está tentando me acompanhar, desculpando-se pela centésima vez. É importante dizer que eu não estou mais irritada por causa da tosa que ele arranjou para ela. Eva é linda, não importa em que estado sua pelagem esteja. Estou apenas frustrada com tudo. Eu me sinto sem rumo e inútil. O que estou fazendo com minha vida? Além disso, o que é que Colin está fazendo, e por que ele está me seguindo?

Quando eu chego à Saks, uma das

vendedoras da seção de trajes para casamentos me entrega o vestido, me leva até um dos provadores e diz que estará de volta dentro de alguns minutos.

O vestido, um modelo Vera Wang sem alças, é simples e elegante. Quando eu tiro meu outro vestido para experimentar o que vou usar na cerimônia, meu celular toca, indicando uma mensagem. Eu paro o que estou fazendo para escutar.

“Oi, Del, aqui é a sua mãe.”

Ah, que maravilha. Mal posso esperar para ouvir o que ela tem para me

dizer.

“Desculpe por ter gritado com você no hotel” diz ela. “Acho que estou procurando por alguma desculpa porque não entendo a razão pela qual você ainda não encontrou alguém, e eu não gosto de ver você sozinha. Querida, eu me preocupo com você porque... bem acho que você é muito parecida com seu avô quando o assunto é amor. As coisas não são como nos filmes. Não existe esse negócio de “bum”. Você não está sendo realista quando insiste em esperar que um homem perfeito, que não existe, entre em sua vida. Você vive se envolvendo em coisas que são

maiores que a própria vida – ideias, homens – situações mais complicadas do que você consegue lidar, e que a acabam derrubando. Mas tudo o que vem fácil, se vai fácil. Não estou dizendo que você tenha que deixar de viver sua vida, mas você precisa parar de achar que o mundo vai se curvar aos seus desejos, em relação à vida e ao amor. Pare de tornar as coisas tão difíceis para si mesma. Pare de lutar contra tudo na sua vida, Delilah, desde homens imperfeitos até os abraços que eu lhe dou. Se você relaxar e parar de bater de frente com tudo, você vai perceber que até respirar se torna mais fácil”.

Quando a mensagem da minha mãe termina, desligo o telefone e me sento para pensar no que ela acabou de dizer. Talvez eu tenha o hábito de tornar a minha própria vida mais difícil do que ela é. Talvez eu esteja realmente esperando que o homem perfeito apareça; talvez o problema seja meu. Vinte homens – parece que eu não fui muito seletiva quando dormi com cada um deles, mas fui seletiva demais quando eliminei cada um deles por não ser “o homem certo”. Eu sei que não deixei todos os meus relacionamentos para trás, mas sei que acabei me afastando de vários desses homens, De qualquer maneira,

eu nunca tentei fazer com que as coisas dessem certo com nenhum deles.

Droga! Estou mais confusa agora do que antes de viajar.

Depois de me levantar, eu experimento o vestido. Quando olho no espelho, fico aliviada com o que vejo, o vestido é bonito. Daisy acertou em cheio, a cor o corte , o caimento, tudo, ele é perfeito. A parte de trás se parece com um corselete, com zíperes e cordonês. Eu tento, mas não consigo fecha-lo. Eu coloco a cabeça para fora do provador para chamar a vendedora.

-Ela teve que sair por um minuto – diz Colin, quando me vê. Ele está sentado em uma cadeira do lado dos provadores, segurando Eva em seu colo.

-Precisa de alguma coisa, Delilah?

-Preciso de ajuda com os zíperes e o cordonês do meu vestido – eu digo, em voz baixa.

-Deixe comigo – diz ele, oferecendo-se.

Depois de hesitar por um momento, eu olho para Eva. Ele colocou o vestido e a tiara de volta nela, sem

dúvida tentando se desculpar por aquela tosa horrível. Volto a olhar para ele Meu Deus, ele é tão gentil, e sou uma idiota. Eu me sinto muito mal por ter gritado com ele no hotel.

-Tudo bem – eu digo, deixando que ele entre no provador.

Depois de colocar Eva em uma cadeira, Colin vem até onde eu estou, um pequeno pedestal em frente ao espelho. Por trás de mim ele lentamente levanta o zíper e começa a atar o cordonês, um lado de cada vez. Conforme ele faz isso, não consigo evitar me sentir nervosa, afinal, estou exposta. Quando ele termina, dá um

laço no cós do vestido e gentilmente leva suas mãos até os meus ombros nus.

-Por que você está me evitando? – ele pergunta, quando nossos olhares se cruzam no espelho. Eu sinto uma onda de calor no meu rosto.

-Não o estou evitando.

Colin levanta uma sobrancelha. –Está sim.

-É serio, não estou evitando você .

Segurando-me pelos ombros, Colin me vira para que fiquemos cara a cara

. Em pé no pedestal, eu e ele temos quase a mesma altura. – Está sim - ele repete, lentamente.

– Você está me evitando , e eu quero saber o porquê.

Olhando-o bem de perto, fico em silêncio por alguns momentos e estudo o seu rosto. Além dos seus grandes olhos castanhos e o rosto de traços finos, ele tem sobrancelhas grossas, e está com a barba por fazer. Mesmo parecendo um pouco desleixado, ele é perfeito. Com certeza não é vaidoso.

-Vamos lá, me diga.

Eu olho para baixo. Embora eu esteja, lutando para parecer forte, a beleza dele faz meus joelhos fraquejarem. Eu não sei – eu digo, instantaneamente baixando as minhas defesas. – Acho que é porque me sinto constrangida.

-Por quê? Só porque três dos seus ex-namorados são gays?

-Não – eu digo, balançando a cabeça. – É mais do que isso. Colin solta um suspiro. – Delilah, por que você não me fala sobre o que fez nas últimas semanas?

Talvez eu possa ajudá-la.

Olhando para ele novamente, eu não digo nada.

-E se eu lhe contar algo constrangedor a meu respeito? Será que isso ajudaria você se abrir? – ele oferece.

-Depende do que você me contar. Mas tem que ser algo muito constrangedor.

-Tenho várias histórias ótimas na minha vida.

Eu penso nisso por alguns segundos. – Tudo bem –digo lentamente, e resolvo que não vale a pena continuar resistindo. –Se você me contar algo que seja bem constrangedor, eu lhe

conto sobre o que fiz.

-De acordo.

Colin assume uma expressão séria enquanto se prepara para confessar. – Olhe, eu nunca contei a ninguém sobre isso, mas...- ele faz uma pausa, visivelmente nervoso.

– Eu sei tocar acordeão de botões – diz ele, quase atropelado as palavras. – É verdade.

Minha mãe me obrigou a fazer aulas quando eu era pequeno, e ainda me lembro de tudo.

Olhando para baixo, Colin balança a cabeça, fingindo estar totalmente envergonhado com aquela confissão. Eu lhe dou um tapa no braço.

-Não brinque comigo Colin!

Ele olha para mim, rindo. – Desculpe, desculpe. Mas depois de toda aquela conversa no hotel, sobre a sua cachorra ser lésbica, você ficou tão tensa que eu queria ajudá-la a relaxar.

-Já estou bem-eu digo, embora ainda esteja irritada. – Mas deixe de brincadeiras.

-Tudo bem, tudo bem... não vou mais

fazer piadas, prometo.

A expressão dele fica séria mais uma vez. – Para falar a verdade... – ele fala de maneira lenta e compassada- ,eu consegui estragar o meu teste para novela. Fiz coisas imbecis, deu tudo errado, e aquele dia foi horrível. Acho que foi a situação mais constrangedora da minha vida – diz ele. Olhando para o rosto dele, percebo que ele está dizendo a verdade.

-O que aconteceu? – eu pergunto

-Não sei direito – ele diz, dando de ombros. – Não sei o que aconteceu.

Geralmente eu sou muito autoconfiante, mas por algum motivo, quando eu cheguei ao estúdio onde o teste ia acontecer, comecei a me comparar aos outros atores na sala de espera. Nós todos estávamos disputando o mesmo papel. Não sei por quê, mas comecei a pensar: aquele cara é mais alto que eu, e aquele outro é mais bonito, e comecei a ficar preocupado com detalhes idiotas. Não demorou muito para eu começar a subestimar a minha capacidade de atuar em cena, e, quando entrei na sala onde os produtores estavam, a minha autoconfiança estava totalmente

destroçada. Esqueci o texto que havia decorado. Eu falava rápido demais, atropelando as minhas falas. Todos eles estavam fazendo força para não rir. Foi horrível-diz Colin, olhando para o chão. Ele parece estar genuinamente decepcionado e envergonhado. Eu sinto pena dele.

-Tenho certeza de que não foi tão ruim quanto você pensa – eu digo, tentando fazer com ele se sinta melhor. – Acho que você está sendo exigente demais consigo mesmo.

Ele dá uma risadinha. – Estou falando sério. Foi horrível.

-Bem, mas você ainda vai ter outras oportunidades, não é?

-Sim, mas o motivo pelo qual eu fiquei tão irritado é que depois de sair de lá, comecei a repensar a maneira como venho levando a minha vida. Comecei a pensar que talvez meu pai esteja certo, que eu preciso de um plano B. Essa foi a primeira vez em que eu realmente duvidei de mim mesmo.

Eu coloco a mão no ombro dele e falo com sinceridade.

-Colin, quando você me falou sobre o teste eu fiquei feliz, mas quanto mais eu penso nisso... você realmente quer

fazer parte do elenco de uma novela? Eu sei que é uma grande responsabilidade, mas...

-Não – diz Colin rapidamente, interrompendo-me. – Eu não quero fazer novelas.

Eu nunca quis. Quando me ligaram,

Convidando-me para o teste, fiquei animado porque é ótimo ter um emprego fixo e a garantia de um salário todos os meses, mas não é realmente o que eu quero fazer. Você entende o que digo?

Eu faço que sim com a cabeça. –

Segurança é algo que atrair muitas pessoas.

-Não estou dizendo que sou bom demais para integrar o elenco de uma novela – prossegue Colin - , mas há outras coisas que quero fazer, outras coisas que me empolgam e me interessam, e aquele papel simplesmente não se encaixa no que eu quero.

-Então, não deixe que algo que você nunca quis para a sua vida faça com que você sinta que fracassou – eu digo. – Isso aconteceu por algum motivo.

-Eu sei, eu sei...mas é mais fácil falar do que fazer uma coisa dessas – diz Colin, dando de ombros.

-Você tem alguma outra coisa em vista?

Os olhos de Colin se iluminam. –Bem, eu conversei com um diretor a respeito de um papel em um filme independente para o qual ele está tentando encontrar investidores. O roteiro é excelente. É um filme sobre uma quadrilha de gângsteres irlandeses, ambientado nos dias de hoje.

-Gângsteres irlandeses? – eu olho para

Colin, tentando não rir. – Isso existe?

– É claro que existe – diz ele, fazendo pose de valentão. Nós dois rimos.

Depois de nos recompormos, Colin tira a minha mão de seu ombro e a segura na sua. – Pronto – diz ele, olhando nos meus olhos. – Eu já falei o meu passado constrangedor. Agora é a sua vez. Por que você estava caçando seus ex-namorados?

Droga eu não quero contar a ele, mas eu disse que o faria. Assim, depois de respirar fundo, eu conto a ele sobre Roger e Daniel, sobre Daisy e a minha mãe...a história inteira. Enquanto faço

o meu relato, percebo que ele não ri, não esboça um sorriso torto e não revira os olhos uma única vez. Ele simplesmente escuta com atenção e assente de vez em quando.

-Você deve achar que sou louca, não é? —eu pergunto, ao terminar de contar o que fiz durante as últimas semanas.

-Não, eu não acho que você seja louca — diz ele, gentilmente. — Mas acho que você está se preocupando demais com algo que não tem tanta importância assim.

-Talvez não seja algo muito

importante para um homem, mas , para uma mulher, é importante sim.

Colin balança a cabeça negativamente.
– Delilah, se você tivesse 18 anos e estivesse transado com 20 homens, acho que entenderia as razões para perder a cabeça.

Mas, com pessoas da nossa idade , as coisas funcionam mais assim. Além disso, você não pode ficar se comparando a uma média, ou mesmo com qualquer outra pessoa, sem levar em consideração a qualidade dos relacionamentos que você teve com cada um daqueles rapazes.

Eu rio. – Isso é o que você diz, Sally Jesse.

-Ei, você pediu para eu falar sério, e é o que estou fazendo –diz Colin. – Escute, eu garanto que em algum lugar, existe uma mulher que transou com dez homens (a metade do seu número), e que, mesmo assim, nunca esteve com eles por mais do que uma hora, nunca anotou os números dos telefones daqueles homens, e nunca viu nenhum deles outra vez . No papel, o números mágico dela seria mais baixo que o seu, mas na prática, ela é definitivamente mais ... – Colin faz uma pausa, procurando pela palavra certa.

-Vadia? – eu tento completar a frase dele.

-Não, não. Esqueça que eu disse isso – diz Colin, sem considerar minha sugestão. – Deixe os rótulos para lá. O numero de pessoas com quem transamos não é algo to importante assim.

-Ah, é claro – eu digo, em tom irônico. - Quer dizer que se a sua namorada tivesse dormido com 20 outros homens antes de você, isso não teria importância?

-Eu não me importaria, porque nunca perguntaria algo assim a ela.

Independente do número dela ser 20 ou 1, que diferença isso faria no nosso relacionamento? Isso me faria rir mais forte com as piadas que ela me conta? Isso faria que nosso envolvimento fosse mais intenso? Não. Isso não tem nenhuma importância real em um relacionamento. De maneira alguma. Afinal, o fato de uma mulher ser pudica e recatada pode ser emocionante por alguns momentos, pois é sempre bom superar desafios para conseguir o que queremos. Mas no fim das contas, isso não é muito diferente de uma embalagem, ou um detalhe. Quando você está em um relacionamento, o que conta é a

essência de uma pessoa, e não os detalhes da embalagem.

Eu me esforço para aceitar isso. Eu quero concordar com ele.

-Eu quero acreditar que isso é apenas um detalhe, mas não consigo.

-Eu entendo o seu ponto de vista, mas ainda é difícil me afastar dessa ideia e fingir que nada disso importa. Desconsiderando a parte sexual, tenho certeza de que deve haver algo errado comigo. Eu tive 20 relacionamentos íntimos, 20 oportunidades.

E muitas outras que não foram tão

íntimas. O que há de errado com você. Você simplesmente ainda não encontrou o cara certo.

De repente, eu percebo um sorriso se formando no rosto de Colin. – Você tem noção do que está fazendo? – ele pergunta sorrindo. – Você está fazendo a mesma coisa que eu fiz durante o teste para vaga no elenco da novela. Você está se comparando com as suas concorrentes, as outras mulheres que existem no mundo, e duvidando das suas próprias qualidades.

-Sim, eu acho que você está certo. Mas, como você mesmo disse, eu não

consigo evitar.

Nós dois ficamos sentados em silêncio por algum tempo.

-Sabe, para piorar ainda mais as coisas, depois de ter reencontrado todas essas pessoas do meu passado, eu me sinto um fracasso ainda maior que antes de ter começado. Nenhum dos homens com quem eu me envolvi realmente valia a pena. Acho que não sou muito boa para julgar as pessoas.

Colin ri. – Você é corajosa.

-Como assim?

-Eu não teria coragem o bastante para voltar a me encontrar com antigas namoradas.

Eu sorrio. – É mesmo? Por quê?

-Elas... bem – Colin começa a gaguejar - , algumas delas talvez não ficassem muito felizes em me ver .

Eu o olho com mais cuidado. Eu conheço esse tipo de homem. – Você as magoou, não é ? – eu pergunto.

-Não – Diz Colin, defendendo-se. – Mas não consigo me apaixonar facilmente.

-Eu sabia. Você as magoou.

Quando Colin ri, eu repentinamente percebo que me sinto completamente à vontade ao lado dele. Não é a mesma sensação desconfortável que senti quando estava com Kyle. É claro que não estamos fazendo sexo neste provador, mas mesmo assim, é o que eu sinto. — Sabe, eu estava preocupada com a possibilidade de ver você hoje.

Colin me olha, levantando uma sobrancelha. — Preocupada? Por quê?

— Achei que seria esquisito ver você cara a cara depois de termos

conversado tanto no telefone, porque nós nos conhecemos, mas... não nos conhecemos realmente, você entende? Afinal, nós nunca passamos muito tempo juntos ou coisa do tipo.

– Bem, e qual é o veredicto? Foi esquisito ou não?

– Não – eu digo, sorrindo. – E para você?

– Tudo como manda o figurino – diz ele, piscando. – Mas você sabe o que deveríamos fazer? Para ter certeza de que as coisas não fiquem esquisitas entre nós, nós deveríamos ficar olhando um para o outro sem

conversar. Para compensar pelas vezes que conversamos no telefone sem nos olharmos.

Eu rio. – Isso vai levar horas.

– Bem, eu tenho a noite toda. E você?

– Não tenho apenas a noite toda. Tenho amanhã, o dia inteiro e o dia seguinte, e os dias que virão depois. Não tenho emprego, não tenho vida, não tenho nada. Só tenho uma cadela.

– Bem, então é melhor irmos – diz ele. Segurando nos meus ombros novamente, Colin me vira de costas para ele. Nós dois olhamos para o

reflexo do meu vestido escarlate no espelho.

– Me sinto como se fosse Hester Prynne (*N.T. Protagonista de A letra escarlate, romance de Nathaniel Hawthorne*) com este vestido – eu digo, tentando ser engraçada.

– Parece que preciso usar uma letra “A” enorme no peito (*N.T. Condenada pelo crime de adultério em meados do século 17, Hester Prynne é obrigada a usar uma letra “A”*

em tom escarlate presa à sua roupas pelo resto da vida), ou algo do tipo.

Ou talvez um “V” de vadia.

– Ah, que nada. – diz Colin, gentilmente. Ele desliza suas mãos pelos meus braços, e eu me sinto arrepiar. As mãos dele param na minha cintura. – Acho que você deveria usar uma tiara que combinasse com o vestido. Você está parecendo uma princesa.

Lembrando-se de que Eva está usando uma tiara, ele estica os braços, remove-a da cabeça de Eva e a coloca na minha. Aquilo nos faz rir. – Este vestido é lindo, querida. – diz ele, olhando para o espelho. – Realmente lindo.

Vinte vezes damas

Depois de voltarmos para o Waldorf para pegar a Vespa, Colin nos leva de volta para o apartamento. Atendendo ao meu pedido, ele não dirige a mais de 25 quilômetros por hora, porque Eva está prensada entre nós dois em sua bolsa e eu não acho que seja seguro. Quando chegamos em casa, nós dois estamos despenteados e com as roupas desalinhadas. A umidade está alta demais para o mês de maio, e o ar parece estar ficando mais denso.

Eu acho que pode começar a chover mais tarde.

Depois de trocar de roupa e vestir um jeans e uma camiseta, eu vou até o apartamento de Colin. Não estamos com nossos aparelhos de ar condicionado ligados, mas o apartamento dele parece ser um pouco mais fresco que o meu. Durante o restante da tarde, nós dois aproveitamos a companhia um do outro e fazemos coisas bobas.

Desenhamos caricaturas um do outro, assistimos ao episódio de *Law & Order* em que ele apareceu (ele tinha apenas uma fala e executou com

perfeição), e disputamos para ver quem consegue olhar nos olhos do outro mais tempo sem rir para compensar todas aquelas conversas telefônicas (e ele sempre ganha, porque eu sempre caio na risada).

Depois de telefonar para os Jimmys para ver se eles conseguem dar um jeito nas cinco multas que eu ganhei em Los Angeles (eles conseguem, e elas somem do sistema. Oba!) nós dois observamos Eva enquanto ela explorava o apartamento de Colin. É incrível o jeito como ela descobre o perímetro de um quarto lambendo a poeira do chão, igualzinho a um R o o m b a (*N.A. Um daqueles*

aspiradores de pó robóticos que limpa o chão enquanto se fica sentado observando). Estou falando sério jogue fora suas vassouras, doe seu aspirador de pó para outra pessoa e dispense a empregada. Tudo o que uma pessoa precisa para manter uma casa limpa é ter um yorkshire.

Quando a noite cai, o ar fica mais denso e, embora o apartamento de Colin seja abafado, é bom ouvir o zunzum de Nova York, o trânsito, as pessoas, em vez do barulho de um ar-condicionado. Nós telefonamos para um restaurante coreano para pedir o jantar, e depois comermos, deitamos no sofá no escuro – cada um em uma

ponta – dividimos uma garrafa de vinho e contamos histórias. Eu falo a Colin sobre a clínica de reabilitação, os gêmeos, as diferenças entre fantoches e *muppets*, e ele fala mais sobre Dublin, sobre a carreira de ator e sobre a sua família.

- Não, não, não - eu digo, enquanto ele tenta me contar aquelas histórias. - Eu quero saber mais sobre suas ex-namoradas. Eu quero ouvir os detalhes sórdidos.

- Nãããããã - diz Colin, rindo. – De maneira alguma, eu me recuso a falar sobre isso.

– Tudo bem, então. Que tal me falar sobre as suas namoradas atuais?

– Não tenho nenhuma namorada atualmente.

Eu reviro os olhos. – Ah, não tente me enganar. O seu celular está tocando sem parar desde que saímos da Saks.

Quando eu digo isso, a luz do celular dele se acende, indicando uma chamada.

Sorrindo, nós dois tentamos pegar o aparelho ao mesmo tempo, e a minha mão é a que chega lá primeiro. Enquanto examino as ligações que ele

recebeu recentemente, eu leio os nomes em voz alta.

– Britney, Lacy, Mark, Amy, Chrissy, Alisson – eu digo, antes de colocar o telefone de novo sobre a mesa de centro. – Cinco mulheres nas últimas horas!

– Eu não estou namorando nenhuma delas – diz ele, se defendendo.

– E elas sabem disso?

– É claro que sabem! Olhe, não sou nenhum anjo, mas também não sou nenhum canalha. Eu não durmo com várias mulheres ao mesmo tempo e

nunca tratei uma mulher com nada menos do que respeito.

– Quer dizer que você não está namorando? – eu pergunto, duvidando dele.

Colin balança a cabeça. – Não. Tenho uma amiga, mas ela não é minha namorada, e o que havia entre a gente acabou.

– E por que acabou? – eu pergunto curiosa.

– Porque faltava alguma coisa.

– O que é que faltava? O que você

está procurando?

Ele pensa na minha pergunta. – Não é que eu tenha uma lista ou coisa assim. Eu simplesmente ainda não encontrei aquela pessoa especial, alguém que me faça querer segurar um aparelho de som embaixo da sua janela. Ainda não aconteceu.

Um aparelho de som embaixo da janela?

– Como assim Lloyd Dobler fez e m *Digam o que quiserem?* (N.T. Filme de 1989, dirigido por Cameron Crowe e estrelado por John Cusack e Ione Skye)

Colin faz que sim com a cabeça, sorrindo. – Isso mesmo.

– Eu adoro esse filme.

– É um dos melhores que já vi.

E m *Digam o que quiserem*, John Cusack interpreta Lloyd Dobler, um rapaz cheio de manias que se apaixona loucamente por uma garota chamada Diane. Quando Diane decide dar um fim ao namoro, ele fica tão determinado a reconquistá-la que vai até a casa onde ela mora e segura um aparelho de som do lado de fora da janela do quarto dela, tocando a canção “ In your eyes”, de Peter

Gabriel. Ele não está apenas arrasado. Ele tem certeza de que o destino deles é ficarem juntos, e, sendo assim, ele viaja atrás dela.

– Você conhece aquela desculpa “O problema não é você, o problema sou eu”? – pergunta Colin.

Eu faço que sim com a cabeça. Já usei essa desculpa, e já usaram essa desculpa comigo.

- Eu repito isso várias vezes quando termino um namoro, mas não é exatamente isso o que eu sinto. A razão pela qual os relacionamentos terminaram não está mim, mas

também não tem a ver com a mulher com quem eu estou. Não sou eu, não é ela, mas nunca conseguimos nos chamar de nós. É difícil saber o que faz duas pessoas se sentirem como uma só. É difícil saber o que faz duas pessoas se sentirem como uma só.

Provavelmente porque deve ser impossível descrever isso com palavras. É algo que precisa ser sentido. Eu sei que é apenas um filme, mas eu quero sentir o que Lloyd estava sentindo. Ele não queria Diane, simplesmente. Ele precisava dela. E assim, ele fez tudo o que podia para recuperá-la.

– Meu avô diz que esse é o “bum” – eu digo a ele, em voz baixa. – Ele diz que é diferente dos sentimentos de amor ou desejo. É algo mais profundo. É uma sensação que lhe atinge com toda a força quando você tem uma ligação verdadeira com outra pessoa.

– Exatamente – diz Colin.

Lembrando-me da mensagem que minha mãe deixou, eu não consigo evitar pensar se é loucura achar que isso seja verdade.

– Colin, já pensou que pode estar sendo idealista demais? Você já parou para pensar que pode estar esperando

encontrar algo que, na verdade, não existe? Não estou sendo pessimista, e, embora eu queira acreditar que um “bum” ou um “nós”, eu não tenho certeza que ainda acredito.

Talvez minha mãe esteja certa. Talvez eu esteja esperando por algo que não pode realmente acontecer.

— É claro que existe — diz Colin, ardentemente. — Mas, como eu lhe disse, algumas pessoas demoram um pouco mais para encontrar esse alguém especial.

Sentados no escuro e trocando olhares. Colin fuma um cigarro. Ele

diz que normalmente não faz isso. Geralmente eu acho que o ato de fumar é repugnante, mas há algo *sexy* na maneira como Colin faz isso esta noite. Talvez seja por causa da luz alaranjada que a brasa do cigarro lança sobre o seu rosto quando ele dá uma tragada ou porque a fumaça paira no ar, iluminada pela luz da rua que entra pela janela. Não sei. É um momento *sexy* e típico de Nova York, algo que você pode ver em uma revista ou em um filme, ou, se tiver sorte, em uma pessoa. É o calor, a fumaça, o barulho, o vinho, a cadela, as embalagens de comida coreana sobre a mesa, o bambolê encostado na

parede e a atmosfera que fazem com que a esta cidade seja tão incrível. Eu gosto de Colin. Não sei por que senti receio de vê-lo. Mesmo sendo tão bonito, ele é surpreendentemente humilde. Ele faz com que eu me sinta á vontade.

– Fale mais sobre o seu acordeão – eu pergunto quando ele termina de fumar o cigarro.

– Tudo bem, eu vou falar. Mas você vai ter que sentar aqui ao meu lado. Não quero falar sobre isso em voz alta. Não quero correr o risco de que alguém ouça.

Rindo, eu vou até a outra ponta do sofá, onde ele está deitado. Quando ele se afasta um pouco, eu me deito o lado dele e coloco a minha cabeça em seu ombro.

Quando estamos bem confortáveis, ele começa.

– Bem, é mais ou menos deste tamanho – ele sussurra, com um espaço de cerca de 30 centímetros entre as mãos – mas pode chegar a ficar deste tamanho – acrescenta ele, afastando as mãos mais uns trinta centímetros.

– E tem botões dos dois lados – diz

ele, agitando as mãos para cima e para baixo.

– Não tem teclas de piano em um dos lados? – eu pergunto. Achei que todos tivessem.

– Não, você está falando de acordeão com teclas – ele explica. – O meu é um acordeão de botões. Nada de teclado de piano. Apenas botões.

Eu sorrio ... entendi. – E qual é a cor dele?

– Vermelho.

– E qual é o som dele?

– Parecido com bum ba ba, bum ba ba – diz Colin fazendo sua melhor imitação de acordeão. – Quer ouvir uma música?

Eu fico entusiasmada e digo que quero. Depois de limpar a garganta, Colin começa a tocar o seu acordeão de mentira e a cantar “Obrigado pelo tempo que você passou comigo. Todas as lembranças continuam em minha mente.”

Eu sorrio, pois conheço a música: “Three times a lady”. (*N.T. Música gravada pela banda The Commodores, 1974, Lionel Richie, o cantor preferido de Delilah Darling,*

foi membro da banda entre 1968 e 1982).

– E agora que chegamos ao fim do nosso arco-íris, tem algo que eu preciso dizer... Você é uma...

–Uma! – eu repito.

– Duas...

– Duas!

– Vinte vezes mulher!

Vinte vezes? Eu dou um tapa no braço dele, fingindo estar ofendida. “ E eu amo você... Eu amo, amo você!”

Quando Colin termina sua versão de “Three times a lady”, eu não consigo evitar perguntar a ele sobre o significado de comigo...” (*N.T. Colin canta um trecho “Easy”, outra canção gravada pela banda The Commodores*)

Rindo, eu dou outro tabefe no braço de Colin. – Você é bobo mesmo, hein?

Eu não lembro do momento que caí no sono, mas, na manhã seguinte, eu acordo e percebo que ainda estou deitada no sofá de Colin. Sentado, eu olho para a cozinha e vejo que ele está em frente ao fogão, segurando uma

espátula. Está usando uma camiseta e uma cueca *boxer* de novo, como no dia em que eu voltei para casa depois de passar a noite com Roger. Eva está andando ao redor dos pés dele, lambendo os respingos do chão. Percebendo que estou levantando, Colin se vira. O cabelo dele está desganhado de novo, e ele ainda está com cara de sono.

– Bom dia, com alegria! – diz ele, tirando um sarro com a minha cara. Ele me chama para a mesa da cozinha. – O café da manhã está servido.

Depois de me levantar, eu vou até a

mesa e sorrio quando vejo o que ele preparou. Em cima de uma peça do seu jogo americano há um prato, talheres, um copo de suco de laranja e uma garrafa de cerveja vazia, com algum tipo de folhagem enfiada no gargalo. – Peguei isso da árvore em frente à janela – explica Colin quando eu toco a planta. Eu sorrio. Não consigo acreditar que ele preparou o café da manhã para mim.

Estou impressionada.

Entretanto, quanto eu sinto o cheiro do que ele estava preparando, eu fico um pouco nervosa.

– O que você está fazendo? – eu pergunto, desconfiada. O que quer que seja, é um cheiro que nunca senti antes, e isso me deixa aflita.

– Ah, você vai gostar – diz Colin, e o seu sorriso se abre ainda mais. A expressão no rosto dele parece com a de um menino que acabou de construir um foguete com uma garrafa e está louco para testá-lo. – É uma fritada bem especial, mas não posso lhe contar quais são os ingredientes. Para falar a verdade, você vai ter que comer de olhos fechados.

– Fechar os olhos? Por quê?

– Porque é mais divertido tentar adivinhar quais são os ingredientes do que vê-los no prato.

– Por acaso esse é um daqueles pratos onde você mistura as sobras do jantar da noite anterior, como você me falou uma vez?

Colin faz que sim com a cabeça.

– Tudo bem – eu suspiro. Afinal, que mal pode haver nisso?

Sentando-me à mesa, eu fecho os olhos. – Vamos lá.

Durante mais ou menos meia hora, eu

me esforço para adivinhar quais são os ingredientes mágicos da fritada de Colin. Além dos ovos, eu sinto gosto de pizza pepperoni, queijo, anéis de lula, um *cheeseburger* (com pão e tudo), uma cebola, frango ao molho madeira, e também... um rolinho primavera. Enquanto estou comendo, Colin tira o garfo da minha mão várias vezes, para ter certeza de que eu como um pouco de cada coisa. Ele diz que isso é necessário para que eu possa apreciar plenamente a maravilha culinária que ele criou.

Quando eu termino de comer, abro os olhos, olho para o prato e quase caio da cadeira. A mistura multicolorida

tem um aspecto horroroso.

– O amor e a culinária devem ser apreciados como se não houvesse amanhã – diz Colin, tentando explicar.

– Eu nunca ouvi algo assim, mas, cá entre nós, acho que conseguimos fazer isso.

Colin ri.

Olhando para a mesa, eu não consigo evitar me sentir emocionada. O café da manhã foi uma experiência parecida com a degustação da comida do casamento no Waldorf – com a diferença de que foi feito

exclusivamente para mim. Quando olho para Colin, vejo os seus lábios rosados e perfeitos, e sinto uma vontade enorme de beijá-lo.

Vontade de me inclinar e colar os meus lábios nos dele.

Mas não posso fazer isso.

Não posso beijar o primeiro cara que me trata bem. Não posso beijar Colin.

Preciso aprender alguma coisa com tudo isso. Além disso, ele conhece o meu passado, e todas as revistas femininas dizem que isso é um passaporte para o desastre. Eu preciso

aprender uma lição. Minha mãe tinha razão: eu tenho uma ideia muito irreal sobre o que é amor. Eu me deixo levar pelo momento. Situações novas são empolgantes. Colin é novo. E eu conheço homens como ele. Ele é o tipo que magoa as garotas, sim, não importa o que ele diga. Se eu me deixar encantar por tudo isso, estarei cometendo um grande erro. Não estou dizendo que, se eu o beijasse, nós acabaríamos na cama, mas, se por algum motivo isso acontecesse, mesmo que não hoje, ele seria apenas mais um número, apenas outro nome na minha lista. O que vem fácil, vai fácil. Eu preciso parar com isso.

Preciso me afastar.

Quando eu volto a olhar par Colin, percebo que ele não está sorrindo. Quando eu olho novamente para os seus lábios rosados perfeitos, ele está um pouco mais perto de mim. Perdendo toda a noção da realidade, eu chego um pouco mais perto dele. E então...

Nós dois nos afastamos um pouco quando ouvimos alguém bater na porta do outro lado do corredor do prédio.

– O que foi isso? – eu pergunto a Colin.

– Ah... parece que tem alguém batendo na porta da sua casa.

Levantando, eu vou até a porta da frente do apartamento de Colin e abro.

Colocando a cabeça par fora e olhando pelo corredor, eu vejo as costas de um homem que está em frente à minha porta, vestido de maneira casual, com uma calça de veludo bege, uma camiseta azul de mandas longas e calçando um par de chinelos. Não faço ideia de quem seja.

– Oi posso ajudá-lo? – eu pergunto. Assim que falo essas palavras, eu

percebo que a camiseta dele está um pouco puída nos cotovelos.

Espere... os cotovelos da camiseta estão puídos? Será que...?

Quando o rapaz se vira, eu fico chocada quando percebo que ele é.

— Oi — diz Nate, com uma voz carinhosa. Nate, aquele que estava na cadeia.

Nate, o meu número um. Ele ainda tem uma cabeleira volumosa, e as maçãs do rosto dele ainda são rosadas — ele é bonito. Com flores na mãos, ele sorri e aponta para minha porta.

– Desculpe, pensei que seu apartamento fosse esse aqui.

– Bem... esse aí é o meu apartamento
– eu digo novamente, fechando a porta de Colin por trás de mim. – O que você está fazendo aqui?

Vê-lo novamente me deixa chocada. Eu não consigo acreditar nos meus olhos.

– Bem, eu recebi a mensagem que você deixou no meu correio de voz, e... – ele tem até onde eu estou e me entrega as flores – ... estava imaginando se você gostaria de sair para jantar esta noite.

– Jantar? – eu estou respirando com dificuldade pelo nervosismo. – Claro, vai ser ótimo!

Ouçõ a porta de Colin abrir e me viro. Ele está em pé no corredor, segurando Eva. Dá uma olhada em Nate, mas não sorri; ele parece desconfiado. Eu os apresento.

Quando Colin ouve o nome de Nate, ele levanta sobrancelha, sem dúvida percebendo quem ele é: o presidiário. Depois disso, nós todos trocamos olhares desconfortáveis em silêncio por alguns momentos.

– Então... que tal se eu voltar por volta

das 20 horas, Delilah? – diz Nate, quebrando o silêncio.

– Às 20 horas está ótimo.

– Perfeito – responde Nate. – Até mais, então.

Depois de se inclinar e me beijar no rosto, ele se vira e desce pelas escadas.

Assim que Colin e eu ouvimos a porta da frente do prédio fechando, ele se vira para mim.

– Não era ele que estava na cadeia? – diz ele, pateticamente. – Você vai sair

para jantar com o presidiário?

– Hmmmmm... estou imaginando coisas ou os Jimmys (que são policiais) disseram algo sobre você lhes dar trabalho demais?

Aquilo que eles disseram não tem nada a ver com essa situação, como o que acabou de acontecer – diz ele, usando o dedo indicador para enfatizar a frase. Ele espera que eu responda, mas eu não digo nada. – Delilah, você não ouviu nada do que eu lhe disse ontem?

– É claro que ouvi, mas você não está entendendo. O que está acontecendo

agora é diferente. Nate foi o meu primeiro amor. Não vou sair para jantar com ele apenas porque ele é um dos 20 e, se as coisas derem certo, o meu número não vai aumentar.

Vou jantar com ele porque Nate foi meu primeiro amor, e, bem... ele voltou para me ver! Isso tem que significar alguma coisa.

De repente, lembrar da sensação que eu sentia quando eu e Nate estávamos namorando me causa arrepios. Eu me sinto como se fosse uma adolescente de novo!

– Isso não existe.

– Claro que existe – ele insiste. –
minha mãe e minha irmã têm essa
intuição.

– Elas têm intuição feminina.

– É tudo a mesma coisa – diz Colin,
fazendo pouco caso da minha
resposta.

– Bem, me desculpe, mas eu tenho
um bom pressentimento em relação a
essa cara. E, por falar nisso, o que
aconteceu com o seu conselho sobre o
amor e a culinária serem apreciados
como se não houvesse amanhã? Hein?

Percebendo que eu tenho razão, Colin

resmungo irritado. – Vá jantar com ele, então! – diz ele, voltando para o seu apartamento. – Mas eu vou ficar de olho nele, ficar com meus dois olhos irlandeses nele. E, se ele sair da linha, mesmo que seja uma única vez... – ele faz uma pausa – ... digamos que vá dar bastante trabalho para os Jimmys.

– Obrigada – eu digo, com uma risadinha.

DEZESSEIS

BIP

"Oi, aqui é Michel e... desculpe-me por ter sumido de cena e por estarmos sempre nos desencontrando. Estou louca para ouvir como estão as coisas.

Click

Oh, diabos, é a minha outra linha... estou no trabalho. Eu ligo de novo mais tarde."

BIP

"Pronto, sou eu de novo. Não consigo acreditar que as coisas finalmente estejam dando certo para você. É uma maravilha. Quem pensaria..."

Barulho alto de coisas batendo

"Oops, desculpe... deixei o telefone cair. O que é que eu estava dizendo mesmo? Ah, sim..."

quem pensaria que essa ideia maluca que você teve..."

Click

“Diabos... outra ligação. Daqui a pouco eu volto a ligar.”

BIP

"Desculpe, este lugar parece um zoológico às vezes. É muito desorganizado. Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Estou muito feliz porque as coisas estão dando certo entre você e Nate. Vou tentar ir até a sua casa esta noite. Quero ouvir todos os detalhes. Tchau!"



Sossegando

Sexta-feira, 10 de Junho

Três semanas depois, eu estou em um relacionamento confortável com o primeiro amor da minha vida. Na noite do nosso jantar, Nate me levou ao Nobu, e nós dois conversamos por horas enquanto comíamos *sushi*. Nós nos demos muito bem. Foi como se não tivesse passado tanto tempo desde que nos vimos pela última vez. Nate me disse que está morando no

Colorado desde que terminou a faculdade. Ele comprou um apartamento em Manhattan há três anos, e, até bem pouco tempo, estava dividindo seu tempo entre as casas que tem em Telluride e aqui em Nova York. Entretanto, depois de passar dez dias na cadeia municipal de Boulder (eles o soltaram por bom comportamento), ele decidiu que estava farto do Colorado e resolveu se mudar para Nova York permanentemente.

Eu sabia que a família de Nate era rica, mas eu nunca soube o tamanho verdadeiro da riqueza deles. Seus avós lhe deixaram um fundo de pensão, e,

assim, ele nunca precisa se preocupar com o dinheiro — e pode viver da maneira que bem entender. Mesmo assim, ser podre de rico não quer dizer que seja um inútil na vida. Ele está envolvido em várias organizações focadas na preservação do meio ambiente e foi preso durante um protesto pacífico que acabou mal. Ele sempre defendeu causas ecológicas, por isso não fiquei surpresa por ter continuado nesse caminho. De qualquer maneira, depois do que ocorreu em Boulder, Nate me disse que decidiu parar com tudo aquilo por algum tempo, e que estava pensando em fazer algumas viagens.

Conversar sobre o passado fez com que nós falássemos sobre a última vez em que nos vimos. Depois que ele se desculpou pelo que aconteceu no show do Santana (ou seja, ter ficado com aquela garota), eu pedi desculpas pelo que aconteceu no mesmo show (ou seja, ter ficado com o padre), e nós dois lembramos a época boa que vivemos antes daquele episódio. Falamos sobre o nosso namoro intermitente durante o ensino médio e sobre a atração que sentíamos um pelo outro naquele verão que precedeu a ida á faculdade, e conversamos sobre a nossa primeira vez.

Como Nate mora a poucos metros de distância do Nobu, ele me convidou para ir até o seu apartamento, e eu aceitei, é claro. De todos os lugares possíveis para se morar em Nova York, dá para acreditar que ele mora em um *loft* em Tribeca? Reside na casa dos meus sonhos, com certeza. O lugar é maravilhoso, enorme, com quase 400 metros quadrados de área e decorado com muito bom gosto. Nate tem estilo.

Tomar um drinque no sofá levou a alguns beijos, que levou a...— bem, eu só saí de lá no dia seguinte. Sim, eu dormi com ele logo no primeiro encontro, mas, tecnicamente, não foi

o nosso primeiro encontro, eu acho. Afinal, se você já transou com alguém, é realmente necessário se fazer de difícil quando vocês voltam a se encontrar, anos mais tarde? Você tem que esperar até o terceiro encontro, ou seja lá quanto tempo as mulheres estão esperando hoje em dia, para dormir com ele novamente? Eu decidi que a resposta para essa pergunta seria “não”.

De qualquer modo, pareceu ser a minha primeira vez de novo. A noite inteira eu tive *flashbacks* sobre como as coisas costumavam ser. Sentia-me como se tivesse 17 anos de novo. Na manhã seguinte, quando eu abri os

olhos e vi que Nate estava dormindo ao meu lado, a sensação que eu senti foi muito esquisita. Eu não conseguia acreditar que estávamos juntos novamente, Eu ainda não consigo acreditar. Afinal, um reencontro com o primeiro amor depois de anos de separação... parece até que a minha vida se transformou em todos aqueles filmes a que eu gosto de assistir.

Desde aquela noite, nosso relacionamento progrediu rapidamente, Saímos quase todas as noites e já estabelecemos uma rotina. Frequentemente nós vamos jantar com algum dos casais com quem ele tem amizade, e depois vamos para algum

outro lugar para tomar uns drinques, e depois eu passo a noite no apartamento de Nate. Parece que a única coisa que falta é eu me mudar definitivamente para lá. Eva vem comigo quando eu passo a noite com Nate, e ela adora o lugar. Corre pelo apartamento como se ele fosse uma pista de corrida, deslizando pelo piso de madeira encerada. Na verdade, ela gosta mais do apartamento de Nate do que de Nate, propriamente dito. Por algum motivo, ela parece ter medo dele. Brincando, eu decido que esse tipo de comportamento é influência de Colin, dizendo a ele que o pessimismo que ele demonstrou na manhã em que

conheceu Nate acabou contaminando Eva. Afinal de contas, ele estava segurando-a em seus braços, enquanto media Nate de cima a baixo.

Por falar em Colin, ele não melhorou muito a sua atitude em relação a Nate desde que eles se conheceram, o que pode acabar dificultando um pouco as coisas.

Como Michelle tem trabalhado demais, ele se tornou um pouco o meu melhor amigo.

Basicamente, se eu não estou com Nate, eu estou com Colin. Ele não para de me dizer que a sua “intuição

irlandesa” estava certa, que Nate provou que não é nada além de um “filhinho de papai mal-acostumado” que usa o seu dinheiro para conseguir o que quer.

“Fiquei surpreso por ele não ter aberto a carteira para sair da cadeia”, disse Colin na semana passada. (Na verdade, Nate tentou comprar sua liberdade, mas não teve muito sucesso. Mas eu preferi não contar isso a Colin.) O ponto de partida para aquela conversa foi o fato de que Michelle conseguiu fazer com que eu fosse chamada para uma entrevista na Vintage Vogue para uma vaga de designer, algo que eu sempre quis

fazer, e Nate me pediu para adiá-la até agosto, porque ele está planejando uma viagem de férias em julho e quer que eu vá com ele.

Quando eu disse a ele que não posso me dar ao luxo de passar outros dois meses desempregada, pois preciso pagar o aluguel, ele pagou a despesa para mim. Eu não achei que isso fosse um problema. Afinal, ele não teve que suar a camisa para ganhar esse dinheiro, e tem muito mais no lugar de onde aquela grana veio.

Isso deixou Colin irritado. Ele diz que Nate está me impedindo de conseguir realizar meus sonhos. “O homem com

quem você está tem o dever de estimulá-la, e de ajudá-la a ser a melhor pessoa que puder ser, em vez de lhe dizer que deixe passar as boas oportunidades que surgem, para que a sua vida possa se encaixar na agenda dele.”

Foi isso que ele me disse. Eu percebo que Colin tem certa razão, e talvez eu ainda compareça à entrevista, mas ainda não tenho certeza. Eu resolvi que o fato de não ter agendado um dia para essa entrevista é porque estou muito ocupada com os preparativos do casamento de Daisy, que vai acontecer na semana que vem. Eu posso ligar para Michelle na próxima

segunda-feira para marcar o horário. Ela disse que as coisas estão esquentando na Vintage Vogue. O julgamento de Elisabeth começou nesta semana, e há rumores de que ela vá ser inocentada. Se isso realmente acontecer, as duas empresas vão entrar em uma competição direta, e Michelle disse que a Vintage Vogue fará de tudo para impedir que os ex-funcionários da ESD voltem a ocupar seus antigos cargos.

De qualquer modo, voltemos a Colin e Nate. Nate também não ficou muito mais amistoso em relação a Colin. Acho que ele sabe que Colin não

gosta dele, porque continua fazendo piadinhas sobre o que realmente é ser irlandês, e esses comentários acabam sendo um pouco grosseiros. Na semana passada, por exemplo, ele perguntou a Colin se ele era capaz de socar alguém sem deixar a sua cerveja respingar no chão. Ele também vive fazendo piadinhas sobre corações cor-de-rosa, luas amarelas, estrelas alaranjadas, trevos de quatro folhas verdes e diamantes azuis(N.T. Referência ao cereal matinal Lucky Charms, cujos flocos têm os formatos e cores mencionadas no texto. A embalagem traz um leprechaun -um duende irlandês estereotipado-vestido

em roupas verdes sobre um fundo vermelho) Eu digo a ele que é melhor parar com isso, porque eu vejo o sangue de Colin ferver toda vez que Nate faz um comentário desses. Por sua vez, Nate me disse que está só brincando, e que Colin precisa deixar de ser tão estressado.

- Eu não faria tantas piadas se ele conseguisse superar o ciúme e se começasse a me tratar melhor - disse Nate. - Mas ele não consegue.

- Que ciúme? - eu perguntei. Eu não acho que o fato de Colin não gostar de Nate tenha algo a ver com estarmos namorando. Eu acho que, mesmo que

os dois se encontrassem por acaso em algum bar, eles acabariam se detestando.

- Esse cara não decide se quer ser um *bartender* ou ator, mora em um apartamento minúsculo e pilota uma vespa velha - falou Nate. - Eu tenho o meu próprio *loft* e dirijo um porsche.

(Nate realmente tem um porsche.)

Embora exista uma pequena possibilidade de que Nate tenha razão, eu não acho que seja o caso. Colin não faz o tipo ciumento; ele confia demais em si mesmo e sabe o que quer da vida para ter inveja de Nate

ou de qualquer coisa que ele tenha. Com exceção daquela vez em que ele me falou sobre o teste para integrar o elenco da telenovela, eu nunca o vi duvidar da sua própria capacidade.

De qualquer forma, a noite de hoje promete ser bem interessante. Nate e eu vamos jantar com alguns dos amigos dele no Spice Market, um restaurante asiático chique no distrito Meatpacking. Depois disso, eu fiz planos para irmos ao bar especializado em vodca onde Colin trabalha, e aí veremos como eles se comportam. Para ser honesta, estou um pouco preocupada. Lidar com Colin e Nate é uma coisa. Lidar com Nate e um casal

de amigos ricos provocando Colin é algo bem diferente.

Cerca de uma hora antes do jantar, quando estou no apartamento *de Nate me preparando para sair, Daisy me liga* para dizer que a comida no Spice Market é excelente. Enquanto eu tento me lembrar das recomendações dela sobre o que pedir e o que não pedir, ela começa a me falar sobre outra coisa, mas, por alguns momentos, ela hesita. Eu digo a ela para falar tudo.

- Você se lembra da minha amiga do tempo do colégio, Ally Hathaway?
- pergunta ela.

Se me lembro? Como eu poderia esquecer? Ela e Daisy eram inseparáveis. - Lembro sim.

- Bem, ela virá para o casamento. Nós estávamos conversando ao telefone, e, quando eu contei a ela sobre você e Nate estarem namorando de novo, ela ficou quieta por alguns momentos. Logo depois, ela admitiu para mim que ficou com Nate na época em que vocês namoravam, antes de você se mudar para Ohio para estudar.

Eu me sento, e Daisy prossegue. - Ela disse que sempre se sentiu péssima por ter feito aquilo, e que sempre quis desabafar sobre o episódio comigo,

mas nunca teve coragem.

- Daisy, eu passei praticamente todos os dias daquele verão com Nate - eu digo, sem acreditar. - Eu tenho certeza de que perceberia se ele estivesse saindo com outra.

- Foi o que eu disse a ela, mas ela insistiu que era verdade. Delilah, eu acredito em Ally. Ela estará no casamento, e você pode perguntar diretamente para ela.

De repente, Daisy para de falar. - Oh, eu... espere um pouco!

Depois de ouvir um baque surdo do

outro lado do telefone, eu ouço o som de...

uma pessoa vomitando? Mais ou menos trinta segundos depois, ela volta. A voz dela parece estar estrangulada. - Desculpe.

- *Daisy, está tu do bem com você?*

- Sim. Deve ser o estresse. Não se preocupe.

- *Estresse?*

Há alguma coisa errada. - Você nunca ficou enjoada ou doente por causa *do estresse*.

- *Eu* também nunca tive que *planejar* um casamento antes. *Olhe, obrigada por* se preocupar, mas eu vou ficar bem.

- Se você diz... - eu *respondo, sem* me convencer.

- Mas, de volta ao assunto. Delilah, não estou dizendo que você deve *terminar com Nate*; afinal, tudo isso aconteceu há mais *de dez anos*. *Mas tenha cuidado, por* favor.

- Tudo bem... eu vou pensar no que você me disse. Obrigada por me contar.

Naquele momento, eu ouço o “bip” do serviço de chamada em espera e *olho o* identificador de chamadas para ver quem é.

- *Ah, Colin* está me *ligando* - eu digo a Daisy. - Preciso atender. Faz alguns *dias que* não converso com ele, e preciso ter certeza *de* que *ele* *estará* trabalhando esta noite.

- *Colin,* aquele *gostosão?* - pergunta Daisy, *alegremente.* - *O irlandês sexy?*

- Sim.

- Ah, eu *sei que sou* noiva, mas aquele

moço me fez tremer nas bases.

Eu rio. - Tchau, Daisy.

Depois de desligar, eu atendo a ligação. Embora a minha mente não consiga pensar em outra coisa que não seja Ally Hathaway, eu tento afastar esses pensamentos.

- Onde diabos você se meteu? - eu pergunto a Colin, em um tom que fica entre a seriedade e a brincadeira. Faz dois dias que ele não retorna as minhas ligações. Depois de se desculpar, ele me dá as boas notícias: ele foi chamado para mais um teste para integrar o elenco de uma novela,

desta vez, para um papel em *Ali my children* (N.T.

Telenovela americana exibida pela primeira vez em 1970).

- Acabei de voltar de Los Angeles. Tudo aconteceu tão rápido, eu recebi uma ligação urgente me chamando para fazer o teste e tive que sair às pressas. Desculpe. Eu tentei ligar para você, mas o sinal de celular no lugar onde eu estava hospedado era horrível, e eu mal consegui fazer os telefonemas que precisava. Bem, de qualquer forma, o teste foi ótimo. Bem melhor do que o último - diz Colin, parecendo estar bem animado.

- Achei que você não quisesse trabalhar em uma telenovela - eu digo, lembrando-me do que ele me contou.

- Eu não queria, e, para ser honesto, não é o que eu realmente quero para a minha carreira. Mas o papel não é tão ruim. O nome do personagem é Holden Jessup, e ele é um primo distante dos Cortlands. Depois de passar alguns anos preso em uma cadeia boliviana, ele consegue escapar e volta para Pine Valley (*N.T. Os membros da família Cortland estão entre os protagonistas da obra, que se passa na cidade fictícia de Pine Valley, em Filadélfia*). Enquanto tenta levar uma vida normal, ele luta para

superar *flashbacks* horríveis que o atormentam, fazendo-o se lembrar da época em que estava preso. Tem uma profundidade psicológica bem interessante.

Embora Colin esteja tentando me convencer de que isso seja verdade, eu percebo que ele mesmo não acredita nisso.

- Colin, isso não parece ter nenhuma profundidade psicológica. Na verdade, parece algo bem típico. Você é melhor do que um ex-presidiário boliviano. O que aconteceu com o filme independente? Com o papel de gangster irlandês?

- O diretor ainda não conseguiu todo o dinheiro de que precisa, e eu necessito explorar as minhas opções.

- Bem, se você quer a minha opinião, acho que você está se vendendo.

- Eu podia dizer o mesmo a seu respeito - diz ele, resmungando.

- O que você quer dizer com isso? - eu pergunto.

- Nada. Esqueça - diz ele, rapidamente. - A questão é a seguinte, Delilah: todos os atores querem fazer filmes como *Clube da luta*, mas nós precisamos pagar as contas.

- Eu entendo - digo, num tom mais gentil. - Por falar nisto você vai estar no bar hoje à noite, não é? Ainda queremos ir até lá por volta das 23 horas.

- Sim, e vou ficar feliz em vê-la, finalmente. Já faz dois dias.

Eu rio com aquela frase.

- Vou ficar feliz em vê-lo, também.

Depois de desligar o telefone, termino de me aprontar e vou para a sala de estar. Nate está sentado no sofá, bebendo um Martini e conversando ao telefone. Eu me esgueiro furtivamente

por trás dele.

- Buuu! - sussurro no ouvido dele. Ele dá um salto, assustado, e depois sorri para mim.

- Olhe, eu ligo depois - diz ele para a pessoa com quem está falando, e depois desliga. - Você me assustou.

- Eu sei - eu digo, sorrindo. - Quem era?

- Quem era quem?

- A pessoa com quem você estava falando.

- Ah, era... Charlie - diz Nate. - Eu liguei para confirmar se ele e Cristin jantarão conosco esta noite. Ela não estava se sentindo muito bem e ele não tinha certeza de que conseguiriam nos acompanhar.

Nate se inclina e me beija. - Acho que vamos nos atrasar um pouco - diz ele, olhando para o relógio. - Você está pronta?

- Estou sim - eu digo a Nate.

Enquanto eu e Nate descemos pelo elevador, eu olho para ele e percebo que ele está olhando para algum ponto indefinido, e volto a pensar no que

Daisy me disse.

Mesmo se ela estiver certa, não faz sentido tocar no assunto agora. Afinal, nós tínhamos 17 anos naquela época. Se eu mencionar alguma coisa a respeito de Ally, isso provavelmente vai dar início a uma discussão, ou criar uma sensação desconfortável entre nós. Minha mãe está certa. Eu preciso parar de complicar tanto as coisas. Eu preciso parar de bater de frente comigo mesma.

Quando chegamos ao Spice Market, eu e Nate encontramos dois outros casais, Charlie e Cristin, juntamente com Teddy e Patty, no bar que fica no

primeiro piso. A meia-luz, a música animada e as mesas e cadeiras feitas em madeira entalhada que decoram o lugar fazem com que eu me sinta como se estivesse em algum lugar exótico do Sudeste Asiático. Depois do primeiro drinque, eu já esqueci que estou em Manhattan, e também já me esqueci completamente de Ally Hathaway.

Quando subimos para o restaurante no mezanino, nós nos sentamos em uma mesa em uma alcova, e, durante as próximas duas horas, nos refestelamos com deliciosos bolinhos de lagosta, filés com especiarias e macarrão com camarões. Depois, enquanto os

homens pagam a conta, eu e as outras mulheres começamos a conversar, e eu pergunto a Cristin como ela está se sentindo.

- Estou bem — responde ela, olhando-me de um jeito engraçado. — Por quê?

- Bem, Nate estava ao telefone com Charlie antes de sairmos de casa, e ele disse que você não estava se sentindo muito bem. Ele disse que você não sabia se conseguiria vir jantar.

- Não — diz Cristin, balançando a cabeça. — Está tudo bem.

- Ah, acho que eu devo ter entendido errado, então.

Eu olho para Nate. Ele realmente disse que estava conversando com Charlie, e que havia algo errado com Cristin, não foi? Sim tenho certeza. Ele percebe que estou olhando-o, cruza o olhar com o meu e sorri.

- E então, Delilah? Você ligou para o seu amigo para ter certeza de que ele estará trabalhando esta noite?

- Sim - eu digo, quebrando o contato visual. - Ele estava fora da cidade, mas já voltou. Está tudo confirmado.

- Ah, quer dizer que ele saiu da cidade sem avisá-la? -diz Nate, em tom de zombaria. Eu faço uma careta para ele. — E para onde ele foi?

- Los Angeles, para fazer um teste.

- Um teste? Para quê?

- Para integrar o elenco de *All my children*.

E u vejo Nate, Charlie e Teddy trocarem olhares entre si. Parem com isso! - eu digo, quando eles começam a rir.

Teddy cutuca Nate com o cotovelo. -

Ei, esse é o tal irlandês que não vai com a sua cara?

- Sim. O astro das novelas! - diz Nate, fazendo pouco dele. Todos voltam a rir.

- Ele não é um astro de novelas, Nate - eu digo, defendendo Colin - e provavelmente nunca vai ser. Ele está só explorando as oportunidades que aparecem.

- Eu sei, bebê, estou só brincando - diz Nate. - Não precisa ficar brava.

- É melhor você se comportar, Nate. Vou ficar de olho em você - eu o

aviso.

- Pode deixar - diz Nate. E logo depois ele murmura: - Não quero apanhar dele.

Quando todos os rapazes riem de novo, eu balanço a cabeça.

Era disso que eu tinha medo. Eu tinha medo de que Nate pudesse se sentir confiante e arrogante se tivesse seus amigos por perto.

- Estou falando sério-eu digo a ele.

- Eu também-ele responde.

A Irlanda vai á luta

Depois de um curto percurso de táxi, nós chegamos ao bar no East Village onde Colin trabalha. Já passa um pouco das 23 horas quando entramos. Ao ver Colin atrás do bar preparando um Martini, eu sorrio, mas logo depois me sinto estremecer. Ele está usando uma camiseta verde-esmeralda (*N.T. A cor verde, especialmente em tons vivos como o verde-esmeralda, é considerada a cor-símbolo da Irlanda*), e tenho certeza de que Nate não vai perder a oportunidade de provocá-lo por isso.

Quando termina de preparar o

drinque, ele olha em nossa direção e sorri quando me vê. Enquanto vem até onde estamos, três pessoas que estão sentadas no balcão, à nossa frente, se levantam e vão embora, deixando seus assentos para nós.

- Fiz isso de propósito - diz Colin quando chega perto de nós. Ele se inclina por cima do balcão do bar e me dá um beijo. - Bem-vinda.

Quando Cristin, Patty e eu nos sentamos, eu olho para as duas e rio. Elas estão olhando fixamente para Colin, de queixo caído. - Mas que diabos... -

murmura Cristin, quando eu a cutuco para que ela saia do transe em que está. - Preciso vir mais ao East Village.

- Eu não sabia que esse lugar era tão bom para sair - concorda Patty.

Colin olha para Nate. - Oi, cara, - diz ele, educadamente, estendendo a mão. - Como vai?

- *Supimpa, cara - responde Nate, em tom de zombaria. Depois de apertarem as mãos, Nate olha ao redor do bar. -Estou impressionado - diz ele, assentindo favoravelmente. - Eu esperava que*

um camarada *irlandês* como você estivesse servindo *cerveja* escura e em *algum pub* imundo. Este lugar é tão limpo quanto uma *brisa na floresta* - *dizele*.

Charlie e Teddy se divertem quando ouvem Nate recitar o *slogan* dos comerciais dos sabonetes *irish spring* (*Literalmente, “Primavera Irlandesa”*). Os comerciais de televisão geralmente retratam uma floresta ou um vilarejo *irlandês*). Quando os dois desviam o olhar para evitar caírem na risada, eu dou um chute na canela de Nate e olho para ele, irritada.

- Ei, estou brincando, cara - diz ele, olhando para Colin. E então *ele percebe a camiseta* verde-esmeralda que Colin está usando. - Estou vendo que você resolveu se vestir com as cores da pátria hoje.

Sem saber *direito como* reagir às piadas de Nate, Colin ri. - Você faz algum show de comédia pela cidade? - pergunta ele, tentando aliviar a tensão. - Ou o circo onde você trabalha está só de passagem?

- Você é engraçadinho, hein? - diz Nate.

Colin levanta uma sobrancelha. —

Não tanto quanto você.

Ele se vira para mim. Inclinando-se novamente por cima do balcão do bar, ele segura as minhas mãos. — A camiseta verde junto com o sotaque irlandês deixam as garotas louquinhas — diz ele, olhando para mim. E pisca olho. — Não é mesmo, Delilah?

Percebendo que Nate não está nada contente com o fato de que Colin está segurando as minhas mãos, eu sorrio e faço que sim com a cabeça. — É verdade! — eu digo, orgulhosamente. E, por dentro, eu rio.

Bem *feito*, Nate.

Apesar do começo desajeitado, a noite até que prossegue bem.

O bar está bem animado, a atmosfera é aconchegante e as bebidas fortes.

Enquanto nós conversamos e nos divertimos, Colin trabalha, e vem até onde estamos, de vez em quando, para *dizer oi*. Depois de aproximadamente uma hora, Nate, Charlie e Teddy começam a conversar com duas garotas que estão sentadas ao nosso lado no balcão do bar, e que passaram a noite inteira embasbacadas com a aparência de

Colin.

Eles não param de perguntar por que elas insistem em perder seu tempo com um *bartender*, já que o lugar está cheio de homens solteiros. Para a admiração de Cristin, Patty e até para mim mesma, as garotas não respondem a Nate e seus amigos, e fazem pouco caso dos comentários deles. Elas continuam olhando fixamente para Colin, observando-o preparar os drinques, misturá-los e servi-los. Quando Colin vê que estamos rindo e percebe o que está acontecendo, ele dá de ombros e olha para Nate.

- Eu lhe disse, cara. É a camiseta. Você ainda vai acabar comprando uma dessas.

Quando termino meu segundo Martini, as garotas finalmente percebem que Colin não está interessado nelas e se viram para conversar com Nate, Charlie e Teddy.

Meia hora depois, Cristin e Patty pedem licença e vão ao banheiro, deixando-me sozinha no balcão. Percebo que o movimento no bar diminuiu e olho para o lugar onde Colin está. E vejo que ele está olhando para mim. Em vez de desviar o olhar, ele pisca o olho e sorri. Aponta os

olhos para Nate e levanta as sobrancelhas, sugerindo que ele está paquerando as duas garotas. Depois de avaliar a situação rapidamente, decido que isso não está acontecendo. Colin vem até onde estou.

- Seu namorado parece estar bem interessado naquelas duas — sussurra ele, novamente segurando as minhas mãos.

- Não, ele só está sendo gentil.

- Estou falando sério, Delilah — insiste ele. — Ele está a fim da garota da esquerda. Ele não para de tocar o joelho dela.

Eu me viro e olho novamente. Quando faço isso, Nate olha pra mim. Vendo que Colin está novamente segurando minhas mãos, ele o lha com uma expressão irônica.

- Gostou do drinque?

- Está magicamente delicioso — responde Nate. Ele balança cabeça e volta a conversar com as duas garotas.

- Dá vontade de rir dele — diz Colin para mim, quando nós dois voltamos a nos encarar. — Achei que ele conseguisse ser um pouco mais inteligente.

- Lamento — eu digo, desculpando-me pelo comportamento de Nate. — Acho que ele imagina que está sendo engraçado.

- Engraçado? — Colin ri. — Isso é ser engraçado? — Colin balança a cabeça, tentando ignorar a presença dele.

- Olhe, Delilah, eu preciso falar com você — diz ele, com um tom de voz bem sério. — Eu consegui...

Colin para de conversar quando o u t r o *bartender* acidentalmente esbarra nele.

Percebendo que este não é o melhor local para uma conversa séria, ele olha ao redor do bar até encontrar uma cortina, na parede oposta de onde estamos.

- Encontre-me ao lado daquela cortina — ele diz, apontando discretamente para lá.

Depois de dizer a Nate que vou ao banheiro, caminho até o outro lado do bar.

Quando chego e começo a procurar por Colin, eu levo um susto porque um braço sai pela cortina e me puxa para trás dela.

- Desculpe — diz Colin em meio a uma risada, quando percebe que me assustou.

Olhando em volta, percebo que estamos em um cômodo pequeno, usado como depósito.

A cortina é a porta.

- Bem, o que houve?

- Ah, eu tenho notícias — diz ele, sorrindo. — Eu consegui o papel. *All my Children*. Eles me ligaram logo depois que conversei com você.

- Sério?

Estou chocada por ele parecer tão feliz com isso. Não pensei que quisesse tanto aquele papel. — E você vai aceitar?

- Vou — diz Colin, acenando positivamente com a cabeça. — Mas as gravações vão começar logo. Eu tenho que sair na segunda-feira, e...

- Espere — eu digo, interrompendo-o. Sair?

- O que você quer dizer com “sair”?

- Os estúdios ficam em Los Angeles.

Los Angeles? Estou totalmente sem

palavras. Eu sabia que o teste tinha sido lá, mas nunca imaginei que a novela também fosse gravada lá. Eu não quero que Colin se mude para Los Angeles.

- O que houve? — pergunta ele, sentindo a minha infelicidade.

- Bem...

Naquele momento, um dos garçons afasta a cortina, entra no depósito e se espreme para passar por trás de nós. Depois de pegar rapidamente as coisas de que precisa, ele volta a sair. Colin chega mais perto de mim para lhe dar mais espaço.

Olhando para baixo, percebo que o corpo de Colin está a poucos milímetros do meu, e consigo ver claramente o contorno do seu abdómen definido através do tecido da camiseta. Sem pensar no que estou fazendo, sinto um sorriso se abrir no meu rosto.

Percebo o que está acontecendo e fecho os olhos, um pouco envergonhada porque tenho certeza de que ele me viu. Pensando que fui pega mais uma vez enquanto o admirava, lentamente levanto os olhos. Ao levantar os olhos, fico aliviada, surpresa e intrigada, percebendo que Colin não está prestando atenção na

direção em que estou olhando -

porque ele mesmo está focado na minha blusa justa, admirando o contorno dos meus seios. Quando eu começo a rir, Colin percebe que, desta vez, ele é que foi apanhado olhando para mim. Quando um pequeno sorriso se abre no rosto dele, ele olha para cima.

- E então... o que achou? - eu pergunto, quando nossos olhares se cruzam, - Você quer mesmo saber? — ele sussurra, chegando ainda mais perto de mim.

Ele coloca as mãos na minha cintura

e, por uma fração de segundo, nós dois paramos de sorrir. Sentindo o nervosismo tomar conta de mim, desvio o olhar.

- Na verdade... não.

As mãos de Colin lentamente se afastam da minha cintura. Nós dois ficamos em meio a um silêncio desconfortável por um momento, até que Colin limpa a garganta.

- Ah, então... o emprego. Percebi que você não ficou muito feliz.

- Não, não é isso. Eu estou feliz sim — eu digo, voltando a encará-lo. —

Estou feliz por você ter conseguido o papel na novela, mas é que... eu não sei... não quero que você vá embora. Você acabou se tomando um dos meus melhores amigos.

Colin sorri. Obviamente emocionado pelo que eu disse, ele me puxa para perto dele e coloca os braços ao redor de mim. - Também não quero me mudar, mas sabe... eu seria um imbecil se deixasse essa oportunidade passar.

- Eu sei, eu sei — digo, em voz baixa. — Mas eu quero que você pense no que você está fazendo, e lembre-se... não aceite o papel se você sentir que

vai ter que desistir dos seus sonhos.

- Prometo que vou me lembrar.

- É melhor eu voltar —digo, afastando-me. Sem olhar para ele, eu me viro e saio do depósito, então sinto como se algum tipo de eletricidade viesse por trás de mim.

Como se algo me puxasse de volta para Colin. Não posso negar que sinto algo por ele.

Nós acabamos nos conhecendo tão bem que...

Ah, esqueça. Tudo isso não passa de

uma grande bobagem.

Eu tomei dois Martinis e não estou mais conseguindo pensar direito.

Depois de voltar pra o meu assento, Colin volta para trás do bar. Mais sério do que estava durante a noite toda, ele me dá um meio-sorriso e depois se concentra em seu trabalho. Sem saber ao certo o que significa isso, resolvo conversar com Patty e Cristin e tento não pensar naquilo.

Por volta das 2 horas, depois de termos sido servidos generosamente, o bar se prepara para fechar. Enquanto o lugar se esvazia e os rapazes pagam

a conta, Cristin, Patty e eu vamos até o banheiro. Quando saímos de lá, ficamos surpresas ao descobrir que Nate, Charlie e Teddy não estão mais no bar. Nem Colin. Imaginando que eles estão esperando por nós do lado de fora, eu ouço gritos e olho em direção às vozes.

Quando eu vejo Teddy e Charlie segurando Colin e Nate para que eles não se esbofeteiem, sinto meu coração afundar. A boca de Nate parece estar ensanguentada e inchada, como se ele tivesse levado um soco, e Colin parece não ter sofrido nada, apesar de parecer furioso. De repente, Colin grita com Nate.

- Seu mentiroso dos infernos!

Nate não responde. Corro até o lugar onde eles estão.

- O que está acontecendo? — pergunto, nervosa.

- O que está acontecendo é que o seu amiguinho aqui é louco — esbraveja Nate.

Quando uma gota de sangue se forma em seu lábio, eu levanto a mão para tocá-lo.

- Meu Deus — eu digo, virando-me para Colin. — Você bateu nele?

- Pode ter certeza que sim! — responde ele, enfurecido. Ele está fora de controle.

Depois de explicar alguma coisa sobre Nate ter acompanhado uma das duas garotas que estavam sentadas ao nosso lado até para fora do bar, ele diz que viu Nate beijar uma delas. Assim, ele saiu do bar e lhe deu um soco. Isso me faz pensar. A verdade é que eu mal consigo entender o que ele está dizendo. Ele está nervoso demais, falando rápido demais, e estou chocada por ele ter dado um soco em Nate.

Ele deu um soco em Nate.

Meu Deus... estou realmente chocada.
Eu cubro o rosto com as mãos.

- Delilah, esse cara é louco — diz Nate, depois de ouvir a explicação de Colin.

Eu fui até a rua para respirar um pouco de ar fresco, e ele me seguiu e começou a me insultar.

- Sim, eu segui você até lá fora, mas não para insultá-lo. Foi você que criou toda essa situação.

- Escute aqui, cara — diz Nate, desvencilhando-se de Charlie. — O que está acontecendo é que você não

gosta de mim, e nunca gostou, porque você está doido para transar com a minha namorada.

“Transar com a minha namorada”? O quê? Eu tiro as mãos do rosto e olho para Nate, e depois para Colin.

- Nada disso — diz Colin, mais calmo, quando se desvencilha de Teddy. — Eu não gosto de você porque me importo com a sua namorada, e não gosto de ver cafajestes como você se aproveitando dela.

Quando Nate e Colin voltam a se encarar, começo a ficar preocupada.

- Parem com isso, os dois! — digo, colocando-me entre eles. — Isso é uma estupidez! Colin, eu tenho certeza de que isso foi só um mal-entendido.

- Não foi nenhum mal-entendido - diz ele, rapidamente. - Delilah, namoradinho é um canalha.

Quando ouve isso, Nate solta uma risada. - Ah, sim, quer dizer que eu sou o canalha, e não esse imigrante maluco - diz ele, com ironia.

- Ah, vá pro inferno, seu desgraçado!
- diz Colin, estreitando os olhos.

- Parem com isso, eu já disse! - volto a dizer e me viro para Nate. - Se importa em me deixar a sós com Colin por um minuto?

Nate me olha por um momento, e depois balança a cabeça. - Ah, que seja.

Quando ele se afasta, seus amigos o seguem. Assim que Colin e eu estamos sozinhos, eu o encaro. Estou tão furiosa que mal consigo falar.

- Você deu um soco no meu namorado? - eu grito. - Quantos anos você tem?

Doze?

- Não, mas...

- Nada de “mas”, Colin! Olhe, você sabe que eu detesto quando Nate faz aquelas piadas horríveis com você, mas você percebe o que fez? Acabou de dar razão para ele!

Você bateu em Nate. Em um bar.

- Do lado de fora de um bar.

- E qual é a diferença? Não interessa onde aconteceu. Foi uma maneira ótima de provar a ele que você não é um irlandês bêbado e brigão!

- Ei, eu não preciso provar nada para aquele cara - responde Colin. Depois de tomar fôlego, ele dá as costas para mim e se afasta. Eu percebo que ele está bravo por eu estar brava com ele.

- Colin, espere - eu digo, indo atrás dele. Eu me sinto mal por ter gritado.

- Olhe, desculpe pelo que eu disse, mas você não pode sair por aí socando as pessoas!

- Ah, obrigado pelo conselho, Delilah ele grita, sem se virar. Ele nem sequer olha para mim. Depois de virar a esquina, ele para de andar e dá meia-volta.

- Espere. Por que e que você está gritando comigo? O vilão dessa história não sou eu.

Colin espera por uma resposta, mas eu não digo nada. A verdade é que, por mais que eu deteste admitir, eu não sei se acredito nele. Percebendo que eu não vou lhe dar uma resposta, ele suspira.

- Tudo bem, eu já entendi. Você não está acreditando em mim, não é?

- Não é isso... eu somente... bem... talvez você tenha visto algo que queria ver.

- E o que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que sei que existe uma ligação entre nós, Colin. Sinto e acho que você também sente.

Colin não nega o que eu digo, assim, eu prossigo. - Olhe, Nate tem razão. Você nunca gostou dele, desde que vocês se conheceram. Eu não acho que você está...

De repente, sem qualquer aviso, Colin se aproxima e me beija. Não há outra maneira de explicar o que aconteceu. Foi exatamente assim. Em um momento eu estou falando; no momento seguinte ele está me

beijando. Ele simplesmente se aproxima de mim, segura meu rosto com as duas mãos e começa a me beijar.

Quando eu percebo o que está acontecendo, meus joelhos fraquejam. Eu sinto que vou desabar, mas Colin desliza uma das mãos do meu rosto até as minhas costas e me segura. À medida que ele me abraça mais forte, e os beijos ficam mais intensos, eu me sinto derreter nos braços dele. Os lábios são macios e úmidos, e o corpo é forte e másculo. Todos os toques, toda a situação, tudo é perfeito. Até que eu, de repente... de repente... de repente, eu percebo que o que estou

fazendo é muito errado.

- Não posso fazer isso - eu digo, soltando-me do abraço de Colin.

- Eu sei. Então termine o namoro com ele - diz Colin, puxando-me de volta.

- Não, não... o problema não é Nate - eu explico, afastando-me novamente - É você. Eu não posso ficar com você Colin, é disso que eu estou falando. Você e eu. Isso que acabou de acontecer. É por isso que eu não acredito em você. Desculpe, mas eu realmente acho que você viu aquilo que queria ver.

- Delilah, se há alguém imaginando coisas aqui, é você, e não eu. Você está imaginando que Nate é o homem da sua vida porque ele foi o seu primeiro amor, porque ele tem tudo o que você sonha ter algum dia, e porque, se ele realmente for, então você não vai ter que aumentar um limite que impôs a si mesma, e que só existe dentro da sua cabeça.

- Essa não é mais a razão pela qual estou com ele - eu explico. - Ora, ele voltou para mim depois de todo esse tempo. Isso tem que significar alguma coisa.

- Jesus, Delilah! Não acredito que

você seja tão fácil!

Não acredita que eu seja tão fácil? - O que foi que você disse, Colin?

Ele balança a cabeça. - Não foi isso que eu quis dizer. O que eu quis dizer foi...

bem, só porque um ex-namorado voltou para você, isso não é motivo para estar com ele; o fato de alguém dizer que a ama não significa que você tenha que retribuir o sentimento.

Eu desvio o olhar, sentindo-me bastante confusa. — Colin, mesmo se Nate não tivesse voltado... se alguma

coisa tivesse que acontecer entre nós, o fim seria trágico, e você sabe disso. Você mesmo me disse que não consegue se envolver plenamente com as pessoas com quem está.

- Sim, você tem, razão, eu disse isso mesmo. Não sou muito bom com relacionamentos, não vou mentir para você. E talvez... talvez não dê certo entre mim e você. Por outro lado, talvez seja a melhor coisa das nossas vidas. Tudo o que eu sei é que, se não tentarmos, nunca vamos saber.

Repentinamente, percebo que estou com medo. Com medo de Colin. Com medo de arriscar. Mesmo que Nate

não estivesse por perto, acho que não conseguiria tentar de novo. O que me assusta não é ir até o número 21; é pensar que Colin pode acabar me magoando. O que me atrai em Colin, além da aparência, é que ele é uma pessoa maravilhosa, e eu me apaixonaria perdidamente por ele, se é que já não me apaixonei.

Não há dúvida, mas também não tenho dúvida de que, em algum momento no futuro, ele me deixará para trás. Não há possibilidade de que as coisas deem certo entre nós. Já cansei de aventuras. Quero algo a mais, algo real. E, com Nate, essa possibilidade existe. Não vou jogar

isso fora e me arriscar com algo que pode não funcionar.

- Olhe, talvez o momento seja ruim — prossegue Colin — mas minhas intenções são boas.

- Boas intenções não são suficientes, Colin — eu digo, devagar. — Eu preciso de mais do que isso.

- Eu posso lhe dar mais do que boas intenções — diz Colin, hesitando. — Bem, se você não quiser arriscar, não há nada que eu possa fazer. Vou aprender a viver com isso. Mas não suporto ficar olhando você ao lado daquele cara.

- Então não fique - eu digo. - Vá para Los Angeles. Vá embora. Agora você tem mais uma razão para fazer isso.

Quando eu digo isso, Colin dá um passo para trás, aumentando a distância entre nós.

- Desculpe - digo em voz baixa.

Eu dou as costas para ele e vou embora.

DEZESSETE

BIP

"Delilah é *a* sua mãe. Os sinos matrimoniais estão tocando! Não se esqueça de chegar ao Waldorf antes das 10 horas da manhã Depois disso, encontre-se comigo e com as outras mulheres no *saguão* às 10h30 para o nosso "dia de beleza" no Bliss. Não se *ofenda*, mas eu agendei uma sessão um pouco mais longa para você. Você

precisa tirar urgentemente o excesso das sobrancelhas, e também depilar o buço. Espero que você esteja pronta e linda quando o ensaio começar, às 18 horas.

Ah, eu estava pensando... talvez seja melhor pedir a Nate que não a leve para jantar esta noite, e que se encontre com você amanhã. Você vai ficar toda vermelha com as depilações que precisa fazer no rosto, e provavelmente ele não vai gostar de vê-la desse jeito. Bem, vejo você daqui a pouco!"

BIP

"Oi, aqui é Daisy. Não acredito que hoje é o dia do meu casamento! Estou quase morrendo de ansiedade! Não se preocupe em pegar o seu vestido na Saks. Eles vão entregá-lo no hotel, junto com o meu. Mal posso esperar para vê-la!"



**Por quem os sinos (matrimoniais)
dobram**

Sexta-feira, 17 de Junho

Na noite da briga, quando dei as costas para Colin e fui embora eu não sabia o que fazer. Bem, de certo modo, eu até sabia. Sabia que não devia chorar, mas era só. Eu estava me esforçando para não chorar. Foi muito difícil deixá-lo para trás. Juro que meu coração quase chegou a doer. Nestes últimos meses nós ficamos muito próximos, e pensar que existe uma possibilidade de que nós nunca mais nos falemos é como se uma estaca estivesse trespassando o meu coração. Para piorar as coisas, quando eu virei a esquina e

vi que Nate estava sozinho, esperando por mim, eu o olhei nos olhos e senti meu estômago se revirar. Ele tinha um olhar de culpa no rosto.

Naquela noite, nós não trocamos nenhuma palavra dentro do táxi, enquanto voltávamos para o apartamento dele. Simplesmente ficamos em silêncio, de mãos dadas... mas cada um olhando para um lado, para a rua, pelas janelas do carro. As coisas estão esquisitas desde aquela noite. Quando voltamos para a casa de Nate, ele não tardou a dormir, e eu

passsei a noite recordando os acontecimentos. Tentei lembrar se havia visto algo suspeito entre ele e alguma daquelas duas garotas que estavam sentadas perto de nós, mas não consegui. A verdade é que eu quase não prestei atenção nelas.

Mal prestei atenção em Nate. A única pessoa em quem eu prestei atenção foi Colin.

Relembrar os acontecimentos da noite logo me trouxe lembranças do que Daisy disse a respeito de Nate e Ally, e isso logo me fez

pensar no telefonema estranho em que Nate disse estar conversando com Charlie, comentando que Cristin não estaria se sentindo bem. Depois de ter certeza de que ele estava dormindo, fui atrás de seu celular, e, antes que eu pudesse me impedir, comecei a examinar as ligações que ele fez e recebeu naquela noite. Senti ódio de mim mesma por fazer aquilo» pois nunca fui uma namorada ciumenta, mas meu instinto me dizia que havia algo de errado naquela história. Embora eu estivesse preparada para

descobrir o pior, não encontrei nada — o que, de certo modo, foi o pior que poderia acontecer. Todo o histórico de chamadas no telefone de Nate havia sido apagado. Não é um bom sinal. Naquele ponto comecei a imaginar se eu não estaria apressando as coisas. Embora eu|© conhecesse há quinze anos, eu realmente não conhecia Nate tão bem. Pensar nisso me fez pensar em Colin, de novo. Eu estava muito preocupada durante a minha viagem, imaginando que ia me sentir mal em relação a ele quando voltasse.

Mas o que aconteceu foi o oposto.

Hoje sinto que conheço Colin melhor do que conheço Nate.

Acabei dormindo no sofá naquela noite. Quando acordei, na manhã seguinte, estava me sentindo um pouco melhor. As coisas ainda estavam esquisitas entre mim e Nate, mas, sem todos aqueles Martinis na minha cabeça, foi um pouco mais fácil lidar com o que aconteceu.

Nós decidimos tomar o café da manhã em uma cafeteria ali perto, um lugar chamado Bubby's.

Quando a comida chegou, voltamos a conversar, mas ainda não havíamos mencionado nada sobre a noite anterior. Retornando para o apartamento de Nate, eu tentei não me preocupar com aquilo. Em vez disso, falei sobre outra coisa.

- Por acaso você conhece uma garota chamada Ally Hathaway? - eu perguntei a ele, casualmente.

Nate balançou a cabeça negativamente. - Não. É alguém que eu deveria conhecer?

- Não necessariamente. Ela

estudou na mesma escola que nós, só isso. Eu estava pensando nela e fiquei curiosa para saber se você a conheceu.

- Não, lamento – disse ele. Ele pareceu sincero. Eu acreditei nele. Voltei para o meu apartamento na noite de segunda-feira. Quando cheguei lá, reuni toda a minha coragem e bati à porta. Assim, eu lhe deixei um bilhete e pedi que me ligasse. Como ele ainda não havia me ligado na terça, eu lhe enviei um *e-mail*. Novamente, nada de resposta. Na noite de quarta-feira fui até o apartamento de

Michelle para jantar, parecia que fazia séculos que eu não a via, e, enquanto estava lá, perguntei se ela havia visto Colin nos últimos dias.

- Sim, eu o vi saindo bem cedo na manhã de segunda-feira, ele estava levando uma mala - disse ela.

- Uma mala? - eu perguntei, já sem conseguir respirar.

Não tive escolha a não ser contar tudo para Michelle. Quando terminei, ela balançou a cabeça e disse que não estava surpresa.

- Eu me lembro daqueles dias em que você estava na clínica de reabilitação.

Quando eu bati na porta de Colin, quase em pânico de tanta preocupação, ele também ficou muito preocupado e abalado. Mais do que um vizinho qualquer ficaria - explicou Michelle. Ela disse que teve uma sensação estranha em relação a nós dois naquele dia.

Ouvir isso me fez querer chorar, porque, finalmente, senti a realidade da situação. E se eu nunca mais o visse? E se ele se mudasse definitivamente para o outro lado do país e nós nunca mais voltássemos a

nos falar?

Depois de me consolar, Michelle disse que o melhor a fazer, por hora, seria reagendar a minha entrevista na Vintage Vogue, pois eu precisava recuperar um pouco de estabilidade em minha vida. Ela estava coberta de razão. Nós ligamos para o chefe dela na mesma noite e agendamos a entrevista para a semana seguinte. Por mais que eu estivesse louca de vontade de viajar com Nate e ver o mundo, eu não podia abrir mão dos meus projetos para fazer isso.

De qualquer maneira, enquanto arrumava minha bolsa para ir ao

Waldorf, esta manhã, comecei a me sentir como se tivesse vivido cem anos durante os últimos meses. Pensando no começo de tudo isso, pensando na noite em que passei com Roger...

parece que já faz muito tempo que tudo aconteceu.

Quando Eva pula para dentro de sua bolsa, nós duas descemos pelas escadas e tentamos chamar um táxi. E temos pouca sorte. Faz uma semana que não para de chover, desde que Nate e eu voltamos para o apartamento dele depois de tomar o café da manhã no Bubby's. Esperamos na esquina por um bom

tempo, até que um táxi, finalmente, decidisse parar.

Chegamos sãs e salvas ao Waldorf. Enquanto espero em frente ao balcão da recepção, imagino que tipo de quarto está reservado para mim. Tomara que seja um quarto bonito e com uma bela vista. Preciso olhar para essa cidade enorme e linda, e preciso clarear minhas ideias. Quando o rapaz atrás do balcão termina de digitar meus dados no computador, ele me dá um cartão com um código de barras. - O seu quarto é o 5D, senhora.

- Quarto 5D? - fico desanimada com

isso. - Isso quer dizer que fica no quinto andar?

O rapaz faz que sim com a cabeça. - Sim, senhora.

Eu faço uma careta. Estou decepcionada. - Eu gostaria de um quarto em um andar mais alto, com uma bela vista.

- Lamento, mas não temos outro quarto disponível neste momento.

Estamos com todos os quartos reservados ou ocupados. Mas eu garanto que a senhora vai gostar dele.

- Certo - eu digo, sem realmente acreditar nele. - Obrigada.

Depois de tomar o elevador, encontro o meu quarto e destranco a pesada porta de madeira. Quando eu a abro, vejo que é decorado em tons de vermelho escuro e mostarda. O lugar é aconchegante e confortável, e, com toda aquela chuva, parece ser exatamente o tipo de lugar onde eu preciso estar. Coloco Eva no chão e vou até a janela para abrir as cortinas pesadas e dar uma olhada na cidade. Olhando pela janela, tenho uma surpresa agradável ao perceber que o quarto tem uma bela vista para a avenida Park. As coisas

definitivamente estão melhores do que eu esperava.

Depois de me encontrar com Daisy, minha mie, Pitiy e Rutfi no saguão, para as sessões de embelezamento, nós tomamos um táxi para o Bliss, um salão de beleza na região do Soho. Durante o resto do dia, enquanto passo por sessões de sauna, massagem, Jesign de sobrancelhas, manicure e depilação com cera (e meu buço definitivamente não precisava de uma dessas), eu penso no que vou fazer. As coisas estão esquisitas demais com Nate, e preciso tomar uma decisão. Preciso escolher entre deixar tudo para trás, dar a Nate

o benefício da dúvida e deixar a vida seguir seu curso, ou confronta-lo e, possivelmente, dar um fim ao relacionamento. Percebendo que estou perdida em pensamentos, Daisy nota que tem alguma coisa errada. Ela pergunta se tem a ver com Nate, e eu digo que sim.

- Você disse alguma coisa a respeito de Ally? - ela pergunta.

- Mais ou menos - eu digo - , e ele disse que não a conhece. Daisy me dá um sorriso cheio de compaixão. - Delilah, quando você realmente está apaixonada, e quando está com o homem certo, as coisas não são tão

díficeis, sabia? As coisas simplesmente se encaixam. Elas funcionam. Se tiver que ser assim, tudo vai dar certo.

Faço que sim com a cabeça, concordando. Eu sei que tudo vai dar certo.

- Ele virá para o ensaio do casamento?

- pergunta Daisy.

- Virá sim - eu respondo -, mesmo que nossa mãe ache que não é uma boa ideia.

Quando conto isso para Daisy, tomo uma decisão. Um tipo de decisão, pelo

menos. Resolvo que vou tomá-la quando o fim de semana do casamento de Daisy terminar. Se as coisas entre mim e Nate correrem bem, se parecer que a situação vai voltar ao normal, então eu vou esquecer tudo o que aconteceu e me concentrar em fazer com que o nosso namoro dê certo. Caso contrário... bem, aí vou ter que voltar a pensar.

Naquela noite, depois do ensaio, nós todos, a minha família e a família de Edward vamos jantar no Manhattan Ocean Club. Quando chegamos, a minha chateação diminui um pouco ao ver meu avô (ou um homem parecido com o meu avô) no restaurante. Vejo

Glória sentada ao lado dele. Eles acabaram de chegar de Las Vegas e vieram direto para o restaurante.

- Vovô! - eu grito, correndo em direção a ele. Quase pulo em cima dele, abraçando-o. - Estou tão feliz em vê-lo!

Depois de lhe dar o abraço mais forte que eu consigo, me afasto um pouco e dou uma boa olhada nele. Meu Deus... eu amo meu avô, mas não sei o que dizer. Ele tingiu o cabelo e as sobrancelhas de um tom estranho de marrom e está usando uma camisa branca de linho, com metade dos botões abertos, e três colares (um de

couro, um prateado, e um em tom azul-turquesa). Além disso, uma fivela enorme ao estilo “peão de rodeio” em um cinto marrom de couro trabalhado (que provavelmente foi ele mesmo que fez), e um lenço amarrado ao redor do pescoço fazem com que ele pareça um...

um... gigolô, para falar a verdade. Percebendo que estou olhando para ele, Glória bate no peito do meu avô com as costas da mão. E... sim, ele depilou o peito com cera quente.

- Este rapaz aqui pensa que é Warren Beatty no filme *Shampoo* (N.T. Filme de 1975, dirigido por Hal Ashby. O

filme rendeu o Oscar de melhor atriz coadjuvante para Lee Grant, e recebeu outras três indicações (melhor ator coadjuvante, melhor roteiro original e melhor direção de arte). No filme, Warren Beatty interpreta um cabeleireiro de sucesso que usa seu talento e boa aparência para conseguir se aproximar e se envolver com belas mulheres).

Ah, sim, ele está bem parecido com o ator.

Daqui a pouco ele vai começar a andar por aí com um secador de cabelos em um coldre para revólveres e trocar seu Camaro por uma

motocicleta.

Meu avô revira os olhos. - Por favor, Gloria. Chega desses comentários!

Ele parece estar um pouco irritado. Quando Glória faz uma careta irônica e se afasta, eu me aproximo dele.

- Vovô, o que houve?

- Bem... - diz ele, hesitando por um momento. - Glória e eu terminamos o nosso relacionamento.

Terminaram? Aquilo me pega desprevenida.

- Por quê?

- Querida, para ser totalmente honesto... eu nunca percebi quantas garotas havia à minha volta.

Como é que é?

- Nós não estamos nos dando muito bem ultimamente, e eu não paro de conhecer outras mulheres, belas mulheres, que me fazem perceber que é perda de tempo tentar forçar uma relação que não esta funcionando direito.

- Certo - eu digo, lentamente entendendo o que está se passando. -

Mas então, por que é que ela está aqui?

- Nós já tínhamos feito os planos para a viagem, então ela acabou vindo comigo, mesmo depois de termos terminado. Ainda somos amigos, mas ela não é realmente aquela pessoa especial que eu esperava - diz meu avô, um pouco entristecido.

- Estou percebendo que você não está satisfeito com isso.

- Pois é - diz meu avô, concordando. - Sabe, mesmo se você sabe que algo não tem chance de sobreviver, ainda é triste quando isso finalmente morre.

Naquele momento, vejo que Nate entrou no restaurante, vestindo um terno azul.

Ele sorri quando me vê. Enquanto ele vem até onde estou, eu volto a olhar para o meu avô.

- Lamento por seu relacionamento não ter dado certo. O que pretende fazer agora? Vai voltar a morar em Vegas? Ou vai ficar por aqui?

- Ainda não sei - diz ele, dando de ombros. - Preciso pensar um pouco.

Quando Nate chega aonde nós dois estamos e pega na minha mão, eu não

consigo evitar responder mentalmente: "Eu também".

O jantar aconteceu exatamente como previ que aconteceria, mas não exatamente como eu esperava que acontecesse. Enquanto Nate e eu conversamos com as outras pessoas, nós quase não nos falamos. Toda vez que um de nós dizia algo para o outro, parecia que éramos forçados a fazer isso. Eu me sinto como se estivesse fingindo. A impressão que tenho é que alguns relacionamentos podem lidar com problemas, enquanto outros não podem. Acho que meu namoro com Nate não tem futuro. Preciso contar isso a ele.

Depois de voltar para o hotel com Nate, eu sugiro tomarmos um drinque no bar do hotel, e ele concorda. Enquanto espremo meu cérebro pensando em como vou dar a notícia a ele, o destino resolve agir e deixar as coisas bem mais fáceis para mim.

Enquanto estamos atravessando o saguão, damos de cara com Ally Hathaway, quando ela está se registrando.

- Delilah! Olá - diz ela, vindo até mim com seu cabelo castanho armado. A cabeleira dela parece murchar quando vê Nate ao meu lado.

- Oi - eu digo. Depois de lhe dar um abraço, eu olho para Nate e percebo que o rosto dele está vermelho como um rabanete.

Nós três ficamos ali parados por alguns momentos, cm meio a um silêncio desconfortável.

- Ally, você conhece Nate? - eu pergunto.

- Sim - diz ela, friamente. - Faz algum tempo que não nos vemos.

- É verdade - balbucia Nate.

Quando eu olho para Nate e percebo

o desconforto que ele está sentindo, *vejo o mesmo* olhar de culpa que percebi quando dei as costas para Colin naquela noite. Nate não sabe esconder suas emoções, e provavelmente nunca poderia jogar pôquer, para dizer o mínimo.

- Ally, o que você acha de vir ao bar tomar um drinque conosco? Falei aquilo apenas para deixar Nate ainda mais constrangido. Depois de dar uma olhada em Nate e depois em mim, Ally sorri. Eu acho que ela percebeu a minha intenção. - Eu adoraria -

diz ela, delicadamente. - Deixe-me apenas colocar minhas coisas no

quarto. Volto em seguida e encontro vocês aqui mesmo.

Quando Ally se afasta, Nate se vira para me encarar.

- Por que você fez isso? - pergunta ele.

- Acho que eu sou a pessoa que deveria fazer essa pergunta. Desviando o olhar, Nate solta uma risada nervosa. - Delilah, você realmente está brava comigo por causa de uma coisa que aconteceu há onze anos? - ele pergunta.

- Não. Estou brava com você por

mentir para mim quando disse que não conhecia Ally, há seis dias.

- Bem, eu não vou ficar aqui para beber com vocês duas - diz ele, em tom agressivo. - Olhe, se você realmente pensa assim, então você está louca.

- Não estou louca, e também não preciso me importar com a média das pessoas.

Não sei por que me preocupei tanto pensando que isso era importante.

Nate mo olha, confuso. - Do que você está falando?

- Nada digo, balançando a cabeça.

- Isso não está funcionando, não é? — diz ele. Eu balanço a cabeça de novo.

- Não. Nate, eu acho que é melhor você ir embora.

- Acho que é uma boa ideia - diz ele.

Nate não chega nem mesmo a se despedir de mim com um beijo. Ele simplesmente me dá as costas e vai embora. E eu o deixo ir. Não o pressiono para me contar a verdade sobre o telefonema ou sobre o que aconteceu na noite em que Colin brigou com ele, porque eu já sei.

Quando ele sai pela porta giratória e desaparece do meu campo de visão, eu solto um suspiro entristecido; logo em seguida, um suspiro de felicidade, e, por último, mais um suspiro triste. Estou triste por meu namoro com Nate não ter dado certo, feliz porque o namoro durou apenas um mês, e triste por ter brigado com Colin nesse meio-tempo. Eu gosto de Colin, não posso negar. Gosto mais dele do que já gostei de qualquer outro homem. Não consigo acreditar, mas acho que talvez o ame.

Oh, Deus.

Quando Ally volta para o saguão,

alguns momentos depois, ela procura por Nate.

- Aonde ele foi? - pergunta ela.

- Embora - eu digo.

Ah, graças a Deus - diz ela, com um suspiro. - Ele é um porco mentiroso.

Um passeio incrível

Sábado, 18 de junho

Na manhã seguinte, depois de acordar, abro um sorriso e, ao lado de Eva, vou até a suíte onde Daisy está hospedada, no 29º andar do prédio. Simplesmente, é a parte mais elegante do hotel, e também é o andar onde fica o Starlight Roof. Quando chego ao quarto dela e vejo as portas duplas, percebo que o lugar é especial. Depois de tocar a campainha (não é ótimo?) e esperar, Daisy atende, usando um roupão de seda e com um sorriso que vai de uma orelha à outra.

- Bem-vinda, madame - diz ela, imitando um sotaque russo. - Bem-vinda à minha humilde morada. - E me pega pelo braço me puxando para

uma antessala toda revestida em mármore. É tão lindo que eu nem tenho palavras.

- O seu quarto tem uma antessala de mármore? - eu pergunto, levantando os olhos para admirar um candelabro de cristal imenso.

- *Oui, ouil* - diz Daisy, trocando o sotaque russo para o francês. Depois de fechar as portas, ela me leva para conhecer todo o apartamento. Assim como o meu quarto, a suíte de Daisy dá para a Avenida Park, mas as similaridades terminam aí. Além de ser significativamente maior, a suíte dela é decorada em tons de azul e

verde claro, o que lhe confere uma atmosfera bastante serena. As paredes são decoradas com panejamentos de linho de cor creme, e várias camadas de seda dourada caem sobre as janelas. Uma lareira cobre uma das paredes do quarto, e um conjunto de sofás e poltronas está colocado do outro lado. Há candelabros de ouro, espelhos com molduras folheadas nas paredes, e arranjos de flores naturais cobrem todas as mesas. Também há uma pequena cozinha adjacente à sala, que, no momento, está abarrotada de cestas de presentes. Nós atiavessamos um3 porta de correr para chegar ao quarto, com seu

carpete florido e uma cama tamanho *king-size*, tão luxuosa quanto o resto da suite. Do outro lado da cama há um enorme quarto de vestir e, é claro, uma banheira de hidromassagem.

Quando voltamos para a sala de estar, nos esparramamos no sofá. Olho para ela, sentada ah e cercada por toda aquela opulência. Ela parece estar muito feliz, mas qualquer pessoa no lugar dela se sentiria assim, não é mesmo? Sem qualquer aviso, ela me agarra pelo braço. - Você terminou o namoro com Nate, não foi?

Eu suspiro e faço que sim com a

cabeça.

- Mas não é por isso que você está triste, não é mesmo? - ela pergunta. Eu olho para ela, um pouco confusa. - Deixe-me tentar adivinhar, e você me diz se estou certa.

Você pensou que amava Nate, percebeu que esse não era o caso, percebeu que amava Colin e o deixou escapar.

Eu olho para Daisy, maravilhada. - Uau, você é boa nisso.

Daisy sorri. - Sou mais esperta do que as pessoas acham - ela diz. Chega

mais perto e coloca o braço ao redor do meu corpo.

- Lembre-se do que eu disse. Se tiver que ser assim, as coisas vão acabar dando certo.

- Eu sei.

- Nossa mãe já sabe?

- Não - eu digo. - Ela vai voltar a pensar que eu sou lésbica.

- Bem, tente ver o lado positivo das coisas - diz Daisy, enquanto acaricia a cabeça de Eva. - Se ela pensar assim, então você e a sua cadela vão ter algo

em comum.

Eu rio e abraço Daisy.

Alguns momentos depois, minha mãe aparece na suíte de *Daisy* e fica paralisada quando olha para o s *nossos* rostos, percebendo que estamos aprontando alguma coisa.

- A última vez em que eu vi essas caras foi quando vocês derreteram uma boneca Barbie na minha mesa de centro. Aquela que comprei em um antiquário.

Não me lembro disso, então olho para Daisy.

- Estávamos tentando deixá-la bronzeada no forno elétrico não se lembra? - pergunta ela.

- Ah, é claro que me lembro digo, quando os detalhes voltam à minha mente.

Quando minha mãe se senta entre nós no sofá, eu conto a ela a respeito de Nate, mas procuro omitir os detalhes sobre Colin. Não quero que ela faça os seus comentários típicos sobre como eu consegui estragar tudo. Quando termino, ela fica em silêncio por alguns minutos. Então olha para o meu rosto, me puxa e me abraça com força.

Lembrando-me do que ela disse naquela mensagem há um mês, eu me rendo e não luto para escapar. E percebo que ela tem razão. Não é tão difícil respirar.

- Delilah, você e Daisy são meus anjos
- diz ela, sentindo meu corpo esmorecer.

- Eu sei que pego no seu pé por você estar solteira, mas isso acontece apenas porque eu quero vê-la feliz.

- Eu também quero ser feliz, mãe. Mas não vou ficar com alguém apenas para ter alguém comigo. Não dá para forçar as coisas.

- Eu sei - diz ela, suspirando. - Você tem razão.

- Eu sei que tenho. Preciso descobrir as coisas sozinha, e sei que descobrirei no tempo certo para mim. Só porque eu não vivo a minha vida como o resto das filhas das suas amigas, não significa que tenha alguma coisa errada comigo.

- Eu sei — diz ela.

É bom ouvir isso, mas eu preciso que você saiba disso sempre, mãe, não apenas agora, quando você está de bom humor pelo casamento de Daisy. Se eu continuar solteira daqui a um

ano, **você** precisa aceitar que isso é normal. E saber que isso não significa que sou lésbica.

- Eu sei que você não é lésbica, querida. Desculpe-me.

Quando minha mãe diz isso, nós três nos abraçamos. Começo a me sentir melhor. Não espero realmente que a minha mãe pare de tentar interferir na minha vida ou nas minhas decisões. Mas eu sei que, por hoje, pelo menos, ela não vai fazer isso.

Logo depois, Daisy olha para a nossa mãe e pisca o olho para mim, dando a entender que está aprontando alguma

coisa. - Delilah, eu sei que não é lésbica, mas você não teve uma experiência na época da faculdade?

Eu me sinto engasgar. Embora eu saiba que Daisy está dizendo isso só para passar um susto na nossa mãe, ela não sabe o quanto está próximo da verdade.

- Bem... sim, uma vez — eu digo, dando sequência à história. — Mas tudo aconteceu acima da linha da cintura, então eu realmente procuro não contar isso como uma experiência.

Depois de observar o rosto da minha

mãe fica pálido como giz, Daisy e eu começamos a rir. Nós olhamos para o rosto dela e dizemos em uníssono: — Brincadeirinha!

- Oh, graças aos céus! - exclama ela, quando começa a corar novamente. Ela se inclina para mim. - Olhe, Delilah, se você realmente for lésbica, saiba que não há nenhum problema com isso - diz ela. Eu balanço a cabeça e olho para Daisy.

- Vamos nos aprontar - diz Daisy. - Preciso me casar!

Daisy é a noiva mais linda que já vi - não que eu chegasse a duvidar de que

ela realmente seria. Ela não prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo ou em um coque como a maioria das noivas. Em vez disso, ela o deixou solto, e fica mais bonita do que nunca.

Durante todo o período em que estive noiva, ela irradiou um brilho que **você** precisa aceitar que isso é normal. E saber que isso não significa que sou lésbica.

- Eu sei que você não é lésbica, querida. Desculpe-me.

Quando minha mãe diz isso, nós três nos abraçamos. Começo a me sentir melhor. Não espero realmente que a

minha mãe pare de tentar interferir na minha vida ou nas minhas decisões. Mas eu sei que, por hoje, pelo menos, ela não vai fazer isso. Logo depois, Daisy olha para a nossa mãe e pisca o olho para mim, dando a entender que está aprontando alguma coisa. - Delilah, eu sei que não é lésbica, mas você não teve uma experiência na época da faculdade?

Eu me sinto engasgar. Embora eu saiba que Daisy está dizendo isso só para passar um susto na nossa mãe, ela não sabe o quanto está próximo da verdade.

- Bem... sim, uma vez - eu digo,

dando sequência à história. - Mas tudo aconteceu acima da linha da cintura, então eu realmente procuro não contar isso como uma experiência.

Depois de observar o rosto da minha mãe ficar pálido como giz, Daisy e eu começamos a rir. Nós olhamos para o rosto dela e dizemos em uníssono: -

Brincadeirinha!

- Oh, graças aos céus! - exclama ela, quando começa a corar novamente. Ela se inclina para mim. - Olhe, Delilah, se você realmente for lésbica, saiba que não há nenhum problema com isso - diz ela. Eu balanço a

cabeça e olho para Daisy.

- Vamos nos aprontar - diz Daisy. -
Preciso me casar!

Daisy é a noiva mais linda que já vi — não que eu chegasse a duvidar de que ela realmente seria. Ela não prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo ou em um coque como a maioria das noivas. Em vez disso, ela o deixou solto, e fica mais bonita do que nunca.

Durante todo o período em que estive noiva, ela irradiou um brilho que nunca vi em ninguém. O amor lhe caiu bem. Novamente em pé sobre uma plataforma, usando meu vestido

escarlate, eu observo enquanto meu avô a traz pelo corredor, com lágrimas nos olhos. Eu me lembro da última vez em que o vi chorar. Foi quando eu e Daisy éramos crianças, e ele veio para a escola para nos sequestrar.

Por outro lado, a única coisa que me impede de gritar, e que até me faz rir, é a visão da minha mãe chorando em seu assento, usando o maior broche que já vi na vida, em formato de crucifixo e incrustado com *strass*. Minha mãe me fez ri. Antes da cerimônia, Daisy percebeu que ela passou a manhã inteira escondendo rosários por toda a parte interna da barra de seu vestido, e outros enfiados

nos arranjos de flores das mesas. Sabe lá Deus onde mais minha mãe escondeu (é, acho que provavelmente Ele sabe). De qualquer forma, quando alguém começa a cantar “Ave Maria” no fim da cerimônia, ela começa a chorar copiosamente e a cantar junto. Eu e Daisy não conseguimos resistir e caímos na gargalhada. Tão patética quanto a minha mãe, a mãe de Edward também perde a compostura quando Edward faz “aquela papagaiada judaica de pisar no copo”, como diz a própria Daisy. E eu dou graças a Deus por ambas serem meio doidas. Quando o juiz de paz que preside a cerimônia finalmente

anuncia o Sr. e a Sra. Edward Barnett pela primeira vez, uma mistura de “Mazel Tovs” e “Améns” ecoa pelo ar. E todos começam a festejar.

A festa acontece às mil maravilhas. As bebidas fluem generosamente, a comida agrada aos paladares, e o Starlight Roof não poderia estar mais festivo, com os belos arranjos de flores, velas tremeluzindo e as luzes do teto piscando. Apesar de toda essa alegria, eu ainda sinto um pouco de melancolia. Depois que Daisy e Edward cortam o bolo, vou até uma janela e olho para a cidade. Finalmente parou de chover.

Quando eu penso na última vez em que usei este vestido vermelho, com Colin no provador da Saks, sinto uma pontada de tristeza. Lembrando-me das mãos fortes dele atando o cordonês e os zíperes do meu vestido, do arrepio que senti com o toque dele, sinto uma lágrima se formar. Embora eu tenha aceitado a situação e percebido que não há motivo para ficar ao lado de alguém que não se ama, ainda acredito que a maior parte dos meus fracassos aconteceu por erros que cometi.

E, então, ouço uma voz.

- Nunca vi nada tão lindo.

Quando me viro, vejo meu avô. Ele está bronzeado demais e a tintura de seu cabelo é escura demais, mas ele ainda é um homem bonito. Quando ele vem até mim, também olha pela janela.

- Eu sei. A vista é linda, não é?

- Eu estava falando sobre você - diz ele, colocando o braço ao redor da minha cintura. - Mas a vista também é.

- Obrigada - eu digo, abraçando-o.

- Você vai ficar bem - diz ele. - Você sabe disso, não é?

- Eu sei. Simplesmente estou arrependida de várias coisas que fiz, só isso. Cometi muitos erros.

- Ah... isso não existe! O que existe são as escolhas que fazemos e suas consequências. Só isso.

- Eu sei, mas não consigo parar de pensar que, se eu tivesse feito as coisas de maneira diferente, talvez as consequências não fossem as mesmas.

- E claro que não seriam, mas você também não seria a mesma. Tudo que você faz na vida, seja bom ou ruim, faz de você quem você é. Não fique remoendo suas decisões, dizendo

“talvez”. Você não pode mudá-las.

- É mais fácil dizer do que fazer.

- Você tem razão — diz ele, acariciando meu ombro - Mas, se você vai pensar sobre o seu passado, em vez de penar nas razões pelas quais não deveria ter feito o que fez... *é* melhor pensar nas razões pelas quais fez aquilo que fez.

Eu olho nos olhos dele. — O que você quer dizer com isso?

- Tudo o que fazemos na vida têm elementos de certo e errado.

- Por exemplo.

Meu avô começa a pensar, - Me fale sobre alguma ocasião em que fez alguma coisa louca na sua vida. Algo que, quando você pensa no que fez, parece não ter sido uma decisão tão inteligente.

Eu rio. Por onde eu devo começar?

- E não economize nos detalhes *só* porque eu sou seu avó - diz ele. - Dê um bom exemplo.

- Certo - eu digo, depois de pensar um pouco. - Certa vez, eu dei um passeio de moto com um homem que eu mal

conhecia pelas ruas de Barcelona, às duas horas da manhã.

Meu avô respira fundo e exala o ar algumas vezes. Quando se acalma, ele me diz. - Nunca mais faça isso!

- Você disse para não economizar nos detalhes!

(E, mesmo assim, eu não contei a ele sobre a bebedeira.) - Eu sei, eu sei, você está certa - diz ele, recompondo-se. - E até que é um bom exemplo, se eu me esquecer de que você *é* minha neta. Muito bem, pense nisso e esqueça todas as razões pelas quais você não devia ter feito o que fez.

- Pronto, esqueci.

- Aposto que foi um passeio incrível...

Instantaneamente, eu sorrio. - Ah, foi mesmo, vovô. Foi maravilhoso!

- Exatamente! - diz ele, apontando para mim para enfatizar o que vai dizer a seguir. - Se você tiver que se lembrar de algo em relação ao seu passado, procure pensar nos pontos bons. Afinal, não há nada que você possa fazer para mudá-lo.

Uau.

É isso mesmo. Uau.

Essa ideia simples é a coisa mais libertadora que já ouvi em minha vida. É melhor do que qualquer livro de autoajuda que já li, ou qualquer áudio livro que eu já tenha ouvido.

- Delilah, a vida está cheia de dor e beleza. É uma jornada, uma experiência de aprendizado. Você sempre foi uma garota que aprendeu fazendo, e não por meio de leitura ou escutando alguém falar. Não mude isso em você. Não mude agora. Você é jovem demais.

- Já tenho quase 30 anos, vovô. Meu aniversário é daqui a duas semanas.

- Não, você tem somente 30 anos. Bem, quase. Ouça o seu avô, que tem 75.

Você ainda tem muito o que viver.

Quando eu abraço meu avô, a banda começa a tocar uma música de Frank Sinatra: “That’s why the lady is a tramp” (*N.T. É por isso que aquela dama é uma vadia*”). Eu sorrio. Entre todas as músicas...

- Vovô, quer dançar comigo?

- Eu adoraria, pequena Darling - diz ele. - E eu adoro ver esse sorriso no seu rosto.

Quando eu e meu avô caminhamos para a pista de dança, ele se vira para mim com um olhar malicioso. - Você quer realmente sorrir? - pergunta ele.

- E claro que quero - eu respondo.

- Tudo bem. Observe, então.

Quando meu avô me conduz pela pista de dança, eu vejo que Patsy está vindo em nossa direção, mas nada de mais passa pela minha cabeça até executarmos um passo de dança mais acrobático. Ao mesmo tempo ele estica sorrateiramente o seu pé por baixo do meu corpo e...

Oh Meu Deus!

Patsy sai voando pelos ares. Preciso fechar os olhos para não rir disso. Quando eu a ouço atingir o chão com um baque, abro os olhos, encaro meu avô e sussurro: Eu não acredito que você fez isso! - E, como um garoto levado, ele ri.

- Ah, não *se preocupe*, Essa mulher merece uma lição há um bom tempo, Mudando rapidamente o tom de voz, ele olha na direção dela.

- Patsy Oh, meu Deus, eu lamento tanto!

Depois de fazer uma cena digna de um Oscar, ele se inclina para ajudá-la a se levantar. - Você está bem?

- Sim - diz Patsy, tirando as migalhas do seu vestido. - Estou bem. Não queria trombar com você. Obrigada por ajudar a me levantar.

- Foi um prazer, Patsy.

- Para mim também! - eu penso.

Quando a banda do Starlight Roof começa a tocar “Fly me to the moon”, rodopia pela pista de dança como uma bailarina, enquanto meu avó, que se parece com Warren Beatty, dança

como Fred Astaire e canta no meu ouvido como Frank Sinatra, faz com que eu me sinta a garota mais sortuda do mundo.

Quando o fim da noite se aproxima, decido que é hora de voltar para o meu quarto e procuro por Daisy para lhe dar boa noite. Depois de procurar por algum tempo sem sucesso, algumas pessoas me dizem que a viram indo ao banheiro, e eu decido ir até lá.

- Daisy? Você está aqui? - eu pergunto, abrindo a porta. Ouço o som de alguém vomitando.

- Estou - diz uma voz fraca. - Aqui no fundo.

Quando eu vou até a última porta e entro no banheiro para deficientes físicos, ouço mais sons de alguém vomitando vindo de lá. É Daisy.

- Você está bem? - eu pergunto, batendo à porta. - Me deixe entrar.

Quando ouço o clique da porta sendo destrancada, eu a abro e entro. Minha irmã está encostada na parede, linda em seu vestido de noiva, mas com os olhos lacrimejando.

- O que houve? - eu pergunto.

- Nada de mais, eu estou bem - diz ela. - Acho que estou um pouco tensa.

- Daisy, você já está casada. Como pode estar tensa?

Ela olha para o chão, sem conseguir me encarar.

Espere um pouco...

- Daisy, você está...?

- Grávida? Estou sim.

- Daisy! - sentindo o ar me faltar, eu dou um tapa no braço dela. E, percebendo repentinamente que

acabei de agredir uma mulher grávida, começo a acariciá-la. — Oh, me desculpe. Eu não queria...

Ela ri. - Está tudo bem, pare com isso.

- Você está grávida mesmo ? - Cubro minha boca com as mãos. Estou chocada. - Não acredito! Por que você não me contou?

- Eu sei, eu sei. Eu só queria ter certeza antes de espalhar a notícia. E... sim, tenho certeza.

- Nossa mãe já sabe?

Ela balança a cabeça. - Não.

De repente, eu me lembro. - Espere... você me disse que você e Edward estavam esperando até depois do casamento.

- Eu disse, não foi? – diz Daisy, caindo na gargalhada. – E você acreditou?

- Quer dizer que não... estavam? – eu pergunto, devagar.

- É claro que não.

Olhando-a diretamente nos olhos, eu começo a balançar a cabeça. – Olhe, eu sei que essa pergunta pode parecer meio imbecil, mas eu preciso muito

que você me responda com sinceridade. Por isso, escute com atenção.

Daisy se endireita, e eu prossigo. – Você se lembra quando me contou com quantos homens já tinha transado?

- Lembro sim, foram sete – diz Daisy.
– Por quê?

- Sete? – eu grito. – Você não disse isso!

- Não? Tem certeza?- pergunta Daisy, com uma expressão de culpa no rosto.

- Certeza absoluta. Você me disse que tinha transado com quatro.

- Quatro? – Daisy começa a rir de novo. Bem... eu também não acredito que você achou que isso fosse verdade!

- Daisy!

Enquanto minha irmã continua a rir, eu peço a ela que me conte a verdade, aqui e agora. – Eu preciso saber. Com quantos homens você já dormiu?

Ela não responde.

- Mais do que sete? – eu pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

- Mais do que 10,5?

Ela novamente faz que sim.

- Daisy... – eu digo devagar, na voz mais baixa que já usei em toda a minha vida.

– Eu não acredito que você mentiu para mim.

- Ah, relaxe. Ninguém fala a verdade sobre isso.

Quando eu olho para a minha irmã, começo a gargalhar, e coloco meus

braços ao redor dela. – Não acredito que você está grávida. Que ótimo! Eu sei que às vezes parece que não gosto de crianças, mas eu juro que gosto. Pelo menos as que são limpas.

- Pode me acompanhar até o meu quarto? – pergunta Daisy. – Eu preciso me deitar. Edward já sabe. Ele vai ficar com os convidados por mais algum tempo.

- É claro que posso.

Quando ajudo minha irmã a sair do banheiro e a levo até o elevador, decido aproveitar que ela não pode fugir de mim e continuo a interrogá-la.

- E então... mais do que quinze? - eu pergunto.

Ela sorri.

- Dezesete?

Ela sorri novamente.

- Por favor, por favor, me diga! - eu imploro. - Não vou contar a ninguém!

Quando as portas do elevador se fecham, Daisy se inclina. Quando ela sussurra o número no meu ouvido, tudo o que eu tenho a dizer é...

Oh, meu Deus! Oh meu Deus, oh meu

Deus, oh meu Deus, oh meu Deus!

Minha irmã é uma mentirosa dos infernos.

Nada de “like a virgin”

Depois de levar Daisy até o quarto, em vez de voltar para o meu, eu decido dar uma volta. O ar está fresco e limpo, afinal, a chuva deu um jeito em toda a fuligem e a poluição de Manhattan. À medida que ando pelas ruas de Nova York e absorvo os

cheiros, o ruído, o barulho e a agitação da cidade, percebo que, na realidade, não sofro de TDAH. Eu simplesmente me sinto mais confortável em meio ao caos. Ainda usando meu vestido escarlate e meus sapatos de salto alto, eu sou uma mulher que caminha pelas ruas com orgulho. Uma mulher que tem seus defeitos, mas, mesmo assim, uma mulher que se arrisca, uma mulher que amou e foi amada. Para viver, é preciso assumir um risco (ou vinte, ou quarenta, ou sessenta, seja li quantos forem). E preciso tentar até as coisas darem certo. Sinto-me bem com a minha vida neste momento.

Ainda não tenho um emprego, não tenho um loft, não tenho um marido e também não tenho filhos, mas tenho a mim mesma. E tenho Eva, também. Meu avô está certo. Posso passar o resto da vida pensando em tudo o que quis fazer, mas não *fiz...* ou então fazer as pazes com o meu passado, com os erros que cometi, lembrar os bons momentos e tocar a vida para frente. E é isso que vou fazer. Sentindo-me assim, vou a um lugar importante.

Quando chego, depois de esperar nervosamente, ouço uma voz.

- Em nome do Pai, do Filho, e do

Espírito Santo - diz Daniel.

- Amém - respondo. Sinto-me mal por tê-lo acordado. Eu falei para um dos vigias que havia uma emergência e que precisava falar com o padre.

- Delilah - diz Daniel, em voz baixa, quando reconhece a minha voz. - É melhor que isso realmente seja uma emergência.

- É sim. Bem, mais ou menos.

- Mais ou menos? Você mentiu para me tirar da cama?

- Bem, talvez... mas foi uma mentira

inocente, e todos sabem que essas não contam.

- Mentiras inocentes não existem, e elas contam, sim - diz Daniel rapidamente.

- Bem... então me desculpe, Por favor, me perdoe.

- Está perdoada - diz ele, suspirando.

- Agora que já estou acordado, do que você precisa?

- Bem... você se lembra quando eu disse que me arrependia por ter dormido com alguns dos 20 homens com quem dormi, que alguns deles

foram erros que cometi, mas não todos? Eu pensei melhor a respeito disso.

- Que maravilha - diz Daniel, com um tom amistoso. - Fico feliz por saber que você finalmente mudou de ideia.

- Sim, mas tem um detalhe. Eu mudei, mas não concordo exatamente com o seu ponto de vista.

- Como assim?

- Bem... não me arrependo de ter transado com nenhum deles.

- Nenhum deles? - pergunta Daniel,

parecendo estar embasbacado.

- Não, nenhum. Minhas escolhas podem não ter sido corretas para todos, e a igreja pode discordar delas, mas elas estavam certas para mim. Elas fizeram de mim o que sou. Sentir-me mal por essas escolhas significarem que eu me arrependo delas, e arrepender-me delas significa que elas foram escolhas erradas e pecaminosas. Mas, para mim, não foram.

Daniel solta um longo suspiro. - Não sei se quero continuar a ouvir isso.

- Você vai ter que ouvir, querendo ou

não. Eu parei de vir à igreja quando tinha 18 anos, mas, até aquele momento, eu passei cada domingo da minha vida aqui, e ouvi...

- 52 semanas vezes 18 anos ...936 sermões. Por isso, preciso que você escute um dos meus.

Estou ficando cada vez melhor em matemática.

Daniel ri. - Você gosta de criar suas próprias regras, não é?

- É preciso fazer isso na vida, pelo menos algumas vezes. Se tentar viver de acordo com o que as outras

peessoas julgam ser certo ou errado, acima ou abaixo da média, acaba-se enlouquecendo.

- Tudo bem, pode falar à vontade – diz ele, rendendo-se - Um homem muito sábio me disse, certa vez, que se você vai pensar sobre o teu passado, em vez de pensar nas razões pelas quais você não deveria ter feito o que fez, é melhor pensar nas razões pelas quais você fez o que fez. Acho que, desde que você tenha aprendido qualquer lição que precise ser aprendida e saiu da situação como uma pessoa melhor, então não faz sentido se arrepender. E é por isso que eu não me arrependo.

- Não se arrepende de nenhum deles?
— ele pergunta, lentamente.

- Não. Nenhum.

- Nem mesmo o último? Aliás, qual era o nome dele... Roger? Eu lembro que você estava bem perturbada em relação a ele.

- Não, nem mesmo em relação a Roger. Ele era um ótimo dançarino, e ele fez com que me sentisse desejada em um dia em que a única coisa que senti o dia inteiro foi rejeição.

- Tudo bem - diz Daniel, vagarosamente, sentindo aonde quero

chegar. - Dê-me outro exemplo.
Algun dos 20.

- Tudo bem - eu digo, tentando me lembrar de um bom episódio. - Certa vez namorei um rapaz chamado Wade, que me fez perceber que não agir como um adulto o tempo todo é algo perfeitamente normal e aceitável. E eu realmente gostava desse traço na personalidade dele.

Daniel ri um pouco e depois pergunta, timidamente. - E quanto a mim?

Eu sorrio. - Sabe, você me ensinou uma das lições mais importantes que existem. Em uma noite em que eu

estava muito magoada, você me fez perceber que há outras pessoas a minha volta por quem posso me interessar. É algo que todos deveriam aprender bem cedo na vida.

- Estou com o rosto vermelho - diz, Daniel, depois de alguns segundos de silêncio.

- Imagino que esteja mesmo.

Depois de pensar na minha nova perspectiva por algum tempo, Daniel suspira. -

Enfim... eu sei que você não está procurando pelo perdão, mas tem as

minhas bênçãos, Delilah. Estou feliz por você estar em paz com o seu passado.

- Obrigada - eu digo, sorrindo. - Eu também estou feliz.

- Vou vê-la na missa de amanhã? - pergunta ele.

- Provavelmente não - eu digo -, mas talvez possamos tomar um café qualquer dia desses.

- Está me chamando para um encontro? - diz ele, em tom de piada.

- Bem, você assistiu a *Pássaros*

feridos (N.T. Minissérie épica, que cobre quarenta e dois anos da vida de Ralph de Bricassart, um padre católico envolvido em uma batalha constante entre sua vocação e seus desejos carnis. A série conquistou três prêmios Emmy em 1989), não?

Daniel não diz nada.

- Brincadeirainha!

- Oh, graças a Deus! - ele suspira

DEZOITO

BIP

"Delilah, aqui é Jesus.

Olhe, eu e Deus analisamos o seu caso a pedido do padre Daniel. Depois de conversar e ouvir suas explicações, nós decidimos perdoar-lhe, mesmo que você não tenha explicitamente feito esse pedido ao padre.”

Campanhia

“Ops, alguém chegou. Preciso ir.

Cuide-se, e que meu Pai a abençoe!”

BIP

"Delilah, é o vovô. Pensei um pouco naquilo que conversamos e decidi seguir o meu próprio conselho. Vou voltar para Las Vegas. Ainda sou jovem e preciso ficar onde a mulherada preste atenção em mim. De qualquer forma, sei que vamos nos ver no café da manhã daqui a pouco, mas eu queria que você soubesse disso antes dos outros.”

BIP

"Oi, Delilah. Aqui é Jesus mais uma vez. Olhe, depois de repensar e analisar a sua ficha mais a fundo, preciso lhe informar que vamos retirar aquele perdão. Lamentamos, mas não sabíamos que você havia dormido com o Roger. Ele usa um cinto trançado? O que é que você tinha na cabeça? Desculpe pela confusão'.

Olhando para o chão, olhando para frente

Domingo, 19 de Junho

Na manhã seguinte, eu estou deitada sozinha na cama do Waldorf, sentindo-me aliviada e renovada, mas, também, um pouco triste pelo que aconteceu com Colin.

Mesmo assim, não há nada mais que eu possa fazer além de pedir que ele me desculpe, e isso eu já fiz. Agora a bola está com ele. Por mais que eu queira, por mais que a ansiedade esteja me matando, não

vou correr atrás dele. Apreendi a minha lição, e Daisy tem razão. Se as coisas tiverem que dar certo, elas acabarão dando certo. Assim, esfrego o meu bracelete chinês de quartzo rosa para atrair boa sorte. Eu ainda não o retirei O café da manhã pós-casamento de Daisy vai começar dentro de uma hora.

Assim, depois de sair da cama, eu tomo um banho e começo a me vestir, colocando minha lingerie , uma camiseta e um par de sapatos de salto. Mesmo que o Waldorf seja um hotel maravilhoso, eu nunca vou me esquecer do que

vi naquele programa de Tv sobre quartos de hotel sujos, e não me arrisco a andar descalça no carpete Eu ligo a Tv. Depois de zapear um pouco, chego ao Soap Opera Network, o canal de telenovelas. Depois de encontrar a tecla que traz as informações sobre o programa no controle remoto, eu o aperto, porque acho que..

Sim, sim, eu estava certa.

Estão reapresentando algum capítulo de Ali my children . Eu suspeitei que fosse esse

programa, porque, quando eu estava pesquisando na internet para descobrir em quais episódios Holden Jessup apareceria, descobri que a trama principal da história, no momento, era um grupo de pessoas sendo mantidas como reféns em um barco em alto-mar. Não consegui achar nada a respeito de Holden, também. Depois de largar o controle remoto, eu deixo a Tv ligada e continuo a me arrumar.

Enquanto aplico o delineador nos olhos, eu ouço um comercial anunciando os episódios da próxima

semana de *Ali my children*.

- Na próxima semana - diz uma voz masculina, - um novo homem chega em Pine Valley.

Um novo homem? Eu paro com o que estou fazendo.

Será que Colin vai aparecer já na semana que vem? Não, é cedo demais para isso. Não pode ser. Voltando a olhar para o espelho, volto a aplicar o delineador, até que, de repente, eu ouço uma voz feminina na televisão.

- Holden? É você?

Holden? Holden? É Colin! Bem, pelo menos, é o personagem dele. Largando o delineador em cima da penteadeira, eu volto correndo para perto da TV.

Sentada na beirada da cama, mordo meu lábio ansiosamente e observo enquanto a câmera passa por uma ponte coberta pela neblina. O dia está chuvoso em Pine Valley.

Uma música brega está tocando. De repente, a câmera para de se mover quando focaliza um par de sapatos sujos. Ela sobe lentamente, mostrando uma calça cargo verde, uma camiseta regata preta, e então...

E agora. Esse é o momento que tem me causado todo esse pânico. Vou ver Colin na Tv e perceber que cometi o maior erro da minha vida quando o mandei embora.

Acho que vou chorar.

À medida que a câmera continua a subir, vejo os ossos da clavícula dele, depois o pescoço, e depois...

Espere um pouco.

Não é Colin que está na Tv.

- Sim, sou eu - diz um homem estranho. - Eu mesmo. *Holden*. Mas

que diabos...?

Isso me deixa confusa. Eu sei que o personagem é esse mesmo tenho certeza de que estou assistindo ao programa certo, e Michelle disse que o viu sair do prédio...espere, ele realmente saiu. Ele está fora de casa há alguns dias. O apartamento dele está bem quieto.

De repente, meu celular toca. Depois de correr para onde ele está, verifico o identificador de chamadas e vejo que é Michelle. Eu sei que ela não conversa muito com Colin, mas talvez possa me ajudar a descobrir o que está acontecendo.

- Oi - eu digo, atendendo rapidamente. - Você sabe se Colin...

- Olhe pela sua janela - diz ela, me interrompendo.

- Pela janela? Como assim?

- Confie em mim - diz Michelle, rapidamente. - Vá até a sua janela, abra-a e olhe para baixo. E não desligue o telefone!

Eu olho para o relógio. Não tenho tempo para brincadeira.

- Michelle, eu vou me atrasar para o café da manhã. Estou falando sério.

Por que você simplesmente não me conta o que está acontecendo e...

- Delilah, faça o que eu estou mandando, agora! - exige ela. Ela está quase gritando comigo.

- Tudo bem, tudo bem... Não precisa me tratar assim.

Depois de me virar, eu lentamente vou até a janela. — Pronto. E agora, o que você quer que eu faça?

- Abra essa janela! - ela grita de novo.

Depois de encontrar o ferrolho da tranca, eu o abro e escancaro as

janelas. Ao fazer isso, eu escuto uma canção. Mas não é qualquer canção... é “Tiree times a lady”.

Por um momento, o meu coração para de bater.

- Michelle, o que está acontecendo?

- Você está vendo alguma coisa?

- Não... - eu digo, lentamente. - Mas estou ouvindo alguma coisa. Sim - eu digo, sentindo-me ficar nervosa. Há algo errado acontecendo. Michelle, onde você está? - eu a ouço conversar com alguém ao fundo.

- Diga quando vir alguma coisa especial - ela volta a falar, ignorando a minha pergunta.

- Onde eu vou ver alguma coisa? - estou confusa demais.

- Na rua! - grita Michelle. - Na rua, diabos! Olhe para baixo!

- Estou olhando! - eu grito de volta. - Mas não há nada na rua!

E, de repente, eu vejo alguma coisa.

Vindo do lado esquerdo, eu vejo um furgão branco avançando lentamente. À medida que ele passa pela rua, eu

começo a ver as letras que estão estampadas na sua lateral. Elas parecem estar escritas de trás para frente, e aparecem uma por uma.

D... P... Y... N...

Espere... NYPD (*N.T. New York Police Department, sigla do Departamento de Polícia da cidade de Nova York*). E um camburão do departamento de polícia da cidade.

De repente, eu percebo que tem alguém em cima dele, e...

Meu Deus!

É Colin. Vestindo outro par *sexy* de jeans e uma camiseta, ele está em pé com os braços levantados, segurando o que parece ser um aparelho de som acima da cabeça.

Não... não é bem um aparelho de som. É um aparelho de *karaokê*.

O telefone cai da minha mão.

À medida que o furgão se aproxima, vejo que todos os Jimmys estão ao redor dele. Quando Colin me vê, a expressão preocupada no rosto dele desaparece, e ele sorri.

E eu sinto meu rosto ficar vermelho.

Virando-se para o lado por um momento, ele diz algo para Jimmy O'Shaughnessy com furgão para. Jimmy pega um megafone da polícia e começa a falar nele.

- Senhoras e senhores da avenida Park! - anuncia ele, com a voz de um apresentador de circo. - Eu gostaria de agradecer a todos vocês por permitirem que este belo rapaz os incomode mais uma vez. O que alguns de vocês talvez não saibam é que esta é a segunda vez que ele aparece na avenida Park. A primeira aconteceu em um horário bastante inconveniente, quando ele acordou metade do quarteirão durante uma celebração à

importância de amar a Mãe Natureza,
e...

Jimmy Callahan arranca-lhe o
megafone das mãos. - Me dê essa
coisa, seu idiota!

À medida que uma pequena multidão
começa a se aglomerar ao redor do
camburão, ele fala para o público. -
Senhores, não deixem que o passado
deste jovem influencie seus
sentimentos a respeito do que ele
pretende fazer hoje. Sim, talvez ele
faça coisas estranhas e selvagens de
vez em quando, mas ele é um bom
homem. Um dos melhores, para falar
a verdade. Assim, eu gostaria de

apresentar-lhes o primeiro e único,
Colin Brody!

A multidão aplaude.

Colin dá o aparelho de *karaokê* para Jimmy Murphy, mas fica com o microfone na mão. Jimmy Callahan coloca o megafone na frente dos alto-falantes e Jimmy Murphy aperta a tecla *play*. Quando “Three times a lady” toca, Colin começa a cantar.

“Obrigado pelo tempo que você passou comigo. Todas as lembranças continuam em minha mente...”

Oh, meu Deus... Como ele canta mal!

Colin é o homem mais perfeito, bonito e *sexy* que eu conheço, mas ele não tem o menor talento para cantar. Mas não consigo parar de sorrir. Não acredito que isso está acontecendo!

“Você é uma...” canta Colin, chegando ao refrão: “duas... vinte vezes mulher!”

Vinte vezes... eu começo a rir.

“E eu amo você... Eu amo, amo você!”

Oh, meu Deus. Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus!

A música continua, Colin passa o microfone para Jimmy e recebe um objeto grande das mãos de seu pai. Quando ele passa a alça ao redor do pescoço e a prende, eu percebo o que ele tem nas mãos e cubro a minha boca para evitar outra risada.

É um acordeão de botões.

Quando Colin começa a tocar o seu acordeão junto com a música, todos os Jimmys começam a cantar a linha vocal da música e a dançar sobre o camburão.

“Quando estamos juntos...”

Fon, fon, fon!

Os momentos que eu gosto...

Fon, fon!

Com cada batida do meu coração!"

Colin continua a apertar — ou melhor, a tocar — o acordeão e os J imm ys continuam a cantar, e tudo fica claro para mim .

O que eu tinha na cabeça quando estava com Nate? Por que **eu** estava disposta a ficar com alguém, quando o que eu realmente quero é o que está acontecendo aqui e agora? Não me

importo em arriscar. Não me importo se, algum dia, ele vier a me magoar. Se eu não der uma chance para que isso aconteça, eu nunca mais vou conseguir me encarar no espelho. Adoro tudo isso. Adoro porque é engraçado. Porque é algo tolo. Porque eu amo Colin. E verdade.

Eu o amo, amo, amo!

Depois de apertar o botão do elevador cem milhões de vezes, as portas finalmente se abrem. Apesar de o elevador estar lotado, eu entro bem rápido e começo a apertar o botão que fecha as portas, alucinadamente. Todos estão olhando para mim, mas

eu não me importo. As portas se fecham e o elevador começa a descer.

Rápido, rápido, rápido!

Apesar de o trajeto ser curto, parece que leva uma eternidade até o elevador chegar ao saguão. Quando as portas finalmente se abrem, eu sou a primeira a sair.

Correndo a toda velocidade pelo saguão em direção à entrada da avenida Park, eu não percebo os murais artísticos ou as cortinas de seda, não percebo nada à minha volta. Em poucos segundos eu estou lá. Desci pelas escadas, saí pela porta e

estou na rua. Quando olho para onde o camburão está estacionado, sinto um frio na barriga quando vejo Colin.

Meu Deus.

- Oi, querida - diz ele.

- Oi... - é tudo o que eu consigo dizer. Naquele momento, meu coração faz outro Bum!

Olhando ao redor, eu vejo que a minha mãe, Victor, Daisy, Edward, meu avô, Glória, Ruth, e até mesmo Ally Hathaway estão no meio da multidão. Quando eu sorrio, a música para de tocar. Quando Colin e eu nos

viramos para ver o que aconteceu, percebemos que o pai dele está ao lado do aparelho de *karaokê* com um olhar de culpa no rosto.

- Desculpe, Colin - sussurra ele no ouvido do filho. - Mas esse acordeão já estava me dando nos nervos. Sem ofensa.

Rindo, Colin se vira para mim. Quando ele desce do camburão, eu corro e pulo nos braços dele. Ele me agarra no ar e não me deixa cair no chão (afinal, com a sorte que eu tenho, aquilo fatalmente poderia acontecer). Quando ele me pega nos braços e me gira ao teu redor, os

nossos lábios se encontram instantaneamente. De novo. E... oh, Deus...os lábios dele são agradáveis e macios. E, mais uma vez, Bum!

Enquanto beijo Colin, eu ouço pessoas aplaudirem e começo a me sentir como se estivesse no filme *A força do destino*. Como se Colin fosse Richard Gere e eu...

Não, não. Espere. Não é nada disso. Este momento não se parece em nada com o filme.

É muito melhor.

- Onde você esteve?- eu pergunto a

ele, quando finalmente paramos de nos beijar.

- Em Los Angeles.

Aquilo me deixa confusa. - Mas você não estava na novela. Eu acabei de ver o comercial, e...

- Não, eu não aceitei o papel - diz ele.

- Eu decidi que realmente não queria aquilo. Eu busquei outra coisa - diz ele, abrindo um sorriso.

- Um filme sobre gângsteres irlandeses? - estou quase gritando. O sorriso de Colin fica ainda maior. - Um filme sobre gângsteres irlandeses!

E nós nos beijamos mais uma vez.

Quando Colin finalmente me solta, nós dois nos viramos e entramos no hotel.

(Não, não para fazer aquilo, mas eu preciso pegar as minhas coisas, e preciso pegar a minha cadela também.)

- Por acaso vou precisar bater em alguém no seu quarto? - pergunta ele, quando entramos no elevador. - Eu vim preparado, e os Jimmys estão aqui para me ajudar.

- Não, não - eu digo a ele. - Eu

também decidi que Nate não era o que eu queria.

Quando as portas se fecham, ele se vira para mim. - Ah, sim... antes que eu me esqueça... você tem belas pernas.

- O quê? - eu pergunto, novamente confusa.

- Eu disse que você tem belas pernas - ele repete, olhando para baixo.

Acompanhando o olhar dele, eu percebo que esqueci de vestir minhas calças.

Estou vestindo apenas uma camiseta, a minha *lingerie* e um par de sapatos de salto.

Oops. Agora eu estou realmente parecendo uma vadia.

Mas eu não me importo. Eu simplesmente rio daquilo. A vida é engraçada, com certeza.

EPÍLOGO

Meu primeiro, meu último, meu tudo

Tudo bem, Colin talvez não seja o meu primeiro, mas ele é o meu tudo. Eu acho.

Eu espero. Porque, afinal, ele está certo. A gente nunca sabe com certeza.

Ah, o que estou dizendo? Eu sei. Eu tenho certeza de que sei.

Duas semanas depois, eu acordo na

casa de Colin quando nossos dois telefones tocam ao mesmo tempo. (Sim, eu fiz com que ele esperasse duas semanas. O que você acha que eu sou? Uma mulher qualquer?) Ultimamente, parece que o mundo inteiro está nos ligando perguntando sobre meu novo emprego na Vintage Vogue, sobre a minha opinião a respeito de Elisabeth Sterling ter sido declarada inocente, buscando informações sobre o novo papel de Colin, ou para comentar nossa foto e história que foram publicadas na primeira página do *New York Post*, na segunda-feira, após o casamento de Daisy.

Sim, eu apareço de *lingerie* e camiseta na foto, ela foi tirada de modo que eu apareça de lado, então não ficou tão ruim quanto se eu tivesse sido fotografada por trás.

Estou com meus braços e pernas ao redor do corpo dele enquanto ele me segura, e estamos nos beijando. Ao lado da nossa foto há um artigo sobre encontrar o amor nos lugares mais inusitados, como o artigo que eu li há vários meses que dizia como encontrar o amor na linha F do metrô. É engraçado o jeito como as coisas acontecem.

Embora o celular que esta tocando

seja o de Colill, eu atendo. Não tenho que me preocupar com esse tipo de coisa quando estou com ele.

- Ah... *oi* - diz uma voz masculina que eu não conheço. - Eu gostaria de falar com Colin. Ou com uma garota chamada Delilah.

- Pois não... . aqui é Delilah falando.

- Oi, meu nome é Jim Nukerson. Isso é meio esquisito, mas eu recebi uma mensagem que pedia para ligar para você, já faz algum tempo. Desculpe por demorar tanto para retornar a ligação, mas eu estava viajando a negócios.

- Jim Nukerson? - eu me endireito na cama.

- Isso - diz ele.

- Aquele Jim Nukerson? Que as pessoas apelidaram de Nukes?

- Sou eu mesmo.

Oh, meu Deus. Nukes. Muitos Coco Locos na cabeça.

- Você se lembra de mim? - eu pergunto. - Cabo San Lucas? Nas férias de 1997?

- Ah... sim... sim! Eu me lembro sim.

Delilah, a garota da...

- ... cama elástica - dizemos nós dois ao mesmo tempo, e caímos na risada.

- Sim, sou eu mesma.

- E então? Do que você precisa?

- Bem, é engraçado, mas acho que não preciso de mais nada.

E então, rapidamente e sem me prender a muitos detalhes, eu conto toda a história a Nukes.

Quando eu termino, ele não diz nada.

- Oi? Tem alguém aí?

- Oi... ainda estou aqui - diz ele. - Estou somente um pouco abalado e confuso.

Confuso? Confuso por quê?

- Confuso porque... bem, Delilah, eu sei que nós dois bebemos muito naquela noite em que ficamos juntos, mas acho que você acabou indo um pouco mais além do que eu. A realidade é que... nós não chegamos a transar.

Não chegamos a transar? Como assim?

- Quase aconteceu - explica Nukes. -

Você não lembra? A cama elástica era instável demais. Para falar a verdade, nós nem conseguimos tirar a roupa.

- Tem certeza?

- Absoluta.

Lentamente eu começo a me lembrar daquela noite. Meu Deus, Nukes tem razão. Ele estava usando uma sunga bem justa, e isso foi tudo.

- Quer dizer que eu e você não fizemos sexo?

- Não.

Meu Deus... isso significa que Colin é... eu não acredito! Depois de tudo que eu passei.

- Nukes, eu preciso ir agora - eu digo a ele. - Obrigada por ligar, obrigada mesmo! Tudo de bom para você.

Quando eu desligo o telefone, um sorriso se forma em meu rosto. Eu não acredito. Não acredito que, depois de tudo o que aconteceu, agora quando eu finalmente percebi que números não têm a menor importância...

Eu olho para Colin, que ainda está dormindo ao meu lado. Inclinando-me

sobre ele, eu o beijo sobre os olhos, e depois no nariz, e depois nos lábios. Ele abre os olhos e olha para mim. Quando ele estende os braços e me puxa para perto dele, eu me aconchego junto ao meu número 20. Não que o número tenha alguma importância, agora. Eu espero que ele fique comigo para sempre, mas, mesmo que isso não aconteça, mesmo que ele deixe de me amar amanhã, eu sei que fiz a coisa certa. Este momento, o aqui e o agora, é melhor do que tentar me encaixar em uma média que alguém criou.

Ainda acho que a imagem de uma mulher de 70 anos que já transou com

homens é um pouco inquietante. Mesmo assim, se algum dia eu chegar a esse ponto, eu espero ***já*** ter parado de contar com quantos homens fiquei.

E agora, eu tenho um anúncio para fazer.

Que rufem os tambores, por favor!

(Os tambores rufam.)

Meu nome é Delilah Darling. Tenho 30 anos, sou solteira... e sou fácil!

(Aplausos ensurdecedores.)

Obrigada! Muito obrigada.

Sobre a autora:

Karyn Bosnak cresceu na região metropolitana de Chicago, estudou na Universidade de Illinois e no Columbia College. Hoje em dia ela mora em Nova York, onde desenvolveu sua carreira trabalhando como produtora de televisão para uma grande variedade de programas exibidos em rede nacional. Seu primeiro livro, *Save Karyn*, foi traduzido para vários idiomas e serve como inspiração para pessoas compulsivas por fazer compras e outras com dívidas no cartão de crédito por todo o planeta.

Se você quiser saber mais sobre ela,
visite-a no site
www.karynbosnak.com